

**SANDRA MARIA REBELLO DE LIMA FRANCELLINO**

**O MOVIMENTO PENDULAR E AS MEDIAÇÕES  
PSICOSSOCIAIS EM ESTUDANTES INDÍGENAS  
UNIVERSITÁRIOS EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA  
NO MUNICÍPIO DE AQUIDAUANA NO ESTADO DE  
MATO GROSSO DO SUL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO-UCDB**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

**CAMPO GRANDE-MS**

**Março de 2023**

**SANDRA MARIA REBELLO DE LIMA FRANCELLINO**

**O MOVIMENTO PENDULAR E AS MEDIAÇÕES  
PSICOSSOCIAIS EM ESTUDANTES INDÍGENAS  
UNIVERSITÁRIOS EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA  
NO MUNICÍPIO DE AQUIDAUANA NO ESTADO DE  
MATO GROSSO DO SUL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação da Profa. Dra. Luciane Pinho de Almeida.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO-UCDB**

**DOCTORADO EM PSICOLOGIA**

**CAMPO GRANDE-MS**

**Março de 2023**

F815m Francellino, Sandra Maria Rebello de Lima  
O Movimento Pendular e as Mediações Psicossociais  
em Estudantes Indígena em uma Universidade pública  
no Município de Aquidauana no Estado de Mato Grosso  
do Sul/ Sandra Maria Rebello de Lima Francellino sob  
orientação da Profa. Dra. Luciane Pinho de Almeida.--  
Campo Grande, MS : 2023.  
221 p.: il.

Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Católica  
Dom Bosco, Campo Grande- MS, 2023  
Bibliografia: p. 180- 196

1. Movimento pendular. 2. Estudantes indígenas. 3.  
Mediação psicossocial I.Almeida, Luciane Pinho de.  
II. Título.

CDD: 155.412334



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
*Inspira o futuro*

A tese apresentada por SANDRA MARIA REBELLO DE LIMA FRANCELLINO, intitulada “O Movimento Pendular e as Mediações Psicossociais em Estudantes Indígenas Universitários em uma Instituição Pública no Município de Aquidauana no Estado de Mato Grosso do Sul”, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi aprovada.

A presente defesa foi realizada no formato híbrido. Eu **Luciane Pinho de Almeida**, como presidente da banca assinei a folha de aprovação com o consentimento de todos os membros, ainda na presença destes.

#### BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Luciane Pinho de Almeida  
Prof. Dra. Anita Guazelli Bernardes  
Prof. Dr. Marcio Luis Costa  
Prof. Dra. Inara Barbosa Leão  
Prof. Dra. Edna Maria S. Peters Kahhale

Campo Grande - MS, 09 de março de 2023.

Ao meu pai (in memoriam), que me ensinou a lutar e a não desistir.

## AGRADECIMENTOS

Finalizada uma etapa importante da minha vida, não poderia deixar de expressar o meu profundo agradecimento a todos aqueles que me apoiaram nessa longa caminhada e contribuíram para a elaboração desta Tese.

À minha orientadora, professora Dra. Luciane Pinho de Almeida, que me dispensou, constantemente, disponibilidade, competência, conhecimento e, sobretudo, sua amizade.

A todos os professores do Programa de Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, pelos conhecimentos e competências que transmitiram ao longo deste percurso acadêmico, que culminaram na elaboração desta tese.

Aos colegas do Grupo de Estudo e Pesquisa em Teoria Sócio-Histórica, Migração e Gênero, e do Laboratório de Estudo Psicossociais frente a contextos da Desigualdade Social, pelo aprendizado, pela troca de conhecimento que me proporcionaram.

Aos membros da Banca Examinadora de Qualificação: Profa. Dra. Edna Peters Kahhale, Profa. Dra. Anita Bernardes e Prof. Dr. Marcio Costa, por terem aceitado o pedido e pela disponibilidade em ler, sugerir, criticar, pensar e repensar sobre este trabalho.

Agradeço especialmente à Profa. Dra. Inara Barbosa Leão, que já havia me acompanhado no mestrado e, além de participar da banca de avaliação desta Tese, dispôs-se a compartilhar seus conhecimentos sobre a técnica de Análise Gráfica do discurso simplificada, que muito enriqueceu a pesquisa.

Aos discentes indígenas da UFMS/CPQA participantes desta pesquisa, pela colaboração que tornou possível a realização deste trabalho.

À coordenadora do curso de Pedagogia/UFMS/CPAQ e amiga, Profa. Dra. Janaina Maia Nogueira, pelo apoio e confiança depositada.

Ao Eduardo Contar Neto, companheiro de todas as horas, pelo incentivo e colaboração irrestritos.

Aos meus filhos, Sullyvan Lima Francellino e Suzanne Lima Francellino, pelo incentivo e apoio.

À minha neta Lisbela Chuve Francellino, que nasceu durante o desenvolvimento desta Tese e trouxe alegria para minha vida e a todos os familiares.

À amiga Lilian Mara Dela Cruz pela amizade e apoio na elaboração das tabelas de incidência e correção do trabalho.

Ao professor terena Délio Delfino, da escola municipal indígena Pólo Marcolino Lili, na aldeia Lagoinha, pela tradução do texto da língua portuguesa para a língua terena para o estudante Ubiratan.

À terena Rociane Mendes dos Santos, pedagoga regente na escola municipal indígena Francisco Farias, na aldeia Água Branca, pela tradução realizada do português para a língua terena para a estudante Potira.

Aos meus amigos que sempre se mostraram interessados nesta Tese e me apoiaram incondicionalmente.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a consecução deste trabalho, cuja menção, involuntariamente, eu tenha deixado de fazer.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

O movimento pendular consiste no fluxo dos indivíduos que deixam o local de moradia em busca de trabalho e/ou estudo em outro município, e retornam após cumprido esse propósito, geralmente em deslocamentos diários. Essa característica atribui grande relevância a esse movimento, devido ao impacto nas cidades modernas, não apenas em regiões metropolitanas, mas também em núcleos de menores dimensões populacionais. Um dos fatores que levam ao movimento pendular estudantil é o fato de as pessoas serem impedidas de continuar seus estudos nos municípios em que residem; pela falta de oportunidade, movimentam-se para cidades vizinhas em busca de uma formação acadêmica superior ou preparação profissional, sem, contudo, mudarem-se para esses locais. Esse deslocamento diário representa toda uma nova exteriorização e interiorização de simbolismo que levará a novas práticas culturais e sociais, com ritmos e rotinas diárias associados a um dado contexto espacial e afetivo. O município de Aquidauana é considerado um polo regional de atração educacional, na medida em que recebe estudantes de municípios vizinhos, bem como da população rural e povos indígenas. Desse modo, buscou-se identificar e apreender, por meio desta pesquisa, as mediações como aspectos psicossociais do movimento pendular, em uma instituição de ensino superior pública, e como essas mediações participam na constituição dos significados e sentidos que os estudantes indígenas produzem acerca desse processo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa fundamentada na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, cuja base é o materialismo histórico-dialético. A metodologia incluiu pesquisa bibliográfica e de campo. Como procedimento de coleta de dados utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada. Para a análise dos dados optou-se pela técnica da análise gráfica de discurso simplificado. Foram realizadas quatro entrevistas com estudantes indígenas regularmente matriculados na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Aquidauana. As relações apresentadas pela análise do discurso desses estudantes demonstraram que a educação e a linguagem são mediadores essenciais entre a sua cultura e a sociedade envolvente. Apreendeu-se que o movimento pendular é um processo que viabiliza o acesso à universidade e envolve dois aspectos relevantes: um deles está associado à busca de melhores condições de vida e o outro, à dificuldade, desistência, estresse e cansaço, pois o processo impõe uma rotina desgastante e sacrificial de deixar a família, a casa, os filhos e fazer o percurso, que é longo e, por vezes, demorado.



**Palavras-chave:** Movimento pendular; Estudantes indígenas; Mediação Psicossocial.

## ABSTRACT

The pendular movement consists the flow of individuals who leave their place of residence in search of work and/or study in another municipality, and return after this purpose has been fulfilled, usually in daily displacements. This characteristic attributes great relevance to this movement due to impact on modern cities, not only in metropolitan regions, but also in smaller population centers. One of the factors that propitiate the pendular student movement is the fact that people are prevented from continuing their studies in the municipalities in which they reside; for lack of opportunity, they move to neighboring cities seeking higher academic education or professional preparation, without, however, moving to these places. This daily displacement represents a whole new exteriorization and interiorization of symbolism that will enable new cultural and social practices, rhythms, and daily routines associated with a given spatial and affective context. The municipality of Aquidauana is considered a regional hub of educational attraction, as it absorbs students from neighboring municipalities, as well as the rural population and indigenous peoples. In this sense, we sought to identify and understand the mediations as psychosocial aspects of commuting in a public higher education institution and how these participate in the constitution of meanings and senses that students produce about this process. This is qualitative research based on the perspective of Social-Historical Psychology, which is based on historical-dialectical materialism. The methodology used was bibliographic and field research and, as a data collection procedure, we used the semi-structured interview technique. For data analysis, we opted for the simplified discourse graphical analysis technique. Four interviews were conducted with regularly enrolled indigenous students. The relations presented by the discourse analysis of this subject demonstrate that the pendular movement has two personal meanings a positive one which is associated with the search for better living conditions, and a negative one because it is associated with difficulty, giving up, stress and tiredness, since the process imposes on them exhausting routine, they have to leave their family, home, children, make an exhausting routine late at home.

**Keywords:** Pendular movement; Indigenous students; Psychosocial mediation.

## RÉSUMÉ

Le mouvement pendulaire est caractérisé comme le flux des individus qui laissent la localité de logement en cherchant du travail et/ou études dans autre ville, et qui retournent à l'origine après accomplie la journée proposée, généralement en déplacements quotidiens. Caractéristique qui attribue à ces mouvements une grande importance par son impact dans les villes modernes, pas seulement en régions métropolitaines, mais aussi dans des cœurs de plus petites dimensions de population. Un des facteurs qui concilient le mouvement pendulaires des élèves est le fait des gens être empêchés de continuer ses études dans ses villes d'origine résidentielle et, à cause de manque d'opportunité, se mouvementent vers les villes proches en cherchant une formation académique supérieure ou préparation professionnelle sans se fixer dans une résidence au lieu choisi, ça veut dire que ce déplacement quotidien représente toute une nouvelle extériorisation et intériorisation du symbolisme que rendront possible nouvelles pratiques culturelles et sociales, rythmes et routines quotidiennes associées à certes contextes d'espace et affectif. La ville d'Aquidauana est considérée comme un pôle régional d'attraction éducationnel, puis absorbent élèves de villes proches, aussi bien que la population rurale et peuples aborigènes. À cet égard, on trouve à identifier et apprendre les médiations pendant aspects psychosociaux du mouvement pendulaire dans une institution d'enseignement supérieure publique et comment elles participent de la constitution des significations et sens que les étudiants aborigènes produisent par rapport à ce processus. Donc, il s'agit d'une recherche qualitative basée sur la perspective de la Psychologie Socio-Historique, qui a ses fondements le matérialisme historique-dialectique. La méthodologie utilisée fut la recherche biographique et la recherche sur le terrain, et, comme procédure de collecte des données, a été utilisé la technique d'entretien demi-structurée. Pour l'analyse des données, on choisit pour la technique d'analyse graphique de discours simplifié. Quatre entretiens se furent réalisés, avec des étudiants aborigènes régulièrement immatriculés. Dans le contexte des relations présentées par l'analyse du discours de ces étudiants, ils se sont démontrés que l'éducation et la langage est un médiateur essentiel entre sa culture et la société qui l'entoure, et le mouvement pendulaire est un processus qui rend possible l'accès à l'université et emporte deux sens, le premier personnel, qui est associé à la recherche des meilleurs conditions de vie, e le seconde à la difficulté, l'abandon du cours, le stress et la fatigue, car le processus impose à eux une routine épuisante, ça

veut dire, il faut laisser la famille, la maison, faire le parcours qui est lointain et arrivent trop tard chez eux.

**Mots-clés:** Mouvement pendulaire; Étudiants aborigènes; Médiation Psychosociale.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Mapa da Cidade de Aquidauana .....	26
<b>Figura 2</b> - Dança do Bate-Pau .....	70
<b>Figura 3</b> - Dança do Puru-Puru.....	71
<b>Figura 4</b> - Mapa da bacia hidrográfica do rio Aquidauana com demarcação das terras indígenas.....	72
<b>Figura 5</b> – Gráfico demonstrativo do processo de análise do discurso do estudante Ubiratan ..	133
<b>Figura 6</b> – Gráfico demonstrativo do processo de análise do discurso da estudante Potira.....	155

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> Inventário de fones consonantais da Língua Terena .....	77
<b>Quadro 2</b> - Inventário de fones vocálicos da Língua Terena .....	78
<b>Quadro 3</b> – Sistematização dos pronomes pessoais da Língua Terena .....	79
<b>Quadro 4</b> – Quadro de incidências no discurso do estudante Ubiratan.....	128
<b>Quadro 5</b> – Quadro de incidências no discurso da estudante Potira .....	153

## LISTA DE SIGLAS

CEUA	Centro Universitário de Aquidauana
CODEPLAN	Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central
CPA	Centro Pedagógico de Aquidauana
CPAQ	Campus de Aquidauana
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro
IDPs	Pessoas Deslocadas Internamente
IFMS	Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
MST	Movimento Sem Terra
OD	Origem e Destino
PEA	População Economicamente Ativa
PROLIND	Programa de Licenciatura Interculturais Indígenas
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PNUD	Programa Das nações Unidas para o Desenvolvimento
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SIL	Summer Institute of Linguistics
SISU	Sistema de Seleção Unificado
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UEMAT	Universidade Estadual de Mato Grosso
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNIDERP	Universidade Anhanguera
UNITER	Centro Universitário Internacional
UNOPAR	Universidade do Norte do Paraná

## LISTA DE APÊNDICES

<b>Apêndice A</b> - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) .....	198
<b>Apêndice B</b> - Termo de Anuência para a realização da pesquisa na UFMS/CPAQ.....	201
<b>Apêndice C</b> - Roteiro de Entrevista .....	202
<b>Apêndice D</b> – Dados completos da entrevista com a Estudante 3 .....	204
<b>Apêndice E</b> – Dados completos da entrevista com o Estudante 4.....	211



## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b> .....	19
<b>2 Referencial Teórico</b> .....	31
<b>2.1 Psicologia Sócio Histórica</b> .....	32
<b>2.2 Categoria ontológica da mediação</b> .....	36
2.2.1 <i>Mediação para Hegel</i> .....	38
2.2.2 <i>Mediação para Marx</i> .....	40
2.2.3 <i>Mediação na teoria de Vygotsky</i> .....	44
2.2.4 <i>Mediação social e cultural para Vygotsky</i> .....	47
<b>2.3 Constituição do sujeito e da consciência</b> .....	50
<b>2.4 Personalidade</b> .....	56
<b>3 Povo Terena e o Processo de Territorialização no Estado de Mato Grosso do Sul</b> .....	64
<b>3.1 Um breve histórico</b> .....	65
<b>3.2 A organização do povo Terena</b> .....	67
3.2.1 <i>O território</i> .....	71
<b>3.3 Língua Indígena Aruak</b> .....	75
<b>3.4 Educação indígena e as determinações legais</b> .....	80
3.4.1 <i>Breve histórico da política indigenista</i> .....	82
3.4.2 <i>Políticas de acesso e permanência para indígenas no Ensino Superior</i> .....	84
<b>4 Migração Pendular ou Movimento Pendular</b> .....	88
<b>4.1 Revisitando conceitos</b> .....	89
<b>4.2 Movimento pendular para fins de estudo</b> .....	93
<b>4.3 Indígenas e os deslocamentos para os centros urbanos</b> .....	96
<b>4.4 Aspectos psicológicos com função mediadora do processo de migração pendular</b> .....	98
<b>5 Procedimentos Metodológicos e Descrição Explicativa da Análise Gráfica do Discurso</b> 105	
<b>5.1 Procedimentos adotados na pesquisa</b> .....	106
<b>5.2 Análise Gráfica do Discurso Simplificada</b> .....	108
<b>5.3 A função da linguagem e das palavras</b> .....	111
<b>5.4 Análise do discurso do estudante Ubiratan</b> .....	121

5.4.1 <i>Corpo da análise</i> .....	122
5.4.2 <i>Quadro de incidências</i> .....	128
5.4.3 <i>Gráfico demonstrativo do processo de análise do discurso</i> .....	133
<b>5.5 Caracterização - Ubiratan</b> .....	136
<b>5.6 Análise do discurso da estudante Potira</b> .....	148
5.6.1 <i>Corpo da análise</i> .....	148
5.6.2 <i>Quadro de incidências</i> .....	152
5.6.3 <i>Gráfico demonstrativo do processo de análise do discurso</i> .....	155
<b>Considerações Finais</b> .....	157
<b>Referências</b> .....	179
<b>Apêndice A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)</b> .....	198
<b>Apêndice B - Termo de Anuência para a realização da pesquisa na UFMS/CPAQ</b> .....	201
<b>Apêndice C - Roteiro de Entrevista</b> .....	202
<b>Apêndice D – Dados completos da entrevista com a Estudante 3</b> .....	204
<b>Apêndice E – Dados completos da entrevista com o Estudante 4</b> .....	211

## **1 INTRODUÇÃO**

---

Este é o relatório, em forma de Tese, da pesquisa desenvolvida no Curso de Doutorado em Psicologia “O Movimento Pendular e as mediações psicossociais em estudantes indígenas universitários em uma instituição pública no município de Aquidauana no estado de Mato Grosso do Sul”. O objetivo foi identificar e apreender as mediações como aspectos psicossociais do movimento pendular em acadêmicos indígenas de uma instituição de ensino superior pública, e como essas mediações participam na constituição dos significados e sentidos que esses estudantes elaboram acerca desse processo

O que influenciou a escolha do tema foi a possibilidade de continuação dos estudos sobre mudanças políticas, econômicas e sociais, as quais têm relevância para a compreensão do sistema educacional superior, na atualidade.

O interesse pelo Movimento Pendular surgiu no momento em que a pesquisadora começou a participar no Laboratório de Estudos Psicossociais em saúde frente às Desigualdades Sociais - LEPDS e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Teoria Sócio Histórica, Migrações e Políticas Sociais - GEPEMPS, ligados ao Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, quando passou a pesquisar sobre políticas de acesso e democratização na Educação Superior no Brasil, a fim de elaborar um artigo. Observou, como docente de uma instituição pública, que esse era um processo com o qual se deparava diariamente.

Desse modo, surgiu o interesse em realizar uma pesquisa que destacasse o movimento pendular como síntese das relações entre consciência psicológica social e individual. Os mediadores psicossociais são formados por relações sociais humanas que, por sua vez, são mediadas por aspectos concretos da realidade. Esses aspectos conduzem à constituição das funções psicológicas superiores, ao longo do processo histórico de uma sociedade, e da ontogênese e sociogenias da vida de um indivíduo, enfatizando o caráter socialmente construído da subjetividade do homem. Assim, o deslocamento pendular interiorizado, pode ser expresso individualmente, a partir de um grupo social.

Para se explicar como o movimento pendular pode se manifestar como características psicológicas individual no estudante indígena, considera-se que um dos aspectos sociais que tem a função mediadora são os significados, as explicações que cada sociedade constrói sobre sua realidade, e que integram os conteúdos da linguagem: são os signos, a comunicação e a generalização. Esta última, no significado das palavras possibilita que duas funções principais da linguagem articuladas com o pensamento se realizem, que é a comunicação e a representação.

Desse modo, a mediação do processo de deslocamentos pendulares recebe sentidos diferentes, produzindo comportamentos por meio dos mediadores psicossociais que podem interferir na constituição psíquica do sujeito e na sua subjetividade. Esta pesquisa visa identificar e apreender as mediações, como aspectos psicossociais do movimento pendular, em uma instituição de ensino superior pública, e como elas participam na constituição dos significados e sentidos que os estudantes indígenas produzem acerca desse processo.

Embora os terenas tenham uma língua diferente dos purutuyé<sup>1</sup>, alguns estudos demonstram que os povos indígenas de Mato Grosso do Sul são bilíngues e multilíngues, pois além de falarem o português, alguns também falam o espanhol, devido à proximidade com a região de fronteira com o Paraguai e Bolívia (Ferreira & Oliveira, 2020). Desse modo, não há muita dificuldade em relação ao aspecto linguístico, tendo em vista que a relação socioeconômica tem levado os grupos indígenas à necessidade de aprenderem a língua portuguesa, uma vez que eles precisam compreender as relações de trabalho, consumo, escoamento de produção, bem como as negociações de forma geral. Assim, conhecem o funcionamento da sociedade em que estão envolvidos, além de terem acesso às informações e tecnologias variadas.

De acordo com Rosa (2007), a língua terena não tem desempenhado uma função dentro da maioria das aldeias, já que a língua portuguesa influencia esse meio. Em algumas aldeias, ela é apenas usada em momentos de comunicação familiar ou em situações nas quais os indígenas não querem ser entendidos pelos purutuyé. Segundo Ladeira (2001), os terenas possuem orgulho de dominarem, inclusive por meio do uso da língua do purutuyé, a situação de contato com a sociedade nacional, e é esse domínio que lhes possibilita continuar existindo como povo político e administrativamente autônomo.

Tal fato pôde ser observado no processo de coleta dos dados, nesta pesquisa, pois os estudantes indígenas em movimento pendular, no momento das entrevistas, não tiveram dificuldades para compreender e verbalizar suas respostas na língua portuguesa. Assim, durante a análise e interpretação dos dados das entrevistas, não houve dificuldades, pelo fato de se utilizar a mesma língua.

A questão do movimento pendular, até algumas décadas atrás, era parte da realidade das grandes cidades brasileiras; atualmente, com as concentrações urbanas interioranas tem sido

---

<sup>1</sup> Para os terenas significa homem não indígena.

recorrente, nas cidades menores, em diferentes regiões. É um processo cada vez mais presente, motivado pela globalização e pelo sistema capitalista, que possibilita refletir sobre as desigualdades sociais e espaciais como um dos problemas mais relevantes na contemporaneidade. Segundo Aranha (2005, p. 96), “seu estudo indica não apenas o volume, sentido e direção dos deslocamentos, mas também são referenciais importantes para se compreender os desafios e as oportunidades existentes em regiões onde esse movimento ocorre.”

Em função de mudanças geradas a partir do rápido avanço tecnológico e sua acelerada difusão, a amplitude e a caracterização do movimento pendular se modificaram, resultando na alteração dos meios de comunicação e transporte, na produção e organização, ocasionando grandes transformações nos padrões demográficos e na vida social, e desencadeando, na atualidade, uma diversidade de configurações físicas para as atividades cotidianas da população.

Jardim (2011) afirma que os deslocamentos para trabalho e estudo, vinculados ao movimento da economia e sociedade, podem apontar novas formas de expansão urbana que viabilizem a mensuração da interação entre centros de pequenos e médios porte. Dessa forma, as relações econômicas e sociais provenientes do processo de urbanização oferecem elementos para a abordagem territorializada, entre os quais se têm os arranjos populacionais que facilitam a identificação e delimitação de novas formas urbanas que surgem da expansão de cidades de todos os tamanhos (IBGE, 2015).

Para se entenderem os movimentos pendulares no Brasil, na atualidade, remete-se às principais fontes de dados que captam esse processo, que são os censos demográficos e as pesquisas de Origem e Destino (OD). No primeiro, o IBGE define deslocamento pendular como aquele que uma pessoa realiza – trabalho ou estudo - fora do município em que reside. Sobre a operacionalização desse processo, o IBGE não detalha a respeito da frequência desses deslocamentos, da distância percorrida, o seu custo e tempo, bem como desconsidera o meio de transporte.

No caso do segundo, a pesquisa do tipo OD, embora seja realizada por diferentes órgãos governamentais, no que se refere à definição de movimentos pendulares possui certa simetria. Na definição utilizada pela Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central, viagens pendulares são “aquelas que ocorrem diariamente, nos mesmos horários e pelos mesmos motivos, utilizando habitualmente o mesmo modo de transporte” (Codeplan, 2002, p.15).

Ressalta-se que, nesta pesquisa, o estudo referente ao movimento pendular se destina ao fator estudo, qual seja, a mobilidade populacional que diz respeito a deslocamentos diários de estudantes indígenas entre suas aldeias e o município de Aquidauana, sob a ótica geográfica e socioeconômica. A mobilidade espacial para estudo, apesar de ser um tema pouco recorrente em relação a mobilidade espacial do trabalho, atualmente tem sido um assunto de interesse no âmbito da geografia, da economia e de outras ciências sociais com enfoques teóricos distintos. Entretanto, muito mais do que realizar um estudo sobre mobilidade como deslocamento humano, este estudo visa entender e identificar o sentido e o significado, para o estudante indígena que se desloca, desse processo.

O olhar da pesquisadora se volta para a interpretação do processo de pendularidade como parte da reprodução ampliada do capital. Desse modo, tenta-se articular os conceitos marxistas ao de mobilidade estudantil e de desenvolvimento espacial, com a finalidade de oferecer uma análise que seja capaz de desvendar os significados existentes por trás dessa prática cotidiana. Para tanto, utilizam-se os pressupostos teóricos do materialismo histórico dialético, que pressupõem intervenções na realidade a ser pesquisada, tornando-se necessário conhecê-la, a fim de articular teoria e prática, haja vista que por meio da compreensão e intervenção do real, promovem-se contribuições práticas para o campo de estudo.

O materialismo histórico dialético tem, como pressuposto lógico de análise, a contradição – ou seja, uma coisa é e não é ao mesmo tempo - que é produzida na própria história. Marx e Engels (1986) elaboraram o materialismo dialético a partir das bases da dialética hegeliana, introduziram a concepção materialista do mundo, da história e do pensamento, apoiando-se nas conclusões da ciência, rejeitando o seu conteúdo idealista. Assim, o materialismo histórico dialético não é só uma dimensão ontológica, mas também gnosiológica, uma vez que estuda o conhecimento e a teoria do conhecimento como expressões históricas.

No Brasil, atualmente, observa-se uma grande parte da população indígena vivendo em áreas urbanas ou se deslocando dentro de um espaço geográfico. Nesse movimento eles estabelecem relações frequentes com a sociedade que os circunda, e sofrem as consequências diretas e indiretas desses deslocamentos. Dessa forma, na cultura dos brancos está inserida, com frequência, a cultura indígena; essa proximidade incentiva a migração e os deslocamentos pendulares das aldeias para os centros urbanos, por diversos motivos.

Destacam-se, por exemplo, motivos como a busca por atendimento médico, por melhor educação, tendo em vista que nas aldeias só é oferecido até o ensino médio. Outra razão é a necessidade de um emprego que proporcione melhores condições de vida, ou, ainda, devido à perda de terras por conta de conflitos externos e internos. Como já foi referido, anteriormente, discute-se, aqui, especificamente o movimento pendular de estudantes indígenas da etnia Terena. Desse modo, busca-se entender as relações que se estabelecem do território onde se localizam as aldeias que os estudantes residem e do município de destino para estudo. Essas relações possibilitam diferentes formas de organização social, materializadas no território, conforme considerado por Saquet (2007, p.118): “lugar de relações sociais, de conexão e redes; de vida, para além da produção econômica, como natureza, apropriação, mudanças, mobilidade, identidade e patrimônio cultural; como produto socioespacial e condição para habitar, viver e produzir.”

Aranha (2005) explicita, em seus estudos, que as trajetórias de entradas e saídas nos municípios resultantes da pendularidade podem ser praticadas por diferentes grupos sociais, e suscitam questionamentos sobre os vínculos que se estabelecem entre o território de origem e aqueles que criados nos territórios de destino. Segundo Santos (1996), é no cotidiano que o espaço banal<sup>2</sup> pode ser reconhecido em sua integralidade e captar as relações do ser humano com o território, por meio da corporeidade, individualidade e sociabilidade.

Sobre o território do cotidiano, Raffestin (1993) refere-se à territorialização de ações diárias, promovendo satisfações de necessidades vitais, evidenciando as relações entre pessoas e lugares. Pelo movimento pendular, as pessoas constroem a sua identidade e referências espaço-simbólico, estabelecem relações de afinidades, apropriação de territorialização e reivindicam que sejam realizadas melhorias em seu território, o que beneficia sua vivência. Desse modo, o local de residência não se caracteriza apenas como dormitório, mas um espaço constituído de familiaridade, de identificação de base.

Indígenas que diariamente se deslocam de suas aldeias para o município de Aquidauana têm suas vidas afetadas por esses deslocamentos. Vivenciam constantes contradições em uma sociedade de cultura distinta da sua. Cotidianamente, as fronteiras simbólicas são cruzadas e esses

---

<sup>2</sup> Espaço banal, espaço como instância, aquilo que se impõe a tudo e a todos é o fundamento destas reflexões. O espaço banal não é apenas o espaço público. Ele é condição da existência, por isso, instância social. (SANTOS, 1996)



indígenas têm que lidar com um duplo quadro de referências, sentido e pertencimento que afetam a sua subjetividade.

No seu local de origem, os indígenas possuem contato com uma realidade conhecida, vivenciada, como habitação, relações comunitárias e de convívio familiar. Já no seu local de destino, suas relações são, em grande parte, mediatizadas pelas relações sociais e econômicas, as quais desencadeiam consequências, como a perda de suas características socioculturais, que refletem na sua maneira de agir e, principalmente, na língua. Essas perdas, inevitavelmente, alteram os sentidos e significados da realidade, as representações de mundo, elaborações sobre si mesmo e como assegurar a produção e reprodução de suas vidas. Essas pessoas vivem em metamorfose, pois, além de manter os traços de sua cultura de origem também adquirem traços da cultura da sociedade envolvente.

Para apreender como se dá esse processo de movimento pendular e suas contradições, neste estudo, pauta-se na Psicologia Sócio-Histórica baseada no pressuposto teórico de Vygotsky e seus discípulos, que receberam intensa influência do pensamento de Marx e Engels, tanto em relação ao método de investigação quanto à concepção de homem, mundo e sociedade.

Participaram desta pesquisa quatro discentes indígenas da etnia terena, regularmente matriculados em diferentes cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, os quais estão incluídos no movimento pendular. Dois deles são do sexo feminino e dois do sexo masculino. Todos utilizam o transporte público cedido pela prefeitura e os percursos de viagem variam de 25 a 80 km de distância.

O município de Aquidauana foi fundado em 15 de agosto de 1892, localizado no estado de Mato Grosso do Sul, às margens do rio Aquidauana. Sobre a origem do nome existem várias versões. De acordo com a toponímia tupi-guarani e dos índios guaicurus, o nome do município vem de **ac** – grandi, **da** – lugar, **oana** – arara; portanto, significa lugar das grandes araras (Robba, 1992, p. 40).



**Figura 1.** Mapa do estado de Mato Grosso do Sul com destaque do município de Aquidauana  
Fonte: Joia e Paixão (2018)

Esse município está situado na serra de Maracaju e fica distante da capital, Campo Grande/MS, 139 km. É conhecida por cidade natureza, devido à variedade de flora e fauna. Em 2019, segundo dados do IBGE, possuía uma população estimada de 47.871, distribuídas nas aldeias, zonas urbanas, e nos quatro Distritos: Camisão, Cipolândia, Piraputanga e Taunay.

A base da sua economia está relacionada à indústria (usina de beneficiamento de leite, madeireira, produtos alimentares, minerais não metálicos, metalúrgicos, mobiliários, editorial e gráfico e produtos farmacêuticos e veterinários), serviços (Agências de turismo, comércio, bares e atrações noturnas, cursos preparatórios presenciais e via web, hotéis e pousadas, livrarias entre outros), agropecuária (na agricultura se destaca o cultivo de milho, mandioca e olerícolas e pecuária de corte com aproximadamente 804 mil cabeças de bovinos).

Aquidauana é considerado um dos maiores municípios do estado que possui bons serviços na área de saúde, comércio e educação. Segundo dados do IBGE (2010) o município possui IDHM considerado alto pelo Programa Das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), sendo seu valor 0,688, ocupando o trigésimo quinto lugar entre os setenta e nove municípios de Mato Grosso do Sul.

Considerando o contexto da globalização e o avanço tecnológico, a busca pelo saber e formação profissional, dá destaque ao ensino superior, e Aquidauana é considerada um polo regional de atração educacional. Absorve estudantes de municípios próximos como de Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Bodoquena, Nioaque, Jardim, Guia Lopes da Laguna, Bonito e

Bela Vista. Também recebe estudantes dos distritos de Camisão, Piraputanga, Cipolândia, Taunay e de comunidades indígenas tais como Limão Verde, Bananal, Córrego Seco, Água Branca, entre outras, que migram diariamente para estudar no município, uma vez que a atratividade de vagas de ensino superior induz ao deslocamento pendular.

O município possui três universidades públicas - UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) e IFMS (Instituto Federal de Mato Grosso do Sul), e quatro universidades privadas - Universidade Anhanguera – Uniderp, Unopar (Universidade Norte do Paraná), Uninter (Centro Universitário Internacional) e Estácio de Sá – Uni Seb (Centro Universitário Interativo).

No ano de 2020, em Aquidauana, foram ofertadas 416 vagas em três instituições públicas - 150 na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 120 no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul e 146 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Neste estudo, como já mencionado, consideram-se os discentes que participam do movimento pendular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana, de cujo quadro docente a pesquisadora faz parte.

A história dessa instituição teve “início em 1970, a partir de uma solicitação na Câmara dos Vereadores para criação da Faculdade de Filosofia” (Doath, 2019). Em 13 de agosto de 1970, foi criado o Centro Pedagógico de Aquidauana (CPA), integrado à Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), e em 1979 o Centro passou a constituir uma unidade da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o nome de Centro Universitário de Aquidauana (CEUA), posteriormente, Campus de Aquidauana (CPAQ). Em 2019, completou 49 anos e, com o aumento das ofertas de cursos e do número de alunos, expandiu-se e se consolidou no campo da pesquisa, ensino e extensão universitária.

No segundo semestre do ano de 2019, o Campus de Aquidauana possuía 1.341 acadêmicos matriculados. Destes, em torno de 350 são indígenas da etnia Terena, regularmente matriculados na graduação e distribuídos em 10 cursos: bacharelado em Administração, Geografia e Turismo; licenciatura de Ciências Biológicas, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Geografia e curso intercultural indígena. Nos cursos de pós-graduação havia 41 alunos indígenas matriculados. Há alunos que, em menor quantidade, vêm da cidade de Miranda (75 km), Nioaque (90 km) e Dois irmãos do Buriti (72 km).

Segundo Fialho (2010), o povo terena passou por diversas transformações de práticas culturais que modificaram o seu modo de vida, especialmente no que diz respeito à educação e à

política interna nas aldeias. Esse fato tem provocado mudanças no modo de viver para conseguir sobreviver no mundo globalizado, o que os levou a negociar, muitas vezes em diferentes situações e assumir diversas identidades dependendo do lugar em que estão. Desse modo, à medida que, a relação com a sociedade capitalista se ampliou, surgiu a necessidade de haver profissionais Terena com formação superior.

Tal necessidade provocou o deslocamento de muitos terenas para Aquidauana, que iam em busca de educação para seus filhos e de melhores condições de vida, o que despertou o desejo de trabalhar como assalariado, ainda que, muitas vezes, sem nenhuma qualificação profissional. Há evidências de que os afastamentos da vida nas aldeias impõem uma nova condição de ser – o individualismo neoliberal. Essa condição difere do regime de vida em coletividade no qual esses indígenas são vistos como um grupo de pessoas que vivem em uma mesma região, com o mesmo governo e que compartilham as mesmas tradições históricas e culturais; desse modo, têm suas vidas vinculadas e organizadas por objetivos comuns, o que se contrapõe ao regime capitalista.

Tendo em vista o crescente número de indígenas, de diferentes aldeias do estado, que têm migrado para as cidades a fim de ingressarem em um curso de nível superior, considera-se relevante que se estudem os aspectos psicológicos envolvidos no processo do deslocamento pendular. Presume-se, que além de desejarem condições de vida diferentes, de forma a promoverem avanços na sua comunidade, esses indígenas buscam a ampliação dos seus conhecimentos com novos elementos sociais e psicológicos, que lhes permitam se protegerem e compreenderem as novas formas de se relacionarem com o outro. Assim, a educação, para muitos povos indígenas, vem sendo entendida como um espaço do diálogo intercultural e de fortalecimento identitários que contribuem a organização e reivindicação de seus direitos.

A pesquisa tem como o objetivo geral identificar e apreender as mediações como aspectos psicossociais do movimento pendular, em uma instituição de ensino superior pública, e como elas influenciam na constituição dos significados e sentidos produzidos pelos estudantes indígenas acerca desse movimento. Assim, delinear-se os seguintes objetivos específicos: a) Investigar e analisar as principais mediações psicossociais constitutivas dos estudantes indígenas de nível superior; b) Conhecer suas realidades e entender os motivos que os mantêm nesse movimento pendular; c) Identificar as dificuldades que encontram nos deslocamentos diários e que interferem na sua subjetividade e d) Compreender os sentidos apreendidos dessa vivência.

Para a consecução desses objetivos, foi preciso elaborar um quadro teórico metodológico que permitisse apreender a realidade para além das suas manifestações empíricas e destacar as relações nelas estabelecidas. Desse modo, apresentam-se, no primeiro capítulo “Psicologia Sócio Histórica, Categoria Ontológica Mediação e a Constituição do Sujeito”, essas respectivas teorias, quais sejam: a teoria Psicológica Sócio-Histórica, a categoria ontológica mediação, como categoria da dialética na perspectiva da ontologia do ser social, considerando-se que a mediação é ontológica, e por ser uma possibilidade exclusiva do ser humano ela está presente na sociabilidade do ser social. Mediação se constitui no fundamento essencial para o entendimento do psiquismo humano, através da qual se compreende a constituição da consciência humana. A constituição do sujeito está nas relações sociais e nas práticas sociais, na dinâmica dialética entre o funcionamento interpsicológico e o funcionamento intrapsicológico, transição que ocorre pelas mediações semióticas.

No capítulo 2 “Povo Terena e o processo de Territorialização no estado de Mato Grosso do Sul”, caracteriza-se a população indígena dessa etnia, o modo como organizam seus costumes e crenças, e se estabelece a diferenciação entre terras indígenas e território. A primeira diz respeito ao processo político-jurídico conduzido sob a égide do estado, enquanto a segunda refere-se ao espaço físico, mas também envolve elementos míticos, simbólicos, religiosos, subsistência, entre outros centrais às concepções culturais e cosmológicas próprias desses povos. Discorre-se, ainda, nesse capítulo, sobre as determinações legais que garantem, a essa população, o acesso e a permanência na universidade.

No capítulo 3 “Migração Pendular ou Movimento Pendular”, inicia-se com uma revisão de conceitos e se descreve o movimento pendular, não só como um movimento de idas e vindas das pessoas, mas com todas as implicações que ele desencadeia: dificuldades, sentimentos, superações e experiências, bem como se desenvolvem alguns aspectos sobre as consequências dos deslocamentos dos indígenas para os centros urbanos, constituindo parte da totalidade da realidade vivenciada por estes.

“Procedimentos Metodológicos e Descrição Explicativa da Análise Gráfica do Discurso Simplificada” é o título do quarto capítulo, no qual se abordam os procedimentos e critérios metodológicos para definição do encaminhamento da pesquisa. Discorre-se sobre a técnica de análise gráfica do discurso e, com base nos resultados levantados, analisam-se os principais aspectos psicológicos dos indivíduos que vivenciam o movimento pendular, o seu significado

e sentido para os acadêmicos indígenas. Explicitam-se as implicações do movimento pendular para a consciência desses estudantes, e demonstra-se que as emoções contribuem para a mudança de significados e sentidos sobre cada indivíduo.

Ao final do estudo, trazem-se algumas considerações advindas do desenvolvimento da pesquisa. Conclui-se que a educação e a linguagem são mediadores fundamentais entre cultura, sociedade envolvente e o movimento pendular, caracterizando-se, portanto, como um processo que viabiliza o acesso à universidade. Destacam-se dois sentidos: o que se associa a um posicionamento com vista a melhores condições de vida e o que se associa à dificuldade, desistência, estresse e cansaço, pois o processo impõe uma rotina que é desgastante. Nesse contexto, eles têm que deixar a família, a casa, os filhos, fazer um longo percurso e chegam tarde às suas residências.

Considera-se que o tema não se tenha esgotado; outrossim, espera-se que este estudo sirva para apontar caminhos para novas e futuras pesquisas sobre as temáticas aqui desenvolvidas.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

---

## 2.1 Psicologia Sócio Histórica

A Psicologia Sócio-Histórica surgiu em um contexto muito específico e renovador, que foi o início da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A Revolução Russa instituiu um sistema cuja base teórica apoiava-se nos estudos de Marx e Engels sobre o socialismo científico, bem como nas exposições e análises do russo Vladimir Lenin, implicando na construção de uma nova sociedade e também de uma nova ciência. Essa nova teoria do conhecimento tinha por meta a constituição de um projeto de psicologia que possibilitasse analisar os problemas de aplicação prática do homem, em atendimento às necessidades emergentes da nação russa que acabava de despontar após a revolução socialista de 1917.

Vygotsky, a partir da análise da investigação da crise da psicologia, chegou à conclusão de que as três grandes correntes psicológicas (Psicologia da Gestalt, Reflexologia e a Psicanálise) não davam conta de explicar o homem na sua totalidade, pois cada uma delas tinha seu objeto e método e, portanto, significados diferenciados. Para esse autor, além da crise da psicologia havia uma crise do sistema capitalista, uma vez que a psicologia tradicional estava à disposição do sistema capitalista, as suas compreensões e percepção de mundo, e a todas as formas de exploração presentes na sociedade daquele momento.

Segundo Vygotsky, para superar essa situação era necessário o desenvolvimento de uma ciência psicológica que desse conta das limitações que a própria psicologia desenvolveu. Desse modo, construiu uma psicologia que aponta a consciência como objeto de estudo da psicologia, tendo como princípio explicativo as relações sociais e o método genético pautado na historicidade dos processos psicológicos. Assim, o autor deixa claro que todo conceito é um significado social, e deve ser interiorizado pelos sujeitos individualmente, partindo do pressuposto do psiquismo como imagem subjetiva da realidade objetiva, ou seja, o movimento parte da sociedade para o indivíduo.

Essa teoria preconiza que todo organismo é ativo e está em constante relação com os contextos sociais, que são mutáveis, e a base biológica do comportamento humano. Inicialmente, Vygotsky observou que o pressuposto inicial são as estruturas orgânicas elementares determinadas pela maturação e a partir delas, dependendo da natureza das experiências sociais da criança formam-se as funções mentais mais complexas.

Desse modo, o processo de desenvolvimento, em sua origem, segue duas linhas diferentes, uma elementar, de base biológica, que se manifesta nas crianças e animais desde o nascimento, e



se caracteriza pelos reflexos, pelas reações automáticas, é controlada pelo ambiente externo e é estabelecida ao longo da evolução filogenética. A outra linha trata-se de um processo superior de origem sociocultural (funções psíquicas superiores) que resulta da interação do homem com seu contexto cultural e social, está presente somente no homem e se caracteriza pela intencionalidade das ações, que são mediadas. Essas funções psíquicas superiores foram desenvolvidas ao longo da história da humanidade e dependem do contexto sócio histórico no qual são estabelecidas, portanto, elas ocorrem no nível ontogenético.

O desenvolvimento biológico e o desenvolvimento histórico, segundo Vygotsky, assumem dinâmicas diferentes na filogênese e na ontogênese. Na filogênese, a espécie *homo sapiens* precisa estar engendrada para que possa ocorrer o surgimento do ser social. Tendo em vista que o processo de hominização é fundamental para a configuração da humanidade do homem, o processo de maturação biológica é anterior à criação da cultura e à formação do próprio homem como ser histórico. Nesse sentido, Leontiev (1978, p. 263-4) afirma:

O homem definitivamente formado possui já todas as propriedades biológicas necessárias ao seu desenvolvimento sócio histórico ilimitado. [...] a passagem do homem a uma vida em que a sua cultura é cada vez mais elevada não exige mudanças biológicas hereditárias... A hominização, enquanto mudanças essenciais na organização física do homem, termina com o surgimento da história social da humanidade.

A humanização e a hominização, na filogênese, são entendidas como dois momentos separados, duas linhas que se desenvolvem de forma independente e cujas atividades prevalecte são diferentes. No entendimento de Vygotsky, o sistema orgânico de atividade tem o predomínio na evolução biológica, enquanto a atividade instrumental é central no desenvolvimento histórico.

A hominização deriva do processo de evolução natural. Compõem-se, portanto, a partir de um complexo de transformações de caráter biológico, restrito à esfera orgânica do ser. Essas transformações não empreendem a ruptura necessária para se iniciar uma nova esfera ontológica do ser por manterem o vínculo com o caráter natural. Entretanto, o aperfeiçoamento do ser orgânico – por meio do processo de desenvolvimento de formas superiores – pode ser entendido como condição imprescindível para o aparecimento do ser social. O salto ontológico criado sobre a base orgânica requer certo aperfeiçoamento do ser biológico como fundamento para o surgimento do trabalho como atividade humana, estabelecendo o processo de humanização do homem.

Embora o animal também trabalhe, ele não separa ação e seu produto. Segundo Marx (1975, p. 164), “O animal identifica-se imediatamente com a sua atividade vital. Não se distingue

dela. É a sua própria atividade”. O ser social, pela sua capacidade de transformar a natureza e ser transformado por ela se diferencia dos animais. Segundo Marx, o primeiro ato humano e social é a criação das condições materiais para sua sobrevivência. Lukács (1978), ao caracterizar a especificidade do ser social, defronta-se com um ser muito complexo, no qual articulam-se causalidade e teologia, determinismo e liberdade. Dentro dessa junção é o trabalho que aparece como elemento fundante do ser social.

Desse modo, o trabalho constitui-se como atividade de transição entre o ser orgânico e o ser social. Somente o trabalho é capaz de permitir tal função, uma vez que todas as características do gênero humano exigem que o ser social já esteja constituído. O homem, para atender suas necessidades, deve, por meio do trabalho, manter um intercâmbio ineliminável com a natureza. Essa ação humana mediada por instrumentos possibilita, além de uma ambiência social, a transformação do indivíduo em ser culturalizado. A esfera orgânica mantém-se inalterada porque no âmbito natural, ao longo do desenvolvimento da espécie, não é possível modificar a natureza do homem.

Essa concepção marxista de que o trabalho é o elemento fundamental na constituição do ser social, como atividade pela qual o homem transforma a natureza e é transformado por ela, é tomado como pressuposto básico para os estudos de Vygotsky, Luria e Leontiev, que irão transpor para o campo psicológicos apontamentos realizados no âmbito histórico e sociológico de Marx e Engels.

Esses autores afirmaram que

O primeiro pressuposto de toda a existência humana e de toda a história é que os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os seres vivos [...] O segundo ponto é que, satisfeita essa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem as novas necessidades, e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico (Marx & Engels, 1989, p. 339-340).

Para sua sobrevivência, o homem realiza seu primeiro ato histórico, produz os meios que permitam a satisfação de suas necessidades e cria uma realidade humana, o que implica na transformação tanto da natureza como do próprio homem. A compreensão de que o homem real,

ativo e objetivo se constitui com a própria atividade, com o próprio trabalho, é o fundamento que permite revelar as objetividades e as subjetividades.

De acordo com Leontiev (1978), é por meio do modo de objetivação que o ser humano demonstra suas capacidades como ser genérico e, pela aplicabilidade destas capacidades em sua atividade, cria um ambiente humanizado. A atividade especificamente humana, o trabalho, elaborou objetivações de diversos tipos, como os objetos em si, a linguagem, as relações sociais, bem como os modos mais elevados de objetivação como a ciência, a arte, a filosofia. Em uma objetivação, seja material ou intelectual é um processo cumulativo, onde há riqueza humana criada por várias gerações.

A objetivação deve ser considerada a partir do seu contrário, que é ao mesmo tempo seu complemento: o modo de apropriação. Segundo Leontiev (1978), a apropriação pode ser compreendida como um processo que tem como finalidade o homem reproduzir as características, faculdades e modos de comportamentos constituído historicamente. Portanto, por meio da sua atividade os homens precisam reproduzir a função social dos objetos, dos usos e costumes e da linguagem criados ao longo da história da humanidade, para que deles possam se apropriar. As relações com os objetos da cultura devem ser sempre mediatizadas pelas interações com os outros homens, e isso só ocorre mediante o processo de comunicação, a qual nos permite que alcancemos a subjetividade por meio da materialidade da linguagem.

Esses pressupostos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica possibilitaram que fossem apreendidos os aspectos da consciência dos sujeitos participantes da pesquisa, pois as palavras com significado, analisada com base nos discursos dos sujeitos, revelam a representação da materialidade na consciência deles, de modo autêntico, conforme eles a interpretam, e os sentidos elaborados a respeito delas. Assim, ao conhecer os significados sociais que possuem sobre o processo de movimento pendular, considerando, para tanto, suas determinações históricas e sociais desse processo, pode-se acessar os seus sentidos pessoais.

Entre as técnicas utilizadas para análise do discurso elegeu-se a técnica de Análise Gráfica de Discurso Simplificada, desenvolvida por Leão (2007), com base na Análise Gráfica do Discurso de Silvia Lane, que estuda os processos discursivos característicos de um determinado grupo social, as condições em que ele é produzido e seus efeitos, bem como identifica os conteúdos ideológicos, as contradições e o próprio pensamento na qual deu origem ao discurso. Desse modo, quando se pergunta ao sujeito da pesquisa sobre o que entende acerca de determinado tema, ele

emitirá um discurso que expressa os conteúdos da sua subjetividade; tais verbalizações se manifestam como representações, que orientam o indivíduo em suas ações no meio social. A explicação a respeito dessa técnica constará no capítulo IV desta Tese.

A seguir, aborda-se sobre a mediação como categoria ontológica essencial para o entendimento dos aspectos psicossociais do movimento pendular, com destaque para a formação da consciência, que é constituída das categorias identidade, individualidade e personalidade, fundamentais para compreensão da constituição do indivíduo e sua subjetividade

## **2.2 Categoria ontológica mediação**

Sistematizar uma reflexão sobre a categoria ontológica da Mediação na Psicologia Social é o objetivo desta subseção, partindo de uma perspectiva marxista. Essa reflexão foi realizada com base em estudos bibliográficos, em fontes originais de Marx e Engels, Lukács, Vygotsky, de pesquisadores contemporâneos como Kosik (2010), e na perspectiva teórica da Psicologia Sócio Histórica Brasileira a partir de Bock (2007), Leão (1999), Mello (2009), Santos (2010), Sawaia (1995), entre outros de áreas próximas à psicologia, como Reinaldo Pontes (1995 e 2000), do Serviço Social.

Este texto enfoca a mediação como categoria da dialética, na perspectiva da ontologia do ser social, considerando-se que a mediação é ontológica e, por ser uma possibilidade exclusiva do ser humano, ela está presente no ser social. Em contraposição à proposta idealista, o ser social é entendido como um ser autêntico, material, histórico e dialeticamente constituído na vida. Ele vive e se objetiva na vida cotidiana e, na época atual, em uma sociedade dividida em classe, pelas relações sociais capitalistas e pela exploração “do homem pelo homem”, que está ligado diretamente à dicotomia capital *versus* trabalho, intrínseca e extrinsecamente. Considera-se, portanto, aqui, a questão ontológica da mediação, tendo em vista que, para Marx, ao serem superadas as concepções ontológicas idealistas anteriores, a essência e o fenômeno seriam as distintas funções que exercem no interior da processualidade da qual são determinações, constructos da história do ser social e concentram os elementos de continuidade do desenvolvimento humano-genérico.

Segundo Lukács (2013), o trabalho é o momento inaugural de uma ontologia do ser social, determinado como a atividade na qual se tem o pôr teleológico primário, elemento que diferencia os âmbitos do natural e social. Se o trabalho é condição essencial e insuprimível da troca entre homem e natureza, Lukács reconhece, a partir das considerações de Marx, o trabalho como protoforma de toda a atividade humana, na medida em que este dá origem ao ser social. Assim, a partir do trabalho, o ser social se evidencia produzindo formas sociais cada vez mais autênticas, através da superação do ser natural, embora sempre o supondo e dele partindo, pois, para que o trabalho seja modificado, é preciso o domínio sobre a natureza, das propriedades e das coisas, “Ser natural - suas categorias - são a base para o ser social” (Martinelli & Moraes, 2012, p. 4).

Para Marx (1982, p. 18), “as categorias exprimem [...] formas de modos de ser, determinações da existência.” Configuram-se como estruturas que a razão extrai do real, reproduzindo o que realmente existe, relacionadas com o contexto de relações sociais, que, por sua vez, são contraditórias. Precisam corresponder a situações concretas de cada tempo e lugar. Portanto, se são produzidas a partir do seu contexto, são dialéticas e dinâmicas, pois se realizam a partir do movimento, possibilitando, desse modo, a compreensão dos fenômenos concretos. Assim, considerando-se o exposto, é importante ressaltar que as reflexões contidas neste capítulo dizem respeito à categoria mediação, não somente como capacidade de apreender o real, mas, de forma particular, como capacidade de transformá-lo, revelando as intermináveis relações no movimento contraditório na história. Portanto, essa categoria pressupõe a apreensão dos determinantes da ontologia do ser social.

Ressalta-se que a categoria “mediação” é compreendida como um conceito básico que reflete aspectos gerais e essenciais da realidade social, na análise de sua multiplicidade e de suas conexões e relações; desse modo, constitui, ao lado das categorias contradição e totalidade, a base que compõe a dialética. Compreende-se que a mediação expressa as relações concretas e relaciona dialeticamente os momentos distintos de um todo, de modo que é, a partir dela, que a consciência tem a possibilidade da superação das contradições.

Vygotsky, em seus pressupostos, considera o conceito de mediação a partir do uso e apropriação de instrumentos no plano material e psíquico. Os instrumentos possuem um papel primordial para que se compreendam as relações entre o ser humano e o mundo via campo psicológico. Assim, nessa relação do ser social com o mundo, Vygotsky descobre um elo intermediário que possibilita ao indivíduo, em sua consciência, realizar as interpretações do

mundo. O ser social, assim como na vida concreta, apropria-se de certos instrumentos e os utiliza para transformar a si e à natureza ao seu redor. No plano mental, a partir da internalização de diferentes instrumentos psicológicos, Vygotsky afirma que é possível, ao ser humano, desenvolver suas funções psíquicas superiores e atuar no mundo através da mediação.

Antes de discorrer sobre a categoria da Mediação e explicar como Vygotsky se apropriou desse conceito, considera-se relevante abordar sobre a concepção de Hegel e de Marx, que a utilizam como ponto de partida para compreender o Materialismo Histórico Dialético, de modo a favorecer a melhor compreensão dessa categoria.

### *2.2.1 Mediação para Hegel*

O termo mediação deriva do latim *mediare*; entre outros significados, de acordo com Ferreira (2013, p. 1), significa “intervir, ato ou efeito de mediar, ato de servir de intermediário entre pessoas ou grupos”, ou seja, é frequentemente utilizada para apontar uma intervenção com a qual se busca constituir um acordo, com a finalidade de igualar ou homogeneizar termos. Porém, quando entendida numa perspectiva filosófica, a mediação significa uma relação de tensão entre termos diferentes: imediato e mediato. Estes se contrapõem entre si e são denominados de pares dialéticos. “Estes pares dialéticos compõem as categorias filosóficas permitem ao sujeito apreender, analisar e compreender o movimento do real, possibilitando assim, a superação do imediato no mediato” (Arnoni, 2006, p. 10).

Os estudos sobre mediação têm seu início na Grécia Antiga e alcançaram desenvolvimento com Hegel; sendo assim, ela é dialética e não pode ser compreendida fora da perspectiva desse método de análise. Foi Hegel que articulou essa categoria teórica de forma inovadora, cuja influência foi determinante na constituição da dialética marxiana.

A mediação não pode ser classificada como um produto, pois a fundamental relação entre dois termos se reduz à soma de ambos, o que deriva na sua anulação mútua, levando-os ao equilíbrio. Essa noção não tem lugar na dialética; ela aceita somente a ideia de processo que se pauta nas noções de força e movimento. “Desse modo, todo começo prenuncia o fim por meio da sua negação e todo fim, também pela via da negação, remete ao seu começo e a um novo círculo, nele todo fim, implica retorno ao começo engendrando o começo de um novo membro” (Almeida, 2016, p. 3). No novo começo, a negação recíproca entre o começo e o fim permite a superação de

ambos, assim, se a relação desses dois termos não fosse pautada na negatividade, o círculo ficaria fechado e o movimento se restringiria à repetição.

Segundo Almeida (2016, p. 3), “quando se compreende o movimento e a negatividade dialeticamente, a mediação não pode ser pensada como uma soma de vetores que se anulam mutuamente, criando ao mesmo tempo, um ponto de equilíbrio”. Ressalta-se, portanto, a importância de se conceituarem as categorias mediação e dialética, a fim de que se compreenda a relevância que têm nas formulações da dialética de Hegel e Marx.

Hegel situa a ideia de mediação na formação do espírito humano, no centro de seus pressupostos filosóficos. Dessa maneira, na explicação do devir do saber, a consciência passa por várias fases de forma a alcançar o Espírito Absoluto, sendo mediatizado pelo meio histórico dialético de sua própria gênese e desenvolvimento, a partir da interação com a cultura.

Na concepção de Hegel (2005, p. 10), mediação “é a passagem de uma situação para outra, um tornar-se outro, por meio da reflexão sobre si mesmo”. Essa transição é caracterizada pelo dispor de um dado objeto imediato pela consciência e a mediação, “seria sinal de que não se está de posse do objeto mesmo, mas de algo que obteve alguma influência por parte da consciência” (Gaboard, 2013, p. 43). Para Hegel (2005, p. 10), ainda, mediação

Não é outra coisa senão a igualdade consigo mesmo, semovente, ou a reflexão sobre si mesmo, o momento do Eu para-si-essente, a negatividade pura ou reduzida à sua pura abstração, o simples vir-a-ser. O Eu, ou vir-a-ser em geral, - esse mediatizar - justamente por causa da sua simplicidade, é a imediatez que vem-a-ser, o imediato mesmo.

Entende-se que a mediação, na perspectiva de Hegel, tem o sentido de refletir sobre si mesmo. O ser imediato, o homem, só vai superar a sua animalidade em um processo constante de transformação e apropriação de conhecimento, de tornar-se sujeito, em contínuo vir-a-ser de si mesmo. Inicialmente, é um ser simples e imediato; com a reflexão que realiza torna-se o ser mediatizado, diferente e superior ao que existia. Ocorre, assim, a sua passagem de um *status* para outro.

Para Hegel, o ser humano que só lidava com as coisas que existiam naturalmente, ao observá-las conscientemente começa a modificá-las, ou seja, ao realizar as operações de assimilação, produz outro nível de consciência para si. Esse filósofo afirma, ainda, que deve ser necessário o esforço para “chegar ao pensamento da Coisa em geral e também defendê-la ou refutá-la com razões, captando a plenitude concreta e rica segundo suas determinidades” (Hegel, 2005, p. 3).

Nessa perspectiva, para a filosofia de Hegel “a mediação é um momento da dialética em que o ser retorna a si através da negação e este movimento, característico da mediação, é um movimento essencial do ser que consiste em sair da imediatez, em negá-la e retornar a si” (Hegel, 2008, p. 78). Mas também é importante apontar que, de acordo com Hegel, as dimensões imediata e mediata são essenciais para o entendimento da mobilidade dialética que concebe a realidade, percebida pelo ponto de vista da totalidade.

Desse modo, para ele, o universal é a totalidade e a mediação ocorre no movimento entre a universalidade e a singularidade. “A Ciência da Lógica, de Hegel, dá expressão conceitual para a vinculação entre essas categorias, estabelecendo relações entre lógica e história” (Masson, 2018, p. 5). Assim, Hegel traz uma importante contribuição para a compreensão das categorias essenciais da dialética e, desse modo, Marx parte de seus estudos para desenvolver sua teoria.

### *2.2.2 Mediação para Marx*

Marx faz críticas incisivas ao sistema de mediação elaborado por Hegel, bem como ao procedimento filosófico que este adota, típico do idealismo alemão. Ele promove um método de conhecimento da realidade que posiciona mediação como categoria fundamental nas relações de contradição, tanto entre categorias, quanto entre polaridades internas de cada uma delas. Marx se apropria de alguns pressupostos de Hegel e conceitua mediação, mas refuta a forma como este a concebe.

É fundamental ressaltar que Marx não nega a mediação como reflexão de si mesmo, o simples vir-a-ser; o que ele refuta é a mediação exclusivamente como atividade cerebral, fechada no ambiente mental apartado do mundo real. Para Marx, na perspectiva idealista hegeliana, a mediação é apenas um exercício de ideias realizado pela mente, restrito a ela mesma, ou seja, é somente exercício mental, construção de uma realidade que não é verdadeira, momentos de pensamento que não determinam as ações de transformação do real. Para Lukács (1978), embora Hegel busque o reflexo da realidade objetiva em sua lógica dialética, este não compreende o conhecimento como reflexo do processo objetivo, diferentemente de Marx.

Para Marx, a mediação é uma das categorias da dialética que estabelece conexões entre os fatos objetivos e os conteúdos subjetivos do ser social, mas seu campo de atuação é concreto, é material. Portanto, a mediação, pelo fato de se expressar como uma categoria da realidade, é



ontológica e, portanto, está na constituição do ser social, na medida em que este, enquanto indivíduo, se relaciona com o mundo. Como categoria, “é uma categoria objetiva, que tem que estar presente em qualquer realidade independente do sujeito”. É metodológica, “na medida em que orienta um modo de olhar e apreender o real, colocando-se como auxílio fundamental para tanto, pois a realidade é uma totalidade contraditória que só pode ser compreendida por meio da mediação” (Lukács, 1978 citado em Pontes, 1995, p. 2). Portanto, a mediação é a condição necessária para que o ser social apreenda os aspectos externos que são apropriados por ele e passem a constituir os elementos internos dos sujeitos em determinada realidade.

Marx instaura novos fundamentos, combatendo a ordem natural das coisas, ao analisar o movimento do real e da história, argumentando a materialidade das coisas. Atribui à mediação a concepção terrena, material e concreta, os seres humanos ativos têm processos reais de vida, desenvolvem “reflexos e ecos ideológicos deste processo de vida” (Marx, 1984, p. 23). Assim, a grande contribuição da filosofia de Hegel para o pensamento de Marx foi o método dialético.

Como mencionado anteriormente, a dialética de Hegel corresponde ao movimento racional que permite a superação de uma determinada contradição, em que cada fase nega e supera a anterior em um processo contínuo de movimento. Nessa perspectiva, um determinado estado das coisas que se contrapõe, ou seja, a negação do período inicial, cujo resultado é a síntese, que traz elementos das duas instâncias anteriores e que se transmuta em uma nova tese, dá continuidade ao processo.

A história, para o idealismo hegeliano, poderia ser concebida como uma sucessão de oportunidades, considerando somente a oposição ao momento precedente em um contínuo movimento da razão, sendo que o indivíduo histórico é abstrato, é o sujeito em si. Contudo, para Marx (1998), esse modelo de análise da realidade não consegue englobar as instâncias concretas da vida social, mantendo-se restrito ao domínio das ideias.

Esse filósofo se apropria do modelo dialético, invertendo sua estrutura, ao estabelecer que as causas do devir histórico eram materiais, ou seja, sociais, econômicas e produtivas. Nesse sentido, desenvolve a concepção de que o que determina a consciência é a existência, da mesma forma como supera o determinismo contido no materialismo tradicional de Feuerbach, que também influenciou o seu pensamento.

Marx denominou o seu método de análise da realidade de materialismo histórico dialético, pois está ordenado em um constante devir, com suas raízes a partir das condições materiais de

existência, analisa a sociedade a partir das relações econômicas correspondentes a cada período histórico, na qual a evolução ocorre dialeticamente. Assim, esse sociólogo tem, como princípio fundamental, a necessidade de compreender e de explicar os objetos e fenômenos investigados, tais quais eles se apresentam na prática.

Nesse sentido, Martins e Lavoura (2018, p. 3) afirmam que há um pressuposto de análise em questão que não se deve deixar de evidenciar: “a dimensão epistemológica do conhecimento científico que permite a humanidade a sistematizar um conjunto de postulados acerca de como é possível conhecer a realidade natural e social.” Nesta, está incluída a dimensão ontológica dessa mesma realidade, aquela que possibilita evidenciar o que ela é verdadeiramente, que por meio da atividade prática realizada pela coletividade dos homens se constitui historicamente e socialmente.

De acordo com esses autores, tal premissa possui duas características importantes: a primeira está relacionada à consideração e ao reconhecimento da objetividade da realidade. Os elementos constitutivos da prática social existem, independentemente do conhecimento e da consciência humana, são reais, e apresentam uma estrutura e dinâmica interna de funcionamento efetivo a qual pode ser apreendida pela consciência humana pelo processo mediado subjetivação e objetivação (Martins & Lavoura, 2018).

Diante do pressuposto da dimensão ontológica como legitimamente anterior à dimensão epistemológica, processa-se o segundo aspecto do método em questão: os seres humanos podem apreender gnosiologicamente os objetos e fenômenos da realidade concreta, ou seja, é possível explicar, apreender o que as coisas são verdadeiramente em sua existência efetiva.

Como já foi exposto, em função de haver impossibilidade de uma relação direta entre o sujeito e objeto, há necessidade de um complexo de mediações abstratas para se chegar ao concreto. Há, portanto, duas formas de ver a realidade: uma aparente e outra que se constitui como a essência do fenômeno. A primeira é imediata; a segunda está imediatamente oculta, “é somente por meio das mediações que é possível se apreender como se dão as relações entre o todo e as partes, como o todo se constitui, quais as suas particularidades e como aquela parte é passível de representar” (Santos, 2010 p. 89).

Para Mézáros (2013, p. 57), as categorias de totalidade, contradição e mediação estão plenamente articuladas na leitura do materialismo histórico-dialético, pois por meio da apreensão dialética é que se pode compreender as complexas mediações que estruturam a totalidade social,

e, assim, é possível partir da universalidade abstrata à concreta, e o que torna a universalidade precedente numa particularidade, como explicitado por Lukács (2013).

Totalidade social sem ‘mediação’ é como ‘liberdade sem igualdade’: um postulado abstrato – e vazio. A ‘totalidade social’ existe por e nessas mediações multiformes, por meio das quais os complexos específicos – isto é, as ‘totalidades parciais’ – se ligam uns aos outros em um complexo dinâmico geral que se altera e modifica o tempo todo (Mézáros, 2013, p. 58).

Portanto, não há nada que pode existir fora do complexo mutável das mediações concretas da realidade social (Mézáros, 2013), e é justamente nesse sentido que está a compreensão e a importância da categoria mediação na apreensão da realidade social.

Para Vygotsky (1999), o ser humano interage com outros sujeitos para compreender-se e se integrar ao mundo, que, por sua vez, é revestido de significados culturais apreendidos com a participação de mediadores, que criam possibilidades de reelaboração da realidade. Essa realidade se estabelece como um elo em que o signo, a atividade e a consciência se inter-relacionam socialmente. Os mediadores são os instrumentos que transformam a realidade, em vez de imitá-la. Assim, o conceito de mediação tem um papel fundamental na teoria desse pensador, pois o desenvolvimento das funções psíquicas superiores é desencadeado por ela, através dos instrumentos e signos.

Para compreender como são constituídos os processos psíquicos, é necessário entender os mecanismos de apropriação da realidade que são dependentes da mediação - uma categoria da dialética que permite apreender os vínculos e as relações que se estabelecem entre o todo e as partes.

A totalidade, na concepção dialética da realidade, pressupõe um conjunto estruturado cujas partes coexistem: “O todo não é a mera soma das partes, mas possui diferenças qualitativas e um tanto independentes em relação a elas; as partes, no que lhe concerne, trazem peculiaridades do todo e podem atuar como representante dele, embora possua características particulares” (Arnoni, 2006, p. 4). Nesse sentido, qualquer fenômeno considerado como parte do todo e em relação a ele, pode ser compreendido. De acordo com esse mesmo autor, “os fatos isolados são meras abstrações, são momentos separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente ganham significado e concentricidade” (Arnoni, 2006, p. 4).

Veja-se, no item a seguir, como Vygotsky entende essa categoria no seu arcabouço teórico.

### 2.2.3 Mediação na teoria de Vygotsky

Esse psicólogo, baseando-se no referencial teórico metodológico do marxismo, introduziu o conceito de mediação a partir da categoria trabalho, e é considerado um dos mais originais e mais importante, em sua teoria. Já foi visto que são elas que estabelecem conexões entre os fatos objetivos e os conteúdos subjetivos, as quais vão constituir as categorias fundamentais do psiquismo humano. A objetividade do ser humano é produzida pelo modo como ele age, fala e sente, o qual leva à subjetividade psíquica, que se constitui pelas categorias atividade, consciência, identidade e afetividade. Estas não são observadas empiricamente, mas são detectadas nos procedimentos da análise.

De acordo com Oliveira (2005, p. 26), Vygotsky define: “mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.” O autor acrescenta que, para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, o processo de mediação por meio de instrumentos materiais e psicológicos é primordial, pois distingue o ser humano dos outros animais. “A mediação é um processo essencial para tornar possíveis as atividades psicológicas, voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo” (Oliveira, 2005, p. 33).

Como já foi mencionado, os instrumentos materiais são físicos e permitem que o ser humano atue sobre a natureza, transformando-a, ou seja, permitem e regulam as ações sobre os objetos, por isso as ações são orientadas externamente. Os instrumentos psicológicos estão direcionados para o que é interno, viabilizam e regulam as ações sobre o psiquismo, e atuam como mediadores na formação da consciência. Estão voltados para o controle do próprio indivíduo, auxiliando na resolução de problemas psicológicos como: lembrar, planejar, comparar, representar, entre outros. Uma vez internalizados, provocam “transformações comportamentais e estabelecem um elo entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual” (Vygotsky, 2007, p. 26).

Considerando essas reflexões, é possível afirmar que o ser humano utiliza instrumentos tanto no trabalho como na ação sobre o mundo para transformá-lo. Essa ação é mediada por símbolos e instrumentos que se caracterizam como elementos entre o sujeito e o objeto para a realização de uma atividade, seja através da modificação da matéria/natureza ou da apropriação da cultura.

O trabalho é a primeira forma de atividade consciente que liga o ser humano à natureza, e é caracterizado por dois elementos interdependentes: o uso e a fabricação de instrumentos, e o fato de ocorrer em condições coletivas. É, portanto, um processo mediatizado pelo instrumento e pela sociedade. O instrumento é o objeto social com o qual se realiza uma ação e no qual estão incorporadas e fixadas as operações de trabalho historicamente elaboradas. Essas características do trabalho já eram anunciadas por Marx, em “O Capital”, no Cap. VI, quando afirma que se trata de:

Um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza como uma de suas forças [...] atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nele adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (Marx, 1985, p. 142).

Nessa concepção, o trabalho é a base de toda a sociabilidade e do processo de objetivação-subjetivação tipicamente humano. A centralidade da categoria mediação deriva diretamente da centralidade do trabalho, que é o meio pelo qual o ser humano, destacando-se da natureza, entra em contradição com ela, precisando negá-la para afirmar sua humanidade. Assim, o homem, para existir, tem que produzir sua própria vida, agindo sobre a natureza e transformando-a. Dessa maneira, a natureza se apresenta como o meio na qual o indivíduo vive e como o meio pelo qual ele vive.

Darcoleto (2006, p. 4), em seus estudos, afirma que trabalho como atividade produtiva é caracterizado por Marx como mediador “de primeira ordem”, pois o homem transforma a natureza para seu próprio benefício, e, ainda, compreende o mundo em que vive, bem como a sua função de sujeito que modifica a história. Desse modo, para Marx, na relação que ocorre entre a natureza e o ser humano, a primeira é o imediato e, a segunda, o mediato.

De acordo com Kahhale e Rosa (2009, p. 31),

Mediato contrapõe-se, dialeticamente, o imediato. Isso significa tomar o que é imediato como apenas um momento de um movimento que deve ser desvendado em todos os seus aspectos, revelando - se todos os elementos que o constituem como processo. Esses elementos são mediatos, porque não tem ocorrência atual/e regular frente ao fenômeno; ou porque não são dados pela aparência; ou porque são múltiplos; ou porque tem força, presença ou configurações diferenciadas. São mediações.

É por meio da mediação que ocorre o movimento da aparência para a essência, do empírico e abstrato para o concreto, e do singular para o universal, com o objetivo de alcançar o particular. Isso possibilita a apreensão da realidade como contraditória.

Vygotsky elege os princípios e as leis da dialética marxista como método analítico para a compreensão do desenvolvimento do psiquismo humano e para o entendimento das contradições da sociedade produzidas na própria história.

De acordo com Leão (1999), a consciência é o conjunto de funções e processos que permitem ao indivíduo o conhecimento do mundo. Caracteriza-se por compor e promover o funcionamento psíquico, e seu desenvolvimento é possibilitado pelas relações sociais que são estabelecidos pelos indivíduos.

Portanto, é por meio da atividade que a consciência se objetiva no comportamento do homem. Essa objetivação só é finalizada quando o grupo apreende o comportamento emitido pelo indivíduo e o significa, possibilitando que sua ação se configure novamente como significado socialmente determinado e aceito. Desse modo, é por meio da dialética objetividade-subjetividade-objetividade que a consciência é formada, num processo contínuo e pautado pelas mediações. (Santos, 2010).

A passagem à consciência, segundo Leontiev (1978, p. 69), é o início da primeira etapa superior do desenvolvimento do psiquismo, porque “a consciência humana distingue a realidade objetiva do seu reflexo, o que a leva a distinguir o mundo das impressões interiores e torna possível, com isso, o desenvolvimento da observação de si mesmo.”

O que determina a base e as condições do desenvolvimento da consciência são os conteúdos sensíveis ou imagens sensoriais, cuja principal propriedade estrutural é a relação que liga os seus principais componentes: o sentido e o significado. O significado tem sua gênese na interação do ser humano com o meio social, e é produzido historicamente e mediado pela linguagem.

Para Leontiev (1978, p. 94), a significação

[...] é a generalização da realidade que é cristalizada e fixada num vetor sensível, ordinariamente a palavra ou a locução. É a forma ideal, espiritual da cristalização da experiência e das práticas sociais da humanidade. [...] No decurso da sua vida, o homem assimila a experiência das gerações precedentes, este processo realiza-se precisamente sob a forma da aquisição das significações e na medida desta aquisição. A significação é, portanto, a forma sob a qual um homem assimila a experiência humana generalizada e refletida.

Quanto ao sentido, este é definido como uma relação que se cria a partir da prática do indivíduo, ou seja, é a maneira particular de interagir e interpretar os fenômenos da realidade externa. Nas palavras de Leontiev (1978, p. 97), “o sentido consciente é criado pela relação

objetiva que se reflete no cérebro do homem, entre aquilo que o incita a agir e aquilo para o qual a sua ação se orienta como resultado imediato.”

Quando o indivíduo apreende as relações como suas, e as torna conscientes, mediadas pela atividade, ele acaba por estabelecer a relação entre significado social e sentido individual. Essa relação possibilita ao homem a ampliação da sua visão de totalidade, faz com que ele reflita sobre as ações realizadas e os sentidos a elas atribuídos, e confronta-as entre si e com as das outras pessoas, transformando as experiências anteriores, levando a uma série de modificações nas suas concepções e na sua subjetividade, e favorecendo a formação de sua consciência e identidade.

De acordo com Leontiev (1978 p. 100), o método de estudo elaborado por Vygotsky consiste em “encontrar a estrutura da atividade humana engendrada por condições históricas, depois, a partir dessa estrutura, pôr em evidência as particularidades psicológicas das estruturas da consciência dos homens.” Nessa perspectiva, a consciência (e seu respectivo processo psíquico) é percebida como um produto da história humana, e são as condições concretas que vão constituir a base do desenvolvimento dos seus processos. Segundo Melo (2009, p. 9), “o reflexo subjetivo do mundo objetivamente existente resulta da interação do ser humano com a realidade, através da atividade prática humana.”

Esses pressupostos se referem ao método funcional da dupla estimulação de Vygotsky, que presume o estudo do psiquismo humano através da modificação da natureza interna e externa do homem, em uma relação dialética no processo de interação entre o homem e a natureza por meio das mediações dos objetos materiais e ideias elaboradas historicamente pelo próprio homem. Nesse processo, as mediações sociais e culturais ocupam lugar de destaque.

#### *2.2.4 Mediação social e cultural para Vygostky*

A mediação social é apontada como o caminho principal para o desenvolvimento da inteligência prática, sendo, também, um aspecto importante para a atitude se tornar socializada. Ou seja, de acordo com Vygotsky e Luria (2007), a mediação social está envolvida com a atividade intelectual e o controle da própria ação na elucidação de problemas práticos, procedimento que resulta da “aplicação de uma atitude social voltada para si mesmo, a transferência de uma forma social de conduta a organização de sua própria psique” (Vygotsky, 2007, p. 32). Nesse processo

intelectual, a fala tem uma função primordial, pois torna-se um instrumento para a solução organizada de problemas práticos.

É fundamental ressaltar que a mediação social, ao se combinar com uma estrutura psíquica complexa constituída pela percepção, fala e ação, tem um papel importante na diferenciação entre a psicologia animal e a psicologia humana, na solução dos problemas. Foi o desenvolvimento da linguagem pelo ser humano que possibilitou esse salto evolutivo, tendo em vista que é por meio das palavras que o homem pensa e se comunica. Desse modo, a linguagem é fundamental para o processo de mediação, na medida em que se torna instrumento de contato com a realidade social.

A interação do indivíduo, em um ambiente histórico e social, faz-se pela linguagem, que desempenha um papel fundamental, como principal instrumento de mediação da realidade, possibilitando a mediação cultural. De acordo com Vygotsky e seus seguidores Leontiev e Luria, é a cultura que distingue o ser humano dos outros animais, visto ser o homem, produtor de cultura, um ser social e cultural. “O homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade” (Leontiev, 2004. p. 279).

O ser humano, ao transcender e transformar o mundo, vai se humanizando e se constituindo como sujeito da cultura. Leontiev destaca três características do processo de apropriação da cultura pelos indivíduos. A primeira delas se dá no processo de comunicação entre eles. O ser humano, por meio da transmissão da cultura, “reproduz os traços essenciais da atividade acumulada no objeto” (Leontiev, 1978, p. 268). A segunda está relacionada às “aptidões e funções humanas historicamente formadas” reproduzidas nos indivíduos (Leontiev, 1978, p. 169). A terceira característica é que tal processo é sempre mediatizado pelas relações entre os indivíduos, caracterizando-se como um processo de transmissão de experiência social. O indivíduo se constitui apropriando-se dos resultados da história social, objetivando-se no interior dessa história, sua constituição se realiza por meio da relação entre objetivação e apropriação.

Dessa forma, o processo de apropriação surge, antes de tudo, na relação entre o ser humano e a natureza. Nessa relação, o ser humano, pela sua atividade transformadora, apropria-se da natureza, incorporando a prática social. Ao mesmo tempo, ocorre o processo de objetivação, pois o ser humano produz uma realidade que adquire características socioculturais, acumulando a atividade de todas as gerações da espécie humana que o precederam. Esse processo gera a necessidade de outra forma de apropriação, que é a apropriação dos produtos culturais da atividade



humana, das objetivações do gênero humano, aqui entendidas como os produtos da atividade social.

Desse modo, parte-se da compreensão de que toda atividade humana ocorre pela mediação de diversos componentes da cultura e pelo processo interativo com o outro. Vygotsky destaca o uso de instrumentos e signos entre os homens, e entre os homens e a natureza. Para ele, esses recursos são fundamentais para a constituição de novas formações psicológicas, e seu uso só foi possível porque o ser humano, ao produzir sua sobrevivência, produziu e os tornou mais complexos.

Os instrumentos podem ser algo concreto que potencializa a ação material dos seres humanos. Está direcionado para o exterior, para os objetos externos, permitindo a atuação ou controle sobre a natureza. Ao usar os instrumentos, o homem realiza uma extensão de sua própria força, e modifica a natureza, efetivando a atividade de trabalho e produzindo sua cultura.

Os sinais ou signos potencializam a ação mental, representa algo que permite acesso ao mundo simbólico da cultura, constituem a produção cultural, uma característica da espécie humana. Os signos são criados pelo ser humano e possibilitam a transformação ativa da natureza do indivíduo, promovendo sua adaptação ativa; assim, ao se adaptar, o homem transforma sua atividade e regula sua conduta. As palavras são signos que substituem objetos do mundo real.

A língua e a linguagem têm relevância no processo de mediação cultural, pois são constituídas por signos que possuem códigos para a comunicação e permitem a elaboração de representações mentais, as quais substituem os objetos do mundo real. O uso dos signos pelos seres humanos possibilita o desenvolvimento e a realização das operações psicológicas superiores complexas, como a percepção, memória, atenção, imaginação, entre outras, que são fundamentais para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores a partir dos processos elementares de origem biológica.

A mediação cultural acontece através da interiorização e da redefinição do conhecimento adquirido e previamente objetivado no outro, ou nos objetos, e de bens culturais e da humanidade histórica. Nessa perspectiva, através da língua e da linguagem, o ser humano se comunica e se apropria dos conhecimentos, do saber acumulado, dos desenvolvimentos e dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes e da cultura do seu povo, permitindo que a cultura da humanidade seja preservada e transmitidas as gerações novas,

No próximo tópico discorre-se sobre a constituição do sujeito e da consciência; para compreendê-lo, é necessário considerar os processos engendrados nesse processo. Enfatizam-se, aqui, a subjetividade, individualidade, identidade e a personalidade.

### **2.3 Constituição do sujeito e da consciência**

De acordo com a Teoria Sócio Histórica, o ser humano se constitui a partir da dimensão social e individual da consciência, em que o desenvolvimento se restringe à maneira como o indivíduo apreende a objetividade da realidade, e como os significados sociais que se vinculam diretamente à sua vida às suas necessidades, aos seus motivos e sentimentos, adquirem um sentido pessoal.

Para explicar o processo de humanização, Vygotsky partiu dos pressupostos de Marx; este considera que o humano é produto do enlaçamento da dimensão individual, no sentido biológico e social, no sentido cultural. Melhor dizendo, ao se apropriar da cultura e de tudo que o ser humano desenvolveu e está determinado nas formas de expressão cultural da sociedade, o homem se torna humano. Assim, atuando como seres ativos sobre o mundo, transformando-o, modificam a sua própria constituição subjetiva.

A subjetividade como uma característica humana tem importância fundamental para os estudos de Vygotsky. Nela estão envolvidos os componentes da consciência, da vontade e da intenção que concebe o indivíduo como uma pessoa única capaz de produzir seus significados e sua cultura. A constituição da consciência, por meio da internalização, forma a subjetividade mediante acontecimentos de intersubjetividade, propiciada pela mediação simbólica; para a constituição do sujeito, conforme já mencionado, a linguagem é fundamental.

A constituição da subjetividade do indivíduo ocorre mediante o modo como ele se apropria dos conhecimentos construídos historicamente e desenvolve suas funções psicológicas superiores, como raciocínio lógico, memória, pensamento abstrato entre outras funções. Estas têm sua gênese social, em dois planos. Inicialmente, essa constituição é intersíquica (plano externo), acontece nas atividades coletivas e sociais; depois, torna-se internalizada, ou seja, intrapsíquica, como propriedade interna do pensamento.

Nesse sentido, a constituição do sujeito se faz por meio das relações sociais e das práticas sociais, na dinâmica dialética entre o funcionamento interpsicológico e o funcionamento

intrapicológico, transição que ocorre pelas mediações semióticas. Estas, por sua vez, permitem e sustentam a relação social, pois é um processo de significação que possibilita a comunicação entre as pessoas e a passagem da totalidade a particularidades e vice-versa. É importante ressaltar que o significado possui constituição diferente do significante. O significado está ligado à consciência; sua presença e sentido impulsiona novas conexões e novas atividades da consciência, em uma dimensão semiótica.

Segundo Vygotsky (1996, p. 188), “a análise semiótica é o único método adequado para estudar a estrutura do sistema e o conteúdo da consciência”. Consciência, em Vygotsky, pode ser entendido como

uma função de origem social, em que os signos têm atribuição essencial em sua constituição. Sua transformação envolve motivações mediadas por emoções, sentidos e significados, constituindo-se, dessa forma como um processo que coordena o mundo e coordena as ações humanas” (Carvalho et al., 2010, p.10).

Esses autores explicitam que a consciência, como função de origem social que regula o contato com outros indivíduos, tem como propriedade o significado das palavras, que é convertido em sentidos pessoais, conforme as necessidades e emoções que motivaram seu uso. “Nesse sentido, a consciência possui origem social, já que os reflexos reversíveis originados da palavra servem de fundamento para a comunicação social e para a coordenação coletiva do comportamento” (Carvalho et al., 2010, p.10).

No que se refere ao signo, trata-se de uma ferramenta que possibilita a constituição da consciência e sua transformação. De acordo com Vygotsky (2004), os signos são estímulos instrumentais de natureza social, na medida em que através da convivência social formam o sujeito, estão relacionados à capacidade de criação e imaginação; ao atuarem sobre os sujeitos, manifestam-se por igual em todos os aspectos da vida cultural (Vygotsky, 2004 citado em Carvalho et al., 2010).

A consciência, como mecanismo que filtra o mundo, tem a função de refletir sobre a realidade e sobre si mesma, possibilitando a ação do sujeito no mundo, assim o indivíduo pode refletir sobre sua própria atividade e modificá-la. A percepção que o indivíduo tem de si vai desencadear a motivação para atuar no mundo (Carvalho et al., 2010).

Nessa perspectiva, esse homem não pode ser entendido fora do seu contexto social e vínculos, caracterizando-se, desse modo, como um indivíduo concreto, mediado pelas relações sociais, determinado historicamente e socialmente. Assim, o homem é um ser que age, convive em

sociedade e é histórico. Essa é a sua condição humana, a qual lhe possibilita constituir sua consciência.

De acordo com Leão e Santos (2014, p. 42),

A consciência é, portanto, formada quando o indivíduo, por meio da atividade, entra em contato com os significados sócio historicamente desenvolvidos e apreende a realidade, de maneira ativa, criativa, sobre a base e no decorrer da transformação prática da realidade, essa apreensão caracteriza-se pela atribuição de um sentido àquele conteúdo determinado.

A atividade é uma categoria psicológica por meio da qual busca-se explicar como o homem transforma a humanidade e é transformado por ela, e como nessa relação ele internaliza as experiências vivenciadas. A atividade, através do processo de internalização, conduz à constituição da consciência do homem - a sua forma de pensar, de agir, de sentir e a sua capacidade de compreender e de organizar a realidade. Nessa relação de troca com o meio externo, o homem cria objetos e os meios de produção desses objetos, com o fim de satisfazer suas necessidades e as da sociedade na qual está inserido.

A produção da atividade e da reflexão psíquica está ligada ao desenvolvimento histórico do conteúdo da atividade. Isso ocorre porque a cada fase do desenvolvimento da atividade ocorre uma subordinação, cada vez mais completa das operações que a realizam, às propriedades materiais e espirituais do mundo no qual o indivíduo interage.

Para se entender uma atividade humana faz-se necessário analisar-lhe o motivo e a finalidade, uma vez que ela não existe sem motivo - toda atividade tem origem em uma necessidade. Contudo, essa necessidade não pode determinar a forma concreta da atividade que a atenderá, tendo em vista que é somente no seu objeto que ela encontra a sua determinação. Por isso, o processo a se desenvolver está dependente das condições socioculturais às quais o sujeito está submetido.

Outro traço psicológico importante da atividade é que outras experiências psíquicas como as emoções e sentimentos estão ligadas a ela. Essas experiências não dependem de processos separados, particulares, mas são sempre governadas pelo objeto, direção e resultado da atividade da qual eles fazem parte. Nesse sentido, veja-se o que Leontiev (1978, p. 69) observa:

A ação é um processo cujo motivo não coincide com seu objetivo, mas reside na atividade. O objetivo de uma ação, por si mesma não estimula a agir. Para que a ação surja e seja executada é necessário que seu objetivo apareça para o sujeito, em sua relação com o motivo da atividade da qual ele faz parte. Esta relação também é refletida pelo sujeito de uma forma bastante precisa, na forma de conhecimento do objetivo de ação como um alvo. O objeto de uma ação é nada mais que seu alvo direto reconhecido [...]. O motivo da

atividade, sendo substituído, pode passar para o objeto (alvo) da ação, como resultado do que a ação é transformada em uma atividade.

São as ações e operações que fazem a mediação entre o mundo objetivo e o subjetivo, com a função de reorientar o sujeito no mundo objetivo, através do pensamento, da linguagem, das emoções e pelo processo de interiorização de conhecimentos nas diferentes relações sociais que estabelecem.

Para todos os autores dessa teoria, a consciência é uma etapa superior do desenvolvimento do psiquismo humano porque possibilita ao homem a capacidade de discernir entre o objeto e as impressões que se tem dele. Tal entendimento refere-se ao fato de que a base e as condições do desenvolvimento da consciência são determinadas pelos conteúdos sensíveis ou imagens sensoriais, e que sua principal propriedade estrutural é a relação que liga os seus principais componentes: o sentido e o significado desses conteúdos sensoriais.

De acordo com Lane (1999), os significados são aqueles cristalizados no dicionário, ou seja, é a língua institucionalizada carregada de ideologia. É somente através da experiência do indivíduo que o sentido pessoal é construído; desse modo, o caráter ideológico daquele significado dicionarizado é percebido. Em outras palavras, nos significados estão cristalizados, sob a forma de linguagem, o modo de existência da humanidade. Os sentidos têm sua origem na prática do indivíduo: é através dela que se pode compreender, interpretar e interagir com a realidade, associada a motivos e afetos.

De acordo com Leão e Santos (2014, p. 42),

O sentido é a subjetivação do significado, a individualização que permite a uma mesma palavra um único significado, mas sentidos diversos para cada indivíduo. O sentido refere-se à soma de todos os eventos psicológicos que cada palavra representa para cada um de nós. Isso ocorre porque a experiência individual da prática social medeia a realidade que aparece em sua significação social. [...]. Assim, o sentido reorganiza a consciência, ao definir quais as funções necessárias à dada atividade, quais comportamentos emitir, quais estímulos selecionar, enfim, como portar-se diante do ambiente que está apresentado em um momento específico.

A consciência se estrutura na relação entre significado e sentido, pelo fato de o sentido ser carregado de emoções e afetividade que mediatizam a relação do indivíduo com a realidade; é o movimento propulsor que realiza a conversão do inconsciente em consciente e vice-versa, e neste processo designa o que será apropriado e a forma como tal apropriação se representará. O sentido, a partir de uma necessidade que se apresenta ao indivíduo em um dado momento, tem a

possibilidade de determinar quais dos conteúdos inconscientes poderão ser restituídos para a satisfação dessa necessidade e quais os que perderão o sentido e ficarão no nível inconsciente.

O sentido, assim como a consciência, também possui um caráter social. De acordo com Leão e Santos (2014), isso pode ser explicado por dois motivos complementares. O primeiro deles é o significado. Assim explicitam os autores:

O significado do qual o sujeito se apropria por meio de sua atividade é socialmente estabelecido e decorre das características presentes no contexto em que ele está inserido, principalmente do modo de produção da vida em diferentes épocas, das instituições, etc. Diferentes contextos implicarão diversas formas de explicação da realidade. Portanto, os sentidos que serão construídos pelos indivíduos, no decorrer das suas atividades, são únicos por serem ligados à própria relação com a realidade, mas dependem daquelas explicações sociais condensadas nos significados. O significado existe objetivamente independente dos sujeitos particulares. Entretanto, no indivíduo ele só integra a consciência quando lhe é atribuído um sentido (Leão & Santos, 2014, p. 42).

Desse modo, pode-se afirmar que não há sentido sem o significado dos conteúdos que não são considerados pelo grupo social no qual o indivíduo está inserido. Assim, quem determina as capacidades e os limites das explicações individuais para a realidade é a sociedade.

O segundo motivo complementar apresentado pelos autores é a síntese:

A síntese estabelecida entre o sentido e o significado precisa ser objetivada, sob a forma de comportamento e referendada por aqueles que compõem o mesmo grupo social, para se caracterizarem como aspecto consciente do psiquismo. Quando tais objetificações são reprimidas pela sociedade, elas passam a compor o inconsciente (Leão & Santos, 2014, p. 42).

Desse modo, o fundamental para a constituição da consciência individual é a mediação do grupo, também responsável pela organização dos conteúdos que serão conscientes e os que serão inconscientes. As mediações, por serem construções sociais, são determinadas de acordo com as necessidades e características do contexto no qual o indivíduo está inserido.

Os mediadores estão presentes na cultura e na relação com o outro que determinará quais as características que tais mediações adquirirão no indivíduo. [...] É a cultura que vai determinar quais aspectos permanecerão inconsciente para o indivíduo por torná-los desnecessário (Santos, 2010, p. 130).

Santos (2014) afirma que para a apreensão da cultura é preciso um processo de escolarização, em que um indivíduo possui o domínio sobre determinado aspecto da cultura e transmite aos demais. O autor afirma, ainda, que a educação possui uma intrínseca relação com o inconsciente:

O fato de a educação desenvolver a consciência é a principal constatação da forma que o inconsciente sócio-histórico se relaciona com a educação. Ela permite a apropriação da cultura, portanto instrumentaliza [...] torna o social em individual e permite o movimento contrário, que é a objetivação da subjetividade. A educação, portanto, diminui o inconsciente, e também determina o seu conteúdo (Santos, 2010, pp. 243-244).

Desse modo, considera-se que a escola, ao executar as determinações de como serão construídos os mediadores e os conteúdos sobre os quais atuarão, interfere na constituição da consciência e do inconsciente. Assim, a escola proporciona os registros mais elaborados da cultura que, quando apropriados pelo sujeito, constroem sua realidade interna, determinando as formas como ele irá atuar no mundo. Não ter escolarização implica em não desenvolver uma série de mediações que estabelecem aspectos inconscientes na vida das pessoas; elas encontrarão, na sua realidade, propriedades da cultura que não poderão tornar consciente por não terem as mediações necessárias para tal.

Com base nessas considerações, neste estudo analisa-se, nos discursos dos estudantes sujeitos da pesquisa, a subjetividade decorrente do que foi interiorizado na experiência do movimento pendular e das atividades educacionais. Busca-se, assim, identificar alguns dos conteúdos e processos conscientes que a caracterizam.

Considera-se que o significado e o sentido da atividade discente, a atuação e os conhecimentos universitários têm consequências diretas não só no processo de formação profissional do indivíduo, mas também no desenvolvimento de sua subjetivação, tendo em vista que a atividade acadêmica e os discursos ali perpassados propiciam elaborações de sentidos próprios e múltiplos, que representam o processo de formação da consciência e de identidade do indivíduo. Nesse sentido, no processo de subjetivação dos sujeitos, o espaço e o tempo vivido na universidade têm importância fundamental, bem como os movimentos pendulares.

Compreende-se que, para terem consciência dos movimentos pendulares que se trata, aqui, é imprescindível que os acadêmicos envolvidos nessa atividade atuem, analisem e pensem os diferentes significados socialmente produzidos sobre esse processo. A participação deles no processo do movimento pendular exige uma reflexão contínua de como este interfere na vida daqueles, de tal modo que lhes promova um sentido novo, instrumentalizando-os para empreenderem uma transformação da realidade.

A contínua reflexão sobre as contradições entre os significados do mundo e o sentido pessoal, entre o que se apreende do meio e o que isto representa, em termos pessoais e em de história de vida, permite ao homem a expansão da sua visão da totalidade, constituindo sua identidade. Caso não ocorra a superação das contradições pela reflexão sobre os novos significados e sentidos, há uma estagnação do processo de identidade, ou seja, o homem identifica-se somente pelos aspectos determinados socialmente e não pela dialética entre subjetividade e a objetividade propiciando então a relação de poder e a formação de mitos, distorcendo as necessidades individuais.

Pode-se afirmar, portanto, que a consciência é o conhecimento que os indivíduos têm da realidade e a atividade orientada por esse conhecimento na própria realidade. Desse modo, ao se considerar que a consciência dos estudantes indígenas participantes deste estudo é mediada pelas condições impostas na prática do deslocamento pendular, leva-se em conta que esses processos também incidem sobre suas personalidades. Ocorrem alterações nos aspectos pessoais e sociais que viabilizam os processos de identificação, tanto em relação aos indivíduos quanto aos grupos.

Descreve-se, a seguir, o processo de constituição da personalidade na perspectiva da teoria sócio histórica.

## **2.4 Personalidade**

Na Psicologia Sócio Histórica além da subjetividade, da individualidade, e da identidade, a personalidade também faz parte da constituição da consciência. Considera-se relevante, antes de se discorrer sobre a personalidade, revisitar o conceito de subjetividade e fazer uma breve exposição sobre a individualidade e a identidade. A subjetividade é entendida como processo e resultado, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É algo profuso e que constitui a singularidade de cada ser humano.

De acordo com Vygotsky (1995), o desenvolvimento da subjetividade acontece pelo estabelecimento de relações contínuas entre o interno e o externo, vínculo que descreve o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Desse modo, a subjetividade a partir de determinadas condições de vida possibilita ao homem apropriar-se das produções da humanidade que constituem indivíduos únicos. A subjetividade é que leva o indivíduo a pertencer ao gênero humano, ou seja, tornar-se universal, singular e único.



A universalidade está relacionada às oportunidades criadas pelos indivíduos, que podem ser apropriadas por eles, o que lhes permite produzirem meios de satisfazerem as necessidades e o conhecimento resultante dessa atividade, “tornando-os órgãos da sua individualidade, transformando-os em seu corpo inorgânico e em condição de sua existência” (Silva, 2009, p.172).

De acordo com essa autora, a singularidade é o produto da história, das condições sociais e matérias do homem, o modo como ele se relaciona com a natureza e com os outros homens, é o que o diferencia do outro, é o que o torna único na ontogênese humana (Silva, 2009). É somente na relação com outros homens que o homem se individualiza por meio da subjetividade. O modo como o indivíduo apreende e representa a realidade permite a construção e a atribuição de significados às suas apropriações e objetivações, construindo, a partir das relações sociais, sentidos a essas de maneira única; é a sua singularidade que é constituída pela mediação do particular entre o singular e o universal.

A particularidade representa a expressão lógica da categoria mediação entre o específico e o geral, que não podem ser entendidos de modo isolado, por si mesmos, mas na relação de um com o outro. Silva (2009) ressalta que não se pode perder de vista nenhuma dessas categorias e nem as empregar de modo inadequado, apesar de ocorrerem equívocos em duas situações:

O primeiro refere-se à delimitação do que seriam os polos extremos da relação singular-particular-universal. A categoria de “sociedade” é algo mais imediatamente percebido do que a categoria de gênero humano. Nessa sequência de raciocínio baseada na obviedade, na imediatividade do que é perceptível, a relação indivíduo-sociedade passa a ser relação a ser considerada nas análises, como se correspondesse à relação singular-universal. Obviamente, como consequência imediata dessa escolha, a categoria de gênero humano fica descartada. Como esse processo é impulsionado pelo óbvio, esse descartar nem chega a ser percebido por muitos. O segundo erro refere-se ao fato de que a realidade da categoria de “indivíduo” e de “sociedade” é concebida como sendo aquilo que está sendo manifestado, aquilo que se pode ver, medir, observar, de imediato. Como estamos na sociedade de classes, os polos da relação indivíduo-sociedade se mostram necessariamente antagonísticos, já que este antagonismo é um reflexo das relações sociais de produção que servem à subordinação e domínio – a sociedade de classes. Nesse modo em que o raciocínio fica restrito ao imediatamente dado, às meras manifestações fenomênicas, a vida do homem singular é vista como algo contra- posto à totalidade social. E as mediações sociais, que, na sociedade de classes são alienantes e alienadoras são esquecidas nessa luta lógico-formal do “ou...ou”, isto é, de um lado o indivíduo e do outro lado a sociedade, como se esta pudesse ser eliminada para que aquele pudesse concretizar-se (Silva, 2009 como citado em Oliveira, 2001, p.18).

Assim, nos nexos existentes entre o singular-particular-universal reside o fundamento que sustenta uma autêntica e verdadeira aproximação e compreensão da realidade. Feita essa exposição acerca da individualidade, prossegue-se, então, com a abordagem sobre a identidade.

Essa categoria, de acordo com Silva (2009), foi elaborada por Ciampa, orientando de Lane como substituto da personalidade, mas que explicava a constituição do eu de forma dinâmica, numa forma mais crítica. A autora ressalta que a partir da publicação do livro de Ciampa, em 1987, “A estória do Severino e a história da Severina”, grande parte dos estudos voltados para a constituição do “eu” coordenados por Lane adotaram a categoria “identidade”.

Ciampa (1987, pp. 241-242) define identidade como uma metamorfose, um processo de construção do eu, que permite sucessivas transformações pelas condições sociais e de vida na qual o indivíduo está inserido:

[...] identidade é identidade de pensar e ser. [...] O conteúdo que surgirá dessa metamorfose deve subordinar-se ao interesse da razão e decorrer da interpretação que façamos do que merece ser vivido. Isso é busca de significado, invenção de sentido. É autoprodução do homem. É vida.

É na relação dialética entre as experiências vivenciadas por uma pessoa, nas quais se manifestam seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações, interpondo-se uns aos outros, que a identidade se processa e se constrói. Desse modo, ela é entendida como um processo dinâmico que se constitui das características peculiares ao indivíduo, decorrentes do conjunto de relações sociais vividas por ele e das suas apreensões e mediações feita ao longo de sua história.

Assim, o processo identitário de uma pessoa se constrói nos grupos dos quais ela faz parte, através das relações que estabelece com o meio pelo seu agir, pelo seu fazer. Essa atividade tende a ser cristalizada na relação social através de papéis sociais desempenhados.

Segundo Ciampa (1995, p. 68), a cristalização é um fenômeno resultante das normas sociais que conduzem o comportamento dos indivíduos: “As atividades de indivíduos identificados são normatizadas tendo em vista manter a estrutura social, conservar as identidades produzidas, paralisando o processo de identificação pela reposição de identidades pressupostas, que um dia foram postas.” A identidade aparece, nesse caso, como uma não metamorfose, como um dado, pressuposta, não como um contínuo processo de identificação. Essa não metamorfose deixa de ser real por não trazer em si a realização de possibilidades.

A superação da identidade cristalizada está em considerar a identidade como um processo dinâmico, como uma metamorfose. A identidade assim vivenciada é o movimento que o indivíduo

consegue realizar em direção aos desafios encontrados no seu cotidiano. É quando o indivíduo busca a autodeterminação, rompendo com o círculo vicioso da reposição. A constituição da identidade, nesse sentido, deve ser pensada como um processo dinâmico e, como tal, ela vai se modificando nos vários ciclos da vida do indivíduo, conforme o lugar que ele ocupa no seu grupo. Esse lugar também muda, de acordo com as relações que se mantêm.

Ciampa (1995, p. 63) considera que, nesse movimento, que envolve inevitavelmente ações, pensamentos, sentimentos, relações e interações sociais, ocorre também a primeira noção de identidade: as diferenças e igualdades. Assim, na medida em que vai interagindo nos mais diversos contextos sociais, o indivíduo vai se igualando e se diferenciando de outras pessoas. Esse processo de apreensão de semelhança e diferenças pressupõe critérios que envolvem concepções e percepções adquiridas do meio social e construídos culturalmente. Se existem semelhanças e diferenças é porque nós as determinamos; elas não existem naturalmente, tampouco são inatas.

É no conjunto das relações sociais, em um mundo socialmente produzido por instrumentos, signos, significados e representações, que o processo de identificação ocorre, dependendo do grupo e do lugar que cada indivíduo ocupa nesse grupo. Em virtude da internalização dessa objetivação da realidade em meio as múltiplas determinações como classe social, profissão, entre outras, o indivíduo vai sendo determinado e reconhecido e também se auto determinando através do seu fazer cotidiano. Essa autodeterminação está relacionada à busca de algo; nessa busca, nas relações com os outros que o rodeiam, através das atividades determinadas, o indivíduo vai interiorizando e atribuindo um sentido pessoal e assim constituindo sua individualidade e singularidade.

A individualidade e a subjetividade relacionam-se ao indivíduo. A sua construção ocorre por meio de elementos da filogênese e da ontogênese, da incorporação e do aperfeiçoamento de características acumuladas geneticamente e adquiridas socialmente a partir do nascimento. Para Leontiev (1978, p. 136),

O indivíduo inteiro é produto da evolução biológica [...] é antes de tudo uma formação genotípica. Mas o indivíduo não é apenas isso, sua formação é contínua - como é sabido - na ontogênese, durante o curso de vida. Por isso, na caracterização das mesmas que se formam ontogeneticamente.

Desse modo, os indivíduos, ao longo do seu desenvolvimento singularizam-se, distinguem-se dos demais pelas qualidades naturais que são acumuladas biologicamente, tais como a constituição física, o modo como funcionam os nervos e órgãos do corpo pelos afetos e

desenvolvimento das necessidades biológicas. Esses aspectos se transformam por meio dos processos de objetivação e apropriação, apesar de seu fundamento inato, e são produtos da integração da evolução biológica e ontológica, pela atividade do indivíduo.

Essas condições representam as bases a partir das quais, ao longo de uma histórica evolução, desenvolve-se por meio da atividade, o psiquismo humano. A atividade humana, que por sua natureza é consciente, determinada nas diversas formas de sua manifestação a formação de capacidades, motivos, finalidades, sentidos, sentimentos etc., enfim engendra um conjunto de processos pelos quais o indivíduo adquire sua existência psicológica. O estudo desses processos psíquicos nos leva necessariamente ao plano da pessoa, do homem como indivíduo social real: que faz, pensa e sente, e é nesse plano que nos deparamos com a personalidade (Martins, 2004, p. 84).

Considera-se, assim, que a personalidade corresponde a uma objetivação da individualidade, o estilo pessoal que lhe configura e, como tal, revela-se a continuidade da mudança permanente do processo de individualização. “Seu significado é, portanto, histórico, advindo das funções e realizações do indivíduo em sua vida concreta, ou seja, a personalidade é uma formação psicológica que vai se constituindo como resultado das transformações da atividade que engendra as relações vitais do indivíduo com o meio” (Martins, 2004, p. 86).

De acordo com essa autora, ainda, “em sua gênese, a personalidade resulta de relações dialéticas entre fatores externos e internos sintetizados na atividade social do indivíduo” (Martins, 2004, p. 107). Os fatores externos estão relacionados às condições sociais do indivíduo e os internos concernem à materialidade biológica e psicológica do indivíduo, que evoluiu em função da atividade social deste: “A personalidade é um produto da atividade individual condicionada pela totalidade social” (Martins, 2004, p. 114). Nessa perspectiva, a personalidade tem sua natureza concebida como social; com base nessa compreensão, pode-se afirmar que o homem é produto de uma síntese de múltiplas determinações, de cuja base biológica emerge a dimensão universal, particular e singular.

Segundo Leontiev (1978), é na situação inicial do desenvolvimento da criança que se encontram os núcleos de relações que levam à formação da personalidade. Assim, os diferentes períodos da vida da criança envolvem um dinamismo interno próprio que resulta sempre em novas formações, que sempre serão decorrentes da atividade do indivíduo. Essas formações são fundamentais para que haja qualidade do desenvolvimento e, dessa maneira, para na complexificação contínua de suas relações com as dimensões internas e externas de sua vida.

Nos escritos de Leontiev encontra-se a exigência teórico-metodológica de ter a atividade como unidade de análise para a compreensão da personalidade:

[...] não é possível obter “nenhuma estrutura da personalidade” a partir de uma seleção de algumas peculiaridades psíquicas ou psicossociais do homem; a base real da personalidade do homem não está em programas genéticos postos nele, nem nas profundezas de seus dotes e inclinações inatas, tampouco nos hábitos, conhecimentos e habilidades que adquire, incluindo os profissionais; mas nos sistemas de atividades que cristaliza esses conhecimentos e habilidades [...] é preciso, a partir do desenvolvimento da atividade, de seus tipos e formas concretas e dos vínculos que estabelecem entre eles, enquanto seu desenvolvimento modifica radicalmente a significação dessas premissas. Consequentemente, a investigação não deve estar orientada a partir dos hábitos, habilidades e conhecimentos adquiridos nas atividades que os caracterizam, mas no conteúdo e vínculos das atividades, na busca do como, mediante que processos se realizam e são possíveis (Leontiev, 1978, p.145).

Se a atividade é a unidade de análise, é fundamental o estudo do processo de sua gênese, ou seja, há que se conhecer quais são as necessidades, os motivos e os fins que a engendram, bem como a relação entre as atividades. Isso requer identificar e analisar a atividade principal do indivíduo naquele momento da sua vida. Essa necessidade é referente a algo que foi realizado na atividade. A tomada de consciência do motivo da atividade manifesta-se exclusivamente no nível da personalidade, que se reproduz de maneira constante no decorrer de seu desenvolvimento.

Os princípios gerais que orientam o processo de desenvolvimento da personalidade, segundo Martins (2001, p. 149), são estes que se descrevem a seguir.

1) As especificidades dos vínculos do indivíduo com o mundo - diz respeito à relação entre os motivos, fins e necessidades que o indivíduo constitui em seu modo de vida, principalmente a qualidade desses vínculos.

2) O grau e organização da hierarquia de atividades em relação aos motivos – refere-se ao estudo da estrutura motivacional da personalidade. O entendimento desses processos determina a identificação da atividade principal, que é responsável pelas mudanças mais significativas dos processos psíquicos da personalidade. A não coincidência entre os motivos e os fins da atividade principal transforma toda a relação hierárquica da atividade e, conseqüentemente, da estrutura motivacional da personalidade, o que desencadeia as crises no desenvolvimento do indivíduo.

3) O grau de subordinação dessa organização à consciência sobre si e autoconsciência - permite ao indivíduo refletir sobre sua existência como ser social pertencente ao gênero humano, e entenda as possibilidades e limites da genericidade.

De acordo com Vygotsky (1996, p. 231), personalidade é “a autoconsciência do homem que se forma justamente até então: o novo comportamento do homem se transforma no comportamento para si, o homem toma consciência de si mesmo como de uma determinada unidade” (citado em Silva, 2009, p. 183). Para Vygotsky (1996), a personalidade é um sistema psicológico integrado, indissolúvel e estável, mas não estático, e só pode ser desenvolvida e entendida na relação de interdependência de todas as dimensões constitutiva do psiquismo – as funções psíquicas, emoções, os afetos, o inconsciente, a consciência -, e é essa a lei geral do processo de constituição da personalidade.

A autoconsciência forma-se, inicialmente, na adolescência. Leontiev (1983) enfatiza que a tomada de consciência de si não deve ser confundida com o conhecimento sobre si mesmo. Dessa forma, como a consciência individual não reflete apenas um sistema de conceitos e significados adquiridos, visto que, nesse movimento, alcançam um sentido pessoal, ao estabelecer relações com a vida real do sujeito, o mesmo ocorre quando o objeto da consciência são as propriedades, peculiaridades, ações ou estados do próprio sujeito.

O autor elucida que na primeira infância os conhecimentos e representações se acumulam em forma sensoriais, não conscientes, oportunos também aos animais superiores. A autoconsciência, tomada de consciência do próprio eu, é o resultado ou o produto da formação do homem como personalidade, ou seja, é a tomada de consciência de si dentro do sistema de relações sociais, implica ir além do conhecimento sobre si e do funcionamento dos sistemas de relações sociais no qual o indivíduo está inserido.

Martins (2001) ressalta que no modo de produção capitalista os processos de apropriação e objetivação da atividade produtiva possuem caráter contraditório, pois nem sempre as objetivações humanas produzidas historicamente são apropriadas por todos os indivíduos, porque essa mesma sociedade produz a alienação nos sujeitos. Nessa condição, os indivíduos não são protagonistas do desenvolvimento de suas capacidades, uma vez que o pleno desenvolvimento da consciência sobre si bem como o da autoconsciência é limitado; só pode ser alcançado pelo reconhecimento da mediação exercida pelas relações objetivas e sociais existentes, ou seja, o pleno desenvolvimento da personalidade humana só ocorrerá mediante o processo de transformação radical das relações sociais (Martins, 2001, 2004).

Esses postulados foram importantes para que se compreendesse a personalidade de cada um dos participantes da pesquisa, tendo em vista que, ao longo da vida, eles se apropriaram das

objetivações materiais, culturais e intelectuais produzidas socialmente, que foram fundamentais para que esses sujeitos orientassem a formação social da personalidade. Nesse sentido, a personalidade de cada sujeito vem se constituindo a partir do contato com a realidade objetiva trazendo ou não oportunidades para uma atividade consciente. No entanto, quanto mais inferiores forem essas oportunidades, mais desagregados serão os motivos e ações presentes na atividade humana para os mesmos.

Assim, com relação aos estudantes indígenas que vivenciam o movimento pendular, mesmo que eles se posicionem e enfrentem as adversidades vividas em sociedade e se tornem conscientes de si mesmos frente a essas adversidades, se não desenvolverem o processo de autoconsciência, estarão impedidos de se posicionarem efetivamente e de transformarem a própria condição e a da sociedade.

Prossegue-se o estudo com o capítulo que aborda a história dos Terenas, discorre sobre suas lutas, a organização social, a importância do território, os seus costumes e língua, com a finalidade de favorecer a compreensão sobre como esse povo vem construindo a sua história e mantendo a sua identidade, ainda que cada vez mais inserido na cultura dos “purutuyé”.

**3 POVO TERENA E O PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL**

---



### 3.1 Um breve histórico

Os terenas são os últimos remanescentes da nação Guaná<sup>3</sup>, no Brasil, falam a língua Aruak e possuem características culturais predominantemente chaquenhas (ou seja, de povos provenientes do chaco). Os povos que falam a língua Aruak no Brasil estão localizados em diferentes regiões, mas, neste trabalho, como já explicitado, discute-se sobre o povo terena, habitante da região dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do rio Paraguai, no estado de Mato Grosso do Sul.

De acordo com Bittencourt e Ladeira (2000), o reconhecimento do lugar de origem dos terenas, assim como da vida passada desse povo, baseia-se em relatos de anciões indígenas, a partir dos quais tem sido possível traçar uma linha do tempo em três momentos: Tempos Antigos, Tempos de Servidão e Tempos Atuais.

Os Tempos Antigos se caracterizam por dois fatos marcantes na vida dos terenas. O primeiro está relacionado à saída do Êxiva, lugar conhecido como Chaco<sup>4</sup> pelos não-indígenas (purutuyé). Deve-se essa saída à pressão dos colonizadores europeus, que, atraídos pelos minérios preciosos que ali existiam, queriam conquistar e ocupar as terras próximas ao rio da Prata. A presença desses brancos ocasionou muitas mudanças na vida dos indígenas da região, que buscaram resistir à conquista de seus territórios.

Os primeiros europeus a chegarem foram os espanhóis, seguidos dos portugueses (purutuyé), os quais faziam guerra para decidir quem ficaria com as terras daquela região. Para defender suas terras e seu povo houve envolvimento de várias tribos da região e, como consequência, ocorreram muitas mortes de indígenas e destruição de muitas aldeias (Bittencourt & Ladeira, 2000).

Os terenas começaram a migrar a partir da segunda metade do século XVIII, entre os anos de 1760 a 1767, para a região do atual estado de Mato Grosso do Sul. Ocuparam um extenso território no pantanal sul-mato-grossense, na região de Miranda. Dedicaram-se à agricultura e

---

<sup>3</sup> Guaná era uma sociedade composta por grupos que, além dos Terena (Etelenoé), também abarcavam os Laiana, os Echoaladi e os Kinikinau. Fazem parte da família linguística Aruak (Bittencourt & Ladeira, 2000).

<sup>4</sup> O Chaco (do quechua chaqu: território de caça) é uma região de aproximadamente 1.280.000 km<sup>2</sup> e compreende partes dos territórios paraguaio, boliviano, argentino e brasileiro (ao norte do Pantanal). Caracteriza-se por muitos ecossistemas e climas distintos que variam do semiárido, ao norte, próximo à fronteira com a Bolívia, ao úmido, no sul, próximo ao Brasil. As temperaturas oscilam entre -7° C no inverno a 47°C no verão. O regime de chuvas também é bem diversificado indo de 40mm ao ano na região oeste até atingir 1600mm já próximo a Assunção, Paraguai (Miranda, 2006).

estabeleceram acordos importantes com os Guaikurus e Portugueses, como forma de assegurar sua sobrevivência. (Oliveira, 1976). O segundo fato significativo na vida terena foi a Guerra do Paraguai, nos anos de 1864-1870. Os terenas tiveram uma notável participação nesse conflito, incorporaram-se a grupamentos do Exército Brasileiro como soldados, informantes, guias e até mesmo ofereceram refúgio aos combatentes em suas aldeias “a exemplo de Pirainha, aldeia terena próxima à serra de Maracaju” (Vargas, 2011, p. 64).

Esse evento deixou marcas profundas na organização social, política e econômica desse povo, pois antes da guerra possuíam uma sociedade com seu “modus vivendi” específico, com costumes e tradições próprias baseadas na troca recíproca de produtos, com independência econômica e política. Após a guerra, os terenas precisaram construir uma nova sociedade, com novas pautas sociais e culturais que dessem conta da preservação de sua identidade como povo. Terminada a guerra, ao retornarem aos seus territórios tradicionais, estes já haviam sido tomados, em grande parte, por terceiros. Assim, esse povo passou de serem grandes guerreiros na luta da conquista do território brasileiro a serem produtores forçados de mão de obra semi-escravizada, nas fazendas implantadas em seus territórios tradicionais, caracterizando o Tempo de Servidão.

O período de servidão se estende do pós-guerra imediato à criação de reservas. Esse período foi considerado pelos terenas como época de muito desprazer, se trabalhava muito e se tinha pouco retorno financeiro. No início do século XX, Candido Rondon, ao atravessar a região de Campo Grande e Corumbá, que seria o território de circulação tradicional dos Guaná, encontrou diversas aldeias abandonadas e boa parte da população terena dispersa pelas fazendas. A partir daí estruturou-se a chamada situação de reserva, a qual representava a delimitação das reservas Terenas. Na época, o objetivo maior era determinar o direito dos indígenas ao seu território, devidamente delimitados e controlados por funcionários do governo e com lotes de terra sempre inferiores aos territórios anteriormente ocupados.

Segundo Bittencourt e Ladeira (2000), a demarcação de algumas áreas, naquele momento, viabilizou certa reestruturação da vida comunitária Terena. Ocorreu o retorno, para as aldeias, de muitas famílias que se encontravam vivendo nas fazendas, marcando, assim, o final do tempo de servidão. As primeiras reservas indígenas que foram demarcadas antes da criação do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), fundado em 1910, órgão governamental que tinha como finalidade integrar o indígena à sociedade envolvente por meio do trabalho agrícola, foram: Cachoeirinha, Taunay-Ypegue (1904) e Lalima (1905). As demais foram demarcadas a partir de 1917.

As Reservas foram fundamentais para os indígenas, naquele momento, visto que a garantia da terra possibilitava-lhe viver e plantar sem patrão e com a proteção do governo brasileiro contra os fazendeiros usurpadores. Desse modo, ter reconhecimento da sua “indianidade” era condição necessária e indispensável para assegurar as terras demarcadas. Assim, os terenas perceberam a importância do fortalecimento da identidade étnica e de serem reconhecidos como indígenas pelo governo e pelos demais povos indígenas.

Com a delimitação das Reservas surgiu o Tempo do Despertar, etapa de busca da autonomia. Nessa fase, muitos terenas permaneceram trabalhando como peões nas fazendas do pantanal, em destilarias e usinas de açúcar e álcool, e, ainda, como ajudantes de serviços gerais, domésticos, diaristas, entre outros. Os terenas foram, assim, colocados em locais que anteriormente não eram ocupados por eles, na economia regional, por serem profissionais liberais ou exercerem cargos públicos e pela presença dos jovens terenas nas universidades; precisaram, então, compreender a cultura dos não-indígenas (purútuye) e planejar novas formas de sobrevivência sociocultural.

Atualmente, há um número considerável de terenas habilitados como professores em diversas áreas, os quais trabalham em suas próprias comunidades, contribuindo para melhor integração cultural dos alunos e professores. Há um número expressivo de técnicos agropecuários, em aldeias terenas, alguns cursando especializações, mestrado e doutorado. De acordo com Cabral (2002), a presença de terenas em universidades representa uma situação promissora, significa a busca de autonomia, contudo, sem abrir mão da preservação de suas raízes ancestrais. Portanto, diante do exposto,

não tem como negar que os Terenas são sujeitos históricos, que desde muitos séculos, vêm moldando e construindo a sua história, apropriando-se de mecanismo dos não-indígenas, criando alternativas próprias, inseridos cada vez mais, na sociedade envolvente conquistando seus espaços junto ao não-indígena sem, no entanto, perder sua identidade étnica (Vargas, 2003, p.134).

### **3.2 A organização do povo terena**

No estado de Mato Grosso do Sul, o território indígena se expande de Miranda à Sidrolândia, passando por Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Nioaque e Rochedo. Em cada terra indígena há um Posto da Funai, administrado pelo “Chefe de Posto”; nomeado pela administração Regional da Funai, esse chefe tem responsabilidade de representar a instituição nas decisões

políticas em todas as aldeias de sua jurisdição, é credenciado pela Funai e considerado pelos indígenas.

Segundo Azanha (2002, p. 256), a “aldeia é definida como setor ou unidade social mais inclusiva, dotada de autonomia política própria, que possui um cacique e seu conselho tribal, que respondem pelas relações políticas de cada setor”. As pendências jurídico/políticas entre seus membros são resolvidas nas aldeias, dentro de certos marcos normativos. Os problemas que estão relacionados ao conjunto das aldeias, da terra indígena de forma geral, são resolvidos no Posto indígena da Funai, com o chefe do Posto e todas as lideranças das aldeias.

Tradicionalmente, a história organizacional dos povos indígenas sempre esteve baseada nos grupos de parentescos, o modelo de escolha dos caciques era feito por sistema de hierarquia familiar no qual o tronco da maior família agnática<sup>5</sup> da aldeia se tornava cacique e ia passando de pai para filho (Miranda, 2006). Essa forma de escolher seus legítimos representantes modificaram-se com a guerra do Paraguai e com a intensa interferência dos purutuyé nas áreas indígenas; então, a escolha dos caciques passou a ser feita pelo processo de eleição comunitária, que perdura até hoje. O cacique eleito escolhe indígenas que farão parte do conselho tribal, a fim de facilitar a governabilidade do seu mandato; geralmente escolhem as pessoas que têm maior representatividade dentro da comunidade. Atualmente, já se discute a presença de mulheres nas lideranças, mas as decisões finais ainda ficam sob a responsabilidade do cacique e do presidente do conselho.

As aldeias são constituídas por um conjunto de residências, situadas dentro dos seus limites, que são estabelecidos por determinado setor ou “marcos” (acidentes geográficos, açudes, estradas entre outros). Os agrupamentos se constituem pelas parentelas, por grupos domésticos ligados por laços agnáticos, suas famílias de procriação (esposas, filhos e netos) e seus agregados eventuais (filhos adotivos, primos ou tios). Esses agrupamentos são organizados em torno da figura de um chefe, que geralmente é o pai e, no caso de seu falecimento, o irmão mais velho. Os interesses comuns constituem a unidade dos agrupamentos; são estritamente políticos e é cobrado, do morador de determinado setor, o respeito às regras de condutas.

A situação de Reserva dos Terenas no estado de Mato Grosso do Sul foi fundamental para o processo de adaptação dessa população à economia regional. Há anos, essas reservas encontram-

---

<sup>5</sup> Aquele que tem parentesco por sanguinidade de linha masculina.

se no seu limite crítico para instalações de novos grupos domésticos, em decorrência das pastagens e da cobertura vegetal. Desse modo, na situação de Reserva, constata-se, ao longo do tempo, determinados condicionantes externos que impõem o modo de vida ali reinante (Miranda, 2006).

De acordo com Moura e Aççolini (2015), os modos de ser e de existir dos terena sofreram algumas interferências humanas desastrosas, tais como a devastação do cerrado que produzia as frutas que consumiam (guavira, bocaiúva, entre outras) e a não colheita destas, no entorno da reserva, o que prejudicou a sociabilidade entre eles, que se organizavam em grupos para realizar a atividade. Em função do desmatamento das fazendas ocorreram fugas de animais de caça para outras regiões, bem como contribuiu para o desaparecimento da maioria dos córregos, vazantes e minas. Os terenas foram, aos poucos, ficando confinados e tiveram que reorganizar seu modo de conviver uns com os outros e com a natureza.

A agricultura continua sendo a principal atividade desse povo. O ano agrícola se inicia em agosto com o plantio do milho e tem seu término em março/abril, com o plantio do feijão. Normalmente, essa produção é para o consumo familiar; além do milho e do feijão cultivam arroz, mandioca, plantam abóbora, melancia, batata doce, maxixe entre outros. O trabalho é realizado coletivamente em forma de mutirão, mas cada integrante do grupo tem o reconhecimento de sua parte individual.

Muitas aldeias terenas, atualmente, produzem e comercializam a cerâmica, produto que constitui uma importante fonte de renda para as mulheres indígenas em diversos municípios do estado, principalmente em Miranda, Bonito e Campo Grande/MS, mas que também é exportado para outros estados e até países. Os grafismos utilizados são basicamente o estilo floral, pontilhados, tracejados, espiralados e ondulados.

O povo terena, de acordo com Miranda (2006), é alegre, gosta de festas, cujas datas comemorativas são nos meses de janeiro, abril e junho, quando são realizadas as festas de São Sebastião, da Semana do Índio e de São João, respectivamente. Nessas festas são oferecidos churrascos e realizados bailes, após a tradicional abertura do cacique, e também são impostas algumas restrições: evitar brigas e os homens não podem dançar de chapéu ou vestindo shorts. As festas comemorativas aos santos não são especificamente da cultura terena, haja vista que foram introduzidas pelos indígenas que vieram das fazendas, mas se tornaram tradicionais e são comemoradas há vários séculos nas aldeias.

As danças do bate-pau e do putu-putu ainda se mantêm na comunidade. Na primeira, os

indígenas se posicionam em duas fileiras, em igual número, com lanças de taquara na mão e um arco nas costas, e executam vários passos encenando o andar compassado de uma ema, seguindo o ritmo do bombo (instrumento fabricado pelos indígenas com o couro de veado) e, em seguida, dançam ao som do pife (instrumento de taquara seca e bem fina, também fabricado pelos Terenas), conforme se visualiza na Figura 2. A origem dessa dança está relacionada com a comemoração ou memória daqueles que lutaram na guerra do Paraguai e venceram os inimigos utilizando apenas varas de pau (Miranda, 2006).



**Figura 2** – Imagens da dança do bate-pau

Fonte: Fotos de Rogério Resende e Claudionor do Carmo Miranda (2005).

Outra dança, a chamada Putu-putu ou “joga bunda” (Figura 3), é realizada pelas mulheres, para expressar a alegria que sentem quando o marido chega com o alimento (caça, pesca, entre outros) para a família. Representa a felicidade do povo terena e agradecimentos às visitas importantes na comunidade.

Essas danças têm se fortalecido nas comunidades terenas, pois cada processo judicial ganho, tanto os homens como as mulheres dançam de alegria (Miranda, 2006).



**Figura 3** – Dança Putu-Putu

Fonte: Foto de Claudionor do Carmo Miranda (2005).

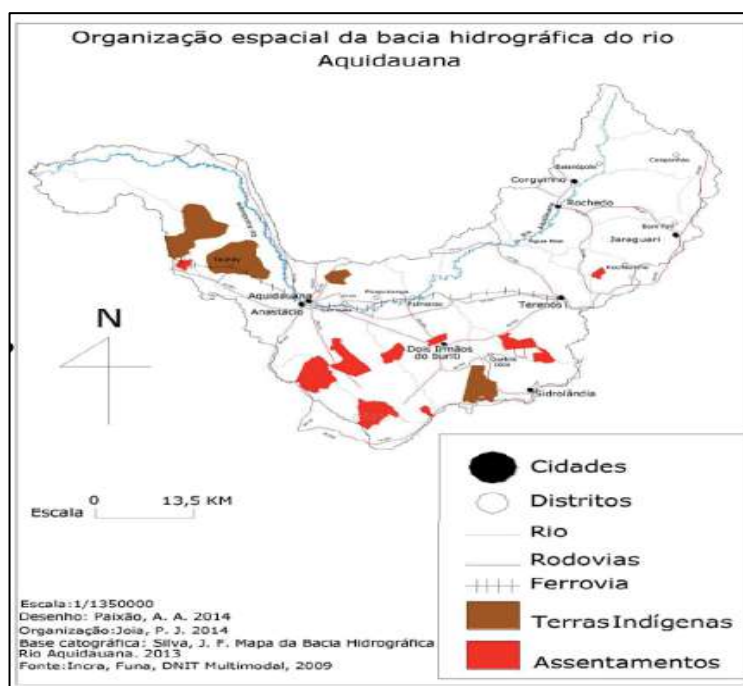
A partir das décadas de 1960 e 1970, com a organização dos movimentos indígenas no Brasil, os povos indígenas iniciaram uma luta que se estende até os dias atuais, pela ampliação de seus territórios. A seguir, discorre-se sobre como está distribuído o território indígena terena nos municípios de Aquidauana e Miranda, bem como a distinção entre terras indígenas e territórios.

### *3.2.1 O território*

De acordo com Urquiza (2022), o estado de Mato Grosso do Sul possui uma população de 63 mil indígenas, aproximadamente, de diferentes etnias, destacando-se os Kaiowá, com 40 mil, terenas, com 23 mil e os Kadiwéu, com uma população em torno de 1.500 indígenas. Na cidade de Aquidauana encontra-se um extenso território indígena da etnia terena, em torno de 9 mil. Como já mencionado no início deste capítulo, esse povo migrou para Mato Grosso do Sul no século XVII, para a região conhecida como Miranda, que, na época, ainda era desabitada. Para manter a sua sobrevivência essa população foi obrigada a fazer alianças que exigiram contato com outras culturas.

Os terena são considerados a segunda maior população indígena de Mato Grosso do Sul e estão distribuídos na região de Aquidauana, Anastácio e Miranda (Figura 4). Em Aquidauana situa-se a terra indígena Taunay/Ipegue, formada pelas aldeias Bananal, Morrinho Lagoinha, Água Branca, Jaraguá, Imbirussú, Ipegue e Colônia Nova, e a Terra indígena Limão Verde, formada

pelas aldeias Limão verde, Córrego Seco e Buritizinho. Em Anastácio está localizada a terra indígena Aldeinha, e em Miranda, a terra indígena Cachoeirinha, composta pelas aldeias Cachoeirinha, Argola, Babaçu, Morrinho, Lagoinha e Mãe terra; a Terra indígena Lalima, composta pelas aldeias Lalima; a Terra indígena Pilad Rebuá, composta pelas aldeias Moreira e Passarinho (Vargas, 2011). Há outras Terras indígenas terena localizadas nos municípios de Nioaque, Dois irmãos do Buriti e Sidrolândia, Campo Grande e Rochedo.



**Figura 4** – Mapa da bacia hidrográfica do rio Aquidauana com demarcação de terras indígenas  
 Fonte: Inkra (2009)

Observa-se que há uma multiplicidade de aldeias indígenas terena que formam as terras indígenas mencionadas, dentro das mesmas áreas indígenas. Essa realidade, de acordo com Vargas (2011), provoca várias questões, entre elas a do significado referente à terra, para esses indígenas, dentro do contexto em que vivem, e pode significar a ampliação de reivindicações por educação e saúde. É a partir da terra que indígenas se organizam de diferentes formas, seja no campo político, econômico, cultural, educacional, entre outros. Nessa perspectiva, a aldeia é apontada como um “lugar de elaboração e reelaboração de identidades, de pertencimento, de reconhecimento e legalização de ações reivindicatórias por direitos entre os quais se destaca o território” (Vargas & Silva, 2019, p.146).



Urquiza et al. (2010) destacam a importância de se fazerem algumas distinções de conceitos entre terras (espaços), terras indígenas e território. A definição de terra relaciona-se a um determinado espaço geográfico, com suas peculiaridades físicas e geomórficas (campos, montanhas, rios, mata, entre outros). De acordo com Gallois (2010, p. 3), “a noção de terra indígena diz respeito ao processo político-jurídico conduzido sob a égide do estado, enquanto território se refere à construção e à vivência, culturalmente variável, da relação entre uma sociedade específica e sua base territorial.” Portanto, diz respeito ao espaço físico, mas também envolve elementos míticos, simbólicos, religiosos, subsistência entre outros centrais às concepções culturais e cosmológicas próprias dos povos.

Na concepção de Kolling e Sivestri (2019), território é o espaço de sobrevivência e da reprodução de um povo, no qual, por exemplo, os indígenas se apropriam dos recursos naturais para garantir sua subsistência, no qual estabelecem sua cultura e, também, descansam seus antepassados. Ramos (1988, p.13) reforça essa perspectiva quando afirma que para as sociedades indígenas a terra é muito mais que meio de subsistência, “ela representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento. Não é apenas um recurso natural, mas - e tão importante quanto este - um recurso sociocultural”. Como tal, portanto, envolve uma linguagem mítico-religiosa.

Esse simbolismo mítico-religioso de cada aldeia está vinculado a seus habitantes e não se perde com o passar do tempo; a presença dos mortos marca o espaço e as pessoas que ali vivem sob o signo do sagrado. Nessa perspectiva, o território tem muita importância para a comunidade indígena, por ser carregado de história e símbolo. Nele estão inseridas as mais básicas noções de autodeterminação, de articulação sociopolítica, de vivência e crenças religiosas. Em vista disso, ao serem removidos de seu território, uma sociedade indígena tem poucas chances de sobreviver como um grupo cultural autônomo (Ramos, 1988).

No território indígena não existe propriedade privada, todos têm acesso à terra, sendo coletivo e igualmente para o grupo. O acesso é realizado pelo trabalho e pela ocupação. Embora o produto do trabalho possa ser individual, as obrigações existentes entre os indivíduos asseguram a todos o usufruto dos recursos. Portanto, nas sociedades indígenas, suas reivindicações enfatizam o grupo como um todo e não indivíduos isolados. Assim, além da delimitação justa de território, também solicitam às autoridades nacionais a assistência médica, educação e outros benefícios a toda a comunidade. É no território que os povos indígenas possuem seu maior campo de lutas e

resistências.

No Brasil, Urquiza et al. (2010) ressaltam que para compreender a realidade dos povos indígenas é necessário que se apreenda o conceito de territorialidade. Para Oliveira (1998 citado em Urquiza, 2010), trata-se de um estado ou qualidade inerente a cada cultura: “remetendo para outras dimensões como a cosmológica, espiritual, simbólica, mítica entre outras” (Urquiza et al., 2010, p. 35).

Assim, a territorialidade indígena não está relacionada com o domínio político, jurídico e militar sobre um espaço territorial, como existe em um Estado soberano, mas, sim, com um espaço socio-natural necessário para se viver individualmente e coletivamente. Está diretamente relacionada a como as pessoas utilizam a terra, a como se organizam no espaço e dão significado ao lugar. O território e a territorialidade apresentam uma correlação entre sociedade, espaço e tempo que mantém as organizações espaciais. Assim, diferentes agentes produtores e suas articulações, práticas espaciais e usos de espaço urbano tornam notáveis as variadas territorialidades que se constituem e dão forma aos territórios.

Segundo Jardim (2011), os deslocamentos pendulares são os grandes responsáveis pela criação de novos espaços urbanos, dinâmicos, sociais e territoriais, tanto nos lugares de origem como nos de destino. Ao se deslocarem, as pessoas têm que se apropriar do uso de novos espaços, o que, conseqüentemente, tem influência nas políticas referentes à infraestrutura e funcionalidade urbana e social. Considerando os povos indígenas, cada grupo social pode se territorializar por meio de características mais funcionais ou mais simbólicas, dependendo da relação que produzem com seu espaço.

A luta pela demarcação de novas terras ainda é uma realidade presente nos dias atuais dos terena e representa a preocupação com a perda de sua identidade étnico-cultural, pois, independentemente da maneira como territorializam seus espaços, estes são fundamentais para a afirmação de sua identidade, haja vista que é nesses espaços que eles se relacionam e garantem a sua identificação como Terena, seu sentimento de pertencimento, suas crenças religiosas, a língua, características que permitem seu auto reconhecimento e que também os distingue dos demais. A seguir, discorre-se sobre a língua Terena, que é um fator importante para a produção e reprodução dos conhecimentos tradicionais, e de incorporação, de forma apropriada, dos novos conhecimentos do mundo externo ao grupo.

### 3.3 Língua indígena Aruak

A historiografia informa que o povo terena faz parte do único grupo remanescente, no Brasil, da nação Guaná, que pertence ao tronco linguístico Aruak. De acordo com Bittencourt e Ladeira (2000), os Aruak eram povos que habitavam as Guianas. Porém, quando os europeus começaram a dominar a região, eles se dividiram e disputaram o mesmo território com o povo indígena Karib; foi com esses dois povos que os europeus fizeram os primeiros contatos e os chamaram de Guaná.

Os povos que falam a língua Aruak estão localizados, em boa parte, na América Latina, a saber: Bolívia, Suriname, Venezuela Colômbia, Guiana e Guiana francesa, Peru, Guatemala, Belize, Brasil, Honduras e Nicarágua. A família Aruak conta com aproximadamente 40 línguas vivas. Destas, dezesseis se espalham por territórios brasileiros e, de acordo com Rodrigues (2005), são: Apurinã, Baniwa do Içama, Baré, Kámpa, Kuripáko, Maxinéri, Mehináki, Palikúr, Paresi, Salumã, Tariána, Terena, Wapixana, Warekéna, Waurá e Yawalapiti.

Segundo Bittencourt e Ladeira (2000), nas várias comunidades e terras indígenas a língua terena é falada por um grande número de indígenas, porém, não na totalidade. Ela é usada em algumas áreas específicas, como o caso da aldeia Cachoeirinha, no município de Miranda. Pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul do Campus de Aquidauana constataram, por meio do projeto de pesquisa “Educação escolar indígena: língua, raça, cultura e identidade”, que na aldeia Limão Verde e na Ypègue os mais velhos conhecem e utilizam a língua, mas as crianças e jovens não a utilizam, comunicam-se através da língua portuguesa.

As comunidades que a utilizam apresentam variações que parecem comuns, se considerarmos que a fala é que a faz viva e real. Por outro lado, a dinâmica da língua e as transformações culturais por que passaram os Terenas interferem nessas variações, modificam a língua, inclusive com empréstimos que estão sendo a ela incorporados (Silva, 2013, p. 27).

Atualmente, os terenas são bilíngues, pois utilizam a língua terena (na oralidade) e a portuguesa, mas mostram preocupação com a valorização e a preservação de sua língua e cultura. Segundo Rodrigues (2002), é necessário preservar as línguas nativas por meio das demarcações de terras indígenas, mudanças na educação escolar indígena, com um ensino bilíngue, ou seja, da língua portuguesa e a da respectiva etnia, o que deve ser feito, também, com incentivo de pesquisas científicas e com fortes ações sociais de apoio aos falantes. Cada língua representa o modo de ver

o mundo, um modo diferente de pensar. Quando se perde uma língua, perdem-se possibilidades e a capacidade de criar imagens e pensar de um modo novo.

Em seus estudos sobre as línguas indígenas, Ferreira e Oliveira (2020) pontuam que há um amplo caminho a ser trilhado em direção a um conhecimento mais aprofundado. Do total de 180 línguas, somente 30 delas tem uma documentação ou descrição satisfatória, 114 têm algum tipo de descrição sobre aspectos da fonologia ou da sintaxe, o restante continua desconhecido. No período inicial da colonização brasileira, os estudos sobre a língua indígena tinham como finalidade facilitar a comunicação com as populações que aqui residiam. Os trabalhos raramente se referiam às transcrições, voltavam-se para a lista de palavras e alguns de levantamento de aspectos gramaticais (Seki, 2000).

Ferreira e Oliveira (2020) asseveram que nos últimos anos ocorreu um desenvolvimento no conhecimento das línguas, mesmo assim, ainda é preciso continuar os estudos de forma mais aprofundada. Ressaltam a falta de descrições abrangentes sobre a gramática da maioria das línguas, incluindo a língua terena, sobre a qual existem poucos estudos, bem como algumas dissertações defendidas, mas que não abordam a questão da língua em termos de sua fonologia, morfologia e sintaxe.

No que se refere ao sistema fonologia e fonética da língua terena, Silva (2013) cita alguns estudos de base estruturalista, tais como o de Harden (1946), Bender (1960), Ekdahi e Grimes (1964), Eastlack (1968), Butler (1978), Silva (2009), Martins (2009) e Nascimento (2009 e 2012), que apresentam algumas divergências entre si. Desses estudos, a referida autora usa a descrição de sons fundamentado em Silva (2009), cuja base foi o Alfabeto Fonético Internacional, fonte SIL (Summer Institute of Linguistics), não havendo um consenso se a língua é tonal ou não, inclusive não existe estudo aprofundado sobre o status de acento. Ressalta-se, no entanto, que não se tem o objetivo de apresentar um estudo aprofundado da temática, apenas expõe-se uma síntese da estrutura da língua, com a finalidade de melhor compreendê-la.

De acordo com Silva (2009), a língua falada na aldeia Cachoeirinha, na região de Miranda, possui um sistema de sons constituído por vinte e dois (22) fones consonantais e dezoito (18) vocálicos, conforme se pode conferir no Quadro 1.

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
<b>Oclusiva</b>	[p]		[t]		_____	[k]	[ʔ]
<b>Africada</b>				[tʃ]			
<b>Fricativa</b>		[v]	[s]	[ʃ]			[h]
<b>Pré-nasal</b>	[ <sup>m</sup> b]		[ <sup>n</sup> d], [ <sup>n</sup> z]		[ <sup>n</sup> ʒ]	[ <sup>n</sup> g]	
<b>Nasal</b>	[m]		[n]		[ɲ]		
<b>Lateral</b>			[l]				
<b>Tepe</b>			[R]				
<b>Aproximante</b>	[w]				[j]		
<b>Lateral aproximante</b>					(λ)		

**Quadro 1-** Inventário de fones consonantais na língua terena

Fonte: Adaptado de Silva (2009).

Silva (2009) explica que **(p)** oclusivo, bilabial, surdo, oral ocorre em início de sílaba, em posição intervocálica. Exemplo: (pah) = boca; (pui ti) = gordo. O **(t)** oclusivo, alveolar, surdo, oral ocorre em início de sílaba e em posição intervocálica. Exemplo: (ta muku) cachorro; (tu ti) cabeça. O **(k)** oclusivo, velar, surdo, oral ocorre em início de sílaba e em posição intervocálica. Exemplo: (ko siu) = formiga; (kali v n) = criança. O **(ʔ)** oclusivo, glotal, surdo ocorre em fronteira inicial de sílaba e em ambiente intervocálico. A autora ressalta que nos dados que coletou não foi encontrado esse fone em início de palavras. Exemplo: (ta pi:ʔi) = galinha. O **(ts)** africado, alveopalatal, surdo ocorre em início de sílaba, e em posição intervocálica. Exemplo: (n t i) = planta; (t a n) = gente. O **(v)** fricativo, labiodental, sonoro ocorre em início de sílaba antecedendo vogais e em posição intervocálica. Exemplo (vahaha) = aranha. O **(s)** fricativo, alveolar, surdo; ocorre em início de sílaba antecedendo vogais e em posição intervocálica. Exemplo: (visivisi) = grilo; (si:ni) = onça.

Ainda de acordo com Silva (2009), o **(h)** fricativo, glotal, surdo ocorre em início de sílaba e em posição intervocálica. Exemplo: (i há ti) = amanhã; (h w) = pé. O **(m)** nasal, bilabial, sonoro; ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica. Exemplo: (Kam) = cavalo; (m t jn) = lábios. O **(n)** nasal, alveolar, sonoro; ocorre em início da sílaba antecedendo vogais e em posição intervocálica. Exemplo: (naka ku) = arroz; (na k j j) = como vai? **(ɲ)** nasal, palatal, sonoro ocorre em início de palavra e de sílaba, em posição intervocálica. Exemplo: (i`namati) = novo. A letra **(l)** lateral, alveolar, sonoro ocorre em início de sílaba, antecedendo vogais e em posição intervocálica. Exemplo: (kilikili) = periquito. **(λ)** aproximante lateral, palatal,

sonoro; ocorre em início de sílaba antecedendo vogais e em posição intervocálica. Exemplo: ( $\lambda$  aka?iti) = molhado. O (r) tepe alveolar, sonoro, ocorre em início de sílaba antecedendo vogais e em posição intervocálica. Exemplo: (raməkə) = farinha.

Ressalta-se que na língua Terena os fonemas consonantais pré-nasalisados ( $^m$ b), ( $^n$ d), ( $^n$ z), ( $^n$ g), (ɲ) ocorrem como alofones dos fonemas p, t, k, s, ʃ, h, respectivamente, por meio de um processo morfofonológico: quando nomes e verbos se referem a primeira pessoa.

Faz-se necessário tecer algumas considerações sobre os fones vocálicos. Santos e Souza (2004, pp. 22-23) citado em Silva (2009) explicam que:

As vogais são caracterizadas pela passagem relativamente mais livre do ar. Os sons vocálicos são produzidos por uma corrente de ar pulmonar egressiva que faz vibrar as cordas vocais normalmente. O que varia nos sons vocálicos é a forma e o tamanho do trato vocal. Os sons vocálicos dependerão de três fatores: a altura do corpo da língua, posição anterior ou posterior da língua e o grau de arredondamento dos lábios. A altura do corpo da língua diz respeito a altura que a língua ocupa no trato vocal durante a produção de um som. São quatro os graus de altura da língua: alto ou fechado, médio-alto ou meio-fechado e baixo ou aberto. A posição da língua é conhecida como o eixo horizontal da área vocálica, isso porque diz respeito a movimentação da língua para a frente (anterior) ou para trás (posterior), ou em posição neutra (central). O último aspecto a ser considerado na produção dos sons é o arredondamento dos lábios (i) e (u) não diferem apenas em relação a posição do corpo da língua, mas também quanto ao arredondamento: (u) é produzido com os lábios arredondados, enquanto que em (i) os lábios estão estendidos, não arredondados.

	<b>Anterior</b>	<b>Central</b>	<b>Posterior</b>
	Não arredondado	Não- arredondado	Arredondado
<b>Fechado</b>	ɪ ɪ̃	i	u u: ũ
<b>Meio- fechado</b>	e ē		o õ
<b>Meio – aberto</b>	ɛ ɛ		ɔ ɔ:
<b>Aberto</b>		a a: ã	

**Quadro 2** – Inventário de fones vocálicos da língua terena  
Fonte: Adaptado de Silva (2009)

É importante ressaltar que as descrições dos fones da língua terena foram apresentadas com o objetivo de se explicarem os aspectos morfológicos dessa língua. Segundo Oliveira et al. (2014), morfologia é a unidade que trata da estrutura da palavra. Esta, por sua vez, é aquela que passeia pela língua com a finalidade de formar sentidos e significações. Quando se estuda uma língua pela morfologia percebe-se que é esse estudo da palavra que ajuda a compreender o funcionamento da

língua; por meio dos morfemas, unidades mínimas da morfologia, é que podemos classificar e identificar as palavras.

De acordo com Rosa (2010, p. 69), a língua terena “é classificada como uma língua aglutinante, por verificar-se que o verbo e o nome aglutinam morfemas que expressam significados diferentes do exposto pela raiz verbal ou nominal sendo facilmente identificados [...]”. A autora menciona que na gramática de Butler e Ekdahl (1976) há palavras nas quais aparecem o verbo e o objeto, a exemplo de Kuti itúko (O que está fazendo?), Inzikxovoti (Estou estudando).

Silva (2013), por sua vez, identificou que a língua terena apresenta a ordem VOS (verbo-objeto-sujeito), que ocorreu na maioria dos dados, e a ordem SVO (sujeito-verbo-objeto), que é apontada por Rosa (2010) como uma ordem enfática.

Quanto ao sistema pronominal da língua terena podem-se identificar duas formas: as livres ou as presas. Segundo Rosa (2010), as formas livres são os pronomes demonstrativos e indefinidos; as formas presas são os pronomes objetos de concordância com o objeto.

Os pronomes pessoais e possessivos ocorrem com as formas livres e presas. Os livres, no singular, são: undi (eu), iti (você), e o morfema zero ( $\emptyset$ ); no plural, são uti (nós), e os pluralizadores opcionais iti +noe e  $\emptyset$  + hiko. São duas as posições dos pronomes pessoais: a) no início da sentença, para verbos iniciados com vogais: unde isu-k-o-a ne tamuku (eu bati no cachorro) e b) subsequente ao verbo, no caso de este ser iniciado com consoante, como, por exemplo, na frase: ko'itu-k-etimo undi kavane-ke (eu vou trabalhar na roça).

Os pronomes pessoais e possessivos de forma presa ocorrem de duas formas: por processo morfológico - harmonia nasal para a formação da primeira pessoa do singular e alçamento vocálico para a formação da segunda pessoa do plural - e por prefixação na formação da segunda pessoa do singular e primeira pessoa do plural. A terceira pessoa é marcada pelo morfema zero, pois a palavra não sofre alteração.

Silva (2013, p. 72) apresenta a sistematização dos pronomes pessoais da língua terena, conforme elaborados por Nascimento (2012), da seguinte forma:

Pessoa	Marcação	Marcação
	Afixos	Pronomes
<b>IPS</b>	(+ nasal)	Undi
<b>2PS</b>	(Y -)	Iti

<b>3PS</b>	Φ	φ
<b>1PP</b>	(v -)	UTI
<b>2PP</b>	(y-)... (-noe)	Itinoe
<b>3PP</b>	(φ)...(-hiko)	(Φ)...(-hiko)

**Quadro 3** – Sistematização dos pronomes pessoais na língua Terena  
 Fonte: Adaptado de Silva (2013, p. 72).

As consoantes surdas adquirem o traço (+nasal) e são sonorizadas, porque a formação da primeira pessoa do singular ocorre por meio da pré-nasalização da primeira consoante oclusiva ou fricativa. No que se refere à marcação de segunda pessoa do singular e do plural, Nascimento (2009) afirma que é caracterizada pela prefixação de (i-), no caso de os verbos iniciarem com as vogais – e, a, o, u; nos outros casos há a anteriorização da primeira vogal do verbo, após uma consoante, e se essa vogal for i, frontaliza-se a segunda vogal.

Diante dessa breve descrição sobre a língua terena, observa-se que ela apresenta uma rica e complexa morfologia, que, de acordo com Rosa (2010), ainda carece de estudos, principalmente em relação aos aspectos gramaticais da língua. Embora ela possua gramática e ortografia, estas não estão bem sistematizadas, o que dificulta o uso e o ensino da forma escrita. Seki (1999) destaca que a linguística indígena no Brasil deve priorizar a “elaboração de descrições de boa qualidade, como terminologia acessível a estudiosos não familiarizados com abordagens teóricas particulares”. De acordo com essa autora, além de representar uma contribuição para a linguística, também atenderá a demanda dos povos indígenas quanto à documentação de suas línguas e culturas. A escola indígena tem como um dos seus objetivos retomar e ensinar elementos importantes da sua cultura, principalmente a língua terena.

Prossegue-se com a descrição das políticas indigenistas e as determinações legais para a educação superior, a política de acesso e permanência, tendo em vista a educação escolar indígena no Brasil, instituída a partir da década de 1980.

### **3.4 Educação indígena e as determinações legais**

Neste item, discutem-se os desafios de acesso e permanência na educação superior brasileira, que são influenciados pelas determinações legais, em diferentes contextos sociais, políticos, econômicos e culturais passíveis de uma reflexão crítica e contextualizada.



Uma grande parte da população indígena no Brasil, ultimamente, vive em áreas urbanas, o que implica no processo de migração, ou seja, no deslocamento de indivíduos dentro de um espaço geográfico, instituindo relações frequentes com a sociedade que os circundam, recebendo os impactos diretos e indiretos dessa inclusão.

Uma aproximação da cultura indígena (nomes, comidas e costumes) é observada com facilidade na cultura dos homens brancos, o que incentiva a migração e os deslocamentos das aldeias. Os motivos de deslocamentos dos povos indígenas para fora das aldeias são apontados por estudiosos e representantes indígenas, em situações diversas: atendimento médico ou educação formal, procura de emprego com vistas à melhor condição de vida, ou, ainda, perda de terras decorrente de conflitos internos e externos, de forma individual, familiar ou tribal.

De acordo com o Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) de 2018, no Brasil havia 57.706 mil indígenas matriculados nesse nível. A maioria deles (42,8 mil) estava matriculada em instituições particulares de ensino, distribuídos em 5 regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul). Majoritariamente, esses estudantes estavam concentrados na região nordeste, um total de 19.360, sendo 15.672 na rede privada e 3.688 na rede pública.

No Art. 3º, inciso I do Estatuto do Índio<sup>6</sup>, em termos legais, são considerados índios “todos os indivíduos de origem e ascendência pré-colombiana que se identificam e são identificados como pertencentes a um grupo cujas características culturais os distinguem da sociedade nacional” (Lei n. 6.001, 1973).

Essa definição tem sido alvo de críticas doutrinárias, porém, traz em si dois elementos importantes observados na caracterização da comunidade indígena em questão neste estudo: a autoidentificação, aqui consistente na circunstância de alguém se entender pertencente a um grupo indígena, e a hétero identificação, que agora diz respeito ao fato de esse alguém ser reconhecido pelos demais como índio (Oliveira, 1975). Desse modo, índio é aquele que assim se entende (autoidentificação) e que assim é reconhecido pela comunidade indígena na qual convive (hétero identificação).

---

<sup>6</sup> O termo índio, por ser acompanhado de um tom pejorativo e por trazer uma carga de preconceito e de opressão, neste trabalho, será utilizado somente quando em referência a documentos oficiais e legislações brasileiras (Constituição Federal de 1988, Estatuto do Índio e LDB), e em citações diretas.

Os povos indígenas concebem etnias com particularidades culturais, tradicionais, de organização social e formas de vida totalmente diversas da sociedade ocidental envolvente. Têm seus direitos garantidos na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, e estão manifestos em parte específica desse dispositivo legal, qual seja Capítulo VIII – Dos Índios -, do Título VIII – Da Ordem Social.

Enfatiza-se, a seguir, o direito à Educação Superior e a política de acesso, bem como as políticas de permanência para estudantes indígenas no processo do movimento pendular.

### *3.4.1 Breve histórico da política indigenista*

A presença dos indígenas nas instituições brasileiras de ensino superior tem aumentado significativamente com as políticas de acesso a esse nível do ensino. A criação dessas políticas específicas teve início no ensino básico diferenciado, o qual foi estruturado e estabelecido com base em três momentos legislativos imprescindíveis.

O primeiro foi, sem dúvida, o da aprovação da Constituição de 1988, na qual o Estado reconhece os povos originários como sujeitos de direitos próprios de língua e crenças, de direito originário sobre suas terras, além de reconhecer o direito desse povo à defesa de suas organizações, conforme preconizam os artigos 231 e 232 desse dispositivo maior.

O segundo teria sido o deslocamento da responsabilidade da educação indígena para o Ministério da Educação, em 1991, antes competência apenas da Fundação Nacional do Índio, que passou a apoiar mais expressivamente a política educacional junto aos povos indígenas.

Por terceiro momento importante tem-se, em 1996, o da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que reconhece o processo educacional específico, disciplina sobre a educação indígena e prevê o ensino escolar bilíngue e intercultural, cujo objetivo é a reafirmação da identidade étnica, a valorização dos saberes indígenas e o fortalecimento sociocultural.

Anteriormente a esses marcos, destacam-se também dois momentos que foram essenciais para a transformação dos direitos indígenas. O primeiro foi a criação da Funai, em 1967, uma autarquia federal que está vinculada ao Ministério da Justiça, e que tem como objetivo institucional proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil por meio, também, de políticas públicas para que esses objetivos sejam alcançados. Esse órgão se orientava pela rede de escolas instaladas no período do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) com ensino de primeiras letras e

atividades para os futuros trabalhadores nacionais, com ensino bilíngue calcado no modelo evangelizador da *Summer Institute of Linguistics*, métodos que foram mantidos nessa gestão.

O segundo momento foi o da criação do Estatuto do Índio (Lei n. 6.001, de 1973), cujos dispositivos legais preconizavam regular a situação jurídica dos indígenas, com o objetivo de preservar sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional. De acordo com Silva (2016), essa lei era ultrapassada, indígenas não eram vistos como integrantes da nação, a lei continha muitas situações discrepantes e não possuía um caráter efetivo de proteção aos indígenas.

Volta-se a ressaltar a importância da Constituição Federal de 1988 como marco legal de direitos e garantias fundamentais dos indígenas. No Art. 210, parágrafo 2º, às comunidades indígenas foi assegurada a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, inclusive no ensino fundamental. Assim, o crescente e acelerado processo de escolarização em terras indígenas aponta a universidade como um direito. Até o final da década de 1990 a educação superior indígena era mantida fora de qualquer agenda de governo (Paladino, 2013). Esse quadro muda por meio de convênios entre a Fundação Nacional do Índio e algumas instituições privadas e comunitárias.

O Programa Universidade para todos (ProUni) do governo federal, criado em 2004, também tem sido importante porta de entrada para instituições privadas de ensino superior, e prevê a concessão de bolsas a alunos de baixa renda; em contrapartida, oferece isenção de alguns tributos às instituições de ensino que aderem a esse programa. De acordo com a região, aos beneficiários do programa se inclui uma porcentagem determinada para negros e indígenas.

O ingresso de indígenas no ensino superior público, atualmente, tem sido realizado por meio de ações em dois segmentos: 1) a constituição de cursos específicos, como o Programa de Licenciatura Interculturais Indígenas (Prolind), criado pelo ministério da Educação, com a finalidade de formação diferenciada de professores indígenas; 2) a oferta de vagas especiais ou suplementares em cursos regulares.

Segundo dados da Funai, em 2004, quando a efetivação de ações afirmativas nas universidades estava no início, estimava-se em 1.300 (mil e trezentos) o número de estudantes indígenas que cursavam o ensino superior, dos quais cerca de 60 a 70 % estavam matriculados em universidades privadas. Até então, as estratégias de ingresso e manutenção no ensino superior eram individuais e familiares. A Funai era o único órgão do governo que atendia, parcialmente, à

demanda indígena pela educação superior, por meio de auxílio financeiro ou bolsas. Esse número passou para 8.000 (oito mil), no ano de 2012, com o cumprimento de determinações do plano nacional de educação, Lei Federal n. 12.711 de 2012, denominada Lei de Cotas. Essa lei foi um grande avanço para garantir, de forma justa, o acesso à educação de todos (Paladino, 2013).

Atualmente são setenta e duas (72) universidades públicas que mantêm programas de acesso diferenciado para povos indígenas, por meio de reserva de vagas, pelo acréscimo de pontos no vestibular ou ainda pelo sistema de vagas suplementares para a inclusão de estudantes indígenas nos cursos regulares, sendo quarenta e sete (47) universidades estaduais e vinte e cinco (25) federais. Das universidades estaduais, quarenta e duas (42) tinham ações afirmativas definidas em função de leis estaduais, enquanto as vinte e cinco universidades federais tinham ações afirmativas definidas por resoluções internas dos seus conselhos superiores (Paladino, 2013, p.106).

De acordo com essa autora, por haver um número menor de universidades, em algumas regiões, e, também, um menor envolvimento das instituições com a questão, há um descompasso regional acentuado no oferecimento de vagas e cursos para o ensino superior indígena. Essa irregularidade regional de vagas para estudantes indígenas acaba criando alguns problemas graves, pois a maioria dos estudantes indígenas necessita se deslocar para longe de suas aldeias a fim de estudar, enfrentando muitas dificuldades que levam muitos a desistir de ter uma formação superior. Desse modo, o ingresso do estudante indígena no Ensino Superior não constitui, necessariamente, uma garantia de sua permanência, muito menos de conclusão do curso.

Nesse contexto, o governo federal, a fim de minimizar os problemas, nas últimas décadas lançou vários projetos e ações com o objetivo de enfrentar estruturalmente a desigualdade de oportunidades educacionais, principalmente para estudantes que apresentam condições socioeconômicas desfavoráveis, bem como para indígenas, negros e pardos. No último governo, contudo, houve um retrocesso quanto ao avanço das políticas de acesso à educação superior de populações desprivilegiadas, como a população indígena. Conquanto não as tenha excluído totalmente, elas foram estagnadas, desfavorecendo o acesso dessas populações com a diminuição de bolsas de permanência concedidas, entre outros. A expectativa é de que essas políticas de acesso e permanência de estudantes indígenas nas universidades sejam retomadas.

#### *3.4.2 Políticas de acesso e permanência para indígenas*

Os critérios de entrada de indígenas em universidades são bastante diversos; a maioria das instituições criou regulamentos específicos, desde a designação de candidatos feita pelas coletividades indígenas, até exames peculiares, entrevistas ou apresentação de memoriais. Entretanto, o principal acesso, no âmbito do governo federal, é feito por meio da nota do Enem, de processos como o SISU, para instituições públicas, e do ProUni, para instituições privadas, com bolsas (Ministério de Educação e Cultura, 2018).

O SISU e o ProUni têm sido apontados como os possíveis motores de mobilidade estudantil dentro do país. O ProUni se insere no âmbito das políticas públicas de inclusão educacional voltadas para a garantia do acesso, permanência e produtividade acadêmica. O programa surge como uma estratégia privilegiada de construção de novos saberes e de vivências com outras culturas, de valorização e de respeito ao diferente, e tem como finalidade conceder bolsa de estudo, integral ou parcial, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, seja em instituições de ensino superior públicas, a estudantes oriundos de escolas públicas, ou privadas com bolsa integral e cuja renda familiar *per capita* seja de até três (3) salários mínimos, nos termos dos parágrafos 1º e 2º da Lei n. 11.096 de 2005.

O programa surge acompanhado de um discurso de justiça social, cujo principal indicador é a baixa escolaridade, enquanto, na verdade, favoreceu a expansão do ensino superior privado. Em outras palavras, o ProUni pode ser visto como a alternativa de que o governo se valeu para preencher vagas ociosas sem ampliar diretamente o volume de gastos federais. Faceira (2006) comenta que essa lógica atende à política de controle de gastos públicos e aos objetivos de sustentabilidade da dívida, já que a fixação do superávit primário restringe o financiamento das políticas públicas no âmbito do orçamento fiscal.

O SISU é o Sistema de Seleção Unificada. O sistema foi criado no ano de 2009, é gerenciado pelo Ministério da Educação, informatizado; através dele, as instituições públicas de educação superior concedem vagas a candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio. O candidato, ao fazer sua inscrição, deve escolher, por ordem de preferência, até duas opções entre as vagas ofertadas pelas instituições participantes do SISU. Também deve definir se deseja concorrer a vagas de ampla concorrência (lei de cotas) ou a vagas destinadas às demais políticas afirmativas das instituições.

A Lei de Cotas foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff, e prevê que a metade das vagas de todos os cursos e turnos das instituições federais seja reservada a alunos que cursaram

todo o nível médio em escolas públicas. Uma parte dessas vagas é reservada para estudantes com renda familiar igual ou menor que um salário mínimo e meio *per capita*, e a outra parte é destinada a pardos, negros e índios.

O sistema de cotas tem como propósito amenizar a desigualdade e injustiça das práticas tradicionais de seleção adotadas pelas universidades brasileiras. Baniwa (2006) considera injusto que estudantes indígenas e negros, os quais vivenciaram durante toda a vida péssimas condições do ensino público, concorram a pouquíssimas vagas, nas universidades, com os filhos da elite, que sempre estudaram nas melhores escolas e cursinhos preparatórios especializados.

Após mais de uma década do ingresso dos primeiros estudantes indígenas nas universidades públicas, a meta de efetivação de políticas de educação superior indígena tem seu foco deslocado do tema da acessibilidade/ingresso para as políticas de manutenção e permanência desses estudantes, nos cursos.

Dessa forma, com o objetivo de oferecer uma política mais sólida de assistência estudantil por meio de ações afirmativas, o Ministério da Educação (MEC) instituiu, em 2013, o Programa de Bolsas Permanência de estudantes em vulnerabilidade socioeconômica. Assim, estudantes indígenas passaram a ter direito a uma bolsa diferenciada, cujo valor é o dobro da bolsa dos demais estudantes, o que se justifica pelas “especificidades desses estudantes com relação à organização social de suas comunidades, condição geográfica, costumes, línguas, crenças e tradições, amparadas pela Constituição Federal” (Portaria nº 389, 2013).

Esse recurso é pago diretamente aos estudantes de graduação por meio de um cartão benefício, com o objetivo de contribuir para a permanência e a diplomação dos beneficiados. Atualmente, o valor para os estudantes indígenas e quilombolas é de 900 (novecentos) reais e, para os demais alunos, 400 (quatrocentos) reais.

Além desse auxílio permanente do governo federal, há universidades que oferecem bolsas acadêmicas e programas de orientação e moradia, que, contudo, possuem fragilidades e inconsistências, considerando as necessidades específicas dos estudantes indígenas, comenta Bergamaschi (2018).

Paladino (2013, p. 110), ao produzir um mapeamento das ações afirmativas voltadas aos estudantes indígenas brasileiros do ensino superior, salienta: “a importância da multiplicação de núcleos de apoio dentro das universidades [...] que possam acompanhar de forma qualificada a população indígena, em termos pedagógicos, culturais e políticos, de modo a garantir sua

permanência e sucesso no ensino superior”.

A permanência dos estudantes indígenas nas universidades constitui um grande desafio para as instituições, tendo em vista que se observa uma falta de sensibilidade para realizar a escuta efetiva dos saberes e conhecimentos indígenas; é necessário ter uma postura aberta e receptiva para que aconteça o processo de interculturalidade no âmbito acadêmico, principalmente dos que se encontram no processo de deslocamento pendular, uma vez que vivenciam situações nas quais se expõem a todo tipo de vulnerabilidade, que podem comprometer o estudo.

Alguns autores como Novak (2007) e Pereira (2011) destacam a singularidade dos estudantes indígenas, os perfis diferenciados dos alunos que as universidades públicas normalmente recebem, geralmente com condições econômicas, culturais e históricas diversas, além de particularidades regionais e formas coletivas de organização. Nesse sentido, as universidades que recebem os estudantes indígenas devem ampliar suas ações, qualificar aquelas já existentes e promover políticas públicas de ensino superior voltadas a esses estudantes, a fim de que as ações de permanência e conclusão de curso sejam aprimoradas.

O próximo capítulo destina-se a discorrer acerca dos deslocamentos pendulares de estudantes indígenas para a cidade de Aquidauana.

#### **4 MIGRAÇÃO PENDULAR OU MOVIMENTO PENDULAR**

---



#### 4.1 Migração Pendular ou Movimento Pendular: revisitando conceitos

Os estudos sobre migrações apresentam uma ampla visão de enfoques teóricos e abrangem grande diversidade de abordagens associadas às diferentes áreas interessadas na discussão dessa temática, como a economia, a geografia, as ciências sociais e a demografia, entre outras. Neste estudo, consideram-se os aspectos econômico, geográfico e social, pois, de acordo com Lima (2015), trata-se de aspectos envolvidos no processo da migração.

Esse autor, em seus estudos, identificou diferentes modelos teóricos que procuram embasar o processo migratório dentro dessas áreas mencionadas. Becker (1993), à luz da teoria do capital humano, enfatiza que os indivíduos avaliam os custos e os benefícios de suas atividades e decisões; exemplo disso é o investimento em educação fora de sua região de origem. Ojima et al. (2014) ressaltam a importância da sinergia entre indivíduos e familiares na decisão de migrar e relacionam o custo benefício da migração, no âmbito familiar.

Germani (1970) caracteriza a migração a partir da modernização social, ou seja, a migração constitui instrumento essencial de transição da sociedade tradicional para a moderna, insere-se em uma ampla mudança social, cultural e psicossocial, tanto individual quanto coletiva, necessárias e funcionais à modernização da sociedade. Na visão de Durham (1984 como citado em Lima, 2015, pp. 21-22), migração é uma necessidade para a melhoria social.

No que se refere aos espaços geográficos ou urbanos, Marandola Jr. (2006 como citado em Lima, 2015) afirma que os deslocamentos são cada vez mais intensos entre a residência e o cotidiano, afetando a qualidade e o padrão de vida das pessoas, favorecendo dois fenômenos: mobilidade pendular da população e a vulnerabilidade que as pessoas estão expostas ao inserirem-se nesse processo diário de deslocamentos.

Todavia, não se pretende, aqui, discutir as migrações sob uma determinada teoria, mas sim compreender os deslocamentos pendulares efetuados por estudantes, enquanto contexto social que deve ser analisado na sua complexidade. Sabe-se que a teoria do movimento pendular possui algumas limitações e está muito distante do materialismo histórico dialético, mas pretende-se abordá-la como uma categoria de análise, considerando-se as contradições presentes na realidade social e, desse modo, compreender esse processo e o sentido atribuído a ele por estudantes indígenas.

Processos diários de deslocamentos ou migração pendular é o objeto deste estudo e se caracteriza pelo movimento diário realizado pelas pessoas dentro de um espaço geográfico. Os estudos da mobilidade humana têm sido, desde há muito tempo, de interesse da ciência geográfica, haja vista que, nos estudos populacionais, a partir da compreensão das causas, da natureza, do ritmo e da intensidade dos deslocamentos podem-se obter subsídios importantes para o esclarecimento de inúmeros fenômenos essencialmente geográficos. Como os estudos populacionais no âmbito da geografia têm foco na espacialização dos fenômenos, diferencia-se dos da demografia. Desse modo, não é difícil compreender os motivos que levaram o tema das migrações a ganharem notoriedade nos compêndios da Geografia Humana.

Observa-se que a globalização trouxe inúmeros tipos de deslocamentos populacionais e migrações, que variam nas formas, durações e escalas, e são realizadas nas mais diversas épocas e lugares, tornando-se importante para a construção histórica de qualquer espaço. Desse modo, os deslocamentos populacionais ganham um novo significado, nova características, no que se refere à exclusão de grandes contingentes da população mundial do mercado de trabalho, à precária integração no sistema produtor de mercadoria, desencadeadoras de novas formas de deslocamentos territoriais, que, entretanto, não implicam em mudança de moradia.

Os movimentos podem ser de longa distância, os quais, na maioria das vezes, requerem moradia fixa ou sazonal, a exemplo dos que são feitos entre estados e países. Podem ser de curta distância, que não exigem mudança de moradia, ocorrem entre cidades e localidades vizinhas, que são chamados de migrações ou movimentos pendulares.

De acordo com Jardim (2007), as migrações pendulares estão relacionadas aos processos de deslocamentos da população no território, num determinado contexto e tempo socialmente constituído, e que, à medida que acontecem mudanças na organização da economia e da sociedade, adquirem especificidades e finalidades. Nesse sentido, não deve estar desvinculado dos estudos de urbanização, que, por sua vez, não estão à margem das mudanças sociais e do desenvolvimento econômico.

Segundo Beaujeu-Garnier (1980), o termo pendularidade está relacionado à sua feição característica, que é o movimento de vai-e-vem, semelhante ao de um pêndulo, razão por que é denominado de migração pendular. Esse movimento se refere aos deslocamentos diários dos indivíduos para realizar ações de sua vida cotidiana como trabalhar, estudar ou, ainda, por lazer, entre outros. Entretanto, representa muito mais que um movimento de idas e vindas das pessoas;

além de se caracterizar pela periodicidade, envolver distâncias consideráveis e meio de transporte, também significa viver o lugar, relacionar-se com outros indivíduos, compartilhar, no seu cotidiano, sentimentos, dificuldades, superações e experiências.

O processo de migração pendular caracteriza-se pelo deslocamento de milhões de pessoas que compõem a População Economicamente Ativa (PEA), que deixam suas moradias muito antes do horário comercial, para chegarem ao trabalho/escola/universidade, e que, no final da tarde, voltam para sua residência.

De acordo com Vasconcelos (2006), o conceito de migração pendular tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores que consideram que esse fluxo se trata apenas de mobilidade populacional, e não um tipo de migração. Dessa forma, faz-se necessário revisar o conceito de migração pendular e a discussão atual, que sugere a denominação de movimento pendular.

A mesma autora pontua que o estudo da dinâmica metropolitana com base nos movimentos pendulares está vinculado a uma das linhas tradicionais de pesquisa em geografia urbana, com a identificação de áreas de influência ou regiões funcionais. Nesse sentido, a discussão do movimento é inseparável da de mobilidade. É a mobilidade que vai caracterizar a vida urbana atual, evidenciando a importância dos transportes. Assim, nessa discussão, Branco, Firkowski e Moura (2005), como citado em Vasconcelos (2006), assinalam que deve ser considerada a própria diversidade de uso do termo em expressões, ora aparecendo como migração pendular, ora como movimento pendular pois, estes ocorrem diariamente nos mesmos horários, pelos mesmos motivos e utilizam, habitualmente, o mesmo transporte. Os roteiros das viagens que caracterizam o movimento pendular costumam ser estes: residência-trabalho-residência e residência-escola-residência entre municípios distintos.

De acordo com essas autoras, o conceito de migração pendular é antigo, na geografia, pois aparece nas análises de Beaujeu-Garnier (1980) e de Derruau (s/d), entre outros, cuja ênfase é a geografia da população. Esses autores denominam esse movimento de migrações oscilatórias. No caso de terem duração prolongada, são chamadas de migrações de temporadas; se forem de curta duração, são chamados de cotidianos, e as pessoas que o realizam, de migrantes diários.

Existem, ainda, as seguintes denominações: migrantes temporários, designado por Ravenstein (1985); migrações alternantes, atribuída por Catells (1972); o termo americano é o *commuting*, enquanto os franceses denominam de *navetts*. Todos esses termos estão associados

aos deslocamentos cotidianos realizados pela população. Portanto, não há uma denominação única a essa ordem de deslocamentos, na medida em que ora se referem à migração, ora a movimento.

Vasconcelos (2006) afirma que, embora ambos impliquem fluxos migratórios de pessoas no território, a natureza dos deslocamentos pendulares difere consideravelmente da compreendida pelos movimentos migratórios. No movimento ou deslocamento pendular não está implícita a transferência para outro lugar ou fixação, envolve um deslocamento diário. Esse deslocamento diário de ir e vir possui certa regularidade cotidiana para trabalhar ou estudar em municípios distintos. O que configura esses movimentos é a utilização de dados censitários que informam, ao município, que a pessoa estuda ou trabalha. Assim, torna-se uma importante ferramenta para entender a circulação de pessoas em um determinado território.

Corroborando com a autora, nesta pesquisa, optou-se pelo uso do termo movimento ou deslocamentos pendulares, tendo como conceito característico a mobilidade populacional entre local de domicílio e local de desenvolvimento de suas atividades, para trabalho ou estudo, em um determinado período, que não resulta, a priori, em transferência definitiva de residência.

Os movimentos pendulares, desde o ano de 2000, têm apresentado grande crescimento proporcional fora de regiões metropolitanas. Atualmente, acontece em quase todas as regiões - mesmo que em menor intensidade - que possuem relações de ofertas e demanda de bens e serviços, favorecendo a mobilidade das populações e criando novas modalidades de deslocamentos populacionais.

Ojima (2015) destaca que um dos aspectos mais importante, no movimento diário da população, é a separação geográfica entre os diferentes lugares de atividade e lugares de residência, haja vista que as pessoas necessitam se locomover com certa regularidade para suprir suas necessidades vitais. Assim, pelo movimento pendular, as pessoas podem escolher onde desejam morar, de acordo com seu padrão socioeconômico e usufruir dos serviços necessários à sua subsistência.

Segundo Oliveira (2014), a movimentação pendular urbana está relacionada com a atratividade do município e, desse modo, destaca-se o setor educacional como um elemento fundamental nesse processo, pois a criação de instituições de ensino superior e pesquisa costuma gerar efeitos em cadeia, trazendo pessoas consumidoras em potenciais, empresas e capital, modificando esses fluxos dentro do espaço regional. Veja-se, a seguir, em que consiste o movimento pendular para estudo.

## 4.2 Movimento Pendular para fins de estudos

Com base no levantamento bibliográfico, percebeu-se que o movimento pendular motivado pelo estudo é um tema pouco explorado no Brasil, se comparado com os deslocamentos diários da população para o trabalho. De acordo com Lima (2015), existe “uma provável hipótese para a escassez da produtividade desse tema no Brasil se dê por um fator metodológico”. Ou seja, há uma lacuna sobre essa temática, até o momento, e o que inviabiliza um estudo maior nessa área são as informações disponibilizadas pelo Censo Demográfico sobre as pessoas que estudam em municípios diferentes daqueles que residem, sendo limitadas em algumas variáveis.

O referido autor aponta que existem outras fontes que podem ser utilizadas para um melhor desenvolvimento de estudos sobre a migração pendular de estudantes. Um recurso bastante acessível a todas as pessoas e que possibilita um maior grau de detalhamento e recursos para a produção de um trabalho bem consistente e de maior visibilidade é o Censo Escolar.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) em todo o Brasil, 7,4 milhões de pessoas se deslocam para cidades vizinhas de onde moram para trabalhar ou estudar, correspondendo a 6,7% da população que estuda e/ou trabalha. Essas informações são baseadas no Censo de 2010, sobre concentrações urbanas e arranjos populacionais. Esse percentual sobe para 10,6%, quando se consideram as regiões metropolitanas, pois de um modo geral, os fluxos associados a esses, tipos de deslocamentos se concentram nas principais aglomerações urbanas do país.

Segundo o IBGE (2015), os arranjos populacionais se formam, em grande maioria, por motivos econômicos, já que, em geral, as populações de cidades menores e mais pobres procuram alternativas de emprego e estudo em cidades vizinhas. Há ainda situações em que o motivo da formação do arranjo é política, no caso de cidades que são separadas, mas mantêm ligação histórica como se ainda fosse uma só.

Para Oliveira (2011), o movimento pendular, por se apresentar cada vez mais extenso e complexo, tem interferido na dinâmica dos espaços metropolitanos. Fatores que podem ser considerados como fundamentais para a realização dos deslocamentos da população são o avanço do meio de transporte e a disseminação do uso do automóvel, bem como a descentralização das atividades econômicas; o crescimento dos centros urbanos e a ocupação, expansão e adensamento populacional das áreas periféricas. Estes favoreceram o crescimento considerável das cidades e,

como consequência, houve uma multiplicação dos fluxos, cada vez mais longos e complicados que ultrapassavam os limites municipais.

Nas cidades metropolitanas, com o crescimento populacional, têm aparecido alguns problemas urbanos, tais como: aumento expressivo de moradias desiguais, diminuição da qualidade de vida, aumento da criminalidade, trânsito caótico, entre outros. Muitas cidades de porte médio e aglomerações urbanas não metropolitanas também cresceram e com elas, seus problemas.

Dessa forma, são inúmeros e específicos os fatores que fazem uma pessoa sair do seu lugar e se movimentar para outro, muitas vezes inexplorável e repleto de diferenças, valores culturais, sociais, políticos exercendo mudanças na identidade de cada um. Assim, tais lugares, em função das interações sociais, sofrem mutações constantes em sua paisagem, formas e na cultura local. Aqui destaca-se o objeto deste estudo, que são os índios Terenas; estes saem de suas aldeias, diariamente, para estudar e esse fato lhes impõe o contato com a cultura, costumes dos homens brancos.

Um dos fatores que levam à migração pendular estudantil consiste no fato de as pessoas serem impedidas de continuarem seus estudos nos municípios em que residem, pela falta de oportunidade se movimentam para cidades vizinhas. Buscam uma formação acadêmica superior ou preparação profissional, contudo, não fixam residência nesses lugares. Essa migração diária representa uma nova exteriorização e interiorização de simbolismo, que possibilitarão novas práticas culturais e sociais, ritmos e rotinas diárias associadas a um dado contexto espacial e afetivo.

A universidade, como um espaço de prática social, constitui um fator que favorece o deslocamento pendular de centenas de estudantes. Em função da ampliação de ofertas de vagas nas instituições superiores pelos programas federais como REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), SISU (Sistema de Seleção Unificado) e o PROUNI (Programa Universidade para Todos) nas instituições privadas, a dinâmica educacional está cada vez mais presente. Assim, além de acontecimentos, de sentimentos, de idas e vindas, essa dinâmica permite conhecer uma multiplicidade de relações existentes (entre estudantes, docentes, funcionários) que constroem laços e noções de pertencimento, ao longo da graduação. À medida que os indivíduos convivem, mantêm relações, identificam-se, e constituem uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura.

O ato de ir e vir, as mesmas viagens, as trajetórias repetitivas e rotineiras, os barulhos dos carros, da população geram lembranças e estabelecem conexões com o espaço, fazem parte do cotidiano dessas pessoas, assumem um valor simbólico com a cidade e o sentimento de pertencer ao lugar.

Nas palavras de Geminiano Junior (2012, p. 36), o espaço geográfico:

Por menor que seja, contém sua história, seus traços sociais, suas peculiaridades, seus cheiros, seus sons, e conseqüentemente indivíduos que se identifiquem com o mesmo, é caracterizado por acumulações de paisagens, formas marcadas e remarcadas, pelo concreto, mas também por valores invisíveis aos olhares de um turista ou alguém que desconhece as relações ali um dia exercidas, entretanto podem ser sentidos por quem ali conviveu, produziu vínculos, estudou, no contexto acadêmico, ou vinculou-se com a cidade, tais marcas são fomentadas nas práticas sociais com esse espaço geográfico.

Como já mencionado, são diversos os motivos que levam ao movimento pendular de pessoas, dentre os quais se destaca a busca por instituições de ensino superior, responsável pelo fluxo considerável de jovens e adultos que se deslocam, diariamente, rumo à universidade e enfrentam desde simples empecilhos a grandes desafios, que, associados a outros fatores da mobilidade diária, podem causar grandes prejuízos à vida pessoal e educacional.

Alguns estudos, como os de Batista et al. (2014), Silva (2015) e Lima (2015), demonstram que o movimento pendular envolve, de um lado, aspectos positivos como o desejo de mudança de vida e a procura de melhor posição no mercado de trabalho, que pode trazer melhores chances de realização das aspirações sociais. De outro lado, existem fatores negativos, tendo em vista que as pessoas acabam por correr o risco de ter que abandonar a universidade por causa de desgastes provocados pelo tempo de deslocamentos, recursos financeiros insuficientes para suprir a demanda necessária no transporte e alimentação, as estradas com má conservação, entre outros que podem causar grandes prejuízos e implicações na formação.

O deslocamento entre a residência e o local de estudo também pode expor os estudantes a situações de vulnerabilidade, enfraquecendo os mecanismos de proteção (família, lugar e comunidade) à medida que aumenta a distância e o tempo de deslocamento. O tempo despendido e o cansaço até a universidade, também comprometem a realização de atividades extraclasses e estudo pessoal.

Os resultados obtidos em pesquisa anterior desenvolvida pela autora desta Tese (Francellino, 2020) corroboram esses estudos, na medida em que no instrumento de validação dos dados daquela pesquisa muitos estudantes indígenas relataram a frequência com que enfrentavam

dificuldades no percurso de deslocamento. Esses relatos revelam que o movimento pendular é uma condição social e material que altera as mediações das relações entre os indivíduos e a sociedade na qual os sujeitos estão inseridos. Nesse sentido, só é possível entender as implicações do deslocamento pendular no âmbito dos processos psicológicos quando ele se concretiza na realidade social.

Especificamente na cidade de Aquidauana, lócus desta pesquisa, observa-se uma particularidade da região, que é o deslocamento frequente de indígenas da etnia Terena, do espaço rural para o urbano, com a finalidade de realizarem um projeto de vida, ou de cursarem o ensino superior, ou, ainda, de obterem uma profissão.

Melo (2009, p.76) fornece uma justificativa para a saída do indígena da aldeia da seguinte maneira:

Os índios estão migrando para a cidade buscando o que falta na aldeia - como mercadorias e educação formal principalmente. O mundo dos brancos é representado por bens simbolicamente importantes: as mercadorias e a escola. Ir para a escola significa escolarização, inserção no mercado de trabalho e, muitas vezes, casamentos Inter étnicos.

Desse modo, analisando os deslocamentos dos indígenas, é possível pensar que o contexto urbano revela um mundo novo para esse grupo, permitindo-lhe reorganizar seu modo de vida. O “estar na sociedade envolvente”, além de possibilitar a continuação dos estudos na educação superior, traz a possibilidade de um emprego em uma atividade informal ou de uma fonte de renda por meio da venda de produtos da aldeia, com a finalidade de melhorar a condição de vida. Isso posto, passa-se a discutir as implicações dos deslocamentos pendulares dos indígenas para si e para o grupo.

### **4.3 Indígenas e os deslocamentos para os centros urbanos**

A revisão da literatura revelou que há poucos estudos sobre o deslocamento dos indígenas, da zona rural para o contexto urbano. De acordo com Nascimento e Vieira (2015, p.119), esses estudos “circulam por um campo com uma temática escorregadia, em movimento, onde os desafios, as incertezas e as surpresas sempre se fazem presentes.”

Na contemporaneidade, observa-se que uma parte significativa da população indígena brasileira vive em centros urbanos, fator que desencadeia o processo de migração, ou seja, o



deslocamento de pessoas dentro de um espaço geográfico, que determina relações frequentes com a sociedade que as circunda, e provoca os impactos diretos e indiretos desse movimento. Pesquisadores e lideranças indígenas apontam que esses deslocamentos ocorrem por razões variadas, associadas a diferentes situações de contato com sociedades regionais.

No que concerne às oportunidades no mercado de trabalho, estas não passam de trabalhos esporádicos, os quais não exigem mão de obra qualificada, tornando-se atrativos aos indígenas que não possuem escolaridade suficiente e habilidades específicas. As opções mais comuns, para os homens, são os trabalhos temporários na construção civil; para as mulheres, as oportunidades mais frequentes são de empregos como domésticas e de vendedoras ambulantes (Nascimento & Vieira, 2015).

Geralmente, a forma de inserção dessa população em territórios urbanos acontece com indivíduos, isoladamente, ou grupos familiares inteiros, para bairros específicos, que acompanham uma ampla rede de parentesco.

Em Mato Grosso do Sul, estado em que se desenvolveu esta pesquisa, o crescimento da migração indígena, do espaço rural para o espaço urbano, tem acontecido devido à proximidade das aldeias para com a cidade. O município de Aquidauana é considerado uma cidade de oportunidades de trabalho, estudo e do futuro.

Desse modo, pelo desejo de ascenderem, esses indígenas, muitas vezes, acreditam que na cidade eles têm tudo de que precisam. Assim, os indígenas, ao se deslocarem, têm a expectativa de que no contexto urbano encontrarão um novo mundo, que lhes possibilitará a reorganização de seu modo de vida. Estar na cidade representa, para o indígena, um fetichismo com relação à vida urbana, o qual faz com que eles assumam ou aceitem o seu não lugar (Melo, 2009). No entanto, eles vivenciam situações adversas, são surpreendidos com a dura realidade da inserção do capitalismo nos centros urbanos. Essa realidade é evidenciada pelo desemprego, discriminação, preconceitos, drogas, violência, doenças, exclusão de direitos sociais como segurança, saneamento básico, educação, saúde, entre outros que os deixam, muitas vezes, à margem da sociedade. Desse modo, o que lhes resta como único caminho é a pobreza e a marginalidade.

De acordo com Vargas (2011), a preocupação constante com a educação escolar leva muitos indígenas a saírem de suas aldeias para continuarem os estudos na cidade, uma vez que a maioria dessas aldeias só oferece o ensino fundamental e o ensino médio. Esses deslocamentos para a conclusão do ensino superior exigem disposição não só para os estudos, mas também para

o enfrentamento das dificuldades que deles decorrem.

Muitos indígenas, por dificuldades financeiras, resolvem não migrar e permanecem quatro a cinco anos no movimento pendular. Morar definitivamente na cidade é difícil, complicado, porque tudo é pago, ou seja, deve-se arcar financeiramente com moradia, alimentação e com todos os outros itens necessários à sobrevivência.

Vargas (2011) explicita que a formação superior inclui possibilidades de trabalho remunerado dentro das aldeias e tornam-se motivos de satisfação e alegria para a família; de modo especial os professores graduados tornam-se referências para outros indígenas, que almejam seguir o mesmo caminho. “O respeito e a formalidade com que se tratam nas escolas e no cotidiano são visíveis entre eles, situação que mostra o “status” de sua posição perante o grupo” (Vargas, 2011, p. 50).

Gomes (2006 citado em Souza, 2017) considera que um indígena não deixa de ser indígena porque passa a cursar uma universidade e adquire alguns artefatos considerados urbanos, tendo em vista que ele não perde seus vínculos e sua identidade. Ao entrar em contato com os purutuyé não esquecem suas origens, mas a valorizam.

Duarte (2017) ressalta que a dicotomia entre a vida no campo e a vida na cidade traz alguns transtornos ao indígena. Para viver em uma sociedade capitalista, os povos indígenas são cobrados em todos os âmbitos, além de terem que adquirir para si e para seus filhos os bens materiais de consumo. Nas aldeias permanece o *ethos* indígena – trabalham hoje para se alimentar amanhã; o sustento vem do indígena que se desloca, que vai e volta.

#### **4.4 Aspectos psicológicos com função mediadora do processo de migração pendular**

A compreensão desses fundamentos, especialmente das categorias consciência, mediação e atividade, é de suma importância para que se possa compreender o movimento pendular dos estudantes indígenas universitários e seu processo de constituição. Os acadêmicos indígenas fazem parte de um grupo social, estudam na mesma instituição pública, possuem uma identidade própria, todos são indígenas da etnia Terena, usam a mesma língua, fazem parte de uma mesma classe social e participam do movimento pendular.

Diante dessas constatações, entende-se que esse grupo se reconhece como tal, possui consciência do processo que os constitui como grupo, engendrando sua identidade, tanto grupal

como individual. Desse modo, é fundamental que se compreendam esses indivíduos como sujeitos históricos, concretizado na atividade que desempenham, apropriando-se de conhecimentos nas diferentes relações sociais que estabelecem e usando-os no ato de aprender, possibilitando apreender, pesquisar e construir coletivamente o conhecimento.

O conceito de atividade humana, conforme já referido, está relacionado com o conceito de mediação, não significa somente uma reação ao meio, mas uma transformação pela utilização dos instrumentos, que implica na construção de signos, na regulação da conduta e constituição da consciência, a qual mantém uma estrutura semiótica regulando o contato com os outros indivíduos e consigo mesmo. Desse modo, seguindo os princípios marxistas, a Psicologia Sócio Histórica entende a consciência constituída pela atividade do indivíduo e determinada pelas mediações estabelecidas em suas operações e ações; enfatiza-a como um movimento realizado pelo sujeito ao interiorizar os significados sociais e os conteúdos das atividades, permitindo a abstração da realidade por meio do sentido individual.

O que vai possibilitar que a materialidade se torne subjetividade é a mediação, na qual um terceiro elemento é interposto entre as condições sociais objetivas e concretas e o sujeito psicológico. Assim, elementos simbólicos medeiam a relação entre sujeito e materialidade, representando internamente, para o primeiro (conteúdos subjetivos), a realidade externa (conteúdos objetivos) (Lane & Sawaia, 1995).

Isto posto, pode-se afirmar que o entendimento da dinâmica psíquica do indivíduo é possibilitado pelo estudo da consciência, tanto no aspecto social quanto individual, incluindo o intelectual e emocional. É por meio dessas particularidades da constituição da consciência que se entende o movimento pendular e a educação como elementos mediadores no desenvolvimento dialético da consciência dos estudantes indígenas, uma vez que ambos alteram a forma de atividade desses acadêmicos.

A educação “é um mediador que permite que os aspectos infra e superestruturais presentes na sociedade sejam apropriados pelos indivíduos” (Santos, 2010, p.136), entendida como um segmento responsável pela transmissão do conhecimento culturalmente acumulado, e que ocorre a partir das exigências do contexto em que é realizado. Desse modo, discorre-se sobre alguns aspectos necessário à compreensão de como a educação funciona como mediadora entre o indivíduo e a sociedade em que ela se desenvolve. Considera-se o modo capitalista de produção e, por estar condicionada ao contexto econômico, carrega uma contradição social em si.

A educação escolarizada por um lado, representa uma conquista pois possibilita o domínio da cultura e garante uma atuação criativa na realidade, preparando o indivíduo para mudanças de hábitos e comportamentos, mas também, e contraditoriamente, pode não preparar o sujeito para a vida em sociedade, ou seja, não propicia que muitos indivíduos “ atuem e participem da construção da sociedade de forma a compreender e mudar os aspectos que lhe são desfavoráveis, fazendo com que ajam apenas na reprodução das construções sociais ” (Santos, 2010, p. 141). Um exemplo de educação que não garante a apreensão, por parte dos estudantes, da realidade e nela participem de forma criativa e transformadora para si e seu grupo é a educação altamente técnica.

A educação formal permite ao indivíduo compreender como se dão as relações sociais na sociedade em que está inserido, além de entender como o trabalho está organizado, como se comportar diante de diversas situações, de modo que produza uma representação subjetiva do mundo que lhe permita lidar com a realidade a sua volta. Por viver numa sociedade capitalista, as mudanças que promove no meio estão relacionados à sua própria conveniência, devido às relações referentes ao modo de produção.

Segundo Catani (1980, p. 8), o capitalismo é um determinado “modo de produção de mercadorias, gerado historicamente desde o início da Idade Moderna e que encontrou sua plenitude no intenso processo de desenvolvimento industrial inglês, ao qual se chamou revolução industrial.” Esse modo de produção diz respeito tanto ao modo como os meios necessários à produção são apropriados, bem como às relações que se estabelecem entre os homens, a partir de suas vinculações ao processo de produção. Assim, capitalismo não só significa “o sistema de produção de mercadorias como, também, um sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca” (Catani, 1980, p. 8).

A existência do capitalismo depende não só da concentração da propriedade dos meios de produção e mãos de uma classe social como, também, da presença de uma outra classe, para a qual a venda da força de trabalho seja a única fonte de subsistência. A transformação do trabalho em mercadoria trouxe mudanças profundas nas relações de produção e sociais, vigorando como fator importante o lucro, ou seja, a *mais valia*.

Segundo Marx (1985), propriedade privada, divisão social do trabalho e troca são características fundamentais da sociedade produtora de mercadorias. Sem essas três condições, um produto do trabalho não se torna mercadoria.

Nesse aspecto, para Marx, o trabalho apresenta um significado duplo, porque aparece, de um lado, como *valor de uso*, realizador de produtos que tem capacidade de atender as necessidades humanas; de outro, aparece como *valor de troca*, pago por um salário, criador de mercadoria. A esse respeito, esse sociólogo se expressa da seguinte forma:

A mais valia é produzida pelo emprego da força de trabalho. O capital compra a força de trabalho e paga, em troca, o salário. Trabalhando, o operário produz um novo valor, que não lhe pertence e sim ao capitalista. É preciso que ele trabalhe um certo tempo para restituir unicamente o valor do salário, mas isso feito, ele não para, mas trabalha ainda mais algumas horas por dia. O novo valor que ele produz agora e que passa então do montante do salário se chama mais valia (Marx, 1985, p.192).

Desse modo, os trabalhadores consomem apenas uma parte do que produzem, o necessário para que continuem vivos e trabalhando; a outra parte é apropriada pela burguesia. Esse processo de exploração pode ser mais bem analisado no contexto das fábricas, no qual a divisão do trabalho e a crescente especialização provocam a perda do controle do homem sobre o que produz. O seu trabalho se torna fragmentado e permite aumentar o domínio sobre as etapas do processo de produção. O homem perde a noção de totalidade, perde também o produto de seu trabalho. Desse modo, a sua inserção no processo parcial de produção torna o trabalho alienante. Nessa perspectiva, a própria atividade deixa de ser para o homem o que ela é verdadeiramente, ou seja, para o operário o seu sentido não coincide com a significação objetiva.

Leontiev (1978, p. 121) considera que “os trabalhadores [...] para viver, para satisfazer as suas necessidades vitais veem-se, portanto, coagidos a vender sua força de trabalho, a se alienar do seu trabalho. Sendo o trabalho o conteúdo mais essencial da vida, devem alienar o conteúdo da sua própria vida.”

Segundo esse mesmo autor, o trabalho alienado pode manifestar-se duplamente na vida do trabalhador: de maneira negativa e de maneira positiva. De forma negativa porque o trabalho lhe toma uma parte de sua vida, pois fazer pela vida não é viver. A vida começa para ele onde acaba esta atividade. De forma positiva destacam-se duas relações: a primeira, enquanto meio de atividade, constituindo-se em riqueza real do aspecto técnico da sua vida e de conhecimentos, em hábitos, em saber fazer o que lhe é necessário possuir para efetuar o seu trabalho.

A segunda, enquanto condição de enriquecimento da sua vida por um conteúdo novo, tirando esse trabalhador da alienação. Dentro de uma empresa capitalista o trabalhador aliena-se do seu trabalho, mas, também, entra em relação com o explorador do seu trabalho e com seus companheiros de trabalho, caracterizando a luta de classes, que compromete os dois polos da

sociedade tanto o da dominação, quanto o da exploração. Do lado dos dominantes, temos os donos do capital, a propriedade privada, e do lado oposto, os explorados que suportam os aspectos inumanos do trabalho.

De acordo com Leontiev (1978, p. 127), “para os trabalhadores o dinheiro não tem sentido próprio [...] só tem valor considerando aquilo que ele lhes permite comprar, ao passo que para o burguês ele tem um valor particular, intrínseco, o valor de um bem.”

Essas reflexões são necessárias, tendo em vista que a instituição educacional tem sido influenciada por essas mudanças, considerando-se que a educação se define no bojo das relações sociais de produção e, por isso, sua função tem sido entendida como a de formar recursos humanos e produzir capital humano. Segundo Lustosa 1998, p. 53), “sem a devida compreensão do mundo do trabalho, não se pode dar a devida conta do mundo da educação.” Para essa mesma autora, a escola tem como “função primordial a socialização para o trabalho”. Considera, então, que a educação potencializa o trabalho e é funcional ao sistema capitalista, tanto ideologicamente quanto economicamente, qualificando a mão-de-obra (força de trabalho) e, portanto, vinculando o processo de estruturação da produção.

Assim exposto, entende-se que a educação formal tem como uma das finalidades a propagação de uma ideologia, da classe dominante, e impõe determinadas formas de comportamentos, de compreensão do mundo e das relações nele estabelecidas. A classe trabalhadora é dominada pela burguesia, esta detém não apenas o meio de produção da vida material como também o acesso as produções culturais dessa sociedade. Assim, a burguesia constrói verdades que são suas e a classe trabalhadora as toma para si como verdade a explicação de uma realidade que não é sua. Nessa direção, a educação passa a ser alienadora dos trabalhadores que não entendem o contexto que se inserem. Estes não reconhecem a situação de exploração a que são submetidos, e vendem, normalmente, sua força de trabalho somente em troca de um salário.

A instituição escolar, portanto, em nossa cultura, é fundamental para entender o mundo em que se vive e possibilita também compreender a incorporação pelo trabalho dos conhecimentos científicos no âmbito da vida e da sociedade. Entretanto, o modo como os indivíduos apreendem e utilizam o significado social da escola vai depender de suas experiências em relação a ele, com os sentidos que constroem a seu respeito. Dessa maneira, a educação lhes possibilita desenvolver suas capacidades, construir pensamento crítico que os leva a refletir e avaliar os contextos nos

quais estão envolvidos. Porém, quando não ocorre a transmissão sistemática do saber, tampouco se desenvolvem a capacidade de análise e outros processos de pensamento, a ideologia prevalece, torna-se indubitável e orientadora de todos os comportamentos do sujeito (Santos, 2010).

Ao lidar com o objeto de estudo, identificar e apreender as mediações como aspectos psicossociais do movimento pendular em uma instituição de ensino superior pública, e como estas participam na constituição dos significados e sentidos que os estudantes indígenas produzem acerca desse processo, não há como fazer uma desvinculação do contexto em que se inserem - uma sociedade dividida em classes, organizada historicamente de acordo com o modo de produção capitalista. É esse contexto que estabelece as formas das relações determinadas entre seus membros, bem como exige o desenvolvimento de elementos superestruturais, entre eles a educação, que oferece as explicações sobre a realidade.

Assim, pode-se dizer que esses acadêmicos indígenas que participam do movimento pendular são oriundos da classe trabalhadora, pois estão inseridos em diversos órgãos da sociedade envolvente e ocupam cargos na área de educação, saúde, assistência social, entre outros, e enfrentam inúmeras dificuldades no seu cotidiano. Contudo, na universidade, são ensinados como pertencentes à classe dominante, haja vista que essa instituição é considerada, pela sociedade, como elitizada. Esse fato dificulta que os indígenas compreendam que a sua situação social é e continuará a ser a da sua classe de origem.

Em pesquisa anterior desenvolvida pela autora deste estudo (Francellino, 2020) com estudantes universitários indígenas, esses participantes relataram que enfrentam uma série de dificuldades, no cotidiano que vivenciam. Mencionaram, por exemplo, que no percurso diário do movimento pendular tinham que enfrentar atrasos dos ônibus, principalmente quando chovia, pois, as estradas eram ruins, cheias de buracos, provocavam problemas mecânicos nos ônibus, ocasionavam a perda de aulas, provas, seminários, e levavam muitos acadêmicos à reprovação, caso os docentes não relevassem tais imprevistos.

Além dessas dificuldades, os estudantes indígenas também mencionaram alguns perigos nos trajetos, como a presença de animais na pista, trechos sem acostamentos, tráfego de caminhões de carga e carros particulares em alta velocidade. A questão financeira também foi apontada pelos discentes como uma dificuldade. Quanto ao desempenho, eles relataram que, por morarem em outras localidades, sentiam-se prejudicados, pois não podiam se dedicar ou participar de grupos

de estudos, projetos e cursos de extensão, devido à falta de um programa que atendesse os acadêmicos que se deslocavam diariamente.

Além desses, embora não verbalizados pelos sujeitos da pesquisa, reconhecem-se, também, os problemas relacionados à relação intercultural, que devem ser considerados, pois envolvem a adaptação à universidade, a questão da igualdade com os demais alunos, que vivenciam uma realidade bem diferente, o sentimento de não pertencerem ao lugar, sentirem-se deslocados; inclui-se, ainda, a questão do preconceito, da discriminação e de resistência por parte de muitos professores, que acabam sendo empecilhos no processo de ensino e aprendizagem.

Esses obstáculos vivenciados pelos estudantes universitários indígenas contradizem a legislação a qual defende uma educação que considere as especificidades indígenas, na medida em que eles geram problemas de desempenho, interação, aceitação, baixa autoestima e impõem uma série de confrontos a serem superados, para garantir a permanência desses estudantes nas universidades.

Todos esses aspectos provocam alterações na consciência desses estudantes indígenas e interferem na constituição de sua subjetividade. A ideologia dominante pode mascarar a desigualdade sociais e o sistema de exploração da sociedade capitalista e, por ser carregada de significados afetivos, é internalizado pelos indivíduos, ainda que prejudicial a eles mesmos, inibindo o desenvolvimento de suas consciências.

Nesse sentido, considera-se a necessidade de que as emoções que mobilizam a internalização sejam decifradas pela linguagem e conduzidas à consciência, o que pode ser efetivado pela educação formal. Ela desenvolve um tipo de pensamento que permite a superação da aparência do fenômeno, instrumentalizando os indivíduos para que interpretem a realidade para transformá-la.

Assim, no próximo capítulo, apresenta-se a análise gráfica do discurso como forma metodológica da Psicologia Sócio-histórica, a fim de se compreender o objeto de pesquisa, que são estudantes indígenas em deslocamento pendular no município de Aquidauana, e, ainda, o sentido e significado desse movimento para eles.



## **5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO EXPLICATIVA DA ANÁLISE GRÁFICA DO DISCURSO**

---

## 5.1 Procedimentos adotados na pesquisa

A concepção metodológica que norteou a presente pesquisa é de natureza qualitativa, responde às questões subjetivas de modo a permitir explicar o significado de determinados fenômenos no contexto em que ocorre e do qual faz parte de forma holística e peculiar, buscando compreendê-los em sua totalidade.

Segundo Minayo (2001, p. 21), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidas a operacionalização de variáveis”. Esse tipo de pesquisa é muito utilizado quando se tem como finalidade investigar e analisar comportamentos, percepções, opiniões de um ou mais indivíduos inseridos num contexto específico, sem se preocupar com representatividade numérica.

Para a realização desta investigação, adotou-se os seguintes passos: inicialmente fez-se contato com a instituição informando sobre o estudo e solicitou-se autorização para que pudesse entrar em contato com os estudantes indígenas participantes desta pesquisa pela coordenação do curso. Com a autorização, entrou-se em contato com os entrevistados, informou-se sobre o objetivo da pesquisa e foi enviado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, contendo informações sobre a voluntariedade, o sigilo das informações e a forma de realização das entrevistas, cujo modelo se encontra no Apêndice A. Após consentimento e assinatura dos participantes, as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, porque permite a intervenção do sujeito no processo da própria realização da entrevista, o que necessariamente é proposto nos pressupostos metodológicos que orientam a pesquisa, e, também, na teoria psicológica adotada, quando partem do entendimento que é na ação do homem com outro homem que as coisas se transformam. Portanto, o entrevistador é o elemento do grupo que interfere no sujeito e lhe permite que se mostre, e se transforme.

Construiu-se um roteiro de perguntas, previamente elaborado, um instrumento que caracteriza a entrevista semiestruturada. Abordaram-se questões amplas para nortear o caminho do processo investigativo, divididas em quatro partes, a saber: dados pessoais, questões sobre movimento pendular, desempenho acadêmico e sentimentos gerados pelos deslocamentos diários.

Em razão de o período da coleta de dados desta pesquisa (2020-2021) ter coincidido com o da pandemia pela Covid -19, as entrevistas foram realizadas via *google-meet* e variaram de 22 a

60 minutos, no período de abril a junho de 2021. Ressalta-se que os questionários foram aplicados considerando as diretrizes e normas que regulamentam pesquisas que envolvem seres humanos.

Ao início das entrevistas, reiterou-se os direitos dos participantes, esclareceu-se sobre a finalidade da pesquisa, enfatizou-se a importância da participação e garantiu-se que os dados seriam utilizados somente para fins de estudo. Em seguida, solicitou-se autorização do participante para a gravação das entrevistas, cuja realização foi privativa, somente com a presença do pesquisador e do entrevistado.

Participaram desta pesquisa quatro (4) discentes indígenas regularmente matriculados em cursos de graduação de uma universidade pública no município de Aquidauana, que vivenciam o movimento pendular e são concluintes de quatro diferentes cursos, entre os 11 que são ofertados pela instituição. Dois participantes são do gênero masculino e dois do gênero feminino. Definiu-se, como critérios, que esses alunos estivessem cursando graduações e residindo em aldeias diferentes. Desse modo, participaram da pesquisa uma estudante do curso de Pedagogia, uma do curso de Letras e Espanhol, um do curso de Matemática e um do curso de Letras e Inglês. Ressalta-se que foi escolhido, para cada estudante, um nome fictício de origem indígena, como forma de preservar as identidades.

Yara é estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia, reside na Aldeia Limão verde, localizada a 23 km de Aquidauana, e faz um deslocamento diário de 46 km por dia. Potira cursa o 7º semestre do curso de Letras - Espanhol, reside na Aldeia Cachoeirinha, localizada no município de Miranda, e percorre a distância de 82 km para ir e 82 km para voltar, totalizando 164 km diários. Ubiratan está matriculado no 7º semestre do curso de Matemática, mora na aldeia Bananal, distante 60 km de Aquidauana, o que representa um percurso diário de deslocamento de 120 km. Peri é do curso de Letras – Inglês, mora na aldeia Lagoinha, que fica localizado a 70km do seu local de estudo; portanto, faz um percurso (ida e volta) de 140 km diariamente.

No que se refere à quantidade de participantes, considera-se quatro um número significativo, primeiramente porque é capaz de representar os aspectos sociais e psicológicos de um grupo específico, e, também, por se entender que o homem é resultado da relação entre indivíduo e sociedade, logo, ele é capaz de representar as características do grupo do qual faz parte. Tem-se também a ressaltar que a análise gráfica do discurso é complexa e demanda muito tempo para sua interpretação.

Ressalta-se, ainda, que, por esses motivos expostos, a análise completa e detalhada das entrevistas e respectivos discursos é apresentada, aqui, de apenas dois dos quatro estudantes selecionados para participarem da pesquisa – o Estudante 1 e a Estudante 2. Contudo, o registro dos dados coletados nas entrevistas dos estudantes 3 e 4 constam nos apêndices, desenvolve-se, procede-se, aqui, a análise completa e detalhada apenas de dois deles.

No decorrer das entrevistas, encontrou-se dificuldade de cunho tecnológico, haja vista que nas aldeias a internet é bem precária, há muito ruído e muita instabilidade; contudo, não houve prejuízo em relação à compreensão, no momento das transcrições. Para se analisarem as entrevistas, como já foi mencionado, utilizou-se a técnica de Análise Gráfica de Discurso Simplificado.

## **5.2 Análise Gráfica do Discurso Simplificada**

A Análise Gráfica do Discurso é um método de análise do conteúdo, processos e mediações presentes na formação da consciência humana. Foi criado pela professora Silvia Tatiana Maurer Lane e publicado na Revista Psicologia e Sociedade (ano IV, n.7), em 1989, sob o título “Uma técnica de análise gráfica do discurso”. Nesse artigo, além da descrição da técnica, a autora declara que a fundamentação metodológica tem base no materialismo histórico dialético. Lane (1989) adota e desenvolve esse método com a finalidade de “contribuir para a superação do positivismo na forma de fazer ciência, para elaboração de novos métodos de pesquisa e para afirmação do homem como sujeito histórico” (Bock et al., 2007, p. 48).

Nesse processo de revisão e crítica da Psicologia Social, Lane conheceu a obra dos soviéticos Leontiev, Luria e Vygotsky, e, com base nos pressupostos desses psicólogos, desenvolveu estudos e pesquisas sobre as categorias do psiquismo – atividade, consciência e identidade -, e sobre a compreensão destas como processos constituídos por mediações. Estabeleceu conceitos, ainda, sobre a subjetividade no processo dialético subjetividade-objetividade, o qual

[...] traz a possibilidade de superar explicações que apenas justapõem indivíduo e sociedade e permite que, ao se falar do sujeito, fale-se, necessariamente, da realidade social da qual participa. E compreender que ambos, sujeito e sociedade estão em um movimento que tem por base as contradições do processo histórico, significa poder para apontar as possibilidades de transformação (Bock et al., 2007, p. 52).

Considerando as implicações metodológicas das categorias fundamentais da Psicologia Social, os pressupostos adotados por Silvia Lane exigem atingir o concreto: “o indivíduo como manifestação da totalidade histórico – social” (Lane & Codo, 1995 como citado em Leão, 2007, p. 2), premissas que podem ser abarcadas pelas categorias atividade, consciência e personalidade, que possibilitam a análise do fato psicológico e podem ser apreendidas pela linguagem; é o discurso produzido pelo indivíduo que transmite a representação que ele tem do mundo em que vive.

A técnica da Análise Gráfica do Discurso (Lane, 1989) e a Análise Gráfica do Discurso Simplificada (Leão, 2007) demonstram ser eficientes para a investigação da consciência, na medida em que bastam para que os discursos dos estudantes indígenas sejam analisados, como dados empíricos. Esses discursos se constituem nas verbalizações dos sujeitos, os quais refletem as representações conscientes que fazem de si e do mundo circundante. Desse modo, é possível detectar os componentes ideológicos, emocionais, as contradições e o pensamento que geram o discurso.

Lane (1991, p. 8) afirma que:

[...] ao explicitar a organização do discurso permite-nos localizar graficamente os núcleos do pensamento através das palavras que se repetem (ou dos sinônimos, mas segundo a continuidade do discurso utilizando a sequência dos números para cada unidade de significação (sujeito e predicado).

Leão (1999) explicita que a análise se refere ao conteúdo explícito nas informações e orienta que analista e locutor se apoiem no mesmo código linguístico, estabelecendo uma dupla correspondência – de um lado, entre o material codificado e as categorias do código e, de outro, entre o sentido atribuído ao elemento codificado e a realidade que ele mostra. Assim, esses pressupostos linguísticos fazem do sistema de referência do analista o instrumento principal da análise, operando sobre o conteúdo manifesto da linguagem.

A autora também salienta que para se ter uma análise fidedigna deve-se partir de entrevistas gravadas, as quais permitem entender as formas individuais de relação com o meio ambiente social, bem como, estudar as suas representações e motivações. Porém, considerando que, ao serem transcritas, as entrevistas perdem as suas características comunicativas expressadas nas entonações e mímicas, esse fato corrobora para que os aspectos emocionais fiquem implícitos nas palavras, em seus conceitos, e na estruturação das frases que transmitem as variações dos sentidos referentes aos elementos abordados nos diálogos. Por isso, na realização de cada entrevista,

consideram-se os elementos que interferem nessas situações, pois é raro haver correspondência total entre os sistemas de referência dos dois interlocutores, na comunicação verbal.

Nesse sentido, Leão (1999, p. 144) afirma que: “o paradoxo da situação de entrevista, do ponto de vista metodológico, é que o objetivo é atingir o sistema de referência do sujeito por meio de uma comunicação em que a interação com o sistema de referência do entrevistador não pode ser evitada”. Nesta pesquisa, considera-se que parte do sistema de referência está no fato de ambos (entrevistador e entrevistados), além de usarem a mesma língua, fazem parte da mesma universidade.

De acordo com Leão (2007, p. 72),

A partir dos textos gerados pelas transcrições das entrevistas, chamados também de “corpo” as principais operações da análise são as seguintes; a) uma decomposição do “corpo” em unidades de significado segundo uma enumeração dos enunciados b) a elaboração dos gráficos c) a localização das palavras núcleos d) a constituição de classes de equivalência semântica em função de um domínio de referência os significados e sentidos expressos pelo movimento dos núcleos, indicado na Análise Gráfica.

Conforme se verifica na análise procedente nesta pesquisa, as palavras iguais repetidas aparecem em cores diversas, primeiramente, no corpo do texto e, em seguida, em um quadro com as incidências, no qual elas aparecem nas mesmas cores (cf. Apêndices D e E). É importante ressaltar que, pelo fato de os discursos serem longos, foram contabilizadas palavras com até sete incidências. Com base nesse quadro, elaboraram-se esquemas de Análise Gráfica do Discurso Simplificado dos sujeitos participantes da pesquisa.

Com base na comparação das representações dos discursos, localizaram-se os principais núcleos de pensamento e acompanharam-se as alterações dos sentidos atribuídos às situações significativas. Desse modo, analisaram-se as representações e as mudanças que elas sofrem por meio das contradições, dos aspectos ideológicos e das relações estabelecidas com a realidade. Esses elementos serão expostos nos itens 5.4 e 5.5 deste capítulo, nos quais será descrita e explicada a análise gráfica do discurso simplificado dos sujeitos da pesquisa.

Com o aprofundamento da análise, procurou-se encontrar as relações entre o discurso e as alterações das características dos sujeitos, do seu grupo social e das suas atividades. Para tanto, deu-se ênfase às características específicas das palavras e das frases, tanto como elementos da comunicação como processos de pensamento que são integrados por componentes emocionais.

Para se entender os processos e conteúdos revelados pela Análise Gráfica do Discurso Simplificado, há que se conhecer determinadas especificações da Teoria Sócio Histórica, a exemplo da função da categoria linguagem e das palavras.

### 5.3 A função da linguagem e das palavras

Para a explicação dos processos e conteúdos revelados pela análise gráfica baseou-se na categoria linguagem, no que se refere às funções das palavras. Em termos filosóficos, Marx (como citado em Leontiev, 1978, p. 85) afirmava que “a linguagem é a consciência prática dos homens. [...] É o produto da coletividade, o produto da atividade humana, mas é igualmente o ser falante da coletividade.”

A linguagem surge assumindo três funções fundamentais na formação da consciência: amplia o mundo perceptível, assegura o processo de abstração e generalização, assim como transmite informações. Por isso, utilizando a análise da linguagem e do discurso, é que se pode compreender o processo de construção da vida consciente do indivíduo.

De acordo com Leão (1999, p. 15), entende-se por “linguagem humana um sistema complexo de códigos que tem por objetivo designar os objetos do mundo exterior, suas ações, relações, representações, signos socialmente criados pela humanidade”.

É, portanto, um produto histórico e coletivo que tem como função não apenas desempenhar o papel de meio de comunicação entre os homens, mas também é um meio, uma forma da consciência e do pensamento humano. Permite a retenção na memória de imagem que, por sua vez, permite a designação de objetos sem que estes estejam presentes.

O pensamento aparece simultaneamente, em conjunto com o desenvolvimento social, é direcionado por motivos, orientado por um certo fim que transforma uma atividade em elaboração mental. São essas atividades, apreendidas do meio social onde são previamente elaboradas, que se tornam em pensamento verbal dos homens. Assim, ele é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não são encontradas nas formas naturais de pensamento e fala.

As palavras são os elementos imprescindíveis de codificação da linguagem e têm um papel importante no desenvolvimento histórico da consciência. De acordo com Luria (1985, p. 27), “é a palavra que designa as coisas, analisa os objetos e codifica a experiência, ela é o meio de abstração

e generalização, reflete as profundas ligações e relações que os objetos do mundo exterior encobrem.”

Considerando as elaborações teóricas de Vygotsky (1987, p. 104) sobre esse assunto, ressalta-se que:

Uma palavra sem significado é um som vazio, o significado, portanto, é um critério da palavra, seu componente indispensável... Mas, do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E, como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos do pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.

O que Luria (1985) destaca no significado da palavra é a capacidade de analisar o objeto, distinguir nele as propriedades essenciais e relacioná-lo a determinada categoria, ou seja, observar a função de abstração e generalização. Nesse sentido, quando o homem menciona determinada palavra, ele reproduz não apenas um conceito direto, mas suscita praticamente todo um sistema de ligações que vão muito além dos limites de uma situação imediatamente perceptível e têm caráter de matriz complexa de significados, situada num sistema lógico.

Este sistema de relações semânticas implícitas na palavra e que expressa um conceito permite que o pensamento se desloque em muitos sentidos, que são determinados pela amplitude e a profundidade desse sistema de relações. Desse modo, o sentido é aquele momento que não tem a estabilidade do significado, pois mudará sempre que os interlocutores e os eventos mudarem; tem, portanto, caráter provisório.

É importante frisar que o sistema de relações latentes na palavra que é um conceito não é o mesmo em pessoas diferentes. Para Luria (1985), nas etapas inferiores de desenvolvimento predominam as relações direto-figuradas, e nas etapas mais avançadas de desenvolvimento cabe posição determinante aos complexos sistemas de relações lógicas.

A linguagem se apresenta em duas formas de atividade: a primeira é a comunicação, que requer a participação de duas pessoas, um falante e um ouvinte; a segunda une falante e ouvinte em um sujeito, transformando a linguagem em um veículo do pensamento. Nesse sentido, o homem pode produzir a linguagem externa ou limitar-se à linguagem interna.

A linguagem externa caracteriza-se pelo fato de o sujeito precisar transformar o sentido subjetivo em um sistema de significações verbais desenvolvidas e compreensíveis para todos, e isso só acontece quando o pensamento ganha materialidade na palavra e exige a constituição das frases. Isso pode ser entendido pelo processo de interiorização da linguagem que se inicia com as



primeiras aquisições verbais: uma vez pronunciada, a palavra é retida na memória e as pessoas são capazes de reproduzi-la. Desse modo, a linguagem interna possui uma posição intermediária entre a ideia e a linguagem desenvolvida, ou seja, é um processo que gera o enunciado verbal desenvolvido e insere a ideia inicial no sistema de códigos gramaticais da língua.

A origem da linguagem interna está ligada à fase da infância, na qual a fala egocêntrica desenvolvida reduz-se gradualmente e transforma-se em linguagem interna através da fala sussurrada. A fala egocêntrica é um fenômeno de transição das funções intersíquicas para as intrapsíquicas, ou seja, da atividade social e coletiva da criança para a sua atividade mais individualizada. A função da fala egocêntrica é semelhante à da fala interior, está a serviço da orientação mental, da compreensão consciente e intimamente relacionada com o pensamento da criança. Portanto, só podemos compreender a fala interior depois de examinar o pensamento que é mais interiorizado.

Para Vygotsky (1991, p.106),

Todo pensamento cria uma conexão, preenche uma função, resolve um problema e ao contrário da fala, não consiste em unidades separadas. O pensamento está presente em sua totalidade e num só momento, mas na fala deve ser desenvolvido em uma sequência. A transição do pensamento para a palavra passa pelo significado dando origem ao pensamento verbal.

O que provoca o processo discursivo é o motivo, e este vai determinar os diferentes fins da comunicação. O motivo pode ser o desejo de expressar uma necessidade, externar um pedido ou uma exigência para ser atendido pelo interlocutor; portanto, o enunciado terá um caráter eficaz, pragmático. Segundo Leão (1999, p. 21), “quando o motivo do enunciado é a transmissão de informação, o estabelecimento de contato ou a elucidação de uma ideia para o próprio emissor, o enunciado se caracterizará por ser cognitivo, informativo.”

Para a psicologia é importante estudar como a língua representa a realidade exterior, formula um pensamento e identifica os conteúdos que a comunicação verbal pode transmitir pelos seus recursos.

A enunciação verbal pode apresentar duas modalidades básicas: linguagem falada e linguagem escrita, sendo que cada uma apresenta as suas variedades, usa meios de expressão e estrutura psicológica diferentes. Além da função de servirem como meio de transmissão de informação, as linguagens escritas são um meio de retoque do pensamento, fundamentais no aprimoramento da atividade intelectual do sujeito.

Qualquer enunciação verbal deve atender a necessidade de se expressar um determinado conteúdo na enunciação verbal. Mas, como o motivo, em si mesmo, nunca possui um conteúdo determinado, há a necessidade de um primeiro registro semântico, e é ele que vai determinar o conteúdo da enunciação. Psicologicamente, essa etapa se caracteriza como a da formação do sentido subjetivo geral da futura enunciação. É nessa fase que o sujeito busca elaborar como vai transformar esse sentido subjetivo em um sistema de significações verbais desenvolvidas e compreensíveis para todos. Dessa forma, necessita ser desdobrado em enunciados que cumpram o objetivo da comunicação.

A enunciação verbal desdobrada é a última etapa do processo de transformação da ideia, em uma alocação verbal. As frases incluídas nessa alocação desdobrada possuem não só uma natureza referencial, mas um significado sócio contextual, que se constitui na comunicação concreta e que pode ser compreendido somente sobre a base do processo de comunicação. É a comunicação concreta que mantém estável, por um certo período, o seu tema (o objeto da alocação) e o seu rema (o que deve ser dito sobre o objeto). A manutenção das condições implícitas à comunicação concreta faz com que ela seja considerada como um sistema semântico fechada.

O conhecimento das estruturas básicas semânticas ou sintáticas profundas, que se encontram na base de cada componente da alocação e que expressam determinados sistemas emocionais ou lógicos de relações, é, para Luria (1985), a segunda condição da comunicação verbal. Alguns autores como Miller (1970) e outros citados em Leão (1999) mostraram que a compreensão completa de cada parte da comunicação só pode ser possível com o auxílio da passagem das estruturas gramaticais superficiais à estruturas básicas semânticas ou profundas que constituem a base daquelas.

Vygotsky (1991) enfatiza que a passagem da estrutura externa do texto ao subtexto ou sentido que está inserido na comunicação verbal é insuficiente para a compreensão do significado imediato da comunicação. É fundamental apreender o sentido interno pela individualização daquilo que constitui o sentido interno central da comunicação, para que se compreendam os motivos existentes por trás das ações das pessoas descritas no texto.

Sobre essa condição, Luria (1986, p. 176) alerta:

O sentido interno da enunciação pode divergir do seu significado externo e a tarefa de compreensão verdadeira do sentido da alocação ou de seu subtexto consiste em não se limitar a descoberta do significado externo da comunicação, mas em passar ao subtexto profundo, abstraindo-se desse significado externo e do texto superficial, em passar do significado ao sentido e logo ao motivo que está na base desta comunicação.

Isso é que vai determinar que o texto pode ser compreendido ou lido com diferente profundidade, e essa profundidade da leitura pode ser diferente, entre as pessoas, muito mais que a apreensão do significado superficial.

Luria (1986, p. 223) afirma que:

O processo de compreensão da linguagem é constituído pelas seguintes etapas: a etapa da percepção do sistema já constituído de códigos verbais; que possuem uma determinada estrutura fonemática, léxico-morfológica e lógico-gramatical; a etapa do deciframento destes códigos; a etapa da compreensão do sentido geral da enunciação e, finalmente, a etapa da identificação do subtexto fundamental ou do sentido que está por trás da comunicação verbal desdobrada.

Essa apreensão do sentido se dá pela especificação do significado que cada indivíduo atribui à palavra, e decorre da relação com o momento e situação em que o sujeito se vê inserido, destacado do sistema objetivo das relações. É nesse aspecto de significado social-comunicativo, específico do sentido da palavra, que se apoia a comunicação, pois ele transmite e permite a quem escuta perceber o que o falante quer dizer, precisamente, e quais são os motivos que o levam a realizar uma alocução.

Em síntese, o sentido das palavras depende da atividade concreta que o sujeito tem diante de si e da situação em que emprega a palavra. Na destinação do sentido das palavras pela pronúncia, deve-se considerar a estrutura morfológica e a entonação, e, na linguagem escrita, a pontuação.

Nesse sentido, a linguagem - seja oral, seja escrita - desempenha importante papel no aprimoramento do pensamento. Para Vygotsky (1991, p. 298), “o pensamento codifica-se na linguagem para ganhar clareza e a expressão oral é o elemento culminante do pensamento. E para compreender o pensamento do outro devemos entender sua base afetivo-evolutiva e sua motivação”

Lane (1995, p. 56), em seus estudos sobre as categorias do psiquismo propostas por Leontiev, constatou que as emoções atuam de forma significativa como mediação na construção do psiquismo humano, ao lado da linguagem e do pensamento; dependendo da forma como a sociedade se organiza para a manutenção e reprodução de sua existência, pode favorecer tanto o desenvolvimento quanto a fragmentação da consciência.

Conforme as capacidades cognitivas vão se desenvolvendo, as emoções mudam de natureza. Dessa forma, de acordo com a modificação da compreensão do mundo (significado), o sentido (pessoal) também muda, interferindo na emoção.

A emoção, geralmente, apresenta-se à consciência como um fenômeno imediato e concreto que carrega o seu próprio sentido, possuindo uma função específica para cada pessoa; essa função individualizada é que promove e motiva a atividade, o que na Teoria Sócio-Histórica denomina-se sentido pessoal da emoção.

Leontiev (1978) aponta a importância das emoções e sentimentos, porque são eles que conduzem a atividade em forma de motivos, marcando com características muito próprias a individualidade humana. Nesse sentido, Leão (1999, p. 32) considera que cada pessoa constitui seu mundo próprio

[...] em sua relação com o mundo, através dos processos de interiorização, objetivação e auto-expressão e trata de manter e expandir sua identidade no mundo dado, sobre o qual seleciona o perceber, pensar e agir. Portanto, os componentes sentimentais reais desse mundo próprio são sempre sentimentos orientativos e emoções.

A compreensão da emoção como mediadora surge do fato de a atividade do homem ser formada por ações que executam concretamente um determinado conjunto de relações com a realidade objetiva, com o meio social e consigo mesmo. O que vai constituir a estrutura da personalidade são as formas como essas relações entre os diversos interesses se organizam e, concomitantemente, estruturam a forma como os estados emocionais vão se manifestar e mediar a objetivação social das emoções e a avaliação das atividades derivadas.

São os estados emocionais que sinalizam, nas diversas relações, o interesse do indivíduo por um objeto. Dessa forma, determinam o tônus emocional da atividade, ao especificar as características do objeto que o promoveu. Segundo Leão (1999, p. 33),

o objeto tem a função de transformar as vivências emocionais em representação social concreta. Por conseguinte, há necessidade de nominar o objeto percebido ou pensado para construir o sentido pessoal da sua representação interna, pois assim o interesse da atividade avalia a possibilidade de êxito da atividade deste objeto.

Essa avaliação da atividade ocorre no nível da representação sensorial direta da situação e do pensamento, e se baseia no sentimento que permite apenas a vivência do que foi sentido emocionalmente. Porém, a representação interna do objeto, ao se constituir em signos sociais por uma imagem simbólica ou por elementos da linguagem, permite um processo emocional avaliativo

que desencadeia uma análise das relações possíveis para a atividade e a introduz no sistema de pensamento.

A esse respeito, Leão (1999, p. 34) explicita:

É o pensamento racional que vai analisar a vivência emocional e a categorizar sob uma determinada denominação explicitando-a como emoção caracterizada pelas condições socioculturais. É como emoção que o sentido pessoal da atividade demonstra os interesses do sujeito pelo objeto e o relaciona com a possibilidade de êxito da atividade condicionada pelas relações sociais.

Nesse sentido, a emoção só é constituída quando se realiza a objetivação do seu motivo e antes que se construa a valorização social de sua atividade, tal como ocorre na atividade de trabalho, que, apesar de ser socialmente motivada é, também, dirigida por motivo.

Desse modo, as emoções são elementos constituintes das ações ou operações realizadoras da atividade, e não da atividade em si. Assim, processos idênticos envolvidos na execução de atividades diferentes podem ter sentidos emocionais diversos, porque a avaliação positiva ou negativa de uma emoção é realizada pela própria emoção e depende do motivo preestabelecido no sujeito com respeito aos efeitos da atividade que desencadeia. Consequentemente, os motivos que impulsionam a atividade é que geram as emoções propriamente ditas. A atividade será impulsionada pelo sentido pessoal em ocasiões intensamente afetivo-emocionais, não gerando o significado social racional.

Referente ao de o sentido pessoal caracterizar-se pela correlação com as determinações sociais, Leontiev (1978 citado em Leão, 1999, p. 35) afirma:

A distribuição das funções de gerar sentido é o único impulso entre os motivos de uma ou outra atividade que permite compreender as relações fundamentais que caracterizam a esfera motivacional da personalidade: as relações de hierarquia dos motivos [...]. O que define as relações hierárquicas existentes entre os motivos são os nexos que se vão constituindo na atividade do sujeito, por suas mediações e, são, por isso, relativas. Isto diz respeito também à correlação fundamental: a que se dá entre os motivos geradores de sentido e as emoções. Na estrutura de uma atividade, certo motivo pode cumprir a função de gerador de sentido e em outra, a função de estimulação complementar. Porém, os motivos geradores de sentido sempre ocupam um lugar hierárquico mais elevado, inclusive quando não possuem um efeito direto.

Os motivos emocionais, que não são determinantes da atividade, mas que funcionam como estimuladores, apesar de serem os reguladores da dinâmica da personalidade, podem permanecer implícitos para o próprio sujeito, tanto no plano da consciência como no plano de sua afetividade imediata. Tal fato ocorre porque na fase inicial – da afetividade –, quando o sujeito é atingido por

algo ou alguém, somente os conteúdos sensoriais desses objetos motivadores são percebidos e representados. Na representação se abstraem as características do objeto que propulsionam ou impedem a atividade, porém, sem as características motivacionais torna-se impossível representar conscientemente o objeto, o qual motiva a mesma atividade. Este permanece diluído nas sensações primárias como: odor, sabor, forma etc., e são refletidos como “vivências do desejo ou tendência para um fim”, mas sem que sejam elaboradas pelo pensamento racional.

Os motivos não conscientes são constituídos, como qualquer outra representação psíquica, pela vida real, pela atividade do homem no mundo objetivo. Os termos consciente e não-consciente não são opostos, são formas e níveis diferentes da representação psíquica e que dependem do lugar que ocupa o objeto representado na estrutura da atividade, no movimento do sistema psíquico. Pode-se tomar consciência dos fins e das ações que atendem as representações, mas não se pode compreender seus motivos.

O processo mediacional da emoção é um aspecto muito complexo e que ainda está em desenvolvimento, na psicologia; compreendê-lo depende de se entender a evolução da afetividade até a constituição das emoções propriamente ditas.

Entre os autores que desenvolvem estudos sobre as emoções destaca-se Leontiev (1978 citado em Leão, 1999, p. 52); esse psicólogo confirma que os processos e estados emocionais dos homens se desenvolvem em função da sua vinculação com a atividade e a linguagem e, desse modo, participam da estruturação da personalidade.

De acordo com Lane (1995, p. 62),

Emoção, linguagem, pensamento são mediações que levam à ação, portanto, somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo, e com essa bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam.

Spinoza (1979) afirmava, em seus pressupostos teóricos sobre os afetos, que o homem tem poder sobre as emoções, que a razão pode alterar a ordem e as conexões delas e fazê-las concordar com a ordem e as conexões da razão. É o que se manifesta quando as emoções humanas, no processo de desenvolvimento ontogênico, entram em conexão com as normas gerais relativas tanto à consciência da personalidade como à consciência da realidade.

Dessa forma, o desenvolvimento histórico dos fatos ou das emoções consiste, principalmente, na alteração das conexões iniciais em que foram produzidas para uma nova ordem e novas conexões; o conhecimento acerca do afeto altera-o, transformando-o de um estado passivo

em outro ativo. O que um indivíduo pensa sobre coisas de fora dele não altera em nada as emoções, no entanto, o que ele pensa sobre afetos relacionados ao intelecto e outras instâncias pode alterar, e muito, a vida psíquica desse indivíduo. Assim, os afetos atuam por meio de um complicado sistema de conceitos, e sofrem alterações em meios ideológicos e psicológicos diferentes.

Para Vygotsky (1930, p. 87, tradução nossa), “As emoções complexas aparecem apenas historicamente e são a combinação de relações que surgem como resultado da vida histórica, uma combinação que ocorre no curso do processo evolutivo das emoções”<sup>7</sup>.

Em suma, o autor preocupa-se em compreender as emoções em seu processo de mudança ao longo da história da humanidade e considera que pensamento e emoção não podem ser compreendidos de forma dissociada, uma vez que a linguagem não existe apartada da emoção. Desse modo, a apreensão do pensamento do sujeito passa, necessariamente, pelo entendimento da emoção gerada por afeto. Assim, a possibilidade de compreensão e simbolização do que se sente será melhor, à medida que houver ampliação dos elementos da cultura.

Essas ideias servem como pilar aos postulados acerca do que pode ocorrer na consciência do indivíduo, em um determinado contexto histórico, tendo em vista que os sentimentos e emoções também dependem da maneira de viver da sociedade, da classe social a que o indivíduo pertence e de sua educação. Nessa perspectiva, o homem, no seu aspecto emocional, precisa ser entendido como síntese de suas relações sociais e, dessa forma, as emoções são datadas historicamente e são construídas a partir das condições materiais de produção.

A compreensão desses fundamentos é de suma importância para que se entenda o significado e o sentido do movimento pendular para os discentes indígenas universitários e o seu processo de constituição. Esses acadêmicos fazem parte de um grupo social e frequentam uma instituição de educação que são determinadas por esse grupo social; nesse sentido, é relevante que se apreenda, através da atividade que realizam, o modo como esses acadêmicos indígenas percebem e consideram sua formação dentro dessa instituição.

Conforme já referido, os sujeitos da pesquisa são indígenas que vivenciam o movimento pendular para estudo. Por compreender que o ser humano é o resultado da relação dialética entre indivíduo e sociedade, capaz de representar as particularidades do grupo de que faz parte, apresenta-se, neste item do estudo, e no próximo, a análise dos discursos de dois estudantes

---

<sup>7</sup> Las emociones complejas aparecen sólo históricamente y son la combinación de relaciones que surgen a consecuencia de la vida histórica, combinación que tiene lugar en el transcurso del proceso evolutivo de las emociones.

indígenas como mediador dos aspectos sociais e psicológicos de um grupo específico, tendo em vista que esses indivíduos são representativos do todo.

Para se entender como o deslocamento pendular altera a subjetividade dos estudantes indígenas, realizaram-se entrevistas cujo roteiro era semiestruturado, composto de 26 questões distribuídas em quatro blocos, quais sejam: 1) dados de identificação; 2) o processo de deslocamento pendular, cujas questões versavam sobre distância da residência até a UFMS/CPAQ, tipo de transporte, condições do veículo, tempo de viagem, o não domicílio no local de estudo etc.; 3) desempenho acadêmico e dificuldades significativas causadas pelos deslocamentos diários, as relações de amizade no ambiente acadêmico, entre outras; 4) sentimentos em relação ao deslocamento, desafios e motivações. Com base nessas questões, foram construídos os instrumentos de análise (corpo de análise, quadro de incidências e gráfico).

Ressalta-se que as entrevistas foram realizadas na língua portuguesa, já que os estudantes participantes utilizam o português correntemente, no âmbito universitário.

Há uma demanda social do povo Terena por aprender a língua da sociedade envolvente como uma forma de adaptação e de sobrevivência. Jordão (2017), em seus estudos, constatou que os terenas tentam se adaptar aos sistemas fonológicos, morfológicos e semânticos, na tentativa de adequar os conceitos, objetos e nome de pessoas da cultura brasileira à cultura terena.

A autora pontua que os empréstimos linguísticos podem ser nitidamente observados na fala e na escrita terena da aldeia Ypegue, da região de Aquidauana, e esses empréstimos surgiram na medida em que os indígenas eram forçados a falar a língua portuguesa, principalmente com o surgimento da escola dentro das aldeias. O desenvolvimento das tecnologias proporcionou o surgimento de novas palavras na língua portuguesa, sendo também adotado na língua terena como, por exemplo, a palavra internet, celular, geladeira, que são pronunciadas e escritas da mesma forma, nas duas línguas (Jordão, 2017).

De acordo com alguns estudiosos da linguística - Silva (2009, 2013), Nascimento (2012), Ferreira e Oliveira (2020) – o idioma terena ainda é bastante utilizado nas comunicações orais do dia-a-dia, principalmente entre os anciões, que passam os conhecimentos das gerações passadas.

Evidenciou-se, neste estudo, que a língua terena apresenta uma rica e complexa morfologia, na seção em que se expôs uma síntese da sua estrutura. Conquanto o estudo não seja na área de linguística, como já mencionado, procedeu-se a essa síntese como forma de ilustrar a análise dos discursos dos estudantes Ubiratan e Potira, que expressam a ideia desvelada pelos núcleos de



pensamento, em língua portuguesa e no idioma terena, a língua materna, haja vista que na comunidade em que vivem é a primeira língua, por meio da qual estabelecem contato com seus familiares e o grupo ao qual pertencem.

Assim, através dos discursos desses sujeitos, será possível entender seus pensamentos explícitos e implícitos, e o quanto eles vêm carregados de significados emocionais; cada um deles possui um potencial de sentidos que precisa ser desvendado. Então, o pretendido, nesta pesquisa, é descobrir, por meio da mediação das emoções, como o social se torna individual.

#### **5.4 Análise do discurso do estudante Ubiratan**

Neste item do capítulo analisam-se os elementos constituintes do discurso do acadêmico indígena Ubiratan, participante da pesquisa, à luz da Técnica de Análise Gráfica do Discurso Simplificada, uma versão desenvolvida por Leão (2007), que se mostra eficiente para apreender os movimentos do pensamento e da consciência do indivíduo. O discurso, por carregar, concomitantemente, as construções ideológicas e as consequências que trazem à consciência dos indivíduos, representa uma importante fonte de análise psicológica.

Essa técnica, por considerar as três leis do pensamento metódico do materialismo histórico dialético, é compatível com a proposta metodológica marxista e vygotskyana, que prevê:

1) a ação recíproca em que tudo se relaciona, principalmente, o social, o cultural e as características psicológicas individuais; 2) demonstra a mudança dialética onde tudo se transforma como é o caso da passagem do pensamento para o comportamento social; 3) a passagem da quantidade à qualidade como se manifesta na transformação da ideia em palavras expressas. Desse modo, é possível demonstrar as mediações da realidade social na constituição da consciência dos sujeitos e que pode ser observado por meio do pensamento manifesto em linguagem que é exatamente o que buscamos identificar na análise (Ramiro, 2019, p.146).

A análise gráfica do discurso simplificado permite apreender os elementos que possibilitaram a efetivação dos seguintes objetivos: 1) identificar, por meio dos discursos os núcleos de pensamentos e as representações que foram construídas pelos estudantes indígenas durante o processo de deslocamento pendular e depois chegar à consciência pela análise; 2) verificar qual o sentido e significado que os estudantes indígenas atribuem ao processo de deslocamento pendular, quais os motivos que fazem com que esses estudantes indígenas

permaneçam no deslocamento pendular e como o processo subjetivo se constrói dialeticamente nas motivações e desafios do deslocamento pendular diário.

Para se proceder à análise gráfica do discurso simplificado dos participantes da pesquisa, várias leituras foram feitas do material transcrito, com o objetivo de transformar o discurso em um corpo de análise. Essa tarefa exige que "se identifique e assinale as palavras que se repetem ou seus sinônimos, que indicarão em torno de quais temáticas o discurso foi elaborado" (Leão, 2007, p.72).

A seguir, transcreve-se a entrevista completa (perguntas e respostas), de modo contínuo, do participante Ubiratan, cujo corpo de análise contém marcadas as palavras repetidas, que estão assinaladas com as mesmas cores. Por exemplo, o verbo "ter" e suas variações foram marcadas na cor vermelha (ter, tenho, tive, tendo, entre outras), assim como as palavras "não" e "nunca" estão marcadas de verde, para melhor visualização e identificação dos núcleos de pensamento que expressam os conteúdos da consciência do sujeito entrevistado.

#### 5.4.1 Corpo de Análise

Bom dia! Obrigada por ter aceito o convite para participar dessa entrevista. Inicialmente, eu gostaria que você falasse um pouco sobre você, qual curso você faz, período que está matriculado? Então, eu tenho 31 anos. Estou cursando o quinto semestre do curso (de) Matemática. Me fale sobre sua composição familiar. Então, na verdade, minha família me influenciou um pouco, porque a minha irmã é formada pela UFMS em letras, outra irmã é formada pela UFMS em geografia. Ai me falaram que era muito boa a instituição, aí eu resolvi fazer o curso de matemática na UFMS mesmo. Me fale sobre sua composição familiar. É... bom eu não tenho filhos, mas, como dizem, eu sou amigo, casado no papel, não sou. Você tem uma companheira? Isso. Você mora com seus pais ou moram sozinhos, à parte? Na verdade, no momento, a gente mora com os nossos pais. Porque ela trabalha numa aldeia e dá aula nessa aldeia. E aí eu tenho um negócio nessa aldeia e aí eu fico lá e fico aqui pra estudar e trabalhar né com venda. Você mora na aldeia bananal? Isso. E ela trabalha em que aldeia? Colônia nova. Ela estuda? Ela é formada em pedagogia. Faz tempo que ela se formou? Ela (se) formou o ano passado. Qual a sua situação de trabalho? Na verdade, antes de eu entrar na faculdade, eu trabalhava em obra. Ai saí da construção civil e resolvi estudar. Agora trabalho com vendas pra aumentar um pouco a renda né? Que tipo de vendas? Trabalho com venda de peças de motos, moto peças. Comecei agora em abril. Você é representante de peças? Isso, professora. Resolvi virar um micro empreendedor individual. Você mora no município de Aquidauana? Isso. No município de Aquidauana, na aldeia bananal. Qual o meio de transporte

que você utiliza para se locomover até a UFMS? Bom, quando tinha aula presencial ainda, a gente tinha a disponibilidade de um ônibus pra levar os acadêmicos. Que era dois ônibus no período noturno e um ônibus no período vespertino. O seu curso é vespertino? Isso, é vespertino. Qual a distância de sua residência até o local de estudo? Eu creio de deve dar uns 54 km, mais ou menos, porque dá uns 14km de estrada de terra, de chão e mais uns 40, 45 de asfalto na rodovia. Tempo de viagem de ida e volta? Bom, isso dependia muito né professora? Porque na verdade o ônibus começava a rodar aqui nas aldeias, porque pegava acadêmicos de todas as aldeias né? Começava a rodar onze e quinze aí chegava na faculdade uma e quinze, mais ou menos. Quando chegava cedo, era uma hora. E na volta, saía de lá, depois da aula, seis horas que saía de lá, chegava aqui na aldeia sete e meia, oito horas, quando não havia previsto de ônibus estragar, chuva, atoleiro. Quase duas horas pra ir e pra voltar? Isso. Todos os dias. Como você classifica esse tempo gasto para se deslocar? Bom, quando a gente ia pra faculdade na verdade fazer em menos tempo não tinha como, porque tinha várias aldeias. Aí em relação ao tempo que eu gastava indo pra faculdade, quando sobrava um tempinho eu ainda estudava um pouco quando era dia de prova, alguma coisa, uma revisão, no ônibus né? Na volta a gente usava pra descansar né? Chegava cansado já. Por que vocês saem onze horas da Universidade e chegam na aldeia por volta de uma hora da manhã? A não. A gente sai onze e meia da manhã da aldeia e chegava na faculdade, porque é a tarde né? Só que isso às vezes, igual eu faço... na noite, às vezes que faz ... no período da tarde, ficava lá pra esperar a aula de noite e vinha embora com a turma da noite né? Aí a gente chegava uma base de meia noite, uma hora da manhã. Mas isso era uma vez na semana, duas no máximo, né? Isso mesmo. Como você avalia as condições desse veículo, conforto e segurança? Ah, em relação ao nosso transporte, ela não era confortável não, e em questão de segurança, também não era aquelas coisas. Pois, a gente chegou a fazer reivindicação em questão de veículo. Mas, nunca... era raramente que mandavam um ônibus bom pra gente. E esse ônibus que vocês usam é da prefeitura? Bom, isso aqui era uma licitação. Aí quem ganhava a licitação, ele fazia o transporte dos acadêmicos e dos professores que vem dar aula aqui no município e nas aldeias escolares, nas aldeias indígenas. E esse ônibus é gratuito? O ônibus é gratuito. Por que a não residência no local de estudo ao invés de deslocamento diário? Bom, isso acaba se relacionando a questões financeiras né? Porque, quando... tem alguns acadêmicos indígenas que eles fazem a opção de morar na cidade em questão relacionado a tempo mesmo, que gasta muito, o cansaço, não sobra tempo pra estudar. Aí, quem tem condições, alguns moram na cidade. Alugam uma casa. Então se viram. Mas a maioria não tem condições aí pra não gastar com aluguel e outras coisas que já tem aqui na aldeia, que não pagam aluguel, luz, essas coisas, opta por ficar na aldeia mesmo. O que te faz permanecer nesse deslocamento

diário? A gente busca algo *melhor* pra nós, não é professora? Tipo, se formar, buscar estabilidade, tentar algo pra ver se a gente vai pra frente. Com o diploma de graduação definitivo, vocês tem perspectiva de emprego na aldeia? Bom, na verdade aqui na aldeia, antes de ter muitos acadêmicos que frequentavam a universidade, não tinha professor formado aqui na aldeia. Os professores vinham da cidade. Só que quando começou a ter acadêmicos indígenas frequentando a universidade, aí hoje em dia, tem vários professores formados. E a maioria busca se formar pra dar aula aqui na aldeia, né? Só que, hoje em dia como há muitos professores formados, há uma disputa grande na vaga pras escolas. Em relação a isso, na aldeia mesmo, é complicado. Só que geralmente buscam concurso, se estabilizar. Como a comunidade indígena percebe esses deslocamentos diários? De valorizar, eles valorizam, né professora? Porque eles sabem que é difícil, porque tem muitas pessoas que tem filhos ou sobrinhos que fazem faculdade ou já fizeram. Aí eles sabem como que é complicado, como é difícil continuar nessa toada aí. Aí sempre tem alguém que conversando com a gente, incentiva. Tendo em vista os seus deslocamentos diários, você acredita que ele influencia negativamente no seu desempenho acadêmico? Bom, eu creio que nunca prejudicou professora. Porque, isso depende muito, eu acho, porque, se, no caso, eu larguei do serviço, né, eu tenho uma bolsa da faculdade que é pros indígenas, que é permanência. E, optei por estudar. Eu não tenho filho e trabalho com vendas. Só que na ida pra faculdade, esse tempo gasto, todo esse tempo gasto, nunca prejudicou o meu desempenho acadêmico. Mas isso depende muito de cada pessoa, algumas pessoas tem outras obrigações, assim, mais que as outras, né? E acaba que esse tempo que absorve duas horas pra chegar na faculdade, poderia estar fazendo outra coisa também. Mas em relação a minha pessoa, nunca atrapalhou meu desempenho. Você falou que recebe uma bolsa permanência. O que essa bolsa representa pra você? Ah, hoje em dia representa tudo. Porque sem essa bolsa, acho que era..., não sei se sem essa bolsa eu continuaria na faculdade não. Porque, como eu trabalhava antes em construção, eu não vou dizer que eu ganhava bem. Mas eu ganhava relativamente bem. E saindo do serviço pra fazer faculdade, acabou o salário. Aí eu consegui essa bolsa permanência, é o que me mantém hoje em dia. Eu consigo comprar um artigo parcelado, eu pago, um celular. Internet, essas coisas né? É que mantém, ajudar em casa também. É o que tá garantido até minha formação. Você já teve alguma dificuldade significativa que interferiu no seu desempenho acadêmico? Então, quando eu entrei na faculdade a primeira bolsa que eu peguei foi na faculdade. Foi os auxílios. Foi alimentação e permanência. Aí a moradia eu não peguei, porque deu um erro lá. Só que eu vim de Corumbá. Eu morava em Corumbá. E voltei pra aldeia. Aí eu fiquei um ano pegando a bolsa permanência da faculdade, e alimentação. Aí depois de um ano comecei pegar essa permanência, que é do MEC, que era dos indígenas. Aí, ano passado, agora, cortou a bolsa da

faculdade, porque falaram que não podia mais acumular bolsa. *Aí* agora só tô com a dos *indígenas* mesmo. Os 900 reais. *Como* são suas relações de amizades no ambiente acadêmico? *Aluno x Aluno. Professor x Aluno. Gestão x Aluno.* É, na verdade o que eu tô tendo mais dificuldade é esse semestre. Porque acho que está acumulando muita disciplina. Mas, em relação aos semestres passados, eu nunca tive dificuldade. A relação é boa, professora. Tranquila. Porque, em relação aos *alunos* do mesmo curso que eu faço, a gente fica ali no mesmo bloco. A gente conhece todo mundo, relação com os professores e com os outros *alunos* ali da faculdade também, porque, tem vários amigos *nossos* que fazem faculdade, né? *Indígenas.* *Aí* a gente se relaciona bem. E com os professores, como que é essa relação? A relação professor é tranquila também. Nunca tive assim, um momento que possa considerar que teve alguma dificuldade ou com algum colega. Nunca presenciei nada. Sempre foi tranquilo a relação *aluno – professor.* E com a gestão, com os técnicos? Eu acredito que a UFMS, ela busca ajudar demais os acadêmicos né? Não só *indígenas*, como outros acadêmicos. Em relação *agora*, em relação a *internet*, houve muita desistência por falta de *internet* aqui na *aldeia.* *Aí*, buscaram solucionar esse problema. Esse ano instalaram *internet* em cada *aldeia.* Conseguiram fazer a instalação de *internet* aqui na *aldeia* por causa da faculdade pra ver se não tenha mais desistência, essas coisas. Eu mesmo, ano passado, foi difícil porque *internet* aqui na *aldeia* é complicado. Tem a via satélite, gnet, se não me engano, tá quase trezentos e pouco a mensalidade. Isso é inviável pra gente. E, a gente usa a de plano de unidades móveis, mas como é caro, quanto mais usa a gente gasta mais. *Aí* complica, né? Como você se sente nesse *deslocamento* diário? Acho que a gente acostumou ver, antes de eu entrar na faculdade, já existia *transporte* dos acadêmicos pra faculdade. E, em relação a mim, eu me sinto normal. *Cansado* eu me sinto só quando ocorre imprevistos ou ocorria imprevistos, no caso de algum problema no ônibus, o dono da empresa não prestar tanta assistência, assim, pros acadêmicos. Em relação a isso, acho que é só. Porque nunca cheguei a ficar estressado também a relação a problemas de *transporte*, só, em relação a quando dá um problema no ônibus, quando o dono da empresa demorava pra..., não disponibilizava outro ônibus. Você nunca pensou em desistir do seu curso por conta desse trajeto, desse estresse que você falou que de vez em quando tinha? Não! Quando eu decidi largar do serviço e entrar na faculdade, eu já tinha focado que vou sair da faculdade só formado. Eu não vou, eu não ia desistir. E essa questão de *transporte* é um obstáculo, tipo, *cansativo*, você sai de casa, às vezes não dá tempo de almoçar porque às vezes não está pronto o almoço né? Você vai sem almoçar mesmo. Você chega na faculdade, a questão da bolsa também ajuda muito a comprar algum lanche pra você comer ali e esperar

o ônibus pra você **embora**, até chegar em casa, chega na hora da janta. Você só janta. Mas, com tudo isso eu nunca **pensei** em **desistir** não. Quais aspectos você aponta como positivo nesse **deslocamento**. De positivo? Sei lá, **pode** contar como... o acadêmico **tem** que **pensar** **melhor** tipo o que ele passa pra **poder**, é ter uma formação né? Tipo, eu saio daqui, vou pra **faculdade**, gasto duas horas pra chegar na **faculdade**, pra **voltar**, depois **gasta** mais. Porque estraga ônibus, atoleiro, **essas coisas**. Esse caminho que a **gente** percorre, as **dificuldades**, **pode** levar **um** momento pro acadêmico **pensar** tipo “putz eu tô passando **tudo** isso, eu **tenho** que **dar** valor, **sair** formado. **Não vou desistir**”. Quais são os principais desafios cotidianos que você encontra nesse processo de migração? É **uma vez** aconteceu **comigo**, em relação ao horário da saída do ônibus **aí** da **faculdade**. Porque, a **gente** **tinha** **monitoria**, né? Nós participamos o **ano** passado, e, eu **faço** o **curso** de matemática e **tem** **coisas** que é meio **complicada** e depois da aula **tinha** **monitoria**. E eu **comecei** a participar da **monitoria** porque eu queria **ir** com **uma** média **boa** né? **Então**, **teve** **um dia** que **houve** **uma** discussão no ônibus em relação ao horário de saída do ônibus. Porque **alguns** colegas, **eles** queria **chegar** cedo em casa. **Aí** eu fiquei participando da **monitoria**. Eu e mais **um** colega do **curso** aqui da **aldeia**. **Começou** a discussão no grupo **falando** que o ônibus **tinha** que **sair** **antes** das seis, **não** sei o que. As cinco e meia, se **não** **me** engano que eu **vinha** **embora**. **Aí** eu mandei mensagem. Porque o **nosso** ônibus, **ele** **tem** o presidente da associação né? O presidente, o vice-presidente, o representante da **tarde** e da **noite**. Eu conversei com o presidente, **nosso** representante da **tarde**, que **faz** **faculdade** a **tarde** **também**, **ele** **falou** pra **mim** que **ia** segurar o ônibus **até** as seis **horas**. **Aí** tranquilo. **Cheguei** no ônibus e **começou** a conversa lá, que, o ônibus **tinha** que **ir** **embora** mais cedo, que **não** sei o que. **Aí** o representante **falou** que **tinha** saído **uma** votação no ônibus, **antes** de eu chegar, que **não** iam mais **esperar**, eu acho, que quem **fizesse** **monitoria** **começava** cinco e meia, se **não** **me** engano **até** seis e meia, **até** sete **horas**. Mas eu **nunca** ficava **até** o final da **monitoria**, porque sabia que ônibus **tinha** que **sair** seis **horas** né? Eu ficava **uma** parte só. Só pra tira dúvida. **Aí** **falaram** que **não** iam **esperar** mais a **monitoria**. **Aí** **uma** das colegas da **faculdade**, que **estava** no ônibus **falou**: “Quem quiser, se **você** quiser ficar na **monitoria** **você** fica”, **falou** pra mim. Eu e **meu** colega né? **Você** fica. Porque **tem** ônibus à **noite**. **Aí** **você** **vai** **embora** no ônibus da **noite**. Porque a **gente** quer **ir** **embora**. **Aí** eu falei, falei **assim** pra **ela** “eu fico chateado de ouvir isso de você, porque somos **todos** colegas né? A **gente** tá tentando uma vida **melhor**, tentando se **formar**, .....encontra **dificuldades**, **questão** de **transporte**, atoleiro, ônibus estragado e **outras** **dificuldades** que a **gente** passa. Eu nunca **pensei** que ia **passar** por uma, encontrar mais **uma** **dificuldade** em relação à vocês **meus** colegas. Mas se vocês acham muito **esperar** meia hora à mais ou **uma** hora à mais pra **esperar** terminar **minha** **monitoria** pra eu **putz** **ir** com vocês, falei **tudo** **bem**. O **dia** que eu precisar ficar na **monitoria**,

eu fico até o final da monitoria, eu vou ter que esperar ônibus onze e meia pra ir embora só porque vocês não querem me esperar meia hora. Com que cara, porque eu não esperava encontrar dificuldades em relação à vocês, tipo, impor uma dificuldade pra mim. Mas pra mim tudo bem. Aí, depois desse dia, acho que pensaram melhor e não falaram mais nada. Aí esperaram. Só que, acontece várias coisas em relação à isso né? Como a pandemia da Covid-19 impactou a sua vida pessoal e acadêmica? Essa pandemia tá complicada de lidar com ela, não é professora? Porque em relação à nossa vida, a gente tem que..., meche muito com o nosso psicológico também né? Porque acontece cada coisa. Em relação à faculdade, eu preferia, eu falei pra minha mãe esses dias, eu falei assim que "eu preferia mil vezes sair aqui da aldeia, ir pra faculdade estudar e voltar. Porque o cansaço, mas eu acho que a aula presencial, eu acho que, pra mim ela é melhor do que assim pelo google meet virtualmente em relação a várias coisas. Em relação à..., mais em relação a matemática. Porque o professor tá ali, o curso de matemática, o professor tá ali, ele passa as coisas no quadro, ele tira as suas dúvidas, ele mostra como que é né? Você entende. Agora, em relação as aulas, assim, online, remotas, eu tenho muita dificuldade. Agora, melhorou um pouco em relação a internet que estabilizou. Mas fora isso, antes de ter a nossa internet na faculdade, era complicada. Porque eu cheguei de pensar em arranjar um dinheiro pra comprar alguma coisa de internet pra melhorar ou ir pra cidade, eu pensei. Só que eu fiz os cálculos e vi que não dava. Aí a gente... não é que eu pensei em desistir. Mas ficar meio triste com a situação né? Porque a gente não tem pra onde correr. Se você corre pra via satélite, você não tem condições de pagar. E, o outro mais barato, a conexão não é tão boa. Então, você fica ali. Você não sabe aonde correr. Não tem como olhar vídeos pra ver se entende melhor. E complicou tudo. Você acha que houve uma deficiência no seu aproveitamento escolar, então acadêmico? Isso. Um pouco. Você está sentindo falta desses deslocamentos diários? Ah, eu tô sentindo professora. Mas eu acho que isso está relacionado mais também em relação a uma sensação psicológica porque a gente já está cansado. Eu pelo menos estou cansado de ficar..., quando você não está numa tela de celular, você está numa tela de notebook; aí você olha PDF, celular, notebook. Só fica nisso agora. Tem vez que eu pego um dia pra estudar, passo o dia inteiro no note book olhando PDF, olhando vídeo. Aí você acompanha no celular também. E você não tem mais aquele convívio social, aquela interação social de você com seus amigos. Não é mais o mesmo que antes. Não pode ficar junto ali, brincar, conversar, tirar dúvida. É tudo no celular agora. Isso tem, vai pro segundo ano, o ano passado começou. Tô vendo que o segundo semestre meu vai ser desse jeito. Talvez só o ano que vem que volte. Então, é complicado, a gente cansa de ficar usando só a

tecnologia. Sente falta do convívio entre os amigos. Na sua percepção há mais mulheres indígenas estudando? Ah, hoje em dia, eu acho que tá meio que no mesmo nível professora. Porque antes, quando começou, minha irmã... eu formei, pra a senhora ter uma ideia, eu formei em 2006 aqui na aldeia no ensino médio. Eu não quis continuar os estudos, eu resolvi trabalhar. E minha irmã foi estudar. Ai o transporte de minha irmã na época, acho que só tinha uns quatro acadêmicos que ia pra faculdade. Eles iam de kombi, uma kombi bem acabadinha mesmo, que era até perigoso. Só que eles iam toda noite. Iam e voltavam toda noite. Ai com o tempo foi melhorando, foi aumentando aluno. De kombi passou pra uma van, ai de van, começaram a ir com ônibus de linha, que era da empresa né? Que eles levavam depois traziam. Eh, agora, como diz, são três ônibus. Um à tarde e dois à noite. Só que cada ano aumenta o número de alunos. E tô vendo que ano que vem, talvez, voltando as aulas, talvez precise de dois ônibus no período da tarde, que tá aumentando muito acadêmico indígena e a noite também. Há mais mulheres ou homens saindo da aldeia pra estudar? Pro turno da tarde eu acho que tem mais mulheres. Agora da noite eu não sei dizer bem porque eu só vou estar lá de vez em quando com eles né? Mas que da turma da noite, ele é equilibrado ali. E como a comunidade indígena vê essas mulheres saindo pra estudar? Ah, isso é bom né professora? Eles veem como uma forma boa. Porque antes, é, as mulheres não saíam assim da aldeia pra ir trabalhar né? Ter uma formação. Em muitos casos, eram só os homens que tinham condições de sair, condições ou apoio da família também. Falando nisso, porque, vou falar da minha mãe né? Minha mãe não chegou de fazer faculdade. Quando ela estudava, ela fez até quarta série, isso antigamente. E, formou quarta série, terminou a quarta série, quem quisesse continuar da quinta série em diante, tinha que sair do distrito. E, lá era pago, E, algumas famílias, na verdade, a maioria né? Como a família do meu vô optou por deixar meu tio estudar e as meninas pararam. Então, eles davam mais preferência aos homens né? Só que hoje em dia isso mudou bastante. Eu acho que tem mais mulheres estudando, fazendo faculdade mais do que os homens, em relação à tudo né? Você tem alguma observação ou colocação a cerca do seu trajeto que queira registrar? Bom, acho que não professora. Acho que não tem nada que eu tenha que deixar de observação no momento

Completada essa etapa, conta-se quantas vezes as palavras repetidas aparecem no corpo de análise e elabora-se o quadro de incidências das palavras conforme encontradas no discurso, garantindo a sequência original das ideias e pensamento. A etapa seguinte consiste na montagem do gráfico representativo dessas duas etapas.

#### 5.4.2 Quadro de incidências



No quadro de incidências, registram-se as palavras e, em ordem decrescente do total, elas são contabilizadas. Para tanto, consideram-se palavras com até sete incidências, conforme se visualiza no Quadro 3, a seguir. É importante ressaltar que as cores usadas no corpo de análise para as palavras repetidas coincidem com as deste quadro de incidências.

PALAVRAS	INCIDÊNCIAS
Eu me mim...meu...minha...meus... +96 +10 +6 +6 +11 +1 comigo +1	131
É Era eram sou são ser +55 +15 +1 +2 +3 +1	77
Não nunca +60 +12	72
Um uns uma numa verde +29 +4 +32 +3	68
Tem tinha ter tenho tendo teve +28 +15 +8 +7 +2 3 tenha tinham +2 +1	66
Você sua suas seu seus +45 +6 +2 +6 +3	66
Isso esse essa esses dessa desse +28 +13 +8 +2 +1 +5 nessa nisso desses nesse +1 +2 +1 +4	65
Porque por que +44 +2	46
Ia ida foi vai iam vou indo ir +4 +2 +8 +5 +5 +8 +1 +10 irem +1	44
Aí Já	42
Faculdade Faculdade	34
Ela ele eles +13 +10 +11	34
Ônibus	33
Relação relações 31 +1	32
Aldeia aldeias +26 +5	31
Mais	30
Gente	28
Está estar estou estava tô tá +8 +2 +2 +1 +6 +6	25

Faz fazer fazendo fez fazia fazem +5 +6 +2 +1 +1 +3 Fizesse fiz faço fizeram +1 +1 +3 +1	24
Professora professor professores +11 +6 +6	23
Como	23
Ficar fica fico ficava fiquei +8 +5 +4 +3 +2	22
Hora horas +10 +9	19
Acadêmicos acadêmico +11 +8	19
Chegava chegam chegou chegar +6 +1 +2 +5 Cheguei chega +3 +2	19
Quando	18
Formado formada formar formação +3 +3 +3 +3 Formou formados +3 +2	17
Bom boa +12 +5	17
Estudar estudo estudava estudos +10 +2 +2 +1 estudando +2	17
Saia saí saindo sair saio saíam +2 +2 +3 +7 +1 +1 saem +1	17
Falasse falaram falei falou +1 +4 +5 +6	16
Muito muita muitos muitas +9 +3 +3 +1	16
Aqui	16
Dia dias +14 +2	16
Coisa coisas +4 10	14
Ano anos +13 +1	14
Noite	13
Também	13
Mesmo	13
Alguma alguns algumas algum +5 +3 +2 +3	13
Índigena indígenas	12

+3	+9			
Tempo		12		
Trabalha	trabalhar	trabalhava		
+2	+3	+2		
trabalho				
+4				
Dá	dar	dava	davam	dei
+4	+4	+1	+1	+1
Até				
Volta	voltar	voltei	volte	voltavam
+4	+3	+1	+1	+1
voltando				
+1				
Dificuldade		dificuldades		
+7		+4		
Monitoria				
Agora				
Bolsa				
Outra	outras	outro	outros	
+2	+4	+2	+2	
Aula	aulas			
+8	+2			
Antes				
Ve	vezes			
+5	+5			
Mora	moram	morar	morava	
+5	+2	+1	+1	
Esperar		esperaram	esperava	
+8		+1	+1	
Lá				
Então				
Gasto	gastava	gasta	gastar	
+4	+1	+3	+1	
Curso				
Melhor	melhorou	melhorar		
+6	+1	+1		
melhorando	+1			
Internet				
Aluno	alunos			
+6	+3			
Pensar	pensou	pensei	pensaram	
+3	+1	+4	+1	
nosso	nossos	nossa		
+4	+2	+2		
Transporte				
Deslocar	deslocamento	deslocamentos		
+1	+4	+3		

Cansado cansativo cansaço cansa +4 +1 +2 +1	8
Complicada complicado complica +2 +4 +1 Complicou	8
Poderia podia pode poder +1 +1 +3 +1 poder possa +1 +1	8
Assim	8
Tarde	8
Tudo	8
Verdade	8
Tipo	7
Todo todos toda todas +2 +2 +2 +1	7
Já	7
Pouco	7
Vinha vinham vem +2 +2 +3	7
Embora	7
Questão questões +6 +1	7
Ver vendo vi +4 +2 +1	7
Há houve +4 +3	7
Bem	7
Passa passar passando passo passou +3 +1 +1 +1 +1	7
Ali	7
Desistir desistência +5 +2	7
Permanência permanecer +6 +1	7

**Quadro 3** – Quadro de incidências no discurso do participante Ubiratan

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

O gráfico é construído com base no quadro de incidências. As palavras núcleos são ligadas por setas, e mantém-se a ordem e o total dessas incidências, conforme foram emitidas. Detectados os núcleos e as articulações entre eles, inicia-se a análise do discurso do participante Ubiratan, no qual se procura apreender o sentido dos fenômenos que foram manifestados em relação ao processo do movimento pendular. Esse gráfico simplificado, de acordo com Leão (2007, p. 72), “sintetiza os gráficos completos, nos quais todas as palavras com várias incidências, os núcleos,

são contemplados na elaboração. Assim, são utilizados no gráfico apenas os núcleos principais, que possibilita o entendimento dos principais movimentos do pensamento do indivíduo no que se refere ao tema investigado”.

Santos (2010) ressalta que esse movimento de mudança na análise não representa perda, apenas limita as chances analíticas, restringindo as relações entre os núcleos principais, sem evidenciar os mediadores que realizaram as transformações dos sentidos e significados.

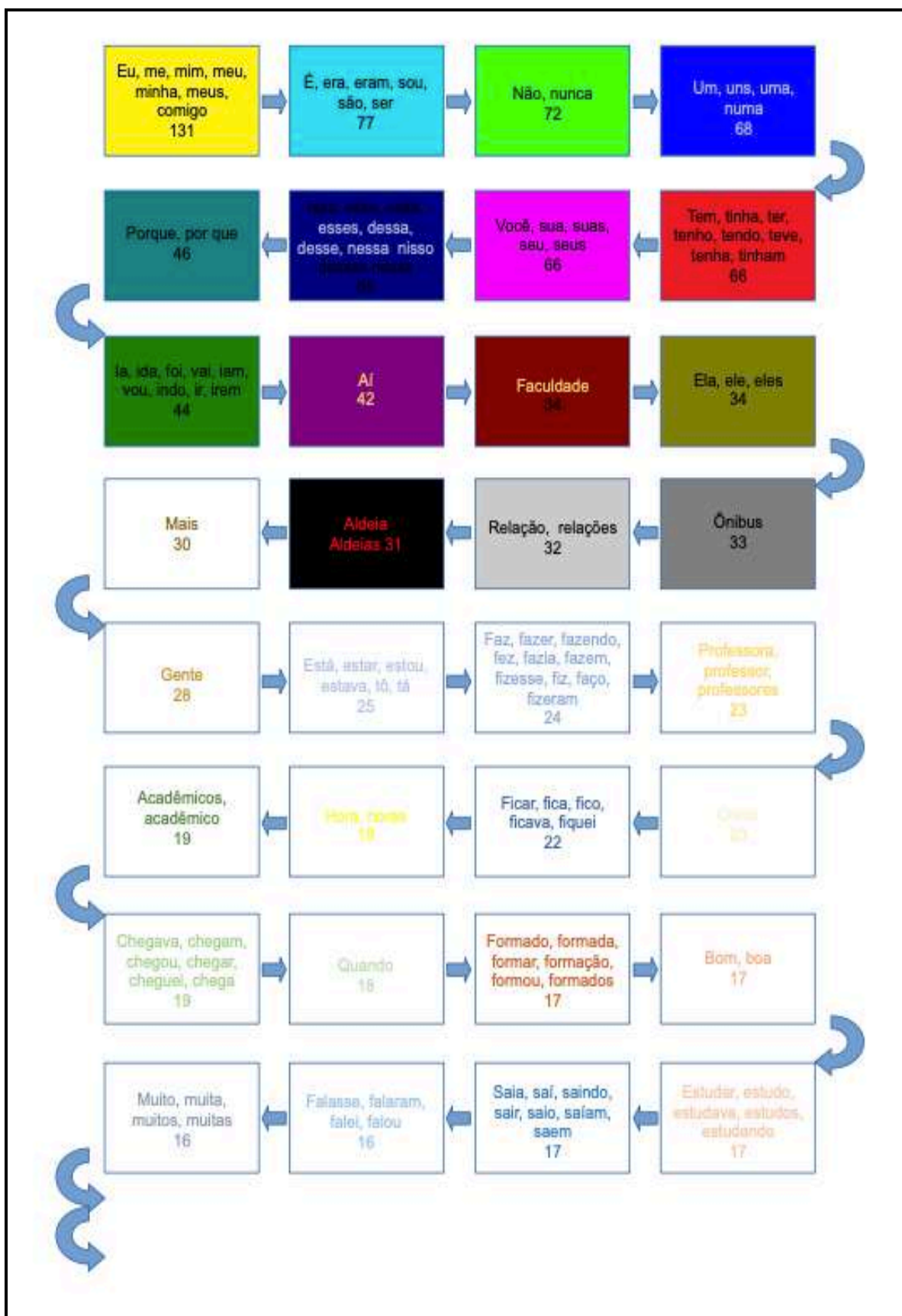
Com relação à análise do gráfico, Santos (2010, p. 197) afirma que

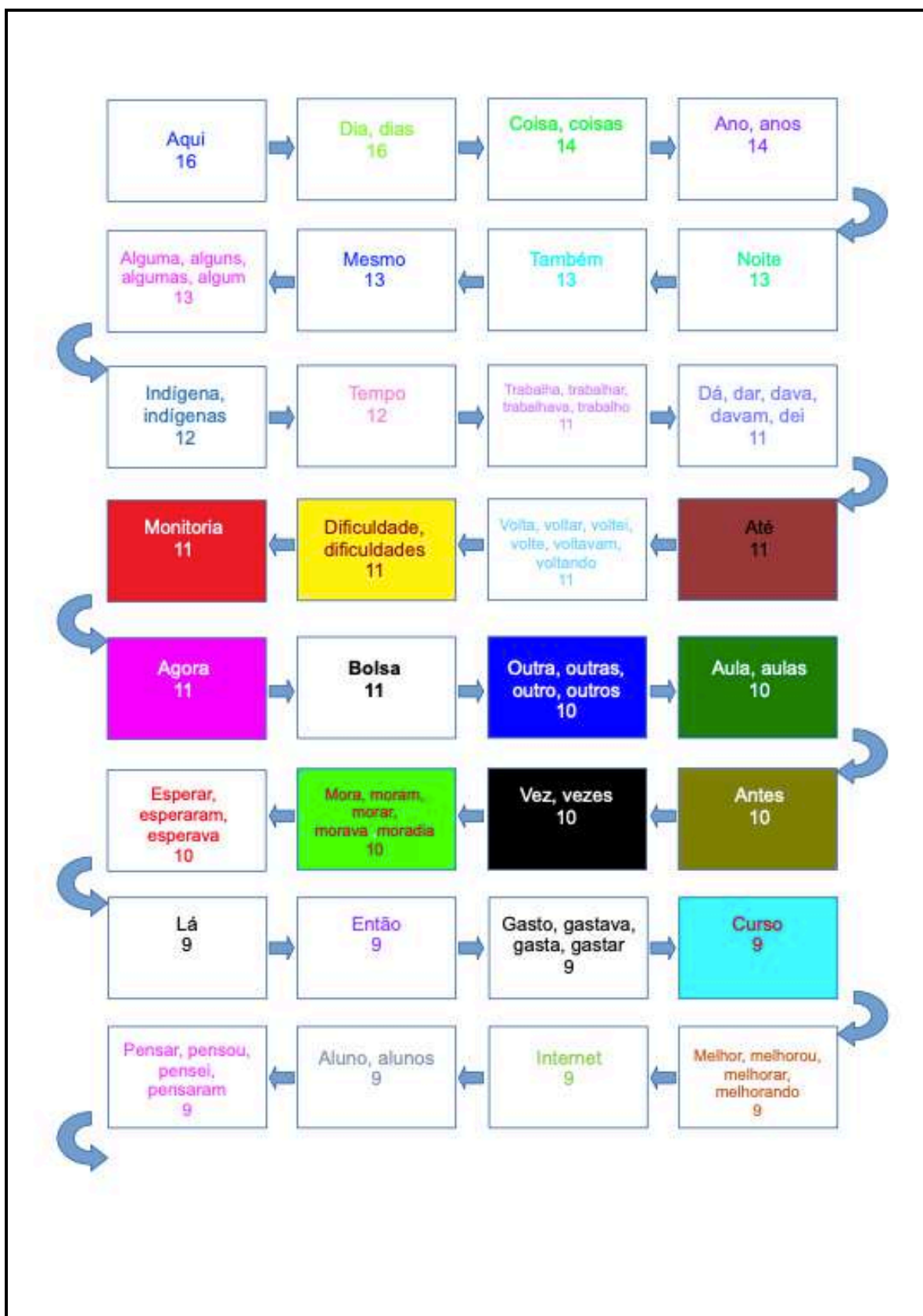
[...] é possível verificar conteúdos que aparecem na ideia e diferem-se da forma desdobrada em discurso; ele indica diferentes concepções, conteúdos, explicações e significados presentes na representação interna da realidade; e é possível depreender os sentidos ao observar as ligações que estes significados fazem. Além disso, a estrutura e as características da ideia nos permitem inferir sobre alguns dos processos e Funções Psicológicas Superiores. É preciso indicar que o gráfico pode ser lido tanto seguindo a ordem numerada dos núcleos quanto em outras direções, como a leitura vertical dos núcleos, indicando com isso outras possibilidades que estavam presentes na ideia formulada pelo sujeito.

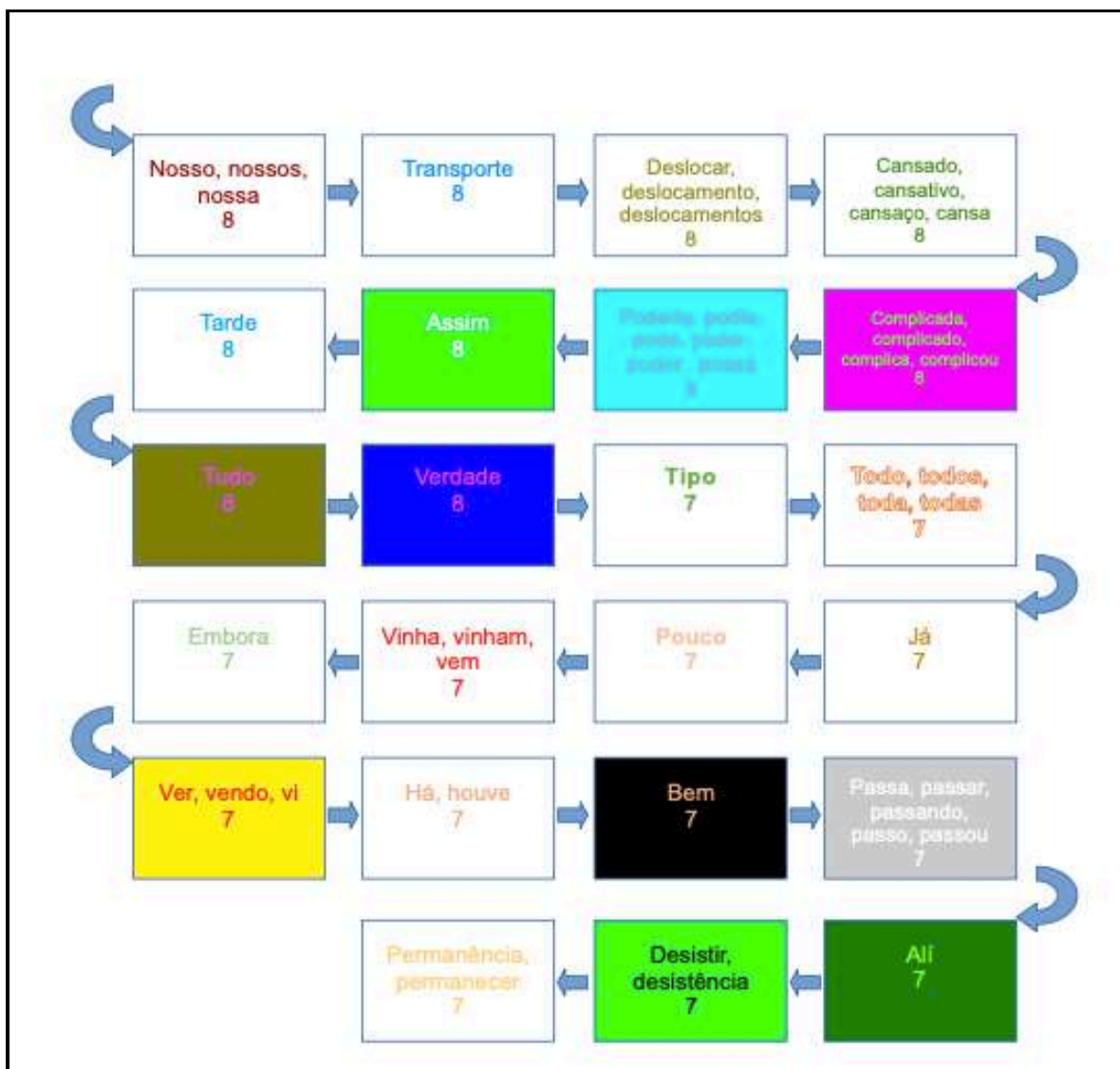
De acordo com essas premissas, os gráficos, além de possibilitarem a visualização do movimento do pensamento e da consciência, pode apresentar um “conteúdo condensado do qual nem o próprio sujeito teve consciência quando tentava elaborar o discurso sobre a temática” (Leão, 2007, p.74), permitindo o resgate dos conteúdos inconscientes que não foram demonstrados pelos sujeitos, e a modificação em figura daquilo que o indivíduo apresentou sob a forma de fundo.

Confira-se, a seguir, o gráfico) por meio do qual se esquematiza o processo da análise do discurso do participante Ubiratan (Figura 5).

#### *5.4.3 Gráfico simplificado do discurso*







**Figura 5** – Gráfico demonstrativo do processo de análise do discurso do participante Ubiratan  
 Fonte: Adaptado pela autora com base nos dados da pesquisa.

### 5.5 Caracterização – Ubiratan

O participante é do sexo masculino, tem 31 anos e está cursando o 7º semestre do curso de Matemática. Mora na aldeia Bananal, que fica distante de Aquidauana, aproximadamente, 60 km. Tem companheira e trabalha com vendas de peças para motos.

Com base na análise gráfica do discurso, chegou-se ao seguinte texto, o qual expressa a ideia desvelada por meio dos núcleos de pensamento desse estudante (Estudante 1).



*Eu sou, não, um (que) tem (como) você, isso porque foi aí (na) faculdade (no) ônibus, (nas) relações (da) aldeia (que) mais gente está (se) fazendo professor. Cheguei (a) ficar horas como acadêmico. Quando sair (com) boa formação, falei aqui, (que) estudava muito, (de) dia, (de) noite (e) anos (e) alguns indígenas (ao) mesmo tempo trabalhava. (A) dificuldade dava (na) monitoria, antes (das) aulas esperava (os) outros (que) morava lá. (No) curso até (a) bolsa melhorou, gastava (com) internet, (os) alunos pensaram (o) nosso deslocamento (e) transporte, tudo complicado, cansativo. (Na) verdade todos vem embora tarde, já vi passar ali questões (de) desistência (e) permanência, bem pouco.*

*Ako apeinonute kuteati iti, vookuke yayrke ihikaxovokutike ya vicueke ené vexeea koeku ra vipuxovuko, itea koati kousokoti uti ihikaxoti. Koati eno nguxoixea indukeovo payáiti ihikaxovoti. Enepomo imbukapea yayeke koati inamati isoneuti apétimo ya njokoyoke, ngoyuhua yayeke koati inzikaxovote yusikoti itikeovo kiyoe kaxé, yoti koanemaka ya herú koet xoenáe, apemaka kopenoti ihikaxovoti xané kixó koitukeyea. Xoco exoati né koyeku uti ya koeku vihikaxeovo uhá koeti kaxé vonó koane apé voveaku xoko vinikoné ovati yane pitivoko. Apéne ra kali huvóoxovope uti ya vihikaxovokuke iná kali yusiko koeku uti enomone porexopea uti ne internet, tiuiti koekuti tokopone uti ako malika vukeaku ako vovoku ya pitivokoke koane akoinovo ivueti omóoviti koati mómiti uti seopo uti ya vovokuke. Heu koeti uti xuikenene seopei uti ya vovoku, noxoamaka uti eno okoti ihixaxeovo koanemana apé e koukoponovoti ya ihikauvoke.<sup>8</sup>*

Antes de iniciar a análise do discurso em si, é importante ressaltar que esse texto indica uma ideia em torno da qual se estrutura a consciência de Ubiratan em relação ao tema investigado. Esse discurso começa pelo núcleo “identidade”, explicitado na frase: “**Eu sou, não, um (que) tem (como) você (Ako apeinonute kuteati iti)**”.

Na Teoria Sócio Histórica, a identidade não é algo pronto, acabado e atemporal, mas é algo que está em contínuo processo, de um formar-se constante. Assim, de acordo com Ciampa (1984, p.74), “identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose (em constante transformação).”

Ao dizer “**eu sou (undi)**”, o participante está afirmando a sua identidade. Como já foi abordado no decorrer do estudo, ela se constitui no grupo do qual o sujeito faz parte, das relações que estabelece com o meio, pela sua forma de agir e pelo seu fazer. Desse modo, para se entender a identidade, é preciso compreender a realidade do indígena Terena, como esse povo vive e se organiza. Isso porque, de acordo com Ciampa (2004), as alternativas de identidade surgem do contexto em que o indivíduo vive. Para esse autor, “o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social

---

<sup>8</sup> Tradução da língua portuguesa para a língua Terena de Ubiratan foi realizada pelo professor Terena Délio Delfino da escola municipal indígena Pólo Marcolino Lili, da aldeia Lagoinha.

que existe objetivamente com suas histórias, tradições, suas normas, seus interesses” (Ciampa, 1987, p.70).

Os terena fazem parte de um mesmo grupo social, vivem numa mesma região, partilham as mesmas tradições históricas e são organizados pelos interesses comuns. Contudo, o contato com a sociedade capitalista influenciou a forma como vivem, recriando determinados valores e costumes, conseqüentemente, a perda de elementos importantes para a constituição de sua identidade; como resultado, o povo acaba criando novas possibilidades de reconfiguração.

Retomando o enunciado: “**Eu sou, não, um (que) tem (como) você** (*Ako apeinonute kuteati iti*)”, entende-se que ao mesmo tempo em que afirma a identidade, dizendo eu sou, nega-se, dizendo “não, um que tem como você”. Desse modo, ele se apresenta negando aquilo que considera que eu, como professora, penso sobre ele; pensa que não é a pessoa que eu acho que ele é.

De acordo com Ciampa (1987), “em cada momento da minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito”. Desse modo, ele explica “sou o que estou sendo (uma parcela da minha totalidade) isso me dá uma identidade que me nega naquilo que sou sem estar sendo (a minha humanidade total).” Entende-se que nesse momento ele estava se identificando como estudante de uma universidade pública e negando-se, na sua etnia.

As transformações ocorridas na organização social do seu povo, ao longo dos anos de contato com a sociedade capitalista, influenciaram a sua identificação, visto que antigas práticas do seu cotidiano, hoje, quase não existem mais. Nesse sentido, a sua identidade e de sua comunidade assume uma configuração mutável, reconstruindo-se frente aos processos de interação com o meio, bem como com as elaborações individuais que surgem dessas relações. Sua identidade vai se reconfigurando em um movimento dialético, em contínua transformação.

Nesse processo de compreender o lugar de constituição de sua identidade, o indivíduo acaba por não se considerar do lugar em que está, nem do lugar no qual se desloca. O processo de mudança a que seu grupo é submetido (sociedade regida pelo modo de produção) influencia diretamente na constituição de sua identidade e subjetividade, exige dele um esforço de adaptação. Mencione-se, por exemplo, a questão da língua; com a necessidade de se comunicar, Ubiratan precisou compreender a língua portuguesa, o que resultou no uso mínimo da sua própria língua.

Assim, sob esse enfoque do movimento de se relacionar com o outro, na universidade, pode-se perceber que isso afeta a sua identidade e é percebido, nas suas relações, como não pertencente ao local.

Ao se deslocar para a universidade para estudar, o estudante indígena tem contato com outros estudantes e as relações de convivência metamorfoseiam sua identidade num constante movimento dialético, em que o estudante de ontem já não é o estudante de hoje, e nem será o de amanhã. Existe um constante processo de transformação de todos e de si mesmos.

Portanto, o estudante indígena que se desloca diariamente para o campus da universidade demonstra, em sua fala, a contradição de ser o que é e de não se reconhecer igual a quem fala, num processo do ser e do não ser, da afirmação e da negação, que se dá no movimento da construção de sua própria identidade, como movimento da própria consciência.

Por outro lado, a palavra “**tem (apé)**” é indicativo de posse sobre algo, poder; pode-se inferir que está relacionado à posição da professora universitária, que possui certo *status* social, conhecimentos e não participa do mesmo grupo social a que ele pertence; portanto, parece estar implícito que são diferentes: “eu não sou como você”, pensa Ubiratan.

Para Ciampa (1987) diferença e igualdade é uma primeira noção de identidade. Conforme participam dos diversos grupos das quais fazem parte, sucessivamente os sujeitos vão se igualando ou se diferenciando.

Desse modo, nas relações sociais, à medida que vai interagindo, o indivíduo vai se diferenciando ou igualando aos outros, o que se observa na continuação do enunciado: “*isso porque, foi aí (na) faculdade (no) ônibus, (nas) relações (da) aldeia (vookuke yayrke ihikaxovokutike ya vicueke ené vexeea koeku ra vipuxovuko)*”. Esse discurso explicita que ele constrói a sua própria identidade nas relações com os seus semelhantes, iguala-se aos outros à medida que se relaciona, nos diferentes contextos sociais como o ônibus, a faculdade, a aldeia. Nessas relações ele vai sendo reconhecido, determina, é determinado e também se autodetermina. A autodeterminação se refere a busca de algo, de um projeto que no caso desse sujeito pode ser a formação profissional.

Outro núcleo que surge e ajuda a pensar sobre a identidade do participante é “**a gente (xané)**”, cujo significado está relacionado a povo ou grupo de pessoas com mesmo interesse, profissão, trabalho (Houaiss, 2009). É um termo muito utilizado, verbalmente, em diálogos informais e equivale ao pronome pessoal da primeira pessoa do plural, nós. Assim, “*mais gente*

*está se fazendo professor (Itea koati kousokoti uti ihikaxoti)*”. A palavra gente deixa de considerar o sujeito individual para considerá-lo no coletivo, a partir de um grupo social. Outras pessoas do seu grupo social, assim como ele, também estão buscando algo, um objetivo comum que é ser professor, ou se formar professor. A palavra “**professor (uti ihikaxoti)**” tem como significados: uma pessoa que ensina uma arte, uma ciência, uma técnica, uma disciplina; quem tem como função dar aulas em escolas e universidades, indivíduo especializado em algo; que exerce a função de ensinar ou tem diploma ou título para exercer essa profissão (Houaiss, 2009).

De acordo com a Teoria Sócio Histórica, o professor é um ser social que pelas suas ações, mediadas principalmente pelo pensamento e linguagem, age sobre o meio em que vive, transformando-se e se apropriando das formas historicamente construídas. É considerado um trabalhador intelectual difusor do conhecimento, necessário à transformação da realidade, com o objetivo de satisfazer as necessidades humanas. Considerando que os indivíduos são as ações deles próprios e se fazem pelas próprias práticas, é através da atividade humana que o sujeito transforma a humanidade e é transformado por ela, e, nessa relação, ele internaliza as experiências vivenciadas.

A atividade, através do processo de internalização, promove a constituição da consciência do indivíduo: a sua forma de pensar, de agir, de sentir e a sua capacidade de compreender e de organizar a realidade. Verificou-se que a primeira forma de atividade consciente é o trabalho, e é através dele que o indivíduo mantém sua relação com a natureza para que possa atender suas necessidades.

Na sociedade capitalista, o sistema econômico é baseado na legitimidade dos bens privados e na irrestrita liberdade de comércio e indústria, com o objetivo principal de obter lucro. O trabalho se caracteriza sob a forma de emprego, este é o critério que define a significação social do indivíduo, ou seja, a categoria dominante para que os seres humanos tenham reconhecimento do valor de seus propósitos. Desse modo, o emprego proporciona dizer para si e para o outro o que ele é, e dar um significado e ordem de vida em função de uma remuneração e direitos sociais empregatícios. Na sociedade capitalista, não ter um emprego, ou não estar empregado significa ser imprestável ou excluído.

De acordo com Leão et al. (2006, p.15), não ter emprego não possibilita “a dupla troca entre a objetividade do mundo real, que concretiza o ato para o indivíduo, e a sua subjetividade, que atribui um sentido ao mundo real ao modificá-lo na sua ação.” A presença de um professor

indígena nas escolas indígenas, além de lhe conferir *status* social que propicia melhor qualidade de vida, pode ajudar os estudantes a resgatarem seus valores, crenças, constituído sobre a sua identidade e, principalmente, como um instrumento de reivindicação e manutenção dos seus direitos.

No enunciado seguinte: “*Ceguei (a) ficar horas como acadêmico (koati eno nguxoixea indukeovo payáiti ihikaxovoti)*”. Identificam-se dois núcleos: “**ficar (yavaneyé)**” e “**acadêmico. (payáiti ihikauvo)**”. O primeiro tem como significado: manter-se em certo estado, assumir certa condição, posição, ser considerado como, ou ainda assumir compromissos se comprometer (Houaiss, 2009). O significado de ficar denota assumir compromissos, comprometer-se, assim, exige muita dedicação, muito estudo e empenho.

Acadêmico (segundo núcleo) significa ser membro da academia ou universidade. Seria como pensar: “Eu quero ser professor, mas isso exige muito de mim, porque tenho que pegar o ônibus, ir à faculdade, assistir às aulas, fazer trabalho”. Demonstra haver um conflito entre o ficar na universidade, na vida acadêmica e o não ficar, não ter uma formação. Por um lado, existe a vontade de se formar por outro lado, há o sentimento de que isso dá muito trabalho.

No enunciado seguinte: “*Quando sair (com) boa formação (Enepomo imbuhikapea yayeke koati inamati isoneuti apétimo ya njokoyoke)*”, no movimento do pensamento parece implícito que, apesar de ser difícil ficar, Ubiratan quer concluir o curso com boa formação. Sair implica passar de dentro para fora, deixar um local e seus ocupantes (Houaiss, 2009). Apesar de toda a dificuldade, o desejo de se formar e de ter um diploma não basta, tem que sair com boa formação. A palavra “**formação (exóneti)**” se refere a conjunto dos cursos concluídos e graus obtidos por uma pessoa, e, ainda, maneira como uma pessoa é criada, educação (Houaiss, 2009).

Na Teoria Sócio Histórica, a educação institucionalizada é um instrumento de constituição do indivíduo, que lhe possibilita internalizar a cultura e se constituir como ser humano. Desse modo, a educação é apropriação que se dá pela construção das funções psicológicas superiores da criança, vinculadas à internalização da cultura humana, e se realiza por meio das relações interpessoais.

Para Vygotsky, a escola tem um papel essencial na apropriação da experiência culturalmente acumulada, sendo o elemento fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo. Assim, as atividades desenvolvidas na escola são extremamente importantes e complexas, e possibilitam novas formas de pensamento. À medida que o indivíduo expande seus

conhecimentos, sua relação cognitiva com o mundo se transforma. Nesse sentido, ter uma boa formação implica ir além de apropriar-se de conhecimento, deve proporcionar a formação de uma postura crítica, capaz de pensar a realidade e transformá-la, superando qualquer forma espontânea e irrefletida de conhecer.

No enunciado: *“falei aqui, (que) estudava muito, (de) dia, (de) noite (e) anos (ngoyuhoa yayeke koati inzikaxovote yusikoti itikeovo kiyoe kaxé, yoti koanemaka ya herú koet xoénáe)”*, identificam-se dois núcleos: o verbo **“falar (yokoyuhó)”** e o **“estudar (ihikexapú)”**. Falar significa se expressar oralmente, expor pensamentos, dizer, declarar, ação humana de emitir palavras (Houaiss, 2009). Falar está estritamente ligado à linguagem, modo de se fazer entender. A linguagem verbal é a principal forma de comunicação e permite representar os conceitos, as formas de organização do real, realizando a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Vygotsky (1991) afirma que a principal função da fala é a comunicação. As formas conscientes do homem aparecem impulsionadas e moldadas pela mediação da linguagem, assim, não se pensa sem palavras, tampouco se traduz. A palavra estudar significa aplicar a inteligência e a memória para aprender, frequentar aulas, cursos, cursar, ou ainda tentar compreender pela reflexão (Houaiss, 2009). Portanto, entende-se que nesse enunciado do discurso de Ubiratan está implícito que na sua vida acadêmica ele precisou falar que se esforçou e se dedicou muito ao estudo. A palavra **estudava** pode ter o sentido de incentivo, esforço, ou seja, uma conotação de ser motivadora para seus pares (filhos, amigos), a fim de que busquem uma formação, adquiram conhecimentos, tenham uma formação profissional.

A motivação, na Psicologia Sócio Histórica, está relacionada à dimensão afetiva da consciência; o termo pode ser utilizado como um indicativo para que as atividades dos indivíduos sejam direcionadas aos objetos, por meio dos quais as necessidades podem ser satisfeitas. Assim, pode-se inferir que um dos motivos que direciona a atividade de Ubiratan seja estudar, e este só se concretiza no processo de deslocamento pendular.

Na frase *“alguns indígenas (ao) mesmo tempo trabalhava (apemaka kopenoti ihikaxovoti xané kixó koitukeyea)”* tem-se dois núcleos: **“indígenas (kopénoti)”** e **“trabalho (itukéti)”**. O vocábulo indígena, segundo Houaiss (2009), é relativo a ou próprio de índio, nativo. Pode significar também natural do lugar em que vive. O termo exprime que cada povo, de onde quer que seja, é único.

Para Ubiratan, alguns indivíduos da sua comunidade, além de estudar, também trabalhavam. Compreende-se que o estudo, para esse participante, já parece difícil, fatigante pelas muitas coisas que tem que realizar, ainda assim existem aqueles que, concomitantemente, conseguem trabalhar. O significado de trabalho: atividade profissional, remunerada ou não, atividade produtiva ou criativa, exercida para determinado fim, esforço, lida. Local onde a atividade é exercida (Houaiss, 2009).

Trabalho, para Marx, é uma característica fundamental do ser humano, é a base da sociedade; é pelo trabalho que o indivíduo se humaniza, constrói a sociedade, transforma-a e faz história. É no trabalho que o ser humano atua no mundo, transformando-o e transformando a si próprio. É também pelo trabalho que a subjetividade se constitui e desenvolve-se constantemente num processo de autocriação de si.

O trabalho assalariado construído pelo capitalismo modifica a concepção fundamental de trabalho criativo fundamental para o desenvolvimento humano, em detrimento de um trabalho alienado e que, muitas vezes, dá lugar à submissão do trabalhador em troca de sua subsistência. Nesse sentido, é importante saber de que trabalho o entrevistado está falando. É possível perceber que a referência é ao trabalho realizado concomitante aos estudos: “ao mesmo tempo trabalhava”. Para Ubiratan, parece exaustivo realizar as duas atividades, dividir o tempo entre elas; na lógica capitalista, é necessário trabalhar, vender a força de trabalho, único instrumento daquele que não é detentor dos meios de produção, para garantir a sobrevivência de si.

Os indígenas, têm sido influenciados pela sociedade capitalista, no modo de se vestir, no consumismo, na linguagem. Então, sentem-se obrigados a ter um trabalho remunerado que lhes permita comprar o básico para sobreviverem. No entanto, pelo discurso do participante da pesquisa, parece que quando associado a outras atividades, principalmente estudar, o trabalho se torna cansativo, porque acumula atividades; parece implícito que, além de ir estudar também tinham que trabalhar, no sentido de imposição.

Continuando o discurso: “*(A) dificuldade dava (na) monitoria, antes (das) aulas, esperava (os) outros (que) morava lá (Xoco exoati né koyeku uti ya koeku vihikaxeovo uhá koeti kaxé vonó koane apé voveaku xoko vinikoné ovati yane pitivoko)*”. “Dificuldade (tokópone uti)” é outro importante núcleo que aparece na ideia do sujeito. Significa qualidade do que é difícil, o que impede, obstáculos, situação aflitiva (Houaiss, 2009).

A palavra está diretamente ligada aos obstáculos que o movimento pendular proporciona para Ubiratan. O impedimento de não poder participar da monitoria por conta do horário do ônibus, que tem horário para voltar, dos colegas que não o esperavam (mas ele os esperava) e “que moravam lá”. A palavra lá pode estar relacionada ao lugar onde moram, as aldeias, e o ônibus passa em várias localidades para pegar os estudantes.

Ao mencionar a impossibilidade de poder ficar alguns minutos a mais, é possível perceber sentimentos ocultos de desapontamentos, desconforto, indignação: “eu espero os demais, por que eles não podem me esperar?”. O sentido é cheio de emoções com tons emocional negativo. De acordo com Lane (1989), para resolver e superar esses sentimentos há a necessidade social do indivíduo comunicá-las aos outros, a seu grupo do qual faz parte, a fim de encontrar soluções que as resolvam.

“(No) curso até (a) bolsa melhorou, gastava (com) internet (*Apéne ra kali huvóoxovope uti ya vihikaxovokuke iná kali yusiko koeku uti enomone porexopea uti ne internet*)”. Nesse enunciado aparecem dois núcleos: a palavra “**bolsa (huvóoxovope)**” e “**gastava (mborexopá)**.” Bolsa é um núcleo que se refere a um auxílio financeiro de 900 reais que indígenas recebem mensalmente, oferecido pelo Ministério da Educação para ajudar nas suas necessidades, ajudar a permanecerem no ensino superior e concluírem sua graduação.

Entende-se, a partir dessa fala, que Ubiratan depende desse recurso financeiro, que, no entanto, parece ser insuficiente para suprir parte de suas necessidades básicas com o estudo, tais como alimentação, xerox, compra de material escolar, uso de internet, entre outros. Os indígenas, como grupo, possuem algumas particularidades, vivem em situação de empobrecimento. Geralmente se mantêm economicamente da colheita de alguns produtos e dos artesanatos; sofrem preconceitos e são marginalizados. Tais condições sociais os situam à margem da sociedade capitalista.

Sabe-se que muitos utilizam a bolsa para o sustento da própria família. Deslocar-se da Aldeia para estudar em Aquidauana implica gastos. Esse é outro aspecto importante: gastava, flexão do verbo gastar, significa usar dinheiro, desembolsar ou, ainda, consumir ou fazer uso de algo (Houaiss, 2009). “**Gastava (mborexopá) internet**” - este é um serviço precário, nas aldeias, quase inexistente, de modo que era preciso, com frequência, gastar para ter esse serviço, cujo acesso, entretanto, era precário e ruim, o que dificultava o acesso à informação tão necessária nos dias atuais para a construção do conhecimento.



Para solucionar o problema, a UFMS disponibilizou pontos de internet nas aldeias, a fim de que os acadêmicos pudessem continuar seus estudos por meio do ensino remoto. Muitos estudantes utilizavam o valor da bolsa para comprar a internet, o que deixa implícito que outras necessidades deixavam de ser satisfeitas. A bolsa, para esses indígenas, por um lado é importante, representa uma forma de inclusão, contudo, ao mesmo tempo em que inclui ela exclui, porque é insuficiente para a garantia das necessidades básicas dos estudantes indígenas. Estes têm gastos com deslocamentos, com material para estudo, com livros etc. Desse modo, a oferta da bolsa constitui um processo contínuo dialético de inclusão e exclusão, que pode dificultar o desempenho desses estudantes.

De acordo com Sawaia (2001, p. 8), nesse processo “a sociedade exclui para incluir e essa transmutação é condição da ordem social desigual que implica o caráter ilusório da inclusão”. Essa autora afirma que essa dialética é um processo inerente da lógica capitalista, que se revela nas contradições e na demanda por uma legitimação social. Assim, a dialética inclusão/exclusão, quando relacionada a modos de sociabilidade e valores sociais, deve ser compreendida como um processo em constante movimento, ou seja, o indivíduo ou grupo pode estar excluído em um aspecto e incluído em outro (Sawaia, 2001).

O próximo enunciado apresenta o núcleo “**pensar (isonenti)**”, que leva a compreender o sentido dos deslocamentos pendulares para esse sujeito: “*(os) alunos pensaram (o) nosso deslocamento (e) transporte, tudo complicado, cansativo (tiuti koekuti tokopone uti ako malika vukeaku ako vovoku ya pitivokoke koane akoinovo ivueti omóoviti koati mómiti uti seopo uti ya vovokuke)*”. A palavra pensar está definida, no dicionário, como: submeter algo ao processo de raciocínio lógico; exercer a capacidade de julgamento, dedução ou concepção (Houaiss, 2009). Pensar relaciona-se com a capacidade de analisar a situação e resolver problemas e está associada com a dimensão cognitiva da consciência humana.

O pensamento, para que seja compreensível e comunicável às demais pessoas, deve ser modificado em um sistema de códigos instituídos socialmente que demonstre suas relações semânticas. Precisa ser desdobrado em enunciação que atinja os objetivos da comunicação. Verificou-se que o pensamento aparece concomitantemente com o desenvolvimento social, e é direcionado por motivos, direcionado para um determinado fim que modifica uma atividade em elaboração mental, ou seja, forma o pensamento verbal.

Para ser completamente realizado, requer o domínio dos instrumentos culturais que o embasam, ou seja, “da completa estrutura semântica da linguagem e as estruturas lógicas, formada pelas experiências das gerações, que são assimiladas pelo homem no seu desenvolvimento intelectual e sevem de base objetiva de sua complexa atividade intelectual.” (Luria, 1991, p.102 citado em Santos, 2010). Pensar os deslocamentos e transportes implica pensar em tudo, na família que precisa deixar para poder buscar uma melhoria de vida, nas viagens cujas distâncias são longas, no ônibus que não tem conforto e nem segurança, e até em si mesmo, na sua situação, por estar diariamente exposto a diversas situações de vulnerabilidade. Parece que pensar está relacionado ao próprio movimento da consciência, à consciência de si, que se dá a partir da materialidade vivenciada na atividade cotidiana cansativa do transporte.

No minidicionário Houaiss (2009), “**complicado (tiuiti véxea)**” é o participio passado do verbo complicar, que significa tornar-se menos simples de apreender, usar, resolver, tornar-se pior, agravar. Esse sentimento está ligado às dificuldades que o movimento pendular trouxe para o sujeito da pesquisa, em cuja consciência as coisas estavam difíceis de resolver e de entender, ocorrendo uma quebra do equilíbrio entre o sujeito e seu ambiente. A palavra “**cansativa (momikóti)**” se refere a fatigante, que provoca cansaço, que cansa, que deixa exausto, (por extensão) aborrecido que causa aborrecimento (Houaiss, 2009).

O movimento pendular que representa uma rotina estaria deixando Ubiratan cansado, pois ele precisava se deslocar diariamente para estudar, fazer o mesmo trajeto, cumprir as mesmas tarefas de sempre, interagir com as mesmas pessoas; esse sentimento, geralmente, vem acompanhado de desinteresse, indiferença, desânimo e estresse. Em algumas situações é comum que o indivíduo tenha pensamentos negativos acerca dos seus relacionamentos, sobre si mesmo e acerca de pequenas coisas no seu cotidiano. Assim como o sentimento complicado lhe causa uma quebra na homeostase do seu organismo, o cansaço também desencadeia esse desequilíbrio.

Para resolver esse tipo de situação é preciso que se compreenda e transforme esses sentimentos (afetos) em emoção, representada numa função psíquica superior. Somente assim será possível reorganizar a consciência que permitirá agir sobre a realidade, recuperando o equilíbrio. Caso esse equilíbrio não ocorra, o indivíduo desenvolve uma série de sintomas tais como: falta de comprometimento com as suas obrigações, sensação de desesperança, inquietação, entre outros.

É importante ressaltar que para a Psicologia Sócio Histórica, sentimentos e emoções diferem entre si. Os sentimentos apresentam um caráter mais estável e duradouro, sempre será

consciente, já que o indivíduo saberá que sente algo, ainda que não consiga explicá-lo; é a força afetiva que direciona a pessoa para determinado objeto. As emoções são mais circunstanciais e transitórias; estão relacionadas à cultura e ao momento histórico que se vivencia, e dá significados específicos para os sentimentos. Assim, a emoção se torna consciente quando é conceituada, recebe nome, função e a determinação do comportamento a ser emitido de acordo com cada cultura.

Para Vygotsky, *toda emoção é um chamamento* à ação ou uma renúncia a ela. Assim, nenhum sentimento permanece indiferente e infrutífero no comportamento da pessoa com relação à cotidianidade vivenciada, nenhuma vivência acontece sem que imprima uma resposta em forma de sentimento. As expressões contidas na fala do participante demonstram o quanto a materialidade da realidade lhe imprime significados expressos em suas verbalizações de angústia, tristeza, revolta, alegria, mas que imprimem sentido e sentimento no movimento da constituição de sua consciência, como é possível observar no próximo enunciado.

*“(Na) verdade todos vem embora tarde (Heu koeti uti xuikenene seopei uti ya vovoku)”*, tem-se como núcleo o verbo vir, na conjugação da terceira pessoa do singular **“vem (yokoné)”**, que indica ir ou ser levado de um lugar para outro, partir, ir para o lugar de onde saiu, regressar (Houaiss, 2009). O entendimento é que o movimento pendular faz com que todos cheguem tarde, parece estar implícito um aborrecimento, porque eles querem chegar mais cedo no seu local de moradia. Parece haver, também, uma série de empecilhos para que isso ocorra: horário das aulas, ônibus ruim, distância; assim, Ubiratan continua o discurso com o enunciado **“já vi passar ali questões (de) desistência (e) permanência, bem pouco (noxoamaka uti eno okoti ihixaxeovo koanemana apé e koukoponovoti ya ihikauvoke).”**

Nesse enunciado podem-se identificar três núcleos: **“passar (tarúuxoati)”**, **“desistência (okotine ihixaxeovo)”** e **“permanência (koati koxunaixovoti ya ihikauvoke)”**. O primeiro núcleo possui uma série de significados, mas, aqui, destaca-se o seguinte: deslocar-se, através de; transpor, atravessar, mudar de um lugar para outro, movimento (Houaiss, 2009). Entende-se que durante o tempo que Ubiratan esteve no movimento pendular passou por diversas situações, e esse núcleo está diretamente ligado às questões de desistência e permanência. Desistência significa ação ou efeito de desistir, ato de renunciar voluntariamente ou não dar continuidade a algo e permanência significa constância, continuidade, demora num mesmo lugar (Houaiss, 2009). Este enunciado **“já vi passar ali questões (de) desistência (e) permanência, bem pouco (noxoamaka**

*uti eno okoti ihixaxeovo koanemana apé e koukoponovoti ya ihikauvoke)*”, apresenta uma contradição entre desistir e permanecer. Desistir - devido às dificuldades causadas pelo movimento pendular, o estresse e as complicações -, como foi colocado anteriormente por Ubiratan, contrapõe-se a permanecer, que leva ao alcance de objetivos, a ter uma profissão, melhorar a qualidade de vida. Assim, mesmo diante de tantas adversidades, esse participante da pesquisa demonstra que não desanimou, a possibilidade de concluir o curso levou-o a realizar seus objetivos.

De acordo com os achados na análise do discurso do participante, o movimento pendular tem dois sentidos pessoais: um que está associado à busca de melhores condições de vida, e outro que está associado à dificuldade, desistência, estresse e cansaço, uma vez que o processo lhe impõe uma rotina desgastante, tem que deixar a família, a casa, fazer o percurso, que é longo, e chega tarde em sua residência.

## 5.6 Análise do Discurso da Estudante Potira

Neste item do capítulo, analisam-se os elementos constituintes do discurso da acadêmica indígena Potira, participante da pesquisa, também com base na Técnica de Análise Gráfica do Discurso Simplificada. Transcreve-se, primeiramente, a entrevista completa (perguntas e respostas), de modo contínuo, realizada com a estudante, seguida das outras duas etapas da técnica adotada, conforme observadas na análise anterior.

### 5.6.1 Corpo de Análise

Iniciando **nossa** entrevista gostaria que **me** dissesse **sua** idade. **Eu** **tenho** 25 **anos**. Que curso **está** **fazendo**? **Eu** **tô** cursando letras e espanhol. Que semestre **você** **está** cursando? **Eu** **já** **estou** no sétimo semestre. **Quais** os motivos que te levaram a escolher a UFMS para **sua** formação superior? **Porque** **naquela** época, **foi** a primeira oportunidade que **nós** recebemos. **Porque** a **gente** **não** **tinha** essas informações. **Tanto** que **eu** parei 5 **anos** de ensino médio. Parei 5 **anos**. Isso era falta de informação, era falta de **saber** que **tinha** vestibular anual. A **gente** **não** **tinha** informações sobre universidades. **Eu** **só** ouvia **falar**, **eu** **nunca** **sabia** **como** entrar na universidade. **Me** **fale** sobre **sua** composição familiar, **você** é casada? **Sim!** **Eu** sou casada, **tenho** dois **filhos**. E **eu** moro perto da **casa** dos **meus** pais, **eles** são vizinhos **meus**. A **minha** mãe, **ela** **me** ajudava bastante **quando** **eu** saía. **Minha** **aula** era noturna. **Então**, os **meus** **filhos** **ficavam** com **eles** – Que idade **tem** os **seus** **filhos**? O **meu** primeiro **filho**, **ele** **tem** sete **anos**, o segundo **tem** **um** **ano**. **Você** **está** **trabalhando**? Ainda **não!** **Não** **trabalho** ainda. Em que município **você** mora? Desculpa, mas **não** entendi. De que município **você**

é ? Sou do Município de Miranda. Qual o meio de transporte que você utiliza para se locomover até a UFMS? A gente utiliza ônibus entre 42 alunos, eu acho. Um ônibus pra gente se locomover de Miranda pra UFMS. Agora, da minha aldeia até Miranda, é moto. Saio da minha casa... Você vai de moto até Miranda? Sim! Eu vou de moto. Quantos Km de Miranda até a sua casa? São 12 Km. Esse ônibus que você pega é oferecido pela prefeitura municipal. Isso. Ele é oferecido pelo nosso prefeito. Mas só que ele não é de graça. A gente paga mensalmente pra gente ir. Pra gente ter uma vaga, a gente paga mensalmente. E qual é o valor? O valor nunca é fixo. Às vezes, lá no começo, a gente pagava 100 reais mensalmente. Aí foi baixando prá 50. Aí esse último que a gente pagou, antes das aulas pararem, foi pra 80 reais mensal. Qual a distância de sua residência até o local de estudo. Acho que é mais ou menos uns 70 Km. Então você faz um percurso diário de 82Km. Isso! Tempo de viagem de ida e volta? Tempo de viagem é uma hora, uma hora. Seis horas a gente... Pra voltar é uma hora? Isso! Então você tem um percurso diário de duas horas pra poder estudar! Isso! Que horas você sai de Miranda? Seis horas da tarde. E você chega na sua casa que horas? Eu chego uma hora, uma hora e meia da manhã. Porque daqui até a minha casa, até a minha aldeia, de Miranda, eu acho que eu levo uns vinte minutos. Gasta isso né? O ônibus passa na sua aldeia? Sim, não. É o meu esposo que me leva e me busca também. Como você classifica esse tempo gasto para se deslocar? A gente... eu já aproveitei bastante por causa das leituras na hora de..., antes da gente chegar na escola. Os professores, as vezes, eles mandam os livros em PDF pra gente. Então é um tempo proveitoso dentro do ônibus pra gente estudar um pouco, pra gente ler um pouco. Então, pra mim, nunca é um tempo perdido assim. Só é um pouco longe, um pouco desgastante. Mas é proveitoso também. Como você avalia as condições desse veículo, conforto e segurança? Olha, é... a maioria do ano nosso, o transporte escolar é bom. Mas só que tinha algumas vezes que a gente ia com o ônibus escolar mesmo. Então é aqueles ônibus que não tem aqueles bancos confortáveis, poltronas confortáveis. O que é que a gente acostuma ir quando a gente vai né? A maioria do ano. Já teve outras vezes que a gente foi com ônibus simples. Tipo, no meio do frio, a gente foi com aquele transporte escolar simples, com aquelas poltronas duras uma semana. Então, a gente sofreu muito porque o vento passava dentro do ônibus. Isso era no meio do frio, frio mesmo. Porque a não residência no local de estudo ao invés de deslocamento diário? Porque, porque eu não teria condições assim de me manter assim. Também eu sou mãe de dois filhos, e naquele tempo, no começo do meu curso, meu primeiro filho era pequeno ainda. Então, pra mim era seguro ele ficar com a minha mãe. Então, como a gente tinha o ônibus escolar, transportava os acadêmicos, então eu não via necessidade de me mudar pra Aquidauana. O seu esposo trabalha? Sim! Meu esposo, ele é professor. Ele ministra aula na aldeia? Isso, Isso mesmo. Para que série ele dá aula? Séries iniciais. Ele é pedagogo, meu esposo. O que te faz permanecer nesse deslocamento diário? Porque... permanecer nesse mesmo curso. Comecei tenho que terminar. Então, pra mim... o meu deslocamento pra mim até é difícil. Mas é aquela coisa: eu volto todo dia, entendeu? Então pra mim teria que mudar pra Aquidauana e abrir mão dos meus filhos, eu teria que abrir mão de minha casa. Então eu acho que não seria viável para mim ter que me mudar pra Aquidauana, pra alugar uma casa. Seria muito... seria mais um gasto pra mim. Como a comunidade indígena percebe esses deslocamentos diários? Deslocamento? É! Esse deslocamento de todos os dias no final da tarde. Sim! Eles valorizam. Tanto que o número de alunos aqui da

minha aldeia, ele aumentou de um tempo pra cá. **Aí**, falta oportunidade política pra nós. Pra gente pedir um veículo nosso mesmo pra os acadêmicos da aldeia de Cachoeirinha. Falta uma oportunidade de política. Projetos a gente já fez em relação à isso. Mas até agora ela não foi atendida. **Você tem** uma estimativa de quantos estudantes moram na sua aldeia? **Eu** acho que agora, agora são em torno de 10 ou 15 alunos. **Agora** aumentou um pouco. Mas depois que a aula começar, eu não sei como é que vai ficar. **Porque**, da última vez, a lotação do nosso ônibus, ela estava cheia. **Então**, seria uma dificuldade enorme se a aula voltasse agora e os meus outros parentes, e não tivessem uma vaga pra eles se deslocarem daqui pra UFMS. **Tendo** em vista os seus deslocamentos diários, **você** acredita que ele influencia negativamente no seu desempenho acadêmico. **Já** houve... houve época que eu poderia desistir. **Porque** sempre tem uma fase acadêmica nossa que complica o nosso lado pra nossa aprendizagem. Principalmente hoje, nós somos mães. E no meio do meu curso eu tive outro filho. **Então**, isso trouxe um pouco de sobrecarga de responsabilidade pra mim. **Eu** teria que dar conta do meu filho mais novo, de estudar, de ser dona de casa, de ser mãe. **Você já teve** alguma dificuldade significativa que interferiu no seu desempenho acadêmico? **Eu** pensei já. A última vez que eu pensei em desistir foi quando o meu avô, e eu o considero como pai, porque foi ele que me criou, ele faleceu de covid – 19 no ano passado. **Então**, eu não queria mais. Definitivamente eu não queria mais. **Porque**, mas, graças às pessoas que estão no meu lado todo o tempo e são a minha família, são o meu esposo, a minha mãe, eles estiveram comigo, eles me levantaram. **Eu** não tinha mais força. **Como** são suas relações de amizade no ambiente acadêmico? **Eu** não tive muito envolvimento com os meus colegas. **Porque** os meus..., era cada um entre si. **Eu** achava eles muito..., não sei, não sei como classificá-los. Mas... Individualistas? **Não** sei se... É isso! **Não** sei. **Porque** eu era assim quieta, eu era meio tímida, talvez. Mas a gente sempre se respeitou. E quando tinha trabalho, como era feito? A maioria das vezes, eu procurava encaixar com pessoas que eu sabia que... sei lá, eu já tentei me encaixar em um grupo, meio forçado, entendeu? E tinha uma vez que a gente não foi na aula, e discutiram por causa da gente, discutiram por causa das pessoas que eram menos falantes dentro da sala de aula. E acabou que um desses grupos, eles colocavam uma dessas pessoas, que eram menos falantes, eram menos inteligentes, digamos assim, que causou uma briguinha entre os grupos que se achavam que eram melhor que o outro. **Como** é que você se sentiu nessa situação? **Eu** me senti..., eu fiquei triste é lógico. Pelo fato, assim não ser indígena, mas a gente tem bastante ideia. **Muitas** vezes a gente se cala por não saber falar português assim, como que eu digo? Corretamente. **Já** travei muito nos meus trabalhos. Mas eu sempre encarava. E com os professores, como que é a relação? É normal. **Acho** que como o professor é com os seus alunos. **Professores** sempre procuram achar uma saída pra nós quando nós temos algumas dificuldades. Em relação comigo, alguns professores, eles, sempre tive uma boa relação, eles sempre me ajudaram, sempre me deram chances quando eu não podia... E com a gestão, com a direção? A coordenadora do nosso curso era uma das nossas professoras. **Então**, a gente tinha uma relação boa. **Você** recebe alguma ajuda de custo para estudar na graduação? **Sim!** **estou** recebendo bolsa indígena, que é cedida pelo MEC. **Você** só recebe essa bolsa ou tem outra? **Não!** É só essa bolsa mesmo. O que representa pra você? Ela me dá incentivo. **Porque** a minha família, ela é muito humilde, nós não temos muito, né? O meu esposo, ele é empregado. Mas só assim: pra ele poder trabalhar, ele tem que ter uma política boa. **Então**, no ano passado, ele não

demonstrou essa política no lado de quem está do lado do prefeito. Então a gente sofreu um pouco essa consequência esse ano. Tanto que ele não foi contratado, né? Esse ano ele não foi contratado. Então, praticamente quem está mantendo a nossa família, a minha família, é o bolsa indígena. Nesse momento, então, ele está sem trabalho? Sim! Como você se sente nesse deslocamento diário? Normal, alegre, confortável estressado, cansado, impaciente, angustiado, desmotivado, irritado, ansioso, sonolento? Tem que escolher uma só? Não! Tem que escolher uma ou mais. É, eu já me senti muito ansiosa, muito insegura e eu me senti muito sonolenta, né? Tanto que a gente tinha... Tem tanto trabalho pra resolver, principalmente quando a gente está nos últimos semestres. Os professores, eles cobram muito da gente né? Então, eu já me senti muito desgastada né? Em conta de relatórios, de estágio, de artigos. Então, ela... ela cobra muito da gente. Certo. E em relação ao deslocamento? Eu, nessa altura do campeonato, eu me sinto feliz né? Porque eu já estou quase terminando. Então, pra mim, é um motivo de alegria ter que, é, passar por tudo isso que já passei. E passar mais um pouquinho, pra mim, não é nenhum problema, né? O que está implícito na frase "O tanto que já passei"? é quando a gente pega o frio na estrada, quando a gente pega chuva, quando os meus materiais ficam molhado porque eu tinha que me locomover de moto, às vezes eu entrava dentro do ônibus toda escrachada, a minha roupa toda molhada. Então, era tudo isso. Era poeira no tempo de seco, né? A minha mochila, ela ficava suja, o calor então era... O seu ônibus não tem ar condicionado? Tem, tem sim. A gente tinha dois ônibus, e, conforme qual desses dois ônibus está mais viável pra gente ir... a gente tinha um ônibus que tinha ar condicionado e o outro não tinha. Quais aspectos você aponta como positivo nesse deslocamento? O que tem de positivo é que os outros patricios, eles vão seguindo os nossos passos, eles querem também, chegar aonde a gente já chegou. Que é entrar numa universidade, que era um acesso muito difícil pra nós né? Há dois anos atrás era difícil. Tanto que demorou, depois de mim, depois que eu entrei dentro da universidade, demorou outras alunos para adentrarem também né? Porque eles não eram informados. Eu acabei..., eu ganhei um estágio lá no começo do meu curso, eu, eu fui beneficiada para estagiar na escola. Aí, eu, eu tive oportunidades para falar para os alunos que já estavam no final do ano letivo. Aí eu tive oportunidade de falar isso pra eles, pra motivar, né? Tanto que deu certo. Quais são os principais desafios cotidianos que você encontra nesse processo de migração. A minha dificuldade era, era a locomoção, né? Porque primeiro, a gente não tinha a moto, né? Às vezes, eu ia de carona, né? Acho que foi durante um ano que eu tinha que depender de pessoas pra poder ir. Como a pandemia da Covid -19 impactou a sua vida pessoal e acadêmica? Pra mim foi... É, assim..., como eu posso dizer: um choque né? Porque a gente teve que adaptar em um ensino remoto né? Pra quem já estava acostumado a ter aula presencialmente, apresentar as coisas, apresentar nossas aulas presencialmente pra nós, a aula remota pra nós foi um processo muito difícil né? Mas, o ponto positivo nisso é que, é, eu pude ficar com os meus filhos durante... enquanto eu podia estudar. Eu também podia ficar com a minha família, com os meus filhos. Você está sentindo falta desses deslocamentos diários? É, eu acho que pra nossa segurança tá bom como está né? Pra nossa segurança, o ensino remoto é o mais viável no momento. Eu não gostaria de voltar nesse momento pra universidade. Na sua percepção há mais mulheres indígenas estudando? Mulheres? É. Deixa eu ver... eu acho que tá igual. Agora tá igual, eu acho. Por que? Teve algum

período que existia alguma diferença? Não... Eram mais homens ou mais mulheres? Não! Então: no começo era né? Só tinha três homens indígenas que faziam faculdade. Antes da gente. Aí depois... E o que que você acha que mudou? Que as mulheres começaram a sair... Eu acho que as mulheres se sentem seguras quando veem outras mulheres né? Não que alguém ameace a gente também. Mas, é, assim, pelo que quando as meninas entraram depois de mim, elas se sentiram seguras. Tanto que elas me procuraram pra achar a fala delas nos primeiros dias de aula. Então, é muito bom, é muito importante ter mulheres. E aí, vocês tem campo de trabalho na aldeia? Tem! Tem, dependendo da política (risos). Você tem alguma observação ou colocação a cerca do seu trajeto que queira registrar? Então, eu participei neste ano, o nosso município, ela realizou processo seletivo pra poder contratar os professores. Aí, eu participei, eu passei no processo. Mas na hora de entregar os documentos, eu não consegui a vaga, pelo fato de não ter terminado ainda o curso. Sendo que aqui, tem bastante, tem bastante professores que aqui que no primeiro ano de faculdade deles, eles já trabalham né? E a gente estão em busca desse trabalho a muito tempo. Eu acho que já faz 3 anos que estou em busca desse emprego. Mas eu nunca consegui porque não, é uma falta de política mesmo. Porque envolve muito a política. Você tem alguma observação ou colocação a cerca do seu trajeto que queira registrar? Qual seria mais ou menos? Me dá uma ideia. É sobre os seus deslocamentos diários. Eu gostaria mesmo, é que a gente tivesse uma conquista de um ônibus próprio pra nós indígenas. E aonde ela nos desloca dentro da nossa aldeia mesmo, nos leva até a faculdade. Pra mim isso seria uma grande conquista. E vocês, tem algum movimento na aldeia que poderia reivindicar isso através de um baixo assinado, alguma coisa assim pra levar pras prefeituras? No momento eu não sei como é que o prefeito iria receber né? Mas nós tentamos uma vez. Não deu muito certo. Então, nós paramos aí.. É por causa das políticas? Sim.

### 5.6.2 Quadro de incidências

A seguir, registram-se no Quadro 4, as palavras (núcleos) e a incidência delas no decorrer da entrevista, no discurso da estudante Potira.

PALAVRAS	INCIDÊNCIAS
Eu me mim +87 +21 +14 Minha meus meu comigo +17 +11 +14 +2	166
É são era eram +74 +7 +19 +7 Ser sou fui sendo +3 +3 +1 +1	115



Ter tem tinha tivessem tenho +7 +25 +18 +1 +3 Tive Teria temos tendo +5 +4 +2 +1 Tivesse teve +1 +4	71
Um uma numa uns +31 +28 +1 +2	62
Elas ela eles ele deles delas +2 +10 +17 +19 +1 +1	50
Gente	49
Não nunca +45 +4	49
Você seu sua seus suas +28 +6 +10 +4 +1	49
Esse esses desse desses essa essas +6 +1 +3 +3 +5 +1 dessas nessa nesse nisso isso +1 +2 +7 +1 +17	47
Então	30
Vai ir iria foi ia vou ida iria +3 +4 +1 +14 +2 +1 +1 +1	27
Por que; porque +1 +22	23
Estou estava estavam está tá tô +4 +2 +1 +12 +3 +1	23
Muito muitas +20 +1	21
Como	20
Já	19
Anos ano +7 +11	18
Acho Achar achavam Achava acha +12 +2 +1 +1 +1	17
Nossa nossas nosso nossos +7 +2 +7 +1	17
Ônibus	17
Desloca deslocamentos deslocamento +1 +4 +8 deslocarem desloca +1 +1	15
Nós nos +11 +4	15
Mais	14
Aula aulas +10 +2	12

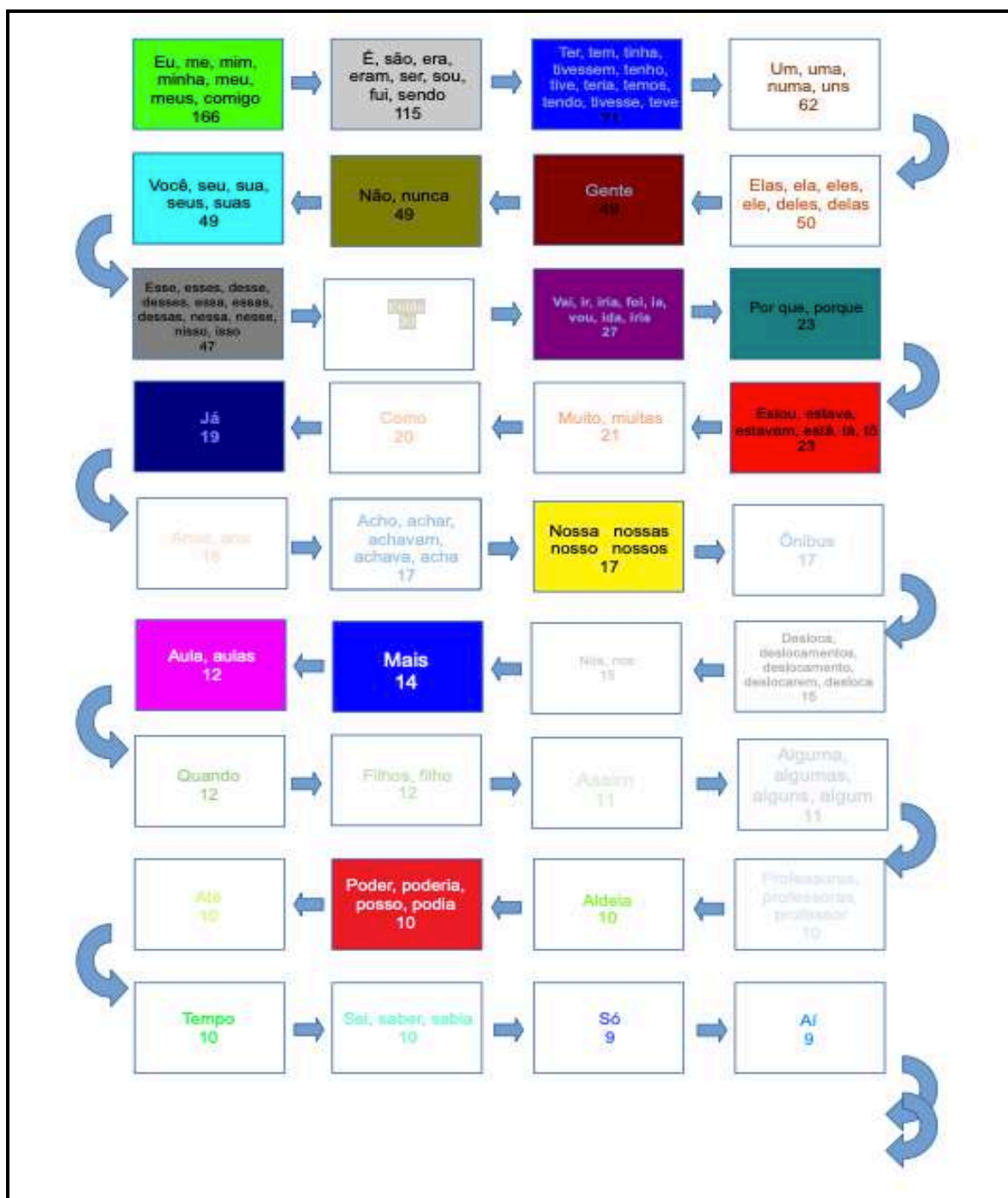
Quando		12			
Filhos +7	filho +4	11			
Assim		11			
Alguma +6	algumas +2	alguns +2	algum +1	11	
Professores +7	Professoras +1	professor +2+		10	
Aldeia				10	
Poder +4	poderia +2	posso +1	podia +3	10	
Até				10	
Tempo				10	
Sei +6	saber +2	sabia +2		10	
Só				9	
Aí				9	
Tanto				9	
Senti +1	sentiu +1	sente +1	sentindo +1	sentem +4	9
Sentiram	+1				
Sim					9
Mesmo					8
Política +7	Políticas +1				8
Vezes					8
Outras +3	outros +2	outro +3			8
Estudo +2	estudar +5	estudando +1			8
Fale +1	falar +4	falantes +2	fala +1		8
Qual +5	quais +3				8
trabalhar +1	trabalham +1	trabalho +4	trabalha +1		8
trabalhando	+1				
Ficar +4	ficam +1	ficava +1	ficavam +1	fiquei +1	8
Pouco +7					7
Sempre					7
Miranda					7
Agora					7
Relação +6	relações +1				7
Casa					7

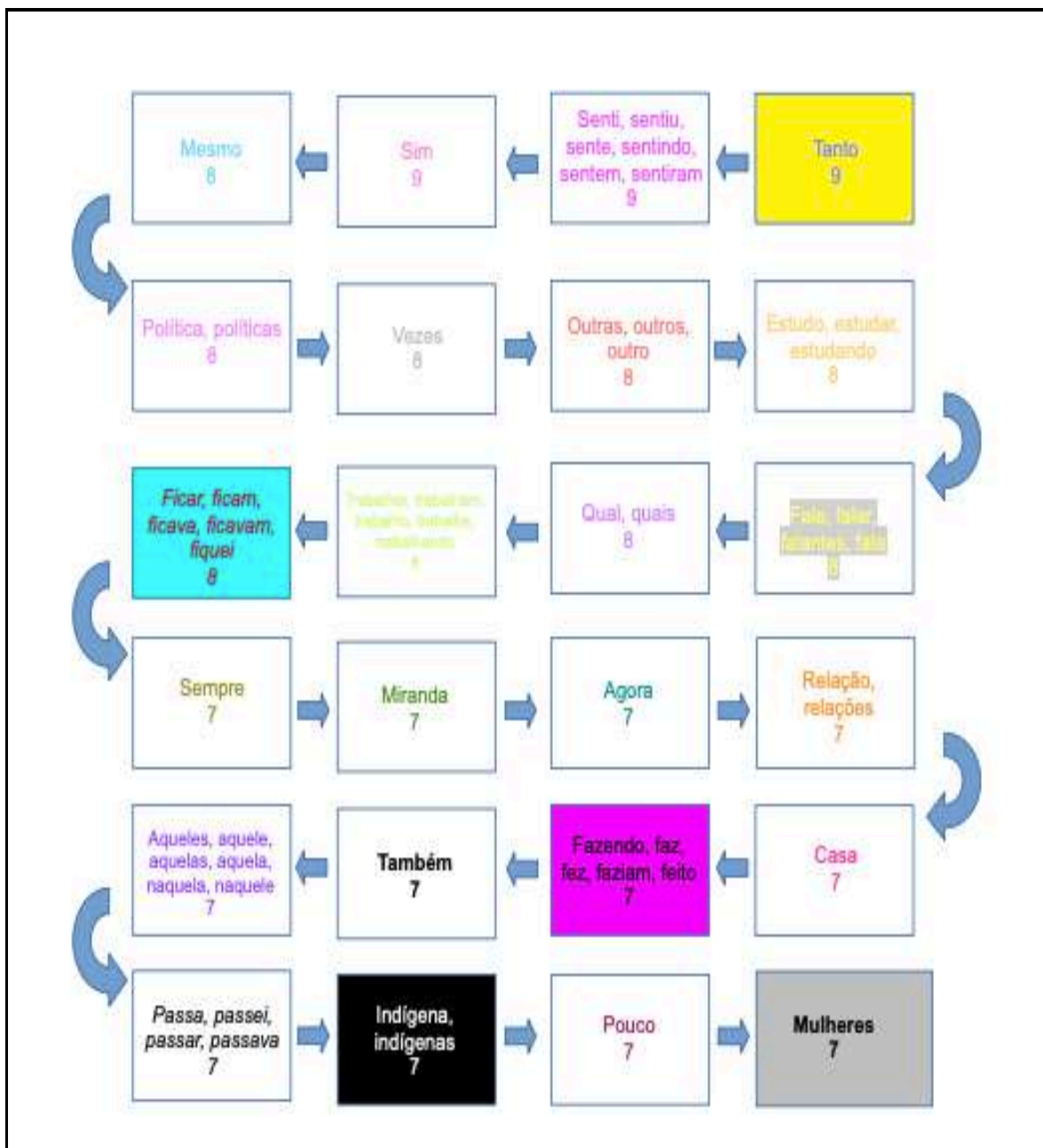
Fazendo faz fez faziam feito +1 +3 +1 +1 +1	7
<b>Também</b>	7
Aqueles aquele aquelas aquela +2 +1 +1 +1 Naquela naquele +1 +1	7
Passa passei passar passava +! +3 +2 +1	7
Indígena indígenas +4 +3	7
Mulheres	7

**Quadro 4** – Quadro de incidências da estudante Potira  
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

A seguir, acompanha-se, na Figura 6, o esquema resultante do processo de análise do discurso da participante Potira.

### 5.6.3 Gráfico simplificado do discurso





**Figura 6** – Gráfico demonstrativo do processo de análise do discurso da participante Potira  
 Fonte: Adaptado pela autora com base nos dados da pesquisa.

### 5.7 Caracterização – Potira

É do sexo feminino, tem 25 anos e está cursando o 7º semestre do curso de Letras e Espanhol. Mora na aldeia Cachoeirinha, no município de Miranda, que fica distante de Aquidauana, aproximadamente, 82 km. É casada, possui dois filhos com idades de 7 anos e um ano. Atualmente não trabalha.

Após a análise gráfica do discurso, chegou-se ao texto que expressa a ideia desvelada pelos núcleos de pensamento da Estudante 2. Veja-se a seguir.

Eu, é, tem uma gente, eles, não você. Isso, então foi nós, porque está muito anos já, acho que (no) ônibus, (nos) deslocamento, mais (as) aulas. Quando (os) filhos assim, (como) alguns professores (da) aldeia podia até saber (com) (o) tempo, (o) (que) senti aí. Sim, tanto (a) política e outras vezes estudar (ou) mesmo falar sempre qual (o) trabalho. Em Miranda, agora (com) (as) mulheres indígenas, também na relação (com) (a) casa, passei a ficar pouco.

Hinara, andi, aneko póhuti xané, hinararahiko, kene haina iti. Hinara, utiikope, vóoku enone xoinai, indukinoa insoneu xoko ivueti, xoko vengoku, xoko hiko uhikaovoti. Epo hiko né xé exati, koane epone hiko ihikaxoti ihae ipuxovokuti motovani exea koeku combone yane hiko kaxe. Hinara, koana maka politika poinu maka ora insikavoti ou koyekutine koyuhoiyea itukovotiye itukevo. Ya Mirandake, kóoiyene xoko sêno kopenotihiko, Koane maka xoko ovokuti, akpne axuina onvea.<sup>9</sup>

Como o estudante Ubiratan, Potira inicia a entrevista com o núcleo identidade. Conforme já referido, a identidade é um processo de contínua transformação e se constitui no grupo a que se pertence. A estudante se refere a si como “**eu, é, (hinara andi)**”, que marca a sua identidade, seu auto reconhecimento que advêm das experiências sociais vivenciadas, as quais influenciam nos julgamentos sobre si e sobre outras pessoas. “**Tem uma gente (Aneko póhuti xané)**” – a forma verbal **tem** indica posse sobre algo, poder; infere-se, portanto, que no discurso da estudante está relacionado a possuir a mesma crença religiosa, etnia, língua do seu grupo, que parece explícito na expressão “**uma gente xané**”. De acordo com Wagner (2018, p.125), “a identidade é compreendida como a auto identificação do sujeito, decorrente do laço de pertencimento que o liga ao seu grupo étnico e o reconhecimento pelo grupo de que essa pessoa é um dos seus. Fundado num sentimento de origem comum partilhado pelo grupo, que o distingue dos demais.”

Hall (2012) afirma que para entender o que é identidade é preciso compreender como ela se insere no âmbito da cultura, e como identidade e diferença têm que ver com a representação. Assim o autor se refere à identidade:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuam a manter uma certa correspondência. Ela tem a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com

---

<sup>9</sup> Tradução da língua portuguesa para a língua Terena de Potira foi realizada pela Terena Rociane Mendes dos Santos, pedagoga regente na escola municipal indígena Francisco Farias da aldeia Água Branca

as questões “quem somos nós” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (Hall, 2012, p. 108-109).

Desse modo, para existir, a identidade necessita de outra identidade que não é própria, que difere da sua, mas oferece as condições para que ela exista: **“eles, não você (hinararahiko, kene haina iti)”**. A identidade é apontada pela diferença que sustenta a exclusão. Essa diferença se estabelece nas relações que podem ser simbólicas e sociais por meio de sistemas classificatórios, que utilizam um princípio de diferença à determinada população, proporcionando uma divisão, a exemplo de indígenas e não indígenas. Assim, Potira identifica-se com a sua gente, que é indígena, diferente da entrevistadora, que é não indígena (purútuye). Portanto, a identidade não pode ser definida sem a diferença, e esta não pode ser definida sem a identidade, ou seja, existe uma dependência recíproca.

A população indígena convive diariamente com as mudanças na construção e reconstrução de sua identidade e cultura, junto à sociedade envolvente, que influencia nos ensinamentos que são passados de geração a geração, haja vista que precisam ser adaptados, na contemporaneidade, como forma de sobrevivência. Há uma constante busca do “eu” com o “mundo”; essa busca traz consigo a manifestação e preocupação em ser aceito. Nesse movimento, as transformações vão construindo novos sujeitos sociais, mudando as práticas cotidianas, estabelecendo novas condutas sociais, políticas e organizativas de vida. A identidade indígena é representada, significada e reproduzida no seu território, que torna possível reviver e rememorar toda a cultura. Santos (1996) conceitua território como uma categoria que está ligada àquilo que nos pertence, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais, e do exercício da vida, bem como o fundamento para o trabalho.

Na frase a seguir: **“isso, então foi nós, (hinara, utiikope)”** o **“nós (uti)”** socializado, cultural marca o pertencimento, a inclusão, trata-se de uma coletividade na qual imperam as normas, a cultura. Cultura é um conjunto integrado de características comportamentais aprendidas, manifestadas pelos sujeitos de um grupo ou sociedade e compartilhadas por todos. Nesse sentido, para apreender a realidade cultural de um indivíduo devem-se entender suas práticas, costumes, concepções e as mudanças que ocorrem na sua vida. Particularmente, na cultura terena, a comunidade tem um papel essencial no acesso aos saberes tradicionais, tendo em vista a sabedoria que é passada e transmitida por seus membros, e que colabora na formação da identidade de todos.

No enunciado **“porque está muito anos já, (vóoku enone xoinai)”** identificam-se dois núcleos: **“está (enone)”** e **“anos (xoinai)”**. O primeiro – **está** - significa, de acordo com Houaiss (2009), ter ou apresentar provisoriamente certa condição física, emocional, profissional entre outros; o segundo - **anos** - significa período de tempo que a terra leva para circundar o sol. Pode-se inferir que esses núcleos de significações estão relacionados ao movimento pendular.

Como já foi referido, estudos mostram que os indígenas começaram a sair das suas aldeias por diversos motivos, entre eles a preocupação com o estudo, cursar uma universidade e até mesmo um curso de pós-graduação. Essa situação, de acordo com Vargas (2011), surgiu no final década de 1990; Wanderlei Dias Cardoso foi o primeiro Terena a desenvolver pesquisa em nível de mestrado no estado de Mato Grosso do Sul, com a história de seu povo. Cardoso (2006) aponta que a escola se tornou um dos principais meios de comunicação entre indígenas e a sociedade envolvente, bem como um mecanismo de legitimar suas reivindicações e a posse de seus territórios.

A presença de indígenas nas universidades tem aumentado consideravelmente; esse fato decorre das políticas de cotas instituídas a partir de 2012, e, também, pelo esforço individual e comunitário dos povos indígenas. Ao decidirem continuar os estudos fora das aldeias, os indígenas que fazem a opção de não migrar e de aderir ao movimento pendular enfrentam uma série de dificuldades e desafios diários.

No núcleo de significados **“acho que (no) ônibus, (nos) deslocamento, mais (as) aulas, (indukinoa insoneu xoko ivueti, xoko vengoku, xoko hiko uhikaovoti)”** parece implícito que durante alguns anos indígenas têm enfrentado a dificuldade com transporte, haja vista a falta de conforto dos ônibus, que, inclusive, não oferecem segurança, e, desse modo, esses indivíduos são expostos, diariamente, a situações de vulnerabilidade, aos deslocamentos que são longos e cansativos, e ainda têm que assistir as aulas e dar conta dos inúmeros trabalhos que os professores exigem.

Na frase **“Quando (os) filhos assim, (como) alguns professores da aldeia (Epo hiko né xé exati, koane epone hiko ihikaxoti ihae ipuxovokuti)”**, ressaltam-se dois núcleos: **filhos (xéexati)** e **professores (ihikaxoti)**. Filhos, de acordo com Houaiss (2009), significa descendente. Mangolin (2009) explicita que, na cultura Terena, os filhos são amados desde a gestação, criam-se fortes laços de carinho e uma forte ligação afetiva da mãe e do pai. O desenvolvimento da criança é acompanhado continuamente, tanto o pai como a mãe dispensam a totalidade de seu



tempo para estar junto da criança, sem se descuidar um só minuto. Nesse sentido, deixar os filhos pequenos para estudar, mesmo que seja com os avós, é motivo de preocupações e de certas inquietações, como se percebe neste excerto de fala: “... *nós somos mães. E no meio do meu curso eu tive outro filho. Então, isso trouxe um pouco de sobrecarga de responsabilidade pra mim. Eu teria que dar conta do meu filho mais novo, de estudar, de ser dona de casa, de ser mãe*”.

De acordo com Mangolin (2009, p. 56), “é na família que os pequenos aprendem o costume antigo do povo e o uso da língua materna”. Cabrera (2006, p. 20) ressalta também que “A família indígena não é estática, ela se transforma e se adapta de acordo com as necessidades e o momento histórico”.

O núcleo **professor (ihikaxoti)** representa a pessoa que exerce a função de ensinar, tem diploma ou título para exercer essa profissão (Houaiss, 2009). Indígena que tem a formação de professor, na aldeia, possui certo *status* social perante seu grupo. De acordo com Grupione (2006, p. 50), “a formação de índios professores das escolas localizadas nas aldeias é hoje um dos principais desafios e prioridades para a consolidação de uma educação escolar indígena pautada pelos princípios da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade”. Desse modo, o professor indígena deve conhecer a realidade onde irá atuar e saber como articular os conhecimentos numa perspectiva cultural, somente assim poderá contribuir significativamente para um ensino que atenda às peculiaridades do seu contexto.

Apesar disso, embora haja legislações referentes à importância da formação específica dos indígenas, na realidade brasileira observa-se uma inserção tímida dessa população em cursos de ensino superior. Há estereótipos e preconceitos que ocorrem tanto na sociedade como nas universidades, e dificultam a aceitação e permanência dessas pessoas. Na atualidade, os terenas buscam formação com currículos e projetos pedagógicos próprios que ajudem a valorizar a sua cultura.

Na frase seguinte: “**podia até saber (com) (o) tempo, (o) (que) senti aí, (motovani exea koeku combone yane hiko kaxe)**”, encontram-se três núcleos de significação. De acordo com Houaiss (2009), **podia (motovani)** significa: 1. Dispor de meios que possibilitem uma ação; 2. Capacidade legal de fazer algo. “**Saber (Exea)**” está relacionado a: 1. Ser, estar ou ficar informado, ciente de; 2. ter conhecimentos específicos, teóricos ou práticos. “**Senti (Eombone)**” – terceiro núcleo, significa: 1. perceber por meio dos sentidos; 2. Experimentar; 3. Ser afetado.

Esses núcleos, de acordo com a análise realizada, estão relacionados ao movimento pendular. Com o tempo, o povo terena ao qual Potira pertence poderá conhecer quanto esse movimento a afetou, como foi verbalizado na entrevista: *“Então, pra mim... o meu deslocamento pra mim até é difícil.... É, eu já me senti muito ansiosa, muito insegura e eu me senti muito sonolenta, né? Tanto que a gente tinha... tem tanto trabalho pra resolver, principalmente quando a gente está nos últimos semestres. Os professores, eles cobram muito da gente né? Então, eu já me senti muito desgastada né?”*

No seu cotidiano, Potira é impactada por esse movimento pendular, que desencadeia uma série de sentimentos e emoções pelas adversidades enfrentadas diariamente: *“é quando a gente pega o frio na estrada, quando a gente pega chuva, quando os meus materiais ficam molhado porque eu tinha que me locomover de moto, às vezes eu entrava dentro do ônibus toda escrachada, a minha roupa toda molhada. Então, era tudo isso. Era poeira no tempo de seco, né? A minha mochila, ela ficava suja...”*.

Assim, pode-se evidenciar que o movimento pendular é uma situação cansativa e desgastante, para Potira, e que diante de tal condição ela merece ser valorizada e reconhecida pelo seu esforço, sendo um exemplo a ser seguido pelos seus filhos, pelos professores que já passaram por isso e por toda a comunidade. As condições de precariedade da estrada, do tempo e do transporte também são manifestadas no discurso da estudante, quando afirma que para pegar o transporte para a universidade, muitas vezes, ela tem que se locomover de moto, o que a deixa exposta às intempéries do tempo - chuva, sol, época de seca, poeira. Esse depoimento demonstra o quanto esses estudantes indígenas se expõem à precariedade local para terem acesso aos estudos.

No fragmento do texto **“sim, tanto (a) política, (hinara, koana maka politika)”** esse núcleo **política (pulitika)** é definido como: 1. Arte ou ciência da organização, direção e administração de nações; 2. Conjunto de princípios ou opiniões referentes ao Estado, ao poder; 3. Prática ou profissão de conduzir negócios políticos; 4. Modos de agir de uma pessoa ou entidade (Houaiss, 2009). Esse núcleo pode estar relacionado ao modo de agir de uma pessoa, haja vista que foi verbalizado, pela entrevistada, que, para conseguir as coisas na sua aldeia tem que apoiar o político daquela gestão, pois, do contrário, aquele povo não consegue manter os direitos, principalmente de trabalho.

Nesse sentido, destaca-se um trecho verbalizado por Potira, quando justifica o porquê de seu esposo não estar trabalhando: *“... pra ele poder trabalhar, ele tem que ter uma política boa.*

*Então, no ano passado, ele não demonstrou essa política no lado de quem está do lado do prefeito. Então a gente sofreu um pouco essa consequência esse ano. Tanto que ele não foi contratado, nè? Esse ano ele não foi contratado”.* Nesse trecho, fica explícita a questão da opressão, que implica não receber determinado apoio ou benefício de um grupo político por não se submeter a determinadas imposições.

De acordo com Duarte (2017), no que se refere à política, os povos indígenas pensam e lidam de modo diferente dos não indígenas, pelo fato de serem pautados por códigos e símbolos morais que advêm do seu modo de vida originário. Em vista disso, as ações e representações políticas se articulam no âmbito das motivações e interesses em prol da sua cultura. Essa autora pontua, ainda, que por representarem um número expressivo, no pleito eleitoral, os povos indígenas são disputados na conquista de votos, em época de “promessas” políticas, contudo, depois são desconsiderados e colocados à margem da sociedade, com poucas garantias de oportunidades de participação e autonomia.

Na entrevista de Potira, quando ela se refere “**outras vezes estudar (poinu maka ora insikavoti)**” como já visto a palavra “**estudar (Ihikaxovoti)**”, denota aplicar a inteligência e a memória para aprender, frequentar aulas, cursos, cursar, ou ainda tentar compreender pela reflexão (Houaiss, 2009). Entende-se que nesse enunciado está implícito que na sua vida ela procura se relacionar com o mundo que a cerca por meio dos conhecimentos escolares ou científicos, a fim de se tornar alguém na vida, ter uma profissão.

Conforme argumenta Cardoso (2011, p. 94), “Durante anos o sucesso ou êxito escolar foi sinônimo de estar distante da aldeia, ou seja, êxito escolar era garantia profissional e por consequência um status na sociedade não indígena”. Por outro lado, Guerra e Amaral (2014) destacam que o espaço acadêmico provoca, nos estudantes indígenas, algumas situações de conflitos, por exemplo, o de não pertencerem àquele contexto, o de uma presença quase silenciosa, que provocam distanciamento e sentimento de inadequação e os torna cada vez mais estranhos. Esta fala de Potira reflete essa situação: *“e tinha uma vez que a gente não foi na aula, e discutiram por causa da gente, discutiram por causa das pessoas que eram menos falantes dentro da sala de aula. E acabou que um desses grupos, eles colocavam uma dessas pessoas, que eram menos falantes, eram menos inteligentes, digamos assim, que causou uma briguinha entre os grupos que se achavam que eram melhores que o outro”.* A entrevistada percebe a discriminação de que é alvo, na universidade, e as diferenças entre ela e aqueles que são considerados não indígenas.

Amaral (2010), ao analisar os percursos dos acadêmicos indígenas no ensino superior, ressalta os preconceitos cotidianos sofridos por esses indivíduos, com os quais têm que se acostumar, para o que precisam criar estratégias de sobrevivência ou resistência.

Não basta garantir o ingresso no sistema de ensino superior; é preciso dar condições para a permanência, criar espaços de discussão e acolhimento, além de apoiar financeiramente. Atualmente, é difícil encontrar um terena que não considere sair da aldeia para completar os estudos. Estudar, remete à possibilidade de ter uma formação profissional, hoje tão necessária para a sobrevivência da aldeia. Nesse sentido, a educação/escola se torna um importante mediador entre seu mundo e a sociedade envolvente.

No enunciado “**(ou) mesmo falar sempre qual (o) trabalho, (ou koyekutine koyuhoyea itukovotiye itukevo)**”, identifica-se, primeiramente, o núcleo **falar (koyuhoyea)**, cujo sentido, conforme já mencionado, é ação de se expressar oralmente, expor pensamentos (Houaiss, 2009). A linguagem é a ferramenta que ajuda a reproduzir e compartilhar os significados que são produtos das relações entre as pessoas no grupo. “A linguagem é o meio cultural fundamental para que possamos transcender o tempo presente e consigamos acumular todas as vivências do passado através das palavras” (Bonfim et al., 2022, p. 31). **Falar sempre qual (o) trabalho** pode estar relacionado ao desemprego de Potira e do seu esposo: “... *eu passei no processo. Mas na hora de entregar os documentos, eu não consegui a vaga, pelo fato de não ter terminado ainda o curso. Sendo que aqui, tem bastante, tem bastante professores que aqui que no primeiro ano de faculdade deles, eles já trabalham né? E a gente estão em busca desse trabalho a muito tempo. Eu acho que já faz 3 anos que estou em busca desse emprego.*”

**Trabalho (Ituketi)** é o segundo núcleo constante no enunciado sob análise. Houaiss (2009) o define como atividade profissional, remunerada ou não, atividade produtiva ou criativa, exercida para determinado fim, esforço, lida. No âmbito da Psicologia Sócio Histórica, o trabalho é uma ferramenta indispensável ao processo de humanização do homem. Lane (1994) mostra a importância da atividade, haja vista que é por meio da análise do trabalho humano que se entende a objetivação social do homem; também é por meio do trabalho que, em um processo contínuo, o homem produz e se realiza.

Na sociedade capitalista, o sistema econômico é baseado na legitimidade dos bens privados e na irrestrita liberdade de comércio e indústria, com o objetivo principal de obter lucro. Evidencia-se, portanto, sob a forma de emprego, critério que define a significação social do indivíduo, ou

seja, a categoria dominante para que os seres humanos tenham reconhecimento do valor de seus propósitos. Desse modo, ter um emprego representa dizer para si e para o outro o que a pessoa é, dar um significado e ordem de vida em função de uma remuneração e direitos sociais empregatícios.

Na sociedade capitalista, não ter um emprego, ou não estar empregado significa ser imprestável ou excluído. De acordo com Leão et al. (2006, p. 15), a falta de um emprego impossibilita “a dupla troca entre a objetividade do mundo real, que concretiza o ato para o indivíduo, e a sua subjetividade, que atribui um sentido ao mundo real ao modificá-lo na sua ação.” Potira e sua família sobrevivem com 900 reais da bolsa permanência, menos de um salário mínimo. Pode-se inferir que esse valor é insuficiente e não consegue suprir as suas necessidades básicas e custear seus estudos. Segundo Duarte (2017, p. 23), “a falta de efetividade em programas voltados aos povos indígenas é da inoperância de políticas públicas para os mesmos e como consequência desta negligência, as condições de vida desta população específica tornam-se precárias.”

O fragmento do texto da entrevista “**em Miranda, agora (com) (as) mulheres indígenas, (ya Mirandake, kóoiyene xoko sêno kopenotihiko )**” remete à questão de gênero. Alguns estudos, como os de Bittencourt e Ladeira (2000), Miranda (2006), Sebastião (2012) afirmam que, em comparação com décadas anteriores, a posição da **mulher (sêno)** terena tem se modificado por causa do contato com a sociedade envolvente, o que lhes trouxe novos elementos culturais que, aos poucos, foram absorvidos e adicionados à cultura tradicional. Até a metade da década de 1980, por exemplo, a mulher não frequentava os espaços de decisões que envolviam interesses da comunidade Terena, no interior da sua aldeia. Tradicionalmente, a mulher terena ficava em casa, cuidava da família, do marido, cuidava da lavoura e da produção da cerâmica. Os espaços de participação e os processos decisórios cabiam apenas aos líderes masculinos formado pelo cacique e sua equipe.

Essa realidade mudou, no início da década de 1990, quando as mulheres começaram a ser ouvidas em reuniões, foram inseridas em trabalhos formais e começaram a frequentar a universidade, o que, até então, era privilégio apenas dos homens. As mulheres terenas “que sempre atuaram nos bastidores das discussões e situações sociopolíticas, encontraram na formação intelectual espaço para sair do anonimato, ocupando espaços visíveis dentro e fora do seu contexto cultural” (Sebastião, 2012, p.1).

Assim, entende-se esta fala de Potira: “**também na relação (com) (a) casa, passei a ficar pouco. (Koane maka xoko ovokuti, akpne axuina onvea)**”. Nesse enunciado podem-se identificar três núcleos; o primeiro é **relação (xokoiyoke)**, que significa: 1. o que permite relacionar fato, objeto ou indivíduo a outro; 2. vinculação entre pessoas, fatos ou coisas, ligação ou conexão. Esse núcleo está relacionado com as relações que a entrevistada estabelece no seu cotidiano, com os filhos, esposo e demais parentes, que, atualmente, já não são as mesmas. As mulheres indígenas estabelecem uma rede de relações não só com sua gente, mas também com os diversos agentes sociais que vivem na cidade. O comportamento das terenas é influenciado pelas forças políticas e econômicas que lhes possibilitam uma nova visão de mundo.

**Passei (Vengoane)**, o segundo núcleo do enunciado em questão, vem do verbo “passar”, e significa o mesmo que movimentei, modifiquei, mudei, atravessei. As mudanças que o povo terena vivenciou foram inevitáveis, pois a convivência com a sociedade envolvente criou novas situações e, conseqüentemente, novas necessidades em todas as dimensões da vida desse povo, pois além da diminuição das terras e fragmentação das aldeias, introduziram-se novos artefatos, tecnologias, crenças e símbolos. Desse modo, essa incorporação da cidade dentro das aldeias produziu, no imaginário do povo terena, oportunidades de inclusão nessa nova sociedade, adquirindo bens que passaram a ser essenciais para sua subsistência (Sant’Ana, 2004).

No enunciado “**ficar pouco (Akone axuina onvea)**”, considera-se explícito que, a despeito das dificuldades e preconceitos que os povos indígenas sofrem, as mulheres terenas têm conseguido sair de suas aldeias para enfrentar “outra” cultura, a “dos brancos”. Historicamente, os homens terena saíam do convívio familiar por períodos de tempo prolongado para trabalhar nas usinas de cana de açúcar, nas fazendas ou colônias japonesas, e, desse modo, cabia às mulheres terenas tomar conta da casa, decidir sobre tudo que envolvia a família, menos interferir nas decisões políticas, o que era considerada atitude exclusivamente masculina. Atualmente esses papéis tradicionais se entrecruzam aos novos papéis, novas funções são atribuídas às mulheres, que passaram a ser, também, representantes de seu povo em atividades sociopolíticas dentro das reservas, rompendo com a cultura tradicional, a do poder masculino (Lili, 2014).

Nos deslocamentos diários, o novo espaço social provoca a reconstrução da identidade de Potira; além de ser esposa, mãe e filha, assume a identidade de estudante universitária, numa sociedade diferente da sua. Essa experiência, entretanto, provoca algumas contradições, como em relação à questão étnica. Na convivência com o outro, esse conflito é gerado, pois, em decorrência

do preconceito dos “não indígenas”, de não aceitarem os indígenas como cidadãos, estes são marginalizados, sofrem racismo e, muitas vezes, a invisibilidade. Potira, mesmo diante de tantas adversidades não desistiu do seu sonho de adquirir uma formação profissional, mostra-se resistente e enfrenta os desafios diários, ficando pouco na sua residência e na aldeia.

Considerando a análise da entrevista de Potira, percebe-se que seu discurso está muito parecido com o do Ubiratan, no que diz respeito ao deslocamento pendular; também denota dois sentidos, o de realização pessoal e profissional, com o objetivo de contribuir para bem da sua comunidade, e outro que é relacionado às dificuldades que precisa enfrentar diariamente para poder alcançar sua formação profissional, tais como as condições do ônibus, deixar seus filhos, sua casa, percurso longo, enfrentar o preconceito dos não indígenas, entre outros.

O movimento pendular leva os estudantes indígenas a ocuparem, concomitantemente, dois espaços: a aldeia e o centro urbano da cidade de Aquidauana. Essa realidade torna esse cotidiano desafiador, pelo fato de se tratar de espaços com história e culturas diferentes. Desse modo, com a experiência dos deslocamentos, os estudantes acabam criando dois mundos - de onde se é, e para onde se vai. No mundo “de onde se é”, o sujeito se sente confortável, domina o lugar, conhece os costumes, compartilha dos mesmos hábitos e crenças; no mundo “para onde se vai”, pelo fato de não ser o seu lugar, o sujeito enfrenta diversos preconceitos, desprezo, cultura diferente, mas se adapta e consegue transitar, uma vez que a linguagem, os códigos e comportamentos exigidos para a inserção nesse novo espaço são reproduzidos.

A formação profissional e o posicionamento social são o impulso principal para o seu deslocamento, uma vez que almeja melhores condições de vida. Os terenas constituem uma etnia que, por ter sido deslocada de seu território, no passado, há tempos já tem contato com a sociedade urbanizada, razão por que possuem acesso à televisão, aos meios de comunicação, à escola básica formal (situada dentro da própria comunidade indígena). Desse modo, acabam por desejar galgar melhores condições de vida; além disso, sabem que para conquistar direitos na sociedade capitalista é necessário ser participativo, os novos caminhos são determinados por essa sociedade, desde educação formal até a universidade.

Os indígenas terenas provenientes da região de Aquidauana que ocupam, hoje, postos de destaque no Ministério dos Povos Indígenas foram estudantes das escolas situadas nessas comunidades, depois galgaram a universidade e tiveram destaque na vida profissional, inclusive chegando ao doutoramento em universidades estrangeiras. Essa é a lógica capitalista que

impulsiona todos em busca de um espaço na concorrencial vida regida pelo mercado, no qual poucos alcançam “um lugar ao sol”.

Embora para esses estudantes indígenas o movimento pendular seja visto como uma possibilidade para mudança em sua vida e na da sua comunidade, ele apresenta aspectos negativos, pois a distância do percurso da viagem, as condições do ônibus, da estrada, bem como as relações impessoais e discretas comprometem o tempo desses indivíduos e lhes causam desgastes físicos, além de gerarem sentimentos também negativos, como o de não pertencimento ao lugar. Desse modo, queixam-se do cansaço, da rotina, do transporte, da alimentação, do sono, das dificuldades financeiras, entre outros. Essas falas são semelhantes, na maioria dos discursos, o que demonstra que as vivências desses estudantes indígenas são atravessadas por sentimentos comuns.

Evidenciou-se, com a pesquisa, que esses estudantes indígenas se percebem participantes de um mesmo grupo, compartilham experiências comuns, identificam seu pensamento com o pensamento do outro, configurando, desse modo, sua identidade grupal; contudo, apreendem a universidade como um território de enfrentamento, cheio de desafios, pois entendem os preconceitos, a discriminação que sofrem diariamente e que ocorrem na contra mão do discurso ilusório de que no Brasil não há preconceitos de raça, etnia ou social, na sua estrutura.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Neste estudo, procurou-se identificar e apreender as mediações como aspectos psicossociais do movimento pendular, em uma instituição de ensino superior pública, e como participam na constituição dos significados e sentidos que os estudantes indígenas produzem acerca desse processo. Para tanto, tomou-se como perspectiva o indivíduo singular, situado historicamente, inserido em relações sociais definidas, pelas quais possui sua subjetividade determinada e das quais, por sua vez, é também determinante.

Para a Psicologia Sócio-Histórica, o ser humano, ao se inserir na realidade social, estabelece com outros indivíduos relações determinadas e necessárias à sua sobrevivência. Nessas relações ele se constitui, identifica-se e também se diferencia, através da mediação da sua atividade, que é um processo complexo de natureza sócio-histórica.

A atividade promove o processo de internalização das experiências vivenciadas, constituindo a consciência do homem, a sua forma de pensar, de agir e de sentir, tornando seu comportamento produto da evolução histórica intimamente ligada à estrutura econômica, social e cultural.

Nessa relação de trocas com o meio externo, o homem não ele só o conhece sensorialmente, isto é, ele não só vivencia o mundo das impressões sensíveis e imediatas, mas também é capaz de pensar e refletir sobre o mundo conceitual, abstrato do qual assimila toda experiência social, presente e passada.

Na atual forma de organização das sociedades, é nas instituições de caráter diversificado que o indivíduo atua, exerce suas atividades, estabelece diferentes relações, depara-se com escolhas e tem oportunidade de refletir e criticar. Nesta pesquisa, considerou-se a atividade educativa institucionalizada.

A educação tem um papel fundamental na formação do indivíduo, preparando-o para a vida social e cultural, cuja função é formar indivíduos criativos que contribuam para uma sociedade mais crítica. É um processo exclusivamente humano, complexo, que possibilita aos sujeitos superarem a sua constituição biológica através do aperfeiçoamento de instrumentos, favorecendo a sua atuação na realidade em que está inserido.

Todavia, é importante considerar que, contraditoriamente, na sociedade atual, a educação escolar tem como finalidade a propagação da ideologia, dos princípios e construções sociais as quais os indivíduos poderão apreender. Desse modo, em busca de ser incluído na sociedade capitalista brasileira, o estudante indígena acaba, forçosamente, por se adaptar e buscar a

integração, a fim de obter maiores chances no mundo concorrencial capitalista. Procura essa chance de ser incluído, então, na educação formal brasileira, em busca, também, de defender seus direitos e os da sua própria população.

Nesse sentido, o papel da educação formal muda, para ele, na medida em que disciplina e doutrina para que se cumpra o que a sociedade capitalista espera. O capitalismo promete a ascensão, promete dar melhores condições de vida àqueles que se esforçam por cumprir suas regras, porém, normalmente, não cumpre essas promessas. Assim, grande parte dos estudantes indígenas não conquistará o tão sonhado "lugar no mundo", que tanto espera, e todo o esforço terá sido em vão.

Observa-se que a educação formal brasileira do mundo capitalista acaba por servir como condutor de práticas ideológicas capazes de confundir e implementar desejos que nem sempre são alcançados.

Considerando que, no sistema capitalista, a educação se configura como preparação dos indivíduos para o trabalho, a formação profissional torna-se necessária para atender às exigências do mercado de trabalho. Exigem-se profissionais cada vez mais qualificados para atuar em áreas de gestão, informática e profissões liberais, como é o caso da formação de professores. Assim, muitos indivíduos vão em busca de profissionalização através da formação superior. Para isso, deslocam-se a outro município que não o da sua residência, o que caracteriza o movimento pendular.

Verificou-se que os movimentos pendulares se ampliam e se tornam mais complexos, a cada dia, com maior incidência nos grandes centros urbanos, e por motivo de trabalho. O movimento pendular praticado com vistas ao estudo ainda carece de pesquisas, principalmente em relação ao ensino superior, mas vem ganhando maior visibilidade nos estudos voltados à mobilidade populacional. Esse deslocamento diário representa toda uma nova exteriorização e interiorização de simbolismo que possibilitarão novas práticas culturais e sociais, ritmos e rotinas diárias associadas a um dado contexto espacial e afetivo.

Para desenvolver esta pesquisa, partiu-se das manifestações empíricas da linguagem de quatro estudantes universitários indígenas, que possibilitaram conhecer os processos de pensamentos e afetivo-emocionais acerca do movimento pendular. Esse estudantes têm suas especificidades e singularidades, e para se adaptarem ao mundo moderno, ao capitalismo,

procuram se relacionar com a sociedade que os cerca por meio dos conhecimentos escolares ou científicos, em busca de se realizarem pessoal e profissionalmente.

Para conseguirem esse objetivo, têm que se deslocar das aldeias, ficar distante do seu ambiente e da família, fatores que desencadeiam pensamentos ambíguos, entre migrar e não migrar. Essas relações interétnicas lhes possibilitam reivindicar seus direitos, principalmente nas áreas de educação, saúde e políticas públicas, com a finalidade de melhorar seu bem-estar. De outro modo, causam desconforto, pois esses sujeitos precisam, no seu cotidiano, enfrentar uma série de desafios nesses deslocamentos diários.

Além das dificuldades que são inerentes ao movimento pendular - distância, cansaço, estradas ruins, transporte desconfortável, os estudantes indígenas enfrentam o problema da língua, um obstáculo que, em alguns casos, desencadeia dificuldades acadêmicas, distanciamento por parte de professores e colegas da localidade, e preconceitos que provocam impactos negativos na sua subjetividade e interferem no processo de constituição da sua identidade. Como foi abordado, a identidade é desenvolvida a partir da relação com os outros, aliada ao processo de reflexão e observação simultâneo entre o individual e o social. A partir do particular é possível compreender o todo, ou seja, a sociedade na qual o sujeito está inserido e da qual é parte constituinte.

O entendimento de como a linguagem e o pensamento desempenham papel fundamental no processo de desenvolvimento da consciência é indispensável, para conhecer determinado indivíduo, seu comportamento, bem como compreender a sua estrutura psicológica, porque se constitui na forma de representar os objetos e a vida material cotidiana. Foi imprescindível, para este estudo, analisarem-se o sentido e o significado do movimento pendular e as representações que os estudantes apreendem do meio social, sobre esse processo. Vygotsky (1999), considerando os pressupostos do psiquismo humano como imagem subjetiva da realidade objetiva, afirma que todo conceito é um significado social e deve ser interiorizado pelos sujeitos individualmente. Desse modo, a mediação é a interposição que promove as modificações socialmente construídas e permite desenvolvimento.

Apreende-se, assim, que a mediação é uma categoria imprescindível na construção de um olhar dialético para a constituição do sujeito social. É pelo processo de mediação que o ser social pondera e reflete a sua relação subjetiva com as coisas do mundo real, ou seja, permite ao ser humano apreender, analisar e compreender o movimento do real, promovendo a superação do imediato no mediato.

Ao lidar com o objeto de estudo - compreender as mediações psicossociais do movimento pendular e o sentido que os estudantes indígenas atribuem a esse processo -, foi possível apreender, por meio do discurso dos estudantes Ubiratan e Potira, alguns núcleos de significações que foram comuns: *identidade, relações, estudo, trabalho, professor, gente, ônibus e deslocamento*. Aparece, através dos núcleos de pensamentos individuais, o sentido atribuído ao deslocamento pendular permeado de sentimentos.

Os núcleos de significação identidade e relações estão interligados. Identidade se constitui no grupo social do qual se faz parte, onde se origina o sentimento de pertencimento com o tempo e o lugar. Hall (2006) pontua que a construção da identidade é fruto das interações das pessoas com os outros e pelo modo como elas agem em relação aos outros. Desse modo, concebe-se que a identidade indígena se forma a partir das suas relações com o outro, ou seja, na relação com seus pares, com a terra, com quem tem um vínculo de vida, com suas tradições culturais que luta para resgatar.

No que diz respeito ao cotidiano, ambos entram em contatos com diferentes pessoas que vão influenciando a construção e reconstrução da sua identidade. Nesse processo de construção e reconstrução da identidade enfrentam contradições. Como mencionado, no movimento pendular o indivíduo não se sente pertencente ao lugar de onde se desloca, tampouco do lugar para o qual se desloca. A sua ligação com o território é muito forte. Um indígena não se enxerga separado da terra; se mudar a experiência que possui com o seu território, como ocorre no movimento pendular, em que precisa entrar em contato com a sociedade envolvente, ou seja, com outra cultura, a sua identidade também vai sofrer muitas transformações, estar diante de novas situações que vão exigir processos de adaptação e renegociação constantes.

Quando o estudante indígena diz “eu sou”, está afirmando sua identidade, o seu modo de ser, pensar e se reconhece como tal, possuem consciência do processo que o constituem como grupo construindo sua identidade tanto grupal como individual. Portanto, é na relação com os outros que se individualiza por meio da sua subjetividade.

O núcleo de significação “estudar” está diretamente ligado ao deslocamento pendular; diariamente os indígenas saem das suas aldeias para frequentar a universidade enfrentando uma série de adversidades. A educação, para o povo terena, tem um sentido pessoal de realização, que o possibilita atuar a favor de seus direitos com mais eficiência e eficácia. Ele entende que é através da formação acadêmica que poderá alcançar melhores meios de sustentabilidade e enfrentar o

mercado de trabalho. Contudo, o que se observa, na realidade social atual, é que nem sempre os desejos são realizados da forma sonhada e esperada, tendo em vista que os jovens sonham e esperam dias melhores em que possam colher os frutos de todo o seu esforço.

A motivação do movimento pendular para estudo está associada a uma oportunidade para melhorar as condições de vida para si e para a família, bem como à oportunidade de emprego. Isso pode ser observado na verbalização do Ubiratan, quando lhe foi perguntado o que o motiva a permanecer nesse deslocamento: “A gente busca algo melhor pra nós, não é professora? Tipo, se formar, buscar estabilidade, tentar algo pra ver se a gente vai pra frente...”

Essa ideia envolve superação; por ser oriundo de classe social baixa esse jovem vê na educação a possibilidade de melhorar de vida e ter *status* profissional na sociedade não indígena. Trata-se de um discurso aparentemente ilusório, que atende a ideologia da classe dominante, tendo em vista que, ao se formar e ter uma profissão, nada garante que Ubiratan alcance ascensão social e mude a sua realidade, porque a universidade ainda não fornece elementos suficientes para que se promova a transformação da sociedade. É necessário que a educação seja posta como transformadora de consciência, e não como um meio de adaptação passiva à sociedade; a transformação da realidade só pode ocorrer com uma consciência crítica.

O núcleo de significação professor está relacionado à formação profissional. Atualmente, muitos indígenas frequentam universidades, querem se formar professores para ajudar a sua comunidade na educação escolar indígena. Na escola ocorre a recuperação de suas memórias históricas, sustentam a sua identidade étnica e valorizam a sua língua, ao mesmo tempo em que têm acesso às informações e conhecimentos técnicos, científicos e culturais da sociedade envolvente.

De acordo com Baniwa (2019, p. 61),:

Dominar os conhecimentos dos brancos não significa tornar-se branco ou abdicar-se de seus modos tradicionais de vida. Significa que, de posse dos conhecimentos dos brancos e dos seus modos de pensar, agir e viver, a chance de estabelecerem estratégias eficazes de defesa, resistência e garantia de seus direitos e interesses é muito maior, transformando os próprios conhecimentos dos brancos não contra os brancos, mas em favor dos direitos coletivos indígenas. Isso de fato pode e tem ajudado em diálogos menos desiguais entre os povos originários e o Estado e a sociedade nacional dominante.

Nessa perspectiva, a inserção na universidade não é só uma forma de ascensão social, mas instrumento de transformação e afirmação da cultura, bem como meio de superação da condição de exclusão vivenciada pelos povos indígenas e de luta pelo seu território - gritando a palavra de

ordem “Pokéexa ûti (nossa terra). De acordo com Amado (2017, p. 102), “pronunciando essas palavras é que, nos últimos anos, as lideranças Terenas têm retomado territórios tradicionais e resistido no difícil caminho da luta por seus direitos.”

Mesmo tendo campo de trabalho nas aldeias, principalmente nas escolas indígenas, pois hoje a maioria das aldeias já possui o ensino fundamental e médio, ao se formarem, os participantes da pesquisa não terão garantia de emprego, pois ainda há muitos professores purútuye que ocupam esse espaço. Para a inserção no mercado de trabalho, há necessidade de articulação política das lideranças com o estado. Amado (2022) percebeu que a maioria dos caciques não quer somente a inserção desses profissionais em sua área de trabalho, como, por exemplo, um professor somente dar aulas, cumprir sua carga horária; esses caciques entendem que não é assim que haverá um retorno para a comunidade. É necessário manter vínculos com as instituições, criar grupos de pesquisa entre os profissionais indígenas para trazer projetos que enriqueçam, fortaleçam e transformem as comunidades a qual pertence.

Sabe-se, que a transformação da sociedade indígena nem sempre é possível em um contexto de políticas educacionais exclusivamente neoliberais, que restringe o investimento em políticas públicas e que tem como característica principal o não desenvolvimento de uma posição crítica frente a realidade. É preciso desenvolverem-se funções que permitam uma alteração da realidade, uma educação que forme indivíduos criativos, e isso não é possível no sistema capitalista. No processo de apropriação e objetivação da atividade produtiva possuem um caráter contraditório, nem sempre as objetivações humanas produzidas historicamente são apropriadas por todos os indivíduos, porque essa mesma sociedade produz a alienação dos indivíduos. Nessa condição, os sujeitos não são protagonistas do desenvolvimento das suas capacidades, o que traz prejuízo no desenvolvimento da personalidade; esta só alcançará pleno desenvolvimento mediante o processo de transformação radical das relações sociais.

O núcleo de significação “gente” se refere a “nós”, o coletivo. Para o povo indígena Terena não existe somente o ser individual, a palavra gente se refere à família, à etnia, à comunidade, ao lugar onde moram. Assim, quando um indígena sai de sua aldeia em busca de um sonho individual, a formação em um curso superior, por exemplo, leva consigo o sonho e as expectativas de toda a comunidade.

O ônibus é o único meio de transporte que permite o movimento pendular, contudo, constitui uma das grandes dificuldades que os estudantes indígenas têm de enfrentar

cotidianamente, no trajeto que fazem. Pode-se observar que, no discurso de Potira, esse núcleo apresenta contradições, pois ao mesmo tempo que a estudante verbaliza que o ônibus é bom, aponta uma série de situações que o caracteriza como inadequado. O transporte afeta negativamente esses estudantes, requer muitas melhorias que dependem de vontade política.

Observou-se, pela análise do discurso desses estudantes, que o sentido do processo do deslocamento pendular está permeado de emoções, que foram verbalizadas por meio de diversas expressões: difícil, complicado, cansativo, inseguro, ansioso e desgastante. Os participantes desta pesquisa têm consciência de que a atividade que realizam se relaciona a aspectos negativos que impactam sobre o corpo na forma de cansaço.

O movimento da consciência se dá a partir da realidade social vivenciada, ou seja, a partir das materialidades da vida cotidiana que impactam diretamente na constituição dos processos subjetivos, num movimento contínuo e dialético entre exterioridade e subjetividade, constituindo a consciência do ser social. Os participantes desta pesquisa sentem, fisicamente, os impactos das viagens diárias de idas e vindas do processo de deslocamento de sua casa para a universidade. É no cansaço do corpo que o pensamento se desdobra em consciência de si e de sua condição. Assim, suas falas são exteriorizadas nas expressões “tudo complicado, cansativo, difícil e desgastante”. Sob condições tão adversas os estudantes demonstram alguns sentimentos de insatisfação que podem atrapalhar seus estudos, mas não desistem de perseguir seus objetivos. Acredita-se que eles têm consciência do tamanho da responsabilidade para com seu povo.

Todas as dificuldades enfrentadas por esses estudantes indígenas no movimento pendular acabam trazendo implicações para a consciência individual, sua subjetividade e personalidade. Pela condição étnica sofrem preconceitos constantes, são marginalizados, discriminados, chamados de selvagens, preguiçosos e inúteis. Embora não possuam meios para mudar essa realidade, o movimento pendular se configura como uma estratégia para se manterem perto das suas lutas, do seu espaço vivido e ao mesmo tempo atender as necessidades de sua comunidade. Assim, a educação/escola, a linguagem, sua cultura são mediadores fundamentais para que possam superar as adversidades do cotidiano e permanecer no processo diário de idas e vindas.

Cabe ressaltar que o entrelaçamento dos indígenas terenos com o espaço urbano, em busca de formação no ensino superior, não os descaracteriza como indígenas, pelo contrário, caracteriza-se como uma ferramenta, ou seja, um novo instrumento de luta para alcançar autonomia, efetivar os seus direitos, oprimidos, na atualidade, e de se apropriarem de todos os conhecimentos para que



possam protagonizar e reescrever a sua própria história. Contudo, esse entrelaçamento representa uma porta aberta às práticas capitalistas, que é percebida dentro dos limites do seu território. Há exigências de horários, vínculo empregatício que remunera os funcionários da educação, saúde, entre outros, o uso de tecnologias, o modo de se vestir, rede elétrica, pequenos comércios que vem interferindo no processo de transformação dos modos de vida dos indígenas e abrem novas perspectivas de comportamentos e novos padrões sociais.

Observa-se que em decorrência do processo de globalização, por cuja cultura capitalista os indígenas terenas têm sido influenciados, caminha-se para um processo de transformação mais amplo e complexo, no que se refere à reprodução do sistema econômico capitalista nessa comunidade.

Os estudantes indígenas enfrentam diversas dificuldades para frequentar e permanecer na universidade. Eles suportam as diversas representações negativas e vivem um processo constante de resistência e de alienação. De resistência porque, mesmo diante de tantas dificuldades, vulnerabilidades e preconceitos evidentes, conseguem fazer a ressignificação de todos esses sentidos, que são utilizados por eles como incentivo para continuarem lutando e manterem, reforçarem e difundirem seu modo de ser e viver, e permanecer no movimento pendular.

De acordo com Amado (2016, p.70) destaca que “os povos indígenas estão chegando à universidade para ficar, mesmo que essa instituição ainda seja carregada de preconceitos anti-indígenas. Trata-se, pois, de entender que a universidade é um espaço de luta e de mostrar para a sociedade o que o índio tem de melhor que é a sua cultura”.

Nesse sentido, a educação para esses povos tem servido de estratégia para fortalecimento de suas identidades étnicas, visto que reivindicam respeito às diferenças de cultura, crenças e da língua.

Por outro lado, frequentar e permanecer na universidade desencadeia um processo de alienação, considerando-se que essa instituição reproduz os interesses e ideologias dominantes, e, desse modo, contribui para a exclusão social dos grupos minoritários, uma vez que desvalorizam sua cultura e identidade, o que tem gerados sentimentos de não pertencimento.

Como estratégias de superação e minimização das dificuldades para que os estudantes indígenas permaneçam e concluam seus cursos na universidade, há que se criarem políticas públicas que reforcem sua identidade étnica, para que se sintam mais valorizados e passem a compreender melhor seus direitos. Demandam-se programas de acolhimento, para desmistificar o

funcionamento da universidade, de acompanhamento institucional por meio de projetos, a fim de se conhecerem as suas dificuldades, os avanços, bem como possibilitar troca de experiências. Para favorecer as relações de amizade, facilitar a formação de grupos heterogêneos para desenvolvimento de atividades e melhor desempenho na vida acadêmica, são necessários eventos e debates sobre a temática indígena, para difundir essa cultura entre estudantes e professores não indígenas, sem abordagem dos preconceitos e estereótipos atribuídos a essa etnia.

Por fim, cabe salientar que esta Tese tem relevância social, pois, a investigação envolveu um grupo de estudantes indígenas da etnia terena que vivenciam o movimento pendular para estudo, na região de Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Assim, considera-se alcançados os objetivos da pesquisa, tendo em vista a compreensão acerca de várias implicações individuais e coletivas que o movimento promove, tanto no processo de consciência como no modo de ser e viver dos sujeitos participantes. Foi possível perceber como estes se constituem nesse processo e na educação superior, que, para eles, representam um território a ser conquistado.

Não se considera, com a pesquisa, que o tema tenha sido esgotado. Pelo contrário, o percurso mostrou que existem inúmeras possibilidades de se estender o tema. Vislumbram-se outras motivações, outras variáveis, como saúde, trabalho, a língua, enfim, são muitas as perspectivas.

## REFERÊNCIAS

---

- Aita, E. B., & Facci, M. G. D. (2011). Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)* [online], 17(1), 32-47. ISSN 1677-1168
- André, M. (2001). Pesquisa em Educação: Buscando Rigor e Qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, 113, 51-64.
- Albuquerque, M. A. S. (2011). *O regime imagético Pankararu: tradução intercultural na cidade de São Paulo* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Almeida, J. L.V. (2016). A mediação como fundamento da didática. *Revista online de Gestão e Políticas Educacionais*, 20(3). Recuperado de [www.anped.org.br/25ra/gt04](http://www.anped.org.br/25ra/gt04)
- Alves, M. A. (2010). O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9 (1).
- Amado, L. H. E. (2017). O despertar do povo Terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político em MS. *Movimentação: revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados*. Recuperado de: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/7674>
- Amado, S. E. (2016). O ensino superior para os povos indígenas de Mato Grosso do Sul: desafios, superação e profissionalização. 153 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social em Ensino Superior para Povos Indígenas em MS) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Andrade, M. C. (1995) *A questão do território no Brasil*. São Paulo: Ipespe, Hucitec.
- Aranha, V. (2005). Mobilidade Pendular na Metrópole Paulista. *São Paulo Perspectiva*, 19(4), 96 – 109.
- Arnoni, M. E. B. (2006). Ensino e Mediação dialética. *Revista Ibero Americana de Estudo em Educação*, v.1. Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/437/317>
- Aresi, C. (2008). O território como suporte identitário para a cultura Kaingong. *CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária*, 3(5), 264-279.
- Azenha, G. (2002). *Diagnóstico expedito das Terras Indígenas e aldeias Terena em situação de urbana: ações sócio ambientais em áreas indígenas na BAP-MS/Programa Pantanal*.
- Azenha, G. & Ladeira, M. E. (2014). *TERENA. Autodenominação. Onde estão? Quantos são?* Recuperado de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena?printable=yes>

- Baniwa, G. J. S. L. (2006). *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje* (Série Vias dos Saberes, v. 1) MEC/Secretaria de Educação Continuada/Alfabetização e Diversidade: Brasília.
- Baniwa, G. J. S. L. (2019). *Educação escolar indígena no século XXI: encontros e desencontros*. 1. Ed. Mórula, Laced. Rio de Janeiro. Recuperado de: <http://laced.etc.br/acervo/livros/educacao-escolar-indigena-no-seculo-xxi/>
- Barbosa, R. F. (2017). Breves comentários sobre as teorias marxistas de imigração. *Revista espaço acadêmico* 197, XVII.
- Beaujeu-Garnier, J. (1980). *Geografia da população*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Becker, G. S. (1993). *Human Capital: a theoretical e empirical analysis, with special reference to education* (3rd ed.). Chicago: University of Chicago Press.
- Becker, O. M. S. (2006). Mobilidade Espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In I. E. Castro, P. C. C. Gomes, & R. L. Corrêa. *Explorações Geográficas* (2a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bergamaschi, M. A., Barcelos, M., DoebbeR, S., & Brito, P. (2018). Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. *Rev. bras. Estud. Pedagog.*, 99(251), 37-53.
- Biagioni, D. (2010). *Mobilidade Social e Migração Interna no Brasil*. Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro. Recuperado de [www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/static/.../daniel\\_biagioni.pdf](http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/static/.../daniel_biagioni.pdf)
- Bittencourt, C. M., Ladeira, M. E. (2000). *A História do Povo Terena*. MEC: Brasília.
- Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Goncalves, M. G. M. & Furtado, O. (2007). Sílvia Lane e o projeto do "Compromisso Social da Psicologia". *Psicol. Soc. [online]*, 19(2), 46-56. doi:10.1590/S0102-71822007000500018
- Bock, A. M. B. (2008). O compromisso social da psicologia: contribuições da perspectiva sócio-histórica. *Revista Psicologia em foco*, 1(1), 1-5.
- Bonnemaison, J. (2002). Viagem em torno do território. In R. L. Correa, & Z. Rosendahl. *Geografia cultural: um século* (3). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Butler, N. E.; Ekdahl, E. M. (1979). *Aprenda Terena*, Vol. 2. Anápolis: SIL.
- Butler, N. E.; Ekdahl, E. M. (2012). *Aprenda Terena*, vol. 1. ed. rev. Anápolis: SIL.
- Cabral, P. E. (2002). *Educação Escolar Indígena em Mato Grosso do Sul: algumas reflexões*. Campo Grande - MS.

- Cabrera, D. S. P. (2006). *O cotidiano das famílias Terena: um estudo exploratório* (Dissertação de mestrado). Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS, Brasil.
- Cardoso, W. D. A. (2011) *A história da educação escolar Terena: origem e desenvolvimento do ensino médio na Aldeia Limão Verde*. Porto Alegre, RS: PUC/RS.
- Carvalho, M. A. A. S., Araújo, S. M. M., Ximenes, V. M., & Pascual, J. G. (2010). A formação do conceito de consciência em Vygotsky<sup>1</sup> e suas contribuições à Psicologia. *Arq. bras. psicol.* [online], 62(3), 13-22. ISSN 1809-5267.
- Castells, M. (1972). *A questão urbana*. (3a ed.) Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Catani, A. M. (1980). Educação e hegemonia de classe - as funções ideológicas da escola. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 20(2), 70-72. Recuperado de <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/39595>.
- Cezne, A. N. (2006). O direito à Educação Superior na Constituição Federal de 1988 como direito fundamental. *Revista do Centro de Educação*, 31(1), 115-132. Recuperado de <http://www.ufms.br/ee/revista>.
- Ciampa, A. C. (1984). Identidade. In W. Codo. & S. T. M Lane (Orgs.), *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Chamorro, G., Combès, I. (2015). *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais*. Dourados: Ed. UFGD: Dourados.
- Codeplan (2002). *Pesquisa domiciliar: transporte: 2000*. Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central, Brasília: CODEPLAN.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)
- Correio do Brasil. (2010) Ano XI – nº. 4112 – Publicado em 25/08/2010. RJ.
- Cury, C. R. J. (1985). *Educação e Contradição elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. São Paulo: Cortez e Autores Associados.
- Daniel, S, H. (2003). *Vigotsky & A Pedagogia* (M. C. Milton Trad.). São Paulo: Edições Loyola.
- Darcoletto, C. A. S. (2006). A categoria da mediação: contribuições para a educação escolar e para o trabalho do professor. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (RIAEE)*, 1(1). Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/429/309>

- Doarth, J. (2019). Em agosto, Campus de Aquidauana completa 49 anos de história: veja vídeo. Recuperado de <https://cpaq.ufms.br/em-agosto-campus-de-aquidauana-completa-49-anos-de-historia/>
- Doarth, J. (2020). *Universidade divulga resultado final do vestibular 2020 e terceira etapa do Passe*. Recuperado de <https://www.ufms.br/disponivel-resultado-final-vestibular-2020-e-passe-3a-etapa/>
- Duarte, D. C. (2017). Protagonismo de Mulheres indígenas no espaço de poder: resistência e superação. *Movimentação*, 4(6), 20-44. Recuperado de <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao>
- Duarte Jr., J. F. (1981) *Fundamentos Estéticos da Educação*. São Paulo: Cortez.
- Duarte, N. (1998). Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. *Cadernos Cedes*, 44, 85-106.
- Duarte, N. (2000). A anatomia do homem é a chave da autonomia do macaco: a dialética em Vygotsky e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. *Educação & Sociedade*, XX (71), 79-115. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313695004>
- Durham, E. (1984) *A caminho da cidade*. SP: Editora Perspectiva.
- Espinosa, B. (1979). *Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto; Ética; Tratado Político; Correspondência* (2a ed., Coleção Os Pensadores, M. S. Chauí, Trad.). São Paulo: Abril Cultural.
- Faceira, L. S. (2006). Prouni: política de inclusão acadêmica e social? Estudo dos impactos institucionais do Prouni na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e na Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). *Anais do IV Congresso Nacional de Educação da PUCPR*, Curitiba. Recuperado de <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/.../docs/CI-152-TC.pdf>
- Facci, M. G. D. (2006). Vigotsky e o Processo Ensino Aprendizagem: A Formação de conceitos. In S. G. L. Mendonça, & S. Miller (Orgs.). *Vigotsky e A Escola Atual: Fundamento Teórico e Implicações Pedagógicas*. Araraquara, SP.
- Fávero, M. L. A. (2006). A Universidade no Brasil das Origens a Reforma Universitária de 1968. *Educar*, 28, 17 – 36, Curitiba: Editora UFPR
- Fernandes, F. (1974). Os Dilemas da Reforma Universitária consentida. *Debate e Crítica*, 2, 1- 42.
- Ferrarini, N. L., & Camargo, D. (2009). O sentido da psicologia e o processo de constituição do sujeito: estudo com estudantes e professores do curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. *XV Encontro da ENABRAPSO*.

- Ferreira, R. V., & Oliveira, C. P. de (2020). Um estudo sobre criação de palavras na língua terena (Arawak). *Revista Estudos Em Letras* 1(1). ISSN 2675-505X
- Ferreira, V. B. L. C. (2013). *Mediação de conflitos*. Recuperado de <https://www.editorajc.com.br/mediacao-de-conflitos/>
- Fialho C. F. (2010). O Percurso histórico da língua e cultura Terena na aldeia Ipegue/Aquidauana/MS. (Dissertação de mestrado). Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS, Brasil.
- Francellino, S. M. R. L. (2020). Migração pendular de estudantes universitários na região de Aquidauana - Mato Grosso do Sul - Brasil. *Trayectorias Humanas Trascontinentales* (6). Recuperado de <https://www.unilim.fr/trahs/index.php?id=2395&lang=pt>. doi.org/10.25965/trahs.2395
- Freitas, M. T. A. (1994). *Vygotsky e Baktin – Psicologia e Educação um Intertexto*. SP: Editora Ática.
- Frigotto, G. (1989). O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional. In Fazenda, I. (Org.). *Metodologia Educacional*. SP: Cortez.
- Gaboardi, A. (2013). *A fenomenologia do espírito de Hegel: uma introdução à seção “consciência”*. Porto Velho-RO: EDUFRO.
- Gadotti, M. (1991). *Marx: transformar o mundo*. São Paulo: FTD.
- Gallois, D. T. (2010). Terras ocupadas? Territórios? Territorialidade? Recuperado de <https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/doc11.pdf>
- Gallois, D. T. (2008). Por que valorizar patrimônios culturais indígenas? *Revista Ciência e Cultura*, 60(4). Recuperado de [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252008000400015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000400015)
- Gama, Z. (2015). A categoria mediação em Hegel, Marx e Gramsci: para suprimir ruídos conceituais. *Ciências e Lutas de Classes*, 1(2), 46-55.
- Gaudemar, J. P. (1977). *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Estampa.
- Geminiano Junior, J. (2012). *Um aporte da mobilidade pendular dos estudantes do curso de geografia da UEPB: Implicações no processo de ensino aprendizagem. (Trabalho de conclusão de curso)*. Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Campina Grande-PB, Brasil.
- Germani, G. (1970). *Sociologia de la modernization*. Buenos Aires: Paidós.
- Golgher, A. B. (2004). *Fundamentos da Migração*. Recuperado de <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20231.pdf>



- Guerra, A. C., & Ferreira, M. F. (2016). Marx e a Filosofia: Por uma filosofia da Práxis. *Anais da Jornada Internacional de Estudos e Pesquisa e Antônio Gramsci*. Recuperado de <http://www.gramsci.faced.ufc.br/wp-content/uploads>
- Guerra, M. J., & Amaral, W. R. A construção da identidade e os regimes de visibilidade dos povos indígenas na universidade. *Muitas Vozes*, 3(1),53-68.
- Grupioni, L. D. (2006). *Formação de Professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC.
- Grupo de discussão Acrópole (2005, novembro) Prefácio à “Fenomenologia do Espírito”, G. W. F. Hegel, 1807. Recuperado de <https://www.marxists.org/portugues/hegel/1807/mes/fenomenologia.htm>
- Hall, S. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. (11a ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. (2012). Quem precisa da identidade? In T. T. Silva (Org.), S. Hall, & K. Woodward. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Hegel, G. W. F. (2008). *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. São Paulo: Centauro.
- Houaiss, A. (2009). *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: objetiva.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico. Resultado do universo*. Recuperado de <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *Arranjos Populacionais e concentrações urbanas do Brasil. Rio de Janeiro*. Recuperado de [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira- Inep (2018). *Censo da Educação Superior*. Recuperado de [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2019/censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2018-notas\\_estatisticas.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf).
- Jardim, A. P. (2007). Algumas reflexões sobre o estudo das migrações pendulares. *V Encontro Nacional sobre Migrações, Núcleo de Estudos Populacionais, NEPO*, SP: Unicamp.
- Jardim, A. P. (2011). Movimentos pendulares: reflexões sobre a mobilidade pendular. In *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Estudos e Análises de Informação Demográfica e Socioeconômica* (1). RJ: IBGE recuperado de [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes\\_deslocamentos/deslocamentos](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/deslocamentos).

- Jordão, E. L. P. (2017). *Empréstimos linguísticos na língua terena na aldeia Ipegue e o contato assimétrico- uma análise*. TCC apresentado ao curso de letras da UFMS/CPAQ. Recuperado de: <https://cpaq.ufms.br/files/2019/01/TCC-Elin%C3%A9ia-Final.pdf>
- Kahhale, E. M. S. P., & Rosa, E. Z. (2009). A construção de um saber crítico em psicologia. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves, & O. Furtado (Orgs.). *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Kolling, P., & Silvestri, M. (2019). Reflexões sobre território e terra indígena: aspectos culturais, sociais e jurídicos. *Para Onde!?* 12(1), 211-226. Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/paraonde>
- Kosik, K. T., Neves, C., & Toríbio, A. (2010). *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Konder, L. A. M. C. (1981). *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense.
- Ladeira, M. E. M. (2001). *Língua e história: análise sociolinguística em um grupo Terena* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, SP, Brasil.
- Lane, S. T. M., & Codo, W. (Orgs.). (1985). *Psicologia Social. O homem em movimento*. São Paulo. Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (1989). Uma técnica de análise do discurso: análise gráfica. *Revista Psicologia e Sociedade*, IV, 7.
- Lane, S. T. M. (1991). A linguagem e a representações sociais. São Paulo. In S. T. M. Lane & W. Codo (Orgs.), *Psicologia social: o homem em movimento* (9ª. ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Lane, S. & Sawaia, B. B. (1995). Apresentação. In S. T. M. Lane, & B. B. Sawaia (Orgs.). *Novas veredas da Psicologia Social*, São Paulo: Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (1999). Os fundamentos teóricos e conclusões. In S. T. M. Lane, & Y. Araújo (Eds.), *Arqueologia das emoções*, Petrópolis, RJ: Vozes
- Leão, I. B. (1999). *Os professores Universitários: A Emoção e o Pensamento em um Trabalho Intelectual Institucionalizado* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica-PUC, São Paulo, SP, Brasil.
- Leão, I. B. et al (2006). Implicações Psicossociais do desemprego para a consciência individual: manifestações no pensamento e emoção. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 1(2). Recuperado de <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/InaraLeao>. Pdf.
- Leão, I. B. (2007). Um método para investigar a consciência: do intrapsicológico ao interpsicológico. *Psicologia e Sociedade*, (19), 67-75.
- Lee, E. (1980). Uma teoria sobre as migrações. In H. A. Moura. *Migração Interna: textos selecionados* (Tomo 1, cap. 2, pp. 89-114) Fortaleza: BNB/ETENE.

- Lei n. 5.371 de 5 de dezembro de 1967.* Autoriza a instituição da "Fundação Nacional do Índio" e dá outras providências. Recuperado de [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=576664](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=576664)
- Lei n. 6.001 de 19 de dezembro 1973.* Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm)
- Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.* Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)
- Lei n. 10.172 de 9 de janeiro de 2001.* Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Recuperado de [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf\\_legislacao/tecnico/legisla\\_tecnico\\_lei10172.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/tecnico/legisla_tecnico_lei10172.pdf)
- Leontiev, A. N. (1978). *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte Ltda.
- Leontiev, A. N. (1983). *Actividad, conciencia, personalidad*. (M. J. S. Silva, Trad.) Habana: Pueblo y Educación.
- Leontiev, A. N. (2004). *O Desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo. Centauro.
- Lima, W. M. (2015). *Mobilidade, espaço de vida e desempenho escolar: o caso dos estudantes de Ensino Médio no município de Natal* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Natal, RN, Brasil.
- Lili, L. (2014). Discussões e reflexões sobre o direito da mulher indígena. *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, Universidade Estadual de Londrina-UEL, Londrina, PR, Brasil.
- Lopes, T. P. A. (2014). *Migrações: novas realidades – viver num mundo em movimento* (Dissertação de Mestrado), Universidade de Lisboa, Portugal.
- Lukács, G. (1978a). *Introdução a uma estética marxista* (C. N. Coutinho, Trad.). São Paulo: Ciências Humanas.
- Lukács, G. (1978b). *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda.
- Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do Ser Social*. (Vol. II). São Paulo: Boi tempo.
- Luria, A. R. (1985). *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Luria, A. R. (1986). *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria* (D. M. Lichtenstein, & M. Corso, Trads.). Porto Alegre: Artes médicas. (Original publicado em 1979).

- Lustosa, F. H. (1998). A Economia da Educação. *INTER-AÇÃO*, 22 (1/2).
- Mangolim, O. *Da escola que o branco faz à escola que o índio necessita e quer: uma educação indígena de qualidade* (Dissertação de mestrado). Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, Campo Grande, MS, Brasil.
- Martins, L. M. (2001). *Análise sócio histórica do processo de personalização de professores* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo-Unesp, Marília, SP, Brasil.
- Marx, K. (1975). *O processo de produção capitalista*. (2a. ed. L. 1, V. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Marx, K. (1982). *Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro: O rendimento e suas fontes: a economia vulgar* (Os economistas). São Paulo: Abril Cultural.
- Marx, K. (1983) Posfácio a 2ª Edição de O Capital, in O Capital. SP, Abril Cultural.
- Marx, K., & Engels, F. (1984). *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Moraes.
- Marx, K. (1985). *O Capital*. (10a ed., L. 1, Vol. 1). São Paulo. Ed. Nova Cultural Ltda.
- Marx, K. (1986). *A Ideologia Alemã*. São Paulo. Ed. Hucitec.
- Marx, K., & Engels, F. (1986). *A ideologia alemã (I Feuerbach)*. (5ª. ed. J. C. Bruni & M. A. Nogueira, Trad.). São Paulo: Hucitec.
- Marx, K. (1988). *O Capital*. (Vol.1). São Paulo: Nova Cultural.
- Marx, K. (1998). *1818 – 1883, Ideologia Alemã / Karl Marx e Friedrich Engels*. (J. Gorender, Intr.). (L. C. C. Costa, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Marx, K., & Engels, F. (2007). *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. (R. Enderle, & N. S. Luciano. Trad.).
- Martins, L. M. (2001). *Análise Sócio-Histórica do processo de personalização de professores* (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília: SP, Brasil.
- Martins, L. M. (2004). A natureza histórico-social da personalidade. *Cad. Cedes*, 24(62), 82-99. Recuperado de <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- Martins, L. M., & Lavoura, T. N. (2018). Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. *Educar em Revista*, 34(71), 233-239. Recuperado de <[scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602018000500223](http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000500223)>

- Martinelli, M. L., & Moraes J. A. (2012). Importância da categoria mediações para o serviço social. *XX Seminário Latino Americano de Escuela de Trabajo Social*.
- Masson, G. (2018). A categoria da particularidade como mediação para a produção do conhecimento: contribuições de György Lukács. *Cadernos do GPOSSHE on-line*, 1(1), 29-48.
- Meira, F. O. (2020). Territórios e Relações de trabalho: representações de aluno Terena da terra indígena de Nioaque/MS. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v.10, n.19, p. 424-444.
- Melo, S. A. (2009). Cultura, mediação e atividade. In S. G. L. Mendonça, V. P. da Silva, & S. Miller (Orgs.), *Marx, Gramsci e Vigotski: Aproximações*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin.
- Melo, J. (2009). *Identidades fluidas: ser e perceber-se como Baré (Aruak) na Manaus Contemporânea* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília-UnB, Brasília, Brasil.
- Meszáros, I. (2013). *O conceito de dialética em Lukács*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes.
- Ministério de Educação e Cultura-MEC. (2028). Recuperado de <http://portal.mec.gov.br>
- Miranda, A, C. C. (2006). *Territorialidade e Práticas Agrícolas: premissas para o desenvolvimento local em comunidades terena de MS* (Dissertação de mestrado). Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, Campo Grande: MS, Brasil.
- Moreira, M. I. C., & Sousa, S. M. G. (Orgs.) (2022). *Psicologia Sócio Histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais*. Goiânia: editora PUC/Goiás.
- Moura, R., Branco, M. L. G. C., & Firkowski, O. L. C. F. (2005). Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. *São Paulo em Perspectiva* [online] 19(4), 121-133.
- Moura, N., & Açcolini, G. (2015). Os Terena em Mato Grosso do Sul. In G. Chamorro, & I. Combès (orgs.). *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul - História, cultura e transformações sociais*. Dourados, MS: Ed. UFGD.
- Nakashima, E. Y. (2009). *Reatando as pontas da rama: a inserção dos alunos da etnia indígena Pankararu em uma escola pública na cidade de São Paulo* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, Brasil.
- Nascimento, G. B. N. (2009). *Aspectos da gramática Terena*. (Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Letras, Universidade federal de Minas Gerais-UFMG, Belo Horizonte: MG,

Brasil.

Nascimento, G. B. N. (2012). Aspectos gramaticais da língua terena [manuscrito].

Nascimento, R. O. (2014). *Um estudo da mediação na teoria de Lev Vigotski e suas implicações para a educação* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

Nascimento, A. C., & Vieira, C. M. N. (2015). O índio e o espaço urbano: breves considerações sobre o contexto indígena na cidade. *Cordis*, 14, 118-136. ISSN 2176-4174.

Netto, J. P. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular.

Netto, J. P. (1994 a). *O que é Marxismo* (Coleção primeiros passos). São Paulo. Brasiliense.

Novak, M. S. J. (2007). *Política de ação afirmativa: a inserção dos indígenas nas universidades públicas paranaenses* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Maringá: Maringá, PR, Brasil.

Ojima, R., Silva, R. B., & Pereira, R. H. M. (2007). A Mobilidade Pendular na Definição das Cidades-Dormitório: caracterização sociodemográfica e novas territorialidades no contexto da urbanização brasileira. *Cadernos IPPUR*, XXI (2), 11-132.

Ojima, R. (Coord.), Silva, R. B., & Pereira, R. H. M. (2007). *Relatório de Pesquisa*. NEPO/Unicamp. Recuperado de [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic\\_sec\\_1\\_mob\\_pen\\_def.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_1_mob_pen_def.pdf) PDF.

Ojimam R., Aguirre, M. A. C., Silva, B. L., & Lima, W. M. (2014). Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. *Revista PerCursos*, 15(28), 166 – 189.

Ojima, R., & Fusco, W. (2015). Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve contextualização In *Migrações Nordestinas no Século 21 - Um Panorama Recente* (pp. 11-26). São Paulo: Blucher. ISBN: 978-85-8039-096-4, DOI 10.5151/BlucherOA-ojimafusco-04

Oliveira, A. M., & Isquerdo, A. N. (Orgs.) (1998). *As ciências do léxico*. Campo Grande: Editora UFMS.

Oliveira, B. (2001). A dialética do singular-particular-universal. *Anais... V Encontro de Psicologia Social Comunitária*, Bauru-SP.

Oliveira Jr., A. (2014). A Universidade como polo de Desenvolvimento Local/Regional. In: Simpósio Mineiro de Geografia. *Anais... I SIMGEO*. Recuperado de <https://goo.gl/EzWNFF>

Oliveira, L. R., Almeida, M. E., & Gomes, N. S. (2014). *Mudança morfológica na língua terena:*

*uma abordagem historiográfica, Linguística e Filológica*. Rio de Janeiro: CIFEFIL.

- Oliveira, M. K. (2002). *Vygotsky: Aprendizagem e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.
- Oliveira, M. K. (2005). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.
- Oliveira, R. C. (1976). *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro.
- Oliveira, R. C. (1978). *Bases para uma política indigenista*. Sociologia do Brasil Indígena. Universidade de Brasília: Brasília.
- Oliveira, P. A. B. (2011). *Análise da mobilidade pendular na região metropolitana de Belo Horizonte em 2001-2002* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica-PUC, Minas Gerais, Brasil.
- Oliveira, P. C., & Madeiro, C. G. (2013). Migração pendular entre São Lourenço do Sul e Pelotas: a educação superior como polo de atração. *II Simpósio de Estudos Urbanos: a dinâmica das cidades e a produção do espaço*.
- Organização Internacional para Migrações (OIM). (2013). *Conceitos básicos de migração*. Recuperado de [www.csem.org.br](http://www.csem.org.br)
- Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2009). *Perfil Migratório do Brasil 2009*. Recuperado de [http://www.mte.gov.br/trab\\_estrang/perfil\\_migratorio\\_2009.pdf](http://www.mte.gov.br/trab_estrang/perfil_migratorio_2009.pdf).
- Paiva, E. B. (2015). A Construção da identidade indígena em fontes de informação. *XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XVI ENANCIB*. ISSN 2177-3688
- Paladino, M. (2013). Um mapeamento das ações afirmativas voltadas aos povos indígenas no ensino superior. In: M. A. Bergamaschi, E. Nabarro, & A. Benites (Orgs.). *Estudantes indígenas no ensino superior: uma abordagem a partir da experiência na UFRGS*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.
- Pasqualini, J. C., & Martins, L. M. (2015). Dialética Singular-Particular-Universal: Implicações do método materialista dialético para a Psicologia. *Revista Psicologia e Sociedade*, 27(2). Recuperado de [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822015000200362&script=sci\\_abstract&tlng=ptm](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822015000200362&script=sci_abstract&tlng=ptm)
- Patarra, N. L. (2003). Tendências e modalidades recentes das migrações internas e da distribuição populacional no Brasil: um olhar para o Nordeste. In *Seminário Quantos Somos e Quem somos no Nordeste*, Recife.
- Pereira, C. V. (2011). *Política de acesso e permanência para estudantes indígenas na universidade: avaliação da política de cotas da Universidade Federal do Tocantins (UFT)* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil.

- Perpetua, G. M. (2010). Movimentos pendulares e acumulação do capital. *Revista Pegada*, 11(2). Recuperado de <https://revistafct.unesp.br>
- Pino, A. (2000). O social e o cultural na obra de Vygotsky. *Educação & Sociedade*, 21(71), 45-78.
- Pires, M. F. C. (1997). O materialismo histórico dialético e a educação. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 1(1).
- Pontes, R. N. (1995). *Mediação e Serviço Social*. São Paulo: Cortez.
- Pontes, R. N. (2000). Mediação: categoria necessária para a prática do assistente social. In CEAD (Org.). *Capacitação em política social e serviço social*. (1a ed., Vol. 3). Brasília, DF.
- Portaria nº 389, de 9 de maio de 2013. Cria o Programa de Bolsa Permanência e dá outras providências. (Seção 1, p. 12). Diário Oficial da União: Brasília.
- Ramos, A. R. (1988). *Sociedades Indígenas*. São Paulo: Ática.
- Ramos, A. (2003). *Introdução à psicologia social* (4a ed.). Santa Catarina: UFSC.
- Raffestin, C. (1993). *Por uma geografia do poder*. França. São Paulo: Ática.
- Ravenstein, E. G. (1980). As Leis da Migração. In: H. A. Moura (1980). *Migração Interna: textos selecionados* (tomo 1, cap. 1, pp. 19-88). Fortaleza: BNB/ETENE.
- Ramiro, K. S. S. (2019). *Violência e os Mediadores Psicossociais* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Campo Grande, MS, Brasil.
- Reggo, T. C. (1996). *Vigotsky. Uma Perspectiva Histórico Cultural de Educação*. RJ: Vozes.
- Robba, C. (1992). *Aquidauana ontem e hoje* (12a ed.) Campo Grande: TJMS (série Historiográfica).
- Rodrigues, A. D. (2002). *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo. Edições Loyola.
- Rodrigues, A. D. (2005). Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura* 57(2).
- Rodrigues, M. J. et al. (2018). Migração Indígena e a Recepção Do Índio na Sociedade Contemporânea. In: *Cientific@ Multidisciplinary Journal* 6(1), 183-188. Recuperado de <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/cientifica/article/view/3713>
- Rosa, A. M. (2007). *O Ensino Bilíngue na Aldeia Bananal* (Trabalho de conclusão de curso),



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, CPAQ, Aquidauana, MS, Brasil.

- Rosa, A. M. (2010). *Aspectos Morfológicos do Terena (ARUAK)* (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, MS, Brasil.
- Rosas, G., & Hogan, J. (2009). Ritmo e mobilidade cotidianos na experiência da metrópole. *Anais... 12º Encontro de Geógrafos da América Latina*, Montevideo. Recuperado de: <[http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geograf iaurbana/210.pdf](http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geograf%20iaurbana/210.pdf)>.
- Russo, K., & Diniz, E. A. (2020). Trajetórias Indígenas na Universidade: O Direito ao Ensino Superior no Rio de Janeiro. In: *Dossiê Especial Educação e Povos Indígenas: Identidades em Construção e Reconstrução* 28(73). ISSN 1068-234.
- Santos, R. B. (1994). *Migrações no Brasil*. São Paulo: Scipione.
- Sant'Ana, G. R. (2004). Uma análise do processo migratório dos índios terena para o perímetro urbano da cidade. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, 4(1).
- Saquet, M. A. (2007). *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular.
- Sawaia, B. (2001). Introdução: Exclusão ou inclusão perversa? In B. Sawaia (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.
- Sawaia, B. (2002). *Silvia Lane* (Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira, Vol. 8). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Santos, A. C. (2012). *Trajetória e Impactos do Programa Bolsa Social da UCDB*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.
- Santos, M. (1996). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, L. G. (2010). *Educação e o inconsciente sócio-histórico: uma análise da função escolarização na construção de sentidos e significados do desemprego* (Dissertação de mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Campo Grande, MS, Brasil.
- Santos, L. G., & Leão, I. B. (2014). O inconsciente sócio-histórico: aproximações de um conceito. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 38-47. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Nbk37wJBPcqB3XBD53qrPKN/?format=pdf&lang=pt>
- Santos, R. (2011). Três relações fundamentais no ensino superior. *Revista iberoamericana de educacion*. Recuperado de [www.rieoei.org/1074santos.htm](http://www.rieoei.org/1074santos.htm).
- Santos, R. B. (1994). *Migrações no Brasil*. São Paulo: Scipione.

- Santos, M. (1977). Sociedade e espaço: a formação social como categoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, 54.
- Santos, M. (1999). O dinheiro e o território. *Revista GEOgraphia* 1(1).
- Santos, M. (2005). O retorno do território. *OSAL* VI(16).
- Sebastião, L. L. (2012). *Mulher Terena: dos papéis tradicionais para atuação sociopolítica. SenoTêrenoe: kixoku ko'ítukeyea mekuke yoko kóoyene xapa viyénoxapa yoko nâti*. (Dissertação de mestrado), Pontifícia Universidade Católica-PUC, São Paulo, SP, Brasil.
- Sebastião, L. L. (2017). Pesquisadoras indígenas: o protagonismo das mulheres terena. *Anais eletrônicos*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress. ISSN 2179-510X
- Seki, L. A. (1999). A linguística indígena no Brasil. *DELTA* 15, 257-290. Recuperado de <http://old.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4019.pdf>
- Seki, L. A. (2000). Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Revista Impulso* 27, 233-256.
- Seve, L. (1979). *Marxismo e a teoria da personalidade*. Lisboa: Horizonte.
- Singer, P. (1980). Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In H. A. Moura *Migração Interna: textos selecionados* (tomo 1, cap. 6, 211-244). Fortaleza: BNB/ETENE.
- Silva, H. H. C., & Pereira, V. M. (2007). *Indígenas urbanos: uma questão social no contexto da cidade de Manaus*. Costa Rica: Universidad de Costa Rica.
- Silva, D. (2009). *Descrição fonológica da língua terena (aruak)* (Dissertação de mestrado). Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Três Lagoas, MS, Brasil.
- Silva, D. (2013). *Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilíngue terena-português* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de São Paulo-UNESP, Araraquara, SP, Brasil.
- Silva, L. G. (2016). Povos Indígenas no contexto do ensino superior: os desafios do acesso e da permanência na UFPR. *Campos*, 17(2).
- Silva, F. G. S. (2009). Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psic. da Ed.*, 28, 169-195.
- Souza, F. F. (2017). *Índios cidadãos: a constituição de uma comunidade multiétnica no bairro Tarumã, Manaus, AM* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Recuperado de <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6039?mode=full>.

- Slater, D. (1978). Towards a political peripheral capitalist society: problems of theory and method with illustrations from Latin America. *International Journal of Urban and Regional Research* 2(1-3), 26-52. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1468-2427.1978.tb00735.x>
- Tavares, J. M. S. (2016). *Movimentos pendulares de estudante na região norte fluminense* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal Fluminense-UFF, Campos de Goitazes, RJ, Brasil.
- Todaro, M. P. (1969). A Model of Labor Migration and Urban Unemployment in Less Developed Countries. *The American Economic Review*, 59, 138-148.
- Urquiza, A. H. A. (1996). Viagens de ida, de volta e outras viagens: os movimentos migratórios e as sociedades indígenas. *Revista Travessia*, 9(24), 5-9.
- Urquiza, A. H. A. (2022). *Povos indígenas do Mato Grosso do Sul – alguns aspectos antropológicos*. Campo Grande: UFMS.
- Urquiza, A. H. A. et al. (Orgs.) (2010). *Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo, módulo 2*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS.
- Varela, A. V., Barbosa, M. L. A., & Farias, M. G. G. (2014). Mediação em múltiplas abordagens. *Revista Informação*, 19(2), 138-70.
- Vargas, V. L. F. (2003). *A construção do território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e opção* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Dourados, MS, Brasil.
- Vargas, V. L. F. (2011). *A dimensão sócio-política do território para os Terena: as aldeias nos séculos XX e XXI* (Tese de doutorado). Universidade Federal Fluminense-UFF, RJ, Brasil.
- Vargas, V. L. F., & Silva, A. X. (2019). Novos olhares e diferentes abordagens sobre a história indígena: a contribuição dos estudos culturais. *Revista Albuquerque*, 11(22).
- Vasconcelos, E. A. (2006). *A cidade, o transporte e o trânsito*. São Paulo: Prólivros.
- Vasconcelos, V. M. (2012). *Migração e pendularidade: as consequências de atração da população para o município de Toritama* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Pernambuco, Brasil.
- Vygotsky, L. S. (1930). *Sobre los Sistemas Psicológicos*. Moscou.
- Vygotsky, L. S. (1984). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1988). Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In A. N. Leontiev, A. R. Luria, & L. S. Vygotsky. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone.

- Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo. Martins Fontes.
- Vygostky, L. S. (1991). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1995). *Obras Escogidas* (Tomo III). Madrid: Aprendizaje Visor Distribuciones.
- Vygotsky, L. S. (1996a) El problema de la idade. In L. S. Vygotsky (Org.). *Obras Escogidas IV* (Psicología infantil, pp. 251-276), Madrid: Visor.
- Vygotsky, L. S. (1996b). *Teoria e Método em Psicologia* (C. Berliner, Trad., 1a ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2000). O Manuscrito DE 1929. *Educação e Sociedade, CEDES*, 71.
- Vygotsky, L. S. (2001) Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In A. N. Leontiev, A. R. Luria, & L. S. Vygostsky. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (7a ed. São Paulo: Ícone.
- Vygotsky, L.S. (2004a). *Psicologia Pedagógica* P. Bezerra, Trad. e Introd.). Martins Fontes. São Paulo.
- Vygotsky, L. S. (2004b). *Teoria e Método em Psicologia* (3a ed., pp. 203-417). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev. A. N. (1998). *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone.

**APÊNDICES**

---

## Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (1ª via)

Caro Participante

O presente Termo tem a finalidade de solicitar a autorização de V.Sa. para participar da entrevista para coleta de dados a ser realizada para a pesquisa intitulada **AS MEDIAÇÕES PSISSOCIAIS NA MIGRAÇÃO PENDULAR: um estudo sobre a migração de estudantes do ensino superior em uma Instituição Pública no Município de Aquidauana/MS**, no Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia - Área de Concentração Psicologia da Saúde da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Campo Grande MS.

**Nome da pesquisadora responsável:** Sandra Maria Rebello de Lima Francellino

**Objetivo da pesquisa:** Esse estudo visa identificar e apreender as mediações enquanto aspectos psicossociais do processo migração pendular em uma instituição de ensino superior pública e como estas participam na constituição dos significados e sentidos que os estudantes produzem a cerca desse processo, bem como conhecer suas realidades e entender as causas que os motivam a permanecer neste processo migratório

**Justificativa (síntese)** A questão da migração é um dos problemas mais relevante na contemporaneidade, é um processo cada vez mais presente, motivado pela globalização e o sistema capitalista. Desse modo, o mundo moderno possibilita o deslocamento de pessoas decorrentes de diversas regiões do mundo, e o Brasil tem sido destino de muitos para recomeçar a vida, tanto a nível nacional como internacional fugindo de guerras e dificuldades de ordem econômica, social, cultural e religiosa que geram as desigualdades sociais. Nesta pesquisa, estaremos enfatizando a migração interna, ou seja, dentro do território nacional, especificamente para estudo. É uma pesquisa qualitativa, que através de entrevista semiestruturada, permitirá aos acadêmicos relatar suas experiências e sentimentos em relação ao processo da migração pendular e como ele o enfrenta no seu dia a dia.

A entrevista deve-se realizar de forma individual e voluntária, será gravada em aparelho adequado em dia, horário e local previamente combinado e aceito entre a pesquisadora e cada participante da pesquisa. Fica esclarecido que a referida pesquisa oferece riscos mínimos, garantindo medidas, providências e cautelas frente aos possíveis riscos/danos: minimização dos desconfortos, liberdade para não responder questões que não julgar adequadas; atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto; confidencialidade e privacidade, a proteção da imagem,

garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas. A presente pesquisa é de caráter não invasivo, atendendo aos preceitos éticos de pesquisa, uma vez que seu nome não será divulgado e os dados coletados serão tratados unicamente pela pesquisadora e a Orientadora para uso exclusivo de análise e construção de Relatório da Pesquisa. Este projeto respeita a normatização ética existente na resolução vigente e estão de acordo com as resoluções 466/12 CNS e 510/16 CNS que regulamentam a prática de pesquisas com seres humanos.

A pesquisadora se compromete a zelar pela confidencialidade das informações coletadas, imagens e a preservação dos dados, sendo que a divulgação pública dos dados somente ocorrerá caso a participante deseje e autorize. Os procedimentos obedecem ao que preconiza a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), em consonância com o estabelecido na Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012).

Ressaltamos que o participante receberá uma via deste termo, o qual possui folhas numeradas e deverão ser rubricadas em todas suas páginas. Além disso, o participante poderá acompanhar o desenvolvimento da pesquisa e receberá uma devolutiva a respeito dos resultados e análises finais.

*Ao participar deste estudo fui esclarecido(a) e estou ciente de que:*

- a) Caso não me sinta à vontade para responder qualquer questão, posso deixar de respondê-la, sem que isto implique em prejuízo;
- b) Minha participação é inteiramente voluntária, e não fui objeto de nenhum tipo de pressão;
- c) Caso o participante, em que momento for, se sentir desconfortável, tiver alguma dúvida ou considerar que não deseja mais participar da pesquisa poderá fazer contato com a pesquisadora e orientadora por meio dos contatos abaixo e solicitar sua desistência em participar da mesma;
- d) Caso precise entrar em contato com o pesquisador, estou ciente de que posso fazê-lo através do telefone e do e-mail abaixo.

### **Dados do Participante**

Campo Grande, MS, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_

declaro ter sido informado(a) e concordo em participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa acima descrito.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

**Pesquisadora: Sandra Maria Rebello de Lima Francellino**

**Programa de Programa de Mestrado em Psicologia**  
**Universidade Católica Dom Bosco**  
**Fone:(67) 99280 -1883**  
**E-mail: sandra.francellino@ufms.br**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Pinho de Almeida**

**Fone: (67)3312-3352**

**Site: www.ucdb.br**

**Comitê de Ética da UCDB**

**Nome: CEP UCDB**

**Endereço: Av. Tamandaré, 6000, Jardim Seminário - CEP: 79117-900, Campo Grande – MS**

**Telefone: (67) 3312-3478**

**E-mail: cep@ucdb.br**



## Apêndice B – Termo de Anuência para realização da pesquisa na UFMS-CPAQ

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Ilmo. Dr. Auri Claudionei Matos  
Frubel Diretor do Campus de  
Aquidauna/UFMS

Venho, por meio deste solicitar a V.Sa. autorização para realizar coleta de dados com os acadêmicos que estão concluindo a graduação nessa instituição, no ano de 2021, com a finalidade de realizar a pesquisa de Doutorado intitulada: AS MEDIAÇÕES PSICOSSOCIAIS NA MIGRAÇÃO PENDULAR: um estudo sobre a migração de estudantes do ensino superior em uma Instituição Pública no Município de Aquidauana/MS. Esse estudo visa identificar e apreender as mediações enquanto aspectos psicossociais do processo migração pendular e como estas participam na constituição dos significados e sentidos que os estudantes produzem a cerca desse processo, bem como conhecer suas realidades e entender as causas que os motivam a permanecer neste processo migratório. A coleta de dados ocorrerá conforme as orientações da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde em relação a Covid -19, assim faremos a entrevista individual pelo Google Meet em datas e horários previamente agendados com os participantes. Igualmente assumo o compromisso de utilizar os dados coletados somente para fins científicos, bem como de disponibilizar os resultados obtidos para essa instituição. A coleta de dados se iniciará após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos.

Desse modo, assinam os presentes na anuência à realização da pesquisa.

Campo Grande, 30 de março de 2021.



Sandra Maria Rebello de Lima Francellino

-Eu, Luciane Pinho de Almeida responsabilizo-me pelo trabalho científico da Doutoranda

Luciane Pinho de Almeida




Auri Claudionei Matos Frubel  
Diretor do Campus de Aquidauana  
Part. 615/2017 – UFMS  
SIAPE 2300836

Dr. Auri Claudionei Matos Frubel  
Diretor do Campus de Aquidauana/UFMS

## Apêndice C – Roteiro de entrevista semiestruturada



### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### I - Algumas informações sobre você:

1. Sexo F ( ) M ( ) idade:
2. Curso:
3. Período do Curso:
4. Quais os motivos que te levaram a escolher a UFMS para sua formação superior?
5. Composição familiar:
6. Qual a sua situação de trabalho?

#### II - Sobre a Migração Pendular

7. Município em que mora:
  8. Qual o meio de transporte que você utiliza para se locomover até a UFMS?
  9. Qual a distância de sua residência até o local de estudo?
    - ( ) Até 30 km
    - ( ) De 30 a 60 km
    - ( ) De 60 A 100 km
    - ( ) Mais de 100 km<sup>7</sup>
  10. Tempo de viagem de ida e volta?
  11. Como você classifica esse tempo gasto para se deslocar?
    - ( ) desnecessário
    - ( ) necessário
    - ( ) reaproveitado de outra forma
  12. Como você avalia as condições desse veículo, conforto e segurança?
    - ( ) péssimo
    - ( ) ruim
    - ( ) médio
    - ( ) bom
    - ( ) ótimo
- Comente:
13. Porque a não residência no local de estudo ao invés de deslocamento diário?
  14. O que te faz permanecer nesse deslocamento diário?
  15. Como a comunidade indígena percebe esses deslocamentos diários?

#### III – Sobre o desempenho acadêmico

16. Tendo em vista os seus deslocamentos diários, você acredita que ele influencia negativamente no seu desempenho acadêmico?
17. Você já teve alguma dificuldade significativa que interferiu no seu desempenho acadêmico?

18. Como são suas relações de amizades no ambiente acadêmico?

Aluno x Aluno

Professor x Aluno

Gestão x Aluno

19. Você recebe alguma ajuda de custo (bolsa) para estudar na graduação?

#### **IV – Sobre seus sentimentos**

20. Como você se sente nesse deslocamento diário?

Normal  alegre  confortável  estressado  cansado  impaciente  angustiado

desmotivado  irritado  ansioso  sonolento

21. Quais aspectos você aponta como positivo nesse deslocamento?

22. Quais são os principais desafios cotidianos que você encontra nesse processo de migração?

23. Como a pandemia da Covid -19 impactou a sua vida pessoal e acadêmica?

24. Você está sentindo falta desses deslocamentos diários?

25. Na sua percepção, há mais mulheres indígenas estudando?

26. Você tem alguma observação ou colocação acerca do seu trajeto que queira registrar?

## Apêndice D – Dados completos da entrevista com a Estudante 3

### Entrevista:

Qual a sua idade? 20 anos. Que curso de graduação você está cursando? Pedagogia, sétimo semestre. Você é provável formando? Não, eu ainda tenho um semestre pendente. Quais motivos te levaram a escolher a UFMS para a sua formação superior? Ah eu acho que é a universidade que a melhor universidade né professora. O que me levou? Era um sonho estudar na UFMS. Me fale sobre a sua composição familiar. Quantas pessoas moram contigo? Isso. Eu ficava na casa da minha avó, né, na aldeia. Morava eu ela e minhas duas tias, meu tio e meus dois primos. Você não mora mais na aldeia? Eu moro. Mas não fico aqui. Porque minha mãe mora em Campo Grande. Agora com essa aula online eu vim pra cá. Você está em Campo Grande então nesse momento? Estou. Você trabalha? Não! Me diga porque você mora com sua avó e não com a sua mãe aqui em Campo Grande? Por causa da Faculdade né professora. Porque é melhor o deslocamento de lá para a universidade do que daqui para lá. Eu escolhi a Universidade daí, porque ela é mais perto do que a daqui. Da casa da minha mãe, de Campo Grande, eu teria que pegar três ônibus para chegar na universidade. O percurso daqui até lá é mais longe. Você mora atualmente em que aldeia? Aldeia Limão Verde no Município de Aquidauana. Qual o meio de transporte que você utiliza para se locomover até a UFMS? Então, é o ônibus da escola do município da aldeia. Quando não tem aula na escola, não tem ônibus para a gente. Aí tem que achar uma carona para ir para a universidade. Esse ônibus é cedido pelo município de Aquidauana? É, mas ele não é cedido para os acadêmicos da universidade, ele é cedido para os alunos da escola municipal Qual a distância da aldeia para a UFMS? Não sei! Da meia hora de viagem. Meia hora de ida e volta? Sim. Como você classifica esse tempo gasto para se deslocar? Eu acho meio desnecessário a distância percorrida, sabe. Porque é, as vezes o aluno não tem segurança, aí acontece, aí às vezes é perigoso sofrer acidente. Porque não tem segurança no ônibus. Porque é aquele ônibus amarelo. Não é aquele outro. Como você avalia as condições desse veículo, conforto e segurança? Péssimo, eu diria. Porque a maioria dos bancos eram estragados e não tinha conforto também. E se tivesse uma pessoa com deficiência ou cadeirante, não tem estrutura para receber esse aluno, entendeu? Porque a não residência no local de estudo ao invés de deslocamento diário? Por causa do aluguel, né professora? Eu não tenho condições de me manter, né? O que te faz permanecer nesse deslocamento diário? Força de vontade, né professora? Porque eu *sempre* tive um sonho assim de ser professora. E sempre eu brincava assim de dar aulas, e, é uma carreira que a minha mãe também faz. Ela é professora e foi um sonho desde criança seguir os mesmos passos de ser professora. Sua mãe ministra aulas aqui em Campo Grande? Não! Agora ela não ministra mais. Mas, ela ministrava na Limão Verde mesmo. Agora ela não ministra mais. Ela está trabalhando aqui em Campo Grande? Sim. Ela trabalha na área de educação ou outra área? Não. Ela trabalha numa ONG, num Instituto. Como a comunidade indígena percebe esses deslocamentos diários? Eu acho que eles não acham nada, mas tem *sempre* outros que vai com a gente pra lá na universidade, tem que dar uma força né, quando fala que não tem ônibus, quando tem ônibus, é *sempre* bom ter a companhia né deles. Você não recebe apoio da família pelo esforço de se deslocar diariamente a uma distância tão longa? Da minha família né? Estão *sempre* me apoiando, fazendo as atividades comigo quando eu preciso. Tendo em vista os seus deslocamentos diários, você acredita que ele influencia negativamente no seu desempenho acadêmico? Acho que não professora. Você consegue ter um bom aproveitamento das disciplinas? Sim. Às vezes era ruim porque quando é trabalho em grupo, não é professora? Trabalho em grupo e não poder estar presencial ali com os colegas né? Por causa que o ônibus saia meio dia e chegava uma hora na faculdade né? Aí, só tinha um tempo ali, das cinco até as nove

horas da noite, *até* o ônibus voltar para a aldeia. Aí, era nove horas da noite que ele voltava. Aí, só tinha esse tempo pra estar reunido com os colegas né? Você já teve alguma dificuldade significativa que interferiu no seu desempenho acadêmico? Não professora! Nem atrasos ou falta de ônibus? Só isso mesmo, falta de ônibus. Quando eu não tinha condução pra ir eu tinha que faltar. Às vezes o professor não entende isso né? Que não é porque a gente quer faltar a faculdade porque não tem disponibilidade de ônibus pra gente. Entendeu? Porque quando estragava o ônibus não tinha outro reserva pra ir buscar a gente, pra levar os alunos. Você chegou a reprovar de alguma disciplina por falta de ausência nas aulas? Quase professora reprovei de falta. Mas consegui nos últimos instantes. Como são suas relações de amizade no ambiente acadêmico? Aluno x Aluno? Professor x Aluno? Gestão x Aluno? Com os outros acadêmicos eu acho uma relação boa né professora? Porque um tá ajudando o outro, não tem aquela de ficar julgando a outra pessoa, ou olhando torto. Não tem. *Sempre* tem aquela pessoa um ajudando o outro no grupo. Mas, tem as panelinhas né? Tem as panelinhas, mas independente das panelinhas tem o grupo todo ajudando quem precisa. Professor, aluno também, uma relação boa com os professores que eu tenho também. Nunca tive problema com nenhum professor. Eles *sempre* atendem a gente com questão de dificuldade, ajuda quando a gente precisa. Só na questão de que não entendem um pouco. Mas o restante tá ótimo. E com a gestão? Também. Tenho uma relação boa com eles, são bem atenciosos. Você recebe alguma ajuda de custo (bolsa) para estudar na graduação? Recebo a bolsa permanência do MEC. Qual o valor da bolsa? 900 reais pra estudar. O que representa pra você essa bolsa? É, a bolsa ajuda muito né? *Sempre* tem que estar gastando um pouco com comida né? Porque é um tempo bem corrido pra gente, na xerox e no que precisa pra fazer atividade na faculdade. Entre outros né professora? Mas, se eu não recebesse essa bolsa, com certeza eu continuaria. Mesmo sem receber, eu daria um jeito de estar presente. Como você se sente nesse deslocamento diário? Eu diria angustiada e alegre. Por que angustiada? É angustia de movimentar da aldeia *até* lá na faculdade. Da angustia. Mas por quê? É o percurso que te angustia ou o que faz que te dá sentimento de angustia? É o percurso professora. O percurso da aldeia *até* lá na universidade. Quais aspectos você aponta como positivo nesse deslocamento? Ah, é um sofrimento que a gente passa, mas que lá na frente vai ser bom pra mim, pra nós por causa da carreira né professora? No dia que nós estivermos formados, foi ruim ter passado por isso, mas mais pra frente a gente vai se lembrar disso, a gente vai se formar, vai consegui uma vaga na escola e vai trabalhar disso agora. E vai olhar pra trás e ver todo aquele sofrimento, quando chegar lá na frente vai ser um sofrimento bom pra gente. Não vai ser um sofrimento ruim. Me descreva o que é esse sofrimento. Daquilo que eu falei né professora? Às vezes quando não tinha um ônibus pra buscar a gente, quando faltava, às vezes estragava e acontecia de voltar muito tarde da universidade porque a gente tinha que esperar ele ir e buscar outros alunos na aldeia que era uma meia hora pra poder ir embora. Quais são os principais desafios cotidianos que você encontra nesse processo de deslocamentos? Acho que é só isso professora. Não tenho mais nenhuma dificuldade. De deixar a família, você só retorna à aldeia às 21h. você sai que horas? Meio dia em ponto. Nesse período você conta como dificuldade? Não! Como a pandemia da Covid -19 impactou a sua vida pessoal e acadêmica? A pandemia mudou totalmente a rotina, né professora? Além de tudo, porque não é a mesma coisa que estar presencial na sala de aula. Porque a gente, em casa, não tem um lugar específico pra estudar, pra manter aquela rotina de estudo, entendeu? E na sala de aula não, a gente está ali prestando atenção, presencial na sala de aula. Então, mudou muito a rotina da gente! Você está sentindo falta desses deslocamentos diários? Sim! Porque eu acho que a aula lá às vezes é ruim. Às vezes a internet cai, não tem como ficar muito entendeu? E de olhar pras pessoas, ficar cara a cara, não ficar só no celular. Porque, às vezes nem todos ligam as câmeras, entendeu? Só fica o professor ali falando com todos. Na sua percepção há mais homens ou mulheres indígenas

estudando? Não sei te dizer, professora. Porque não sei se é desmotivação. Na aldeia os homens saem pra trabalhar na roça, tem sua rotina ali. São muito mais mulheres do que homens? Sim, são muitas. Tem alguma observação ou colocação acerca do seu trajeto que queira registrar? Não professora, eu já falei muito.

### Corpus de análise

Qual a sua idade? 20 anos. Que curso de graduação você está cursando? Pedagogia, sétimo semestre. Você é provável formanda? Não, eu ainda tenho um semestre pendente. Quais motivos te levaram a escolher a UFMS para a sua formação superior? Ah eu acho que é a universidade que a melhor universidade né professora. O que me levou. Era um sonho estudar na UFMS. Me fale sobre a sua composição familiar? Quantas pessoas moram comigo? Isso. Eu ficava na casa da minha avó, né, na aldeia. Morava eu ela e minhas duas tias, meu tio e meus dois primos. Você não mora mais na aldeia? Eu moro. Mas não fico aqui. Porque minha mãe mora em Campo Grande. Agora com essa aula online eu vim pra cá. Você está em Campo Grande então nesse momento? Estou. Você trabalha? Não! Me diga porque você mora com sua avó e não com a sua mãe aqui em Campo Grande? Por causa da Faculdade né professora. Porque é melhor o deslocamento de lá para a universidade do que daqui para lá. Eu escolhi a Universidade daí, porque ela é mais perto do que a daqui. Da casa da minha mãe, de Campo Grande, eu teria que pegar três ônibus para chegar na universidade. O percurso daqui até lá é mais longe. Você mora atualmente em que aldeia? Aldeia Limão Verde no Município de Aquidauana. Qual o meio de transporte que você utiliza para se locomover até a UFMS? Então, é o ônibus da escola do município da aldeia. Quando não tem aula na escola, não tem ônibus para a gente. Aí tem que achar uma carona para ir para a universidade. Esse ônibus é cedido pelo município de Aquidauana? É, mas ele não é cedido para os acadêmicos da universidade, ele é cedido para os alunos da escola municipal. Qual a distância da aldeia para a UFMS? Não sei! Da meia hora de viagem. Meia hora de ida e volta? Sim. Como você classifica esse tempo gasto para se deslocar? Eu acho meio desnecessário a distância percorrida, sabe. Porque é, as vezes o aluno não tem segurança, aí acontece, aí às vezes é perigoso sofrer acidente. Porque não tem segurança no ônibus. Porque é aquele ônibus amarelo. Não é aquele outro. Como você avalia as condições desse veículo, conforto e segurança? Péssimo, eu diria. Porque a maioria dos bancos eram estragados e não tinha conforto também. E se tivesse uma pessoa com deficiência ou cadeirante, não tem estrutura para receber esse aluno, entendeu? Porque a não residência no local de estudo ao invés de deslocamento diário? Por causa do aluguel, né professora? Eu não tenho condições de me manter, né? O que te faz permanecer nesse deslocamento diário? Força de vontade, né professora? Porque eu sempre tive um sonho assim de ser professora. E sempre eu brincava assim de dar aulas, e, é uma carreira que a minha mãe também faz. Ela é professora e foi um sonho desde criança seguir os mesmos passos de ser professora. Sua mãe ministra aulas aqui em Campo Grande? Não! Agora ela não ministra mais. Mas, ela ministrava na Limão Verde mesmo. Agora ela não ministra mais. Ela está trabalhando aqui em Campo Grande? Sim. Ela trabalha na área de educação ou outra área? Não. Ela trabalha numa ONG, num Instituto. Como a comunidade indígena percebe esses deslocamentos diários? Eu acho que eles não acham nada, mas tem sempre outros que vai com a gente pra lá na universidade, tem que dar uma força né, quando fala que não tem ônibus, quando tem ônibus, é sempre bom ter a companhia né deles. Você não recebe apoio da família pelo esforço de se deslocar diariamente a uma distância tão longa? Da minha família né? Estão sempre me apoiando, fazendo as atividades comigo quando eu preciso. Tendo em vista os seus deslocamentos diários, você acredita que ele influencia negativamente no seu desempenho acadêmico? Acho que

não professora. Você consegue ter um bom aproveitamento das disciplinas? Sim. Às vezes era ruim porque quando é trabalho em grupo, não é professora? Trabalho em grupo e não poder estar presencial ali com os colegas né. Por causa que o ônibus saia meio dia e chegava uma hora na faculdade né? Ai só tinha um tempo ali das cinco até as nove horas da noite até o ônibus voltar para a aldeia. Ai era nove horas da noite que ele voltava. Ai só tinha esse tempo pra estar reunido com os colegas né? Você já teve alguma dificuldade significativa que interferiu no seu desempenho acadêmico? Não professora! Nem atrasos ou falta de ônibus? Só isso mesmo, falta de ônibus. Quando eu não tinha condução pra ir eu tinha que faltar. Às vezes o professor não entende isso né? Que não é porque a gente quer faltar a faculdade porque não tem disponibilidade de ônibus pra gente. Entendeu? Porque quando estragava o ônibus não tinha outro reserva pra ir buscar a gente, pra levar os alunos. Você chegou a reprovar de alguma disciplina por falta de ausência nas aulas? Quase professora reprovei de falta. Mas consegui nos últimos instantes. Como são suas relações de amizade no ambiente acadêmico? Aluno x Aluno? Professor x Aluno? Gestão x Aluno? Com os outros acadêmicos eu acho uma relação boa né professora? Porque um tá ajudando o outro, não tem aquela de ficar julgando a outra pessoa, ou olhando torto. Não tem. Sempre tem aquela pessoa um ajudando o outro no grupo. Mas tem as panelinhas né? Tem as panelinhas, mas independente das panelinhas tem o grupo todo ajudando quem precisa. Professor (e) aluno também, uma relação boa com os professores que eu tenho também. Nunca tive problema com nenhum professor. Eles sempre atendem a gente com questão de dificuldade, ajuda quando a gente precisa. Só na questão de que não entendem um pouco. Mas o restante tá ótimo. E com a gestão? Também. Tenho uma relação boa com eles, são bem atenciosos. Você recebe alguma ajuda de custo (bolsa) para estudar na graduação? Recebo a bolsa permanência do MEC. Qual o valor da bolsa? 900 reais pra estudar. O que representa pra você essa bolsa? É, a bolsa ajuda muito né? Sempre tem que estar gastando um pouco com comida né? Porque é um tempo bem corrido pra gente, na xerox e no que precisa pra fazer atividade na faculdade. Entre outros né professora? Mas se eu não recebesse essa bolsa, com certeza eu continuaria. Mesmo sem receber eu daria um jeito de estar presente. Como você se sente nesse deslocamento diário? Eu diria angustiada e alegre. Por que angustiada? É angustia de movimentar da aldeia até lá na faculdade. Da angustia. Mas por quê? É o percurso que te angustia ou o que faz que te dá sentimento de angustia? É o percurso professora. O percurso da aldeia até lá na universidade. Quais aspectos você aponta como positivo nesse deslocamento? Ah, é um sofrimento que a gente passa, mas que lá na frente vai ser bom pra mim, pra nós por causa da carreira né professora? No dia que nós estivermos formados, foi ruim ter passado por isso, mas mais pra frente a gente vai se lembrar disso, a gente vai se formar, vai conseguir uma vaga na escola e vai trabalhar disso agora. E vai olhar pra trás e ver todo aquele sofrimento, quando chegar lá na frente vai ser um sofrimento bom pra gente. Não vai ser um sofrimento ruim. Me descreva o que é esse sofrimento. Daquilo que eu falei né professora? Às vezes quando não tinha um ônibus pra buscar a gente, quando faltava, às vezes estragava e (acontecía) de voltar muito tarde da universidade porque a gente tinha que esperar ele ir e buscar outros alunos na aldeia que era umas meia hora pra poder ir embora. Quais são os principais desafios cotidianos que você encontra nesse processo de migração? Acho que é só isso professora. Não tenho mais nenhuma dificuldade. De deixar a família, você só retorna à aldeia às 21h. você sai que horas? Meio dia em ponto. Nesse período você conta como dificuldade? Não! Como a pandemia da Covid -19 impactou a sua vida pessoal e acadêmica? A pandemia mudou totalmente a rotina, né professora? Além de tudo, porque não é a mesma coisa que estar presencial na sala de aula. Porque a gente, em casa, não tem um lugar específico pra estudar, pra manter aquela rotina de estudo, entendeu? E na sala de aula não, a gente está ali prestando atenção, presencial na sala de aula. Então, mudou muito a rotina da gente! Você está sentindo ARA desses deslocamentos

diários? Sim! **Porque** eu acho que a **aula lá às vezes é** ruim. Às **vezes** a internet cai, não **tem como ficar muito entendeu?** E de olhar pras pessoas, **ficar** cara a cara, não **ficar** só no celular. **Porque às vezes nem** todos ligam as câmeras, **entendeu?** Só **fica** o **professor ali** falando com todos. Na **sua** percepção há **mais** homens ou mulheres indígenas **estudando?** **Não** sei **te** dizer, **professora.** **Porque não** sei **se é** desmotivação. Na **aldeia** os homens saem pra trabalhar na roça, **tem sua** rotina ali. **São** **muito** mais mulheres do que homens? Sim, **são** **muitas.** **tem** alguma observação ou colocação acerca do **seu** trajeto que queira registrar? **Não** **professora,** eu já **falei** **muito**

### Quadro de incidências dos núcleos do discurso

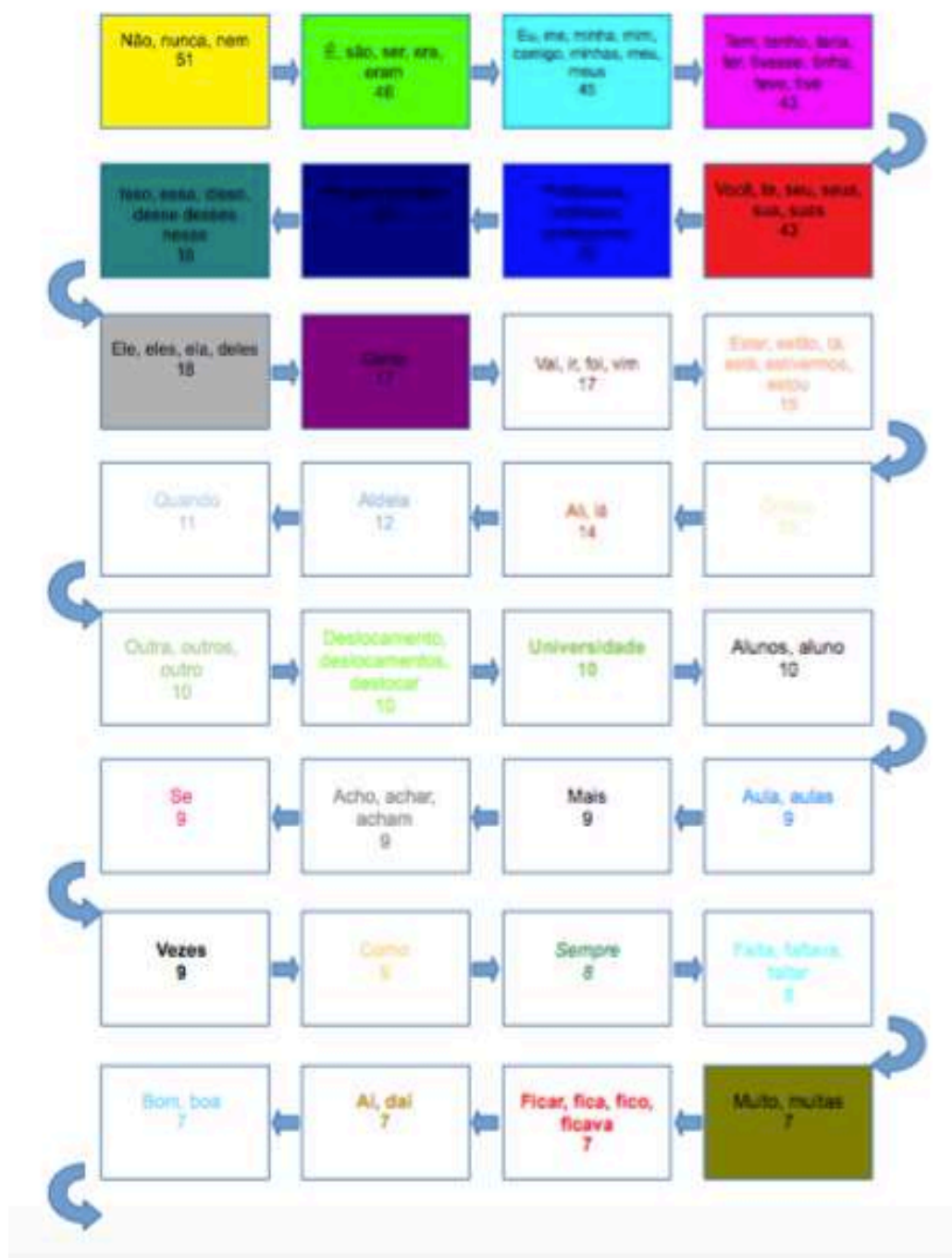
**Palavras:** Não, é, eu, tem, você, professora, porque, nesse, ela, gente, vai, estar, ônibus, lá, aldeia, quando, outro(s), deslocamento, universidade, aluno, aula, mais, acho, se, vezes, como, sempre, falta, muito, ficar, aí, bom, estudar, qual, mora, entendeu.

PALAVRAS	INCIDÊNCIAS
Não nunca nem +48 +1 +2	51
É são ser era eram _31 +5 +5 +4 +1	46
Eu, me, minha, mim, comigo minhas meu meus 28 +6 +5 +1 +2 +1 +1 +1	45
Tem tenho teria ter tivesse tinha teve tive +22 +5 +1 +3 + 1 +8 +1 +2	43
Você te Seu seus sua suas `24 +5 3 +1 +9 +1	43
Professora, professor, professores +20 +5 +1	26
Porque Por que +23 +1	24
Isso, essa, disso, desse desses nesse +5 +3 +2 +1 +1 +6	18
Ele eles ela deles +5 +3 +9 +1	18
Gente	17
Vai ir foi vim +9 +5 +2 +1	17
Estar estão tá está estivermos estou +5 +1 +2 +5 +1 +1	15
Ali lá +5 +9	14



Aldeia	12
Quando	11
Outra outros, outro +2 +4 +4	10
Deslocamento deslocamentos deslocar +5 +3 +2	10
<b>Universidade</b>	10
Alunos, aluno +3 +7	10
Aula Aulas +6 +3	9
Mais,	9
Acho achar acham +7 +1 +1	9
Se	9
vezes	9
Como	9
Sempre	8
Falta faltava faltar +4 +2 +2	8
Muito , muitas + 6 +1	7
Ficar fica fico ficava +4 +1 +1 +1	7
Ai daí +6 +1	7
Bom, boa, +4 +3	7
Estudar estudando estudo +4 +1 +2	7
Qual quais +4 +3	7
Mora moram morava moro +4 +1 +1 +1	7
Entendeu entende entendem +5 + +1 +1	7

**Gráfico demonstrativo do processo de análise do discurso**



## Apêndice D – Dados completos da entrevista com o Estudante 4

### Entrevista:

Inicialmente, eu gostaria que você falasse um pouco sobre você, qual curso você faz, período que está matriculado. Professora, eu sou acadêmico do curso de letras – inglês, estou matriculado no sétimo semestre. Me fale sobre a sua composição familiar. Na verdade, eu estou agora, na *aldeia* Lagoinha. Casei e mudei para cá, mas a minha família, meu pai, minha mãe são da *aldeia* Limão Verde. Casei, mudei e vim para cá. Mas minha família, o meu pai é de Limão Verde. A minha mãe é separada desde 2005. Então, a minha mãe é da *Aldeia* Guateí. Eu sou o segundo de cinco irmãos, comigo não vive ninguém, já são todos casados. Dois moram em Campo Grande, e aqui na *aldeia*, eu vim em 2008, vim para cá. Através de alguns amigos, gostei e fiquei. Gostei da *aldeia*, é totalmente diferente de onde eu morava e vou pra lá, visito minha mãe, meu pai, mas eu não consigo ficar mais de quatro dias lá. Eu volto pra cá e me sinto bem. Eu sou casado, a minha esposa também faz o curso de letras, só que ela faz letras- espanhol e eu tenho dois filhos. Seus filhos estudam na *aldeia*? Sim! Meus filhos estudam aqui na Escola Municipal. Você trabalha? Sim professora, eu trabalho! Eu sou secretário aqui na escola municipal. Você mora em que *aldeia* e em que município ela está localizada? Ela fica a 70 Km de Aquidauana, no distrito de Taunay, *aldeia* Lagoinha. Qual é o tempo de viagem de ida e volta desses 70 km? Eu comecei em 2017, professora. Em 2017, eu comecei, como a gente era novato, aí já tinha um ônibus que fazia a linha com os acadêmicos mais antigos, í praticamente, meio semestre de 2017, a gente foi de carro. Eu minha esposa e dois colegas *nosso* que entraram em 2017, a gente dividia a gasolina e a gente ia de carro. Era mais gasto. É... todo dia de segunda a sexta e às vezes no sábado a gente tinha aula no sábado e a gente tinha que ir. Então, aí, depois a gente começou a ir com a linha do ônibus normal, a gente saía daqui às 5 h da tarde, eu minha esposa e três colega quando não dava nenhum problema a gente chegava no horário. Mas quando dava, sete e quinze, sete e meia. Às vezes 10 minutos atrasado, às vezes 15 minutos atrasados nas aulas. Mas a gente conseguia. Aí saí de lá 11 h da noite, e quando a gente não tinha nenhum imprevisto, não desse nenhum problema no *nosso* trajeto, a gente chegava 1 h 1 e 15 da manhã. Então você tinha um percurso de uma hora a uma hora e meia para ir e voltar. Isso professora. Uma hora e meia para ir, uma hora e meia pra voltar. Esse ônibus, ele para durante o percurso para pegar outras pessoas ou ele vem direto da *aldeia* para a universidade? Ele passava, ele saía da colônia nova, que é a *aldeia* mais afastada daqui, ele saía quatro e meia de lá, passava no Ipegue, no Bananal. Como eram dois ônibus, um, o outro passava aqui na *aldeia* Lagoinha 5 horas, aí na Água Branca, pegava os acadêmicos da Água Branca, passava no Imbirussú, pegava os índios do Imbirussú. Ele saía daqui as 5 e 45 até para 10 para seis no máximo. Daí ele passava no distrito ainda. Aí o trajeto até a entrada da BR dá em torno uns 14km a 18km, é chão, estrada ruim dependendo mês e do período se chovia ou não chovia já atrasava a gente. E aí, a gente saía em torno de seis e meia, ele estava saindo na BR, para a gente chegar até a faculdade. A gente ia direto para a faculdade. O trecho que demora mais é de Taunay a BR. Por quê demora mais esse trecho? A estrada é ruim, o ônibus atrasa o percurso. Como era as condições do ônibus na questão conforto, segurança? Esse ônibus, a prefeitura é que pagava ele para nós, ela fez uma parceria RUIDO Ela não deu muito bem o acordo deles, a parceria deles e aí em 2017, da *aldeia* Lagoinha, nós éramos em torno de 18 acadêmicos, nós montamos uma nova associação. Então não deu certo a antiga associação. Chamamos os novos acadêmicos que estavam entrando porque a gente via a dificuldade que eles estavam passando e sem ônibus a gente não podia fazer nada. Porque ela já ajuda muito, o ônibus já ajuda muito. Tirar do bolso para ir toda

semana ficava pesado. O ônibus, a prefeitura pagando o ônibus deu uma boa alavancada principalmente no nosso estudo. Porque a gente já ganha o ônibus de certa forma. Porque o ônibus, professora, particularmente, eu não tenho o que reclamar. Eu sempre falo para os meus filhos, por exemplo, eu tenho 32 anos, professora, e digo que eu fiquei parado 10 anos. Eu terminei o ensino médio em 2006, professora. E fiquei muito tempo parado. Por mais por falta dessas condições. Eu via aqui que tudo tinha um gasto. De certa forma a gente perde, perde em gastos. E, o ônibus, eu falo para os meus filhos que graças a Deus tinha um ônibus. E o meu maior exemplo, meu maior espelho eram os professores que eram bem mais antigos aqui na *aldeia* são formados e que nunca utilizaram, nunca tiveram essa oportunidade que a gente tem de ir de ônibus na faculdade. Eles iam a pé para a faculdade, moravam em casa cedida em Aquidauana, casa cedida por amigos, ficavam na casa de colegas, iam a pé em baixo de sol, de chuva. Eu falo graças a Deus que a gente tinha um ônibus, por mais que imprevisto que tinha, em duas horas, três horas, a gente estava em casa. Tinha o cansaço, tinha tudo, mais a gente estava em casa. Então, eu não tenho o que reclamar das condições do ônibus. RUIDO Às vezes faltava motorista. O que te faz ficar nesse processo de deslocamento diário? Por que não morar em Aquidauana ao invés de ficar indo e vindo da *aldeia* para Aquidauana e de Aquidauana para a *aldeia*? Por que não fixar residência em Aquidauana? Certo. Primeiro porque eu estou trabalhando aqui professora, eu tenho os meus filhos que estão na escola, em Aquidauana vou ter que alugar uma casa, vou ter que arrumar um serviço, vou ter que escolher trabalhar ou estudar. Graças a Deus aqui eu consigo trabalhar e a noite a gente tem o ânimo de ir para a faculdade. Meus filhos mesmo, ficavam com a mãe da minha esposa. Tem um aqui de dois anos que eu não via ele. Eu vinha de manhã para o serviço, eu só almoçava e voltava, quatro e meia tinha que ir embora, tomar banho pegar o ônibus para ir para a faculdade, chegava uma hora, duas horas da manhã, dormia. De manhã vinha para o serviço de novo. Tendo em vista esses deslocamentos diários, como você avalia o seu desempenho acadêmico? Você acha que esses deslocamentos interferem na sua aprendizagem, no seu desempenho na universidade? Particularmente sim, professora. Pra mim fica bem pesado. Como eu falei para a senhora, fiquei aí particularmente 10 anos sem estudar. E voltar pra faculdade e aliar com o trabalho pra mim pesa. O meu desempenho, eu digo, que foi bem razoável nessa questão. Por causa que era muito corrido para mim. Quais são as suas maiores dificuldades que acabam interferindo no seu desempenho? Hoje, na situação que a gente está passando, é a questão das aulas presenciais. Porque nas nossas aulas, a gente conseguia tirar as dúvidas. Agora fica bem mais difícil para mim. Principalmente para mim. Porque ficaram críticas as disciplinas. Como são as suas relações de amizade no ambiente acadêmico *dentro* da universidade? Graças a Deus professora, até hoje é boa em termos de amizade *dentro* da faculdade. Porque eu é... a gente tem a nossa dificuldade, só que ali *dentro* a gente procura trabalhar e conviver aceitando e ajudando o outro. Tem coisas que a gente pode ajudar eu ajudo e tem coisas que eu não sei. Eu pergunto para os meus colegas, que são muitos, eu tenho uma boa relação *dentro* da sala de aula, no semestre, a turma que a gente pegou, eu falo graças a Deus são maravilhosos meus colegas da faculdade. Como você se sentia nesses deslocamentos diários? Sinceramente professora, tinha algumas vezes que eu pensei em desistir. Porque tinha o trabalho, tinha a correria do trabalho, tinha os trabalhos também da faculdade, dúvidas nossas que a gente estava enfrentando e muitas dificuldades mesmo, porque eu fiquei muito tempo parado sem ter é... em 2006, quando eu me formei eu não prossegui os meus estudos. Deveria né? E isso pesava muito para mim. Porque vem aquela situação que a gente fala, eu mesmo particularmente falava, pensava que eu não ia conseguir, eu não vou, eu não ia... eu fiz dois anos também de zootecnia parei porque era muita disciplina que ficava pra mim, eu tinha que fazer os

estágios que eram obrigatórios e aí eu tive que fazer um intercâmbio, estudava de manhã, à tarde eu fazia os estágios. Então, era bastante pesado para mim. Tinha uma família né? Então... Por que você ficou sem estudar durante dez anos? Eu, no começo, quando me formei, eu fui para o exército. Depois do exército, trabalhei professora, só ficava trabalhando. Arrumava serviço e eu ficava trabalhando, eu não, como se diz, eu não vivia eu não esperava aquela expectativa de eu fazer alguma graduação. Só quando a minha esposa resolveu fazer, resolveu não, porque ela terminou, ficou parada um ano e resolveu fazer o vestibular. E ela que me incentivou. E vocês estão terminando juntos a universidade! Sim professora. Vocês concluem no ano de 2021? Não Professora. Esse ano não. A graduação tem quatro anos. O que te impede de não estar concluindo no tempo hábil? O que aconteceu nesse percurso? O meu, professora, foi os estágios. Eu optei por não fazer os estágios professora, porque eu penso assim: eu não ia ganhar muita experiência nesses estágios remotos. Porque para mim já está sendo com muita dificuldade, já está sendo uma dificuldade fazer estas aulas remotas que a gente está vendo na faculdade, nessas aulas remotas. Então eu falo assim se eu fosse algum dia precisar entrar em uma sala de aula, eu vou precisar ter feito, assim um estágio remoto eu não ia ter, eu não ia estar bem qualificado para isso. Por isso, eu deixei mais os estágios para eu fazer. Eu acredito que a gente vai sair dessa situação, vai melhorar e a gente vai poder voltar às aulas pra eu poder fazer os meus estágios *dentro* da sala e aula. Pra mim conviver com os alunos, ter uma experiência em classe. Quais aspectos você aponta como positivo nestes deslocamentos diários? É, motivo, por mais que é cansativo, porque cansa a gente ficar indo, mas graças a Deus a gente vai bem e volta bem, e essa ajuda que a gente recebe aqui da prefeitura, eu agradeço muito porque a gente tem a oportunidade de poder ir e voltar todo dia. A gente às vezes chegava atrasado, voltava atrasado. Mas graças a Deus a gente tá indo, eu vejo isso como positivo RUIDO. Vocês recebem algum auxílio da universidade para permanecerem na graduação? Da universidade, professora, é relativo. Como a gente é acadêmico indígena, a gente tem a bolsa do MEC, que ajuda nas questões acadêmicas, alimentação, xérox entre outros. Como a pandemia da Covid 19 impactou a sua vida pessoal e acadêmica? Quando tudo isso começou, teve a barreira na Ipegue e eu também trabalhei como voluntário. Então, essa situação é muito complicada. Eu falo que particularmente eu perco muito na minha vida acadêmica, foi complicado, eu particularmente, eu perco muito na minha vida acadêmica. Porque eu consigo acompanhar, porque as aulas são gravadas, a gente dá uma revisada nas aulas gravadas pra tirar o máximo possível. Eu consigo assistir e tirar o máximo possível. Mas essa situação é bastante complicada porque nas aulas presenciais a gente consegue tirar as dúvidas com os amigos, perde a timidez *dentro* de sala de aula. Coisa que as vezes numa aula remota, a gente fica mais tímido ainda de fazer comentários. A gente percebe as vezes, que só o professor fala em sala. Diferente de uma aula presencial. Você está conseguindo desenvolver as atividades propostas pelos professores nas diferentes disciplinas? Sim professora, eu tenho recursos. Aqui, a gente faz os trabalhos, tem que fazer os trabalhos. Aqui a internet é um pouco ruim. Mas a faculdade colocou a internet dela. A gente tem acesso dela no ensino médio. A gente vai lá no ensino médio e assiste as aulas. O que dá pra gente fazer em casa, a gente faz em casa. Os trabalhos faz em casa. O que você prefere, continuar nos deslocamentos diários ou no ensino remoto? Eu vejo assim professora, que eu na *aldeia* não pago água, não pago luz, porque na cidade ia pesar. Mesmo se eu estivesse trabalhando, tenho que pagar um aluguel porque na cidade eu tenho que pagar aluguel. Eu não tenho condições de ter uma casa. Na cidade é tudo pago. E aqui eu consigo, as vezes, um serviço nos tempos vagos e fazer os trabalhos da universidade. Sábado e domingo eu estou em casa com os meus filhos, eu vejo mais a questão de gasto. Pesa pra nós. E como estamos em aulas remotas, no RUIDO a gente tem... Na cidade a gente tem que comer, pelo menos um salgado. A gente sai daqui as cinco horas, pelo menos um salgado a gente tem que comer a gente tem que comprar um salgadinho na cidade.

E lá o único lugar que tinha, o salgado era quatro e cinquenta. Todo dia quatro e cinquenta, em torno de trinta reais por semana. Então porque a gente sai daqui quatro e meia, cinco horas, a gente vai para a faculdade, tem o período de intervalo e a hora que a gente come alguma coisa para segurar até as onze horas. Pra vim embora onze horas, chega em casa, as vezes cansado. Não tem animo pra fazer alguma comida ainda, a gente chegava e os *nosso*s filhos já estavam dormindo, tinha que acordar eles. Aí no outro dia cedo, sair cedo tem que acordar cedo. Nos tempos de pandemia, você está sentindo falta desses deslocamentos diários? É, de certa forma sim, professora. Porque a gente acostuma né? A gente acostuma, a gente tem aquela rotina nossa e fica na rotina de ir e voltar. Mas, é... aqui também é uma situação que a gente fica mais acomodado porque a gente já tá em casa, já tá em casa né? Vai vê as aulas e volta né? Mas a gente perde muito em questão de aprendizado. Eu falo que aqui, a gente não tem aquele cem por cento que eu poderia adquirir em uma aula presencial. Na *aldeia*, enquanto profissional da área de letras, você tem um local que possa atuar como professor ou teria que vir para a cidade? Como é essa questão da sua formação profissional, o que isso vai te ajudar? É..., na verdade professora, eu não me vejo como professor. Pode ser que eu mude de ideia futuramente. Porque quando eu fiz a minha inscrição para o vestibular, eu queria fazer história. Eu queria fazer história porque eu gosto muito de assistir filmes, ler livros de história. Então, eu queria fazer história. Mas na hora da inscrição eu coloquei letras. Inclusive quando a gente começou eu me assustei né? Tinha oito homens *dentro* da sala, a gente era em torno de 60 acadêmicos quando a gente entrou. A maioria era mulheres. Oito homens lá *dentro*. Então, eu já fiquei meio assim: “o que estou fazendo aqui?” Será que eu vou ser o que eu quero ser? Então, no decorrer do período, no decorrer do semestre, chegou uma hora que eu gostei muito, e gosto até hoje. Só que eu não quero ser professor. Quero trabalhar em uma área sem ser *dentro* de sala de aula. Vou tentar procurar se eu consigo fora de sala de aula.

### Corpus da análise:

Inicialmente, eu gostaria que você falasse um pouco sobre você, qual curso você faz, período que está matriculado. Professora, eu sou acadêmico do curso de letras – inglês, estou matriculado no sétimo semestre. Me fale sobre a sua composição familiar. Na verdade, eu estou agora, na *aldeia* Lagoinha. Casei e mudei para cá, mas a minha família, meu pai, minha mãe são da *aldeia* Limão Verde. Casei, mudei e vim para cá. Mas minha família, o meu pai é de Limão Verde. A minha mãe é separada desde 2005. Então a minha mãe é da *Aldeia* Guateí. Eu sou o segundo de cinco irmãos, comigo não vive ninguém, já são todos casados. Dois moram em Campo Grande, e aqui na *aldeia*, eu vim em 2008, vim para cá. Através de alguns amigos, gostei e fiquei. Gostei da *aldeia*, é totalmente diferente de onde eu morava e vou pra lá, visito minha mãe, meu pai, mas eu não consigo ficar mais de quatro dias lá. Eu volto pra cá e me sinto bem. Eu sou casado, a minha esposa também faz o curso de letras, só que ela faz letras- espanhol e eu tenho dois filhos. Seus filhos estudam na *aldeia*? Sim! Meus filhos estudam aqui na Escola Municipal. Você trabalha? Sim professora, eu trabalho! Eu sou secretário aqui na escola municipal. Você mora em que *aldeia* e em que município ela está localizada? Ela fica a 70 Km de Aquidauana, no distrito de Taunay, *aldeia* Lagoinha. Qual é o tempo de viagem de ida e volta desses 70 km? Eu comecei em 2017, professora. Em 2017, eu comecei, como a gente era novato, aí já tinha um ônibus que fazia a linha com os acadêmicos mais antigos, í praticamente, meio semestre de 2017, a gente foi de carro. Eu minha esposa e dois colegas *nosso* que entraram em 2017, a gente dividia a gasolina e a gente ia de carro. Era mais gasto. É... todo dia de segunda a sexta e às vezes no sábado a gente tinha aula no sábado e a gente tinha que ir. Então, aí, depois a gente começou a ir com a linha do ônibus

normal, a gente saía daqui às 5 h da tarde, eu minha esposa e três colega quando não dava nenhum problema a gente chegava no horário. Mas quando dava, sete e quinze, sete e meia. Às vezes 10 minutos atrasado, às vezes 15 minutos atrasados nas aulas. Mas a gente conseguia. Aí saí de lá 11 h da noite, e quando a gente não tinha nenhum imprevisto, não desse nenhum problema no nosso trajeto, a gente chegava 1 h e 15 da manhã. Então você tinha um percurso de uma hora a uma hora e meia para ir e voltar. Isso professora. Uma hora e meia para ir, uma hora e meia pra voltar. Esse ônibus, ele para durante o percurso para pegar outras pessoas ou ele vem direto da aldeia para a universidade? Ele passava, ele saía da colônia nova, que é a aldeia mais afastada daqui, ele saía quatro e meia de lá, passava no Ipegue, no Bananal. Como eram dois ônibus, um, o outro passava aqui na aldeia Lagoinha 5 horas, aí na Água Branca, pegava os acadêmicos da Água Branca, passava no Imbirussú, pegava os índios do Imbirussú. Ele saía daqui as 5 e 45 até para 10 para seis no máximo. Daí ele passava no distrito ainda. Aí o trajeto até a entrada da BR dá em torno uns 14km a 18km, é chão, estrada ruim dependendo mês e do período se chovia ou não chovia já atrasava a gente. E aí, a gente saía em torno de seis e meia, ele estava saindo na BR, para a gente chegar até a faculdade. A gente ia direto para a faculdade. O trecho que demora mais é de Taunay a BR. Por que demora mais esse trecho? A estrada é ruim, o ônibus atrasa o percurso. Como era as condições do ônibus na questão conforto, segurança? Esse ônibus, a prefeitura é que pagava ele para nós, ela fez uma parceria RUIDO Ela não deu muito bem o acordo deles, a parceria deles e aí em 2017, da aldeia Lagoinha, nós éramos em torno de 18 acadêmicos, nós montamos uma nova associação. Então não deu certo a antiga associação. Chamamos os novos acadêmicos que estavam entrando porque a gente via a dificuldade que eles estavam passando e sem ônibus a gente não podia fazer nada. Porque ela já ajuda muito, o ônibus já ajuda muito. Tirar do bolso para ir toda semana ficava pesado. O ônibus, a prefeitura pagando o ônibus deu uma boa alavancada principalmente no nosso estudo. Porque a gente já ganha o ônibus de certa forma. Porque o ônibus, professora, particularmente, eu não tenho o que reclamar. Eu sempre falo para os meus filhos, por exemplo, eu tenho 32 anos, professora, e digo que eu fiquei parado 10 anos. Eu terminei o ensino médio em 2006, professora. E fiquei muito tempo parado. Por mais por falta dessas condições. Eu via aqui que tudo tinha um gasto. De certa forma a gente perde, perde em gastos. E, o ônibus, eu falo para os meus filhos que graças a Deus tinha um ônibus. E o meu maior exemplo, meu maior espelho eram os professores que eram bem mais antigos aqui na aldeia são formados e que nunca utilizaram, nunca tiveram essa oportunidade que a gente tem de ir de ônibus na faculdade. Eles iam a pé para a faculdade, moravam em cedida em Aquidauama, cedida por amigos, ficavam na de colegas, iam a pé em baixo de sol, de chuva. Eu falo graças a Deus que a gente tinha um ônibus, por mais que imprevisto que tinha, em duas horas, três horas, a gente estava em casa. Tinha o cansaço, tinha tudo, mais a gente estava em caca. Então, eu não tenho o que reclamar das condições do ônibus. RUIDO Às vezes faltava motorista. O que te faz ficar nesse processo de deslocamento diário? Por que não morar em Aquidauama ao invés de ficar indo e vindo da aldeia para Aquidauama e de Aquidauama para a aldeia? Por que não fixar residência em Aquidauama? Certo. Primeiro porque eu estou trabalhando aqui professora, eu enho os meus filhos que estão na escola, em Aquidauama vou ter que alugar uma casa, vou ter que arrumar um serviço, vou ter que escolher trabalhar ou estudar. Graças a Deus aqui eu consigo trabalhar e a noite a gente tem o ânimo de ir para a faculdade. Meus filhos mesmo, ficavam com a mãe da minha esposa. Tem um aqui de dois anos que eu não via ele. Eu vinha de manhã para o serviço, eu só almoçava e voltava, quatro e meia tinha que ir embora, tomar banho pegar o ônibus para ir para a faculdade, chegava uma hora, duas horas da manhã, dormia. De manhã vinha para o serviço de novo. Tendo

em vista **esses** deslocamentos diários, **como** **você** avalia o **seu** desempenho acadêmico? **Você** acha que **esses** deslocamentos interferem na **sua** aprendizagem, no **seu** desempenho na **universidade**? Particularmente sim, professora. Pra mim fica **bem** pesado. **Como** eu **falei** para a senhora, fiquei **aí** particularmente 10 anos sem **estudar**. E **voltar** pra **faculdade** e aliar com o **trabalho** pra mim pesa. O meu desempenho, eu digo, que foi **bem** razoável **nessa** questão. Por causa que era **muito** corrido para mim. Quais são as **suas** maiores dificuldades que acabam interferindo no **seu** desempenho? Hoje, na situação que a gente está **passando**, é a questão das **aulas** presenciais. Porque nas **nossas** **aulas**, a gente conseguia tirar as dúvidas. Agora fica **bem** **mais** difícil para mim. Principalmente para mim. Porque ficaram críticas as disciplinas. **Como** **são** as **suas** relações de amizades no ambiente **acadêmico** **dentro** da **universidade**? **Graças** a **Deus** **professora**, até hoje **é** boa em termos de amizade **dentro** da **faculdade**. Porque **eu** **é**... a **gente** **tem** a **nossa** dificuldade, só que ali **dentro** a **gente** procura **trabalhar** e conviver aceitando e **ajudando** o outro. **Tem** coisas que a **gente** **pode** **ajudar** **eu** **ajudo** e **tem** coisas que **eu** **não** sei. **Eu** pergunto para os meus colegas, que **são** **muitos**, **eu** **tenho** **uma** boa relação **dentro** da **sala** de **aula**, no semestre, a turma que a **gente** pegou, **eu** **falo** **graças** a **Deus** **são** maravilhosos **meus** colegas da **faculdade**. **Como** **você** se sentia **nesses** deslocamentos diários? Sinceramente **professora**, **tinha** **algumas** vezes que **eu** pensei em desistir. **Porque** **tinha** o **trabalho**, **tinha** a correria do **trabalho**, **tinha** os trabalhos também da **faculdade**, dúvidas **nossas** que a gente estava enfrentando e **muitas** dificuldades mesmo, porque **eu** **fiquei** **muito** tempo parado sem **ter** **é**... em 2006, **quando** **eu** **me** formei **eu** **não** prossegui os **meus** **estudos**. Deveria né? E **isso** pesava **muito** para mim. **Porque** vem aquela situação que a **gente** **fala**, **eu** mesmo particularmente **falava**, pensava que **eu** **não** **ia** conseguir, **eu** **não** **vou**, **eu** **não** **ia**... **eu** **fiz** dois anos também de zootecnia parei **porque** **era** **muita** disciplina que **ficava** pra **mim**, **eu** **tinha** que **fazer** os **estágios** que **eram** obrigatórios e **aí** **eu** **tive** que **fazer** **um** intercâmbio, **estudava** de manhã, à tarde **eu** **fazia** os **estágios**. **Então**, **era** bastante pesado para **mim**. **Tinha** **uma** família né? **Então**... **Por** **que** **você** **ficou** sem **estudar** durante dez anos? **Eu**, no começo, **quando** **me** formei, **eu** **fui** para o exército. Depois do exército, **trabalhei** **professora**, só **ficava** **trabalhando**. Arrumava serviço e **eu** **ficava** **trabalhando**, **eu** **não**, **como** se diz, **eu** **não** vivia **eu** **não** esperava aquela expectativa de **eu** **fazer** **alguma** graduação. Só **quando** a **minha** esposa resolveu **fazer**, resolveu **não**, porque **ela** terminou, **ficou** parada **um** ano e resolveu **fazer** o vestibular. E **ela** que **me** incentivou. E **você** **estão** terminando juntos a **universidade**! Sim **professora**. **Você** **concluem** no ano de 2021? **Não** **Professora**. **Esse** ano **não**. A graduação **tem** quatro anos. O que te impede de **não** **estar** concluindo no tempo hábil? O que aconteceu **nesse** percurso? O **meu**, **professora**, **foi** os **estágios**. **Eu** optei por **não** **fazer** os **estágios** **professora**, **porque** **eu** penso assim: **eu** **não** **ia** ganhar **muita** experiência **nesses** **estágios** remotos. **Porque** para **mim** já está **sendo** com **muita** dificuldade, já está **sendo** **uma** dificuldade **fazer** estas **aulas** remotas que a **gente** está **vendo** na **faculdade**, **nessas** **aulas** remotas. **Então** **eu** **falo** assim se **eu** fosse **algum** dia precisar entrar em **uma** **sala** de **aula**, **eu** **vou** precisar **ter** **feito**, assim **um** **estágio** remoto **eu** **não** **ia** **ter**, **eu** **não** **ia** **estar** **bem** qualificado para **isso**. Por **isso**, **eu** **deixei** **mais** os **estágios** para **eu** **fazer**. **Eu** acredito que a **gente** **vai** **sair** **dessa** situação, **vai** **melhorar** e a **gente** **vai** **poder** **voltar** às **aulas** pra **eu** **poder** **fazer** os **meus** **estágios** **dentro** da **sala** e **aula**. Pra **mim** conviver com os alunos, **ter** **uma** experiência em classe. Quais aspectos **você** aponta **como** positivo nestes deslocamentos diários? **É**, motivo, por **mais** que **é** cansativo, **porque** **cansa** a **gente** **ficar** indo, mas **graças** a **Deus** a **gente** **vai** **bem** e **volta** **bem**, e **essa** **ajuda** que a **gente** recebe aqui da prefeitura, **eu** **agradeço** **muito** **porque** a **gente** **tem** a oportunidade de **poder** **ir** e **voltar** todo dia. A **gente** às vezes **chegava** atrasado, **voltava** atrasado. Mas **graças** a **Deus** a **gente** **tá** indo, **eu** **vejo** **isso** **como** positivo RUÍDO. **Você** **recebem** **algum** auxílio da **universidade** para permanecerem na graduação? Da **universidade**, **professora**, **é** relativo. **Como** a **gente** **é** acadêmico indígena, a **gente** **tem** a bolsa do MEC, que **ajuda** nas questões



acadêmicas, alimentação, xérox entre outros. **Como** a pandemia da Covid 19 impactou a **sua** vida pessoal e acadêmica? **Quando** tudo **isso** começou, **teve** a barreira na Ipegue e **eu** também **trabalhei como** voluntário. **Então**, **essa** situação **é** **muito** complicada. **Eu** **falo** que particularmente **eu** **perco muito** na **minha** vida acadêmica, foi complicado, **eu** particularmente, **eu** **perco muito** na **minha** vida acadêmica. **Porque** **eu** consigo acompanhar, **porque** as **aulas** são gravadas, a **gente dá uma** revisada nas **aulas** gravadas pra tirar o máximo possível. **Eu** consigo assistir e tirar o máximo possível. Mas **essa** situação **é** bastante complicada **porque** nas **aulas** presenciais a **gente** consegue tirar as dúvidas com os amigos, perde a timidez **dentro** de **sala** de **aula**. Coisa que as vezes **numa aula** remota, a **gente** **fica** **mais** tímido ainda de **fazer** comentários. A **gente** percebe as vezes, que só o **professor** **fala** em **sala**. Diferente de **uma aula** presencial. **Você** está conseguindo desenvolver as atividades propostas pelos **professores** nas diferentes disciplinas ? Sim **professora**, **eu** **tenho** recursos. Aqui, a **gente** **faz** os trabalhos, **tem** que **fazer** os trabalhos. Aqui a internet **é** **um** pouco ruim. Mas a **faculdade** colocou a internet **dela**. A **gente** **tem** acesso **dela** no ensino médio. A **gente** **vai** lá no ensino médio e assiste as **aulas**. O que **dá** pra **gente** **fazer** em **aula** a **gente** **faz** em **aula**. Os trabalhos **faz** em **aula**. O que **você** **prefere**, continuar nos deslocamentos diários ou no ensino remoto? **Eu** **vejo** assim **professora**, que **eu** na **aldeia** **não** pago água, **não** pago luz, **porque** na cidade **lá** pesar. Mesmo se **eu** estivesse **trabalhando**, **tenho** que pagar um aluguel **porque** na cidade **eu** **tenho** que pagar aluguel. **Eu** **não** **tenho** condições de **ter** **uma** **casa**. Na cidade **é** tudo pago. E aqui **eu** consigo, as vezes, **um** serviço nos tempos vagos e **fazer** os trabalhos da **universidade**. Sábado e domingo **eu** **estou** em **aula** com os **meus** **filhos**, **eu** **vejo** **mais** a questão de gasto. Pesa pra nós. E **como** **estamos** em **aulas** remotas, no RUIDO a **gente** **tem**... Na cidade a **gente** **tem** que comer, pelo menos **um** salgado. A **gente** **sai** daqui as cinco horas, pelo menos um salgado a **gente** **tem** que comer a **gente** **tem** que comprar **um** salgadinho na cidade. E lá o único lugar que **tinha**, o salgado **era** quatro e cinquenta. Todo dia quatro e cinquenta, em torno de trinta reais por semana. **Então** **porque** a **gente** **sai** daqui quatro e meia, cinco horas, a **gente** **vai** para a **faculdade**, **tem** o período de intervalo e a hora que a **gente** come **alguma** coisa para segurar até as onze horas. Pra **vim** embora onze horas, **chega** em **aula** as vezes cansado. **Não** **tem** animo pra **fazer** **alguma** comida ainda, a **gente** **chegava** e os **nosso** **filhos** já **estavam** dormindo, **tinha** que acordar **eles**. **Aí** no outro dia cedo, **sair** cedo **tem** que acordar cedo. Nos tempos de pandemia, **você** **está** sentindo falta **desses** deslocamentos diários? **É**, de certa forma sim, **professora**. **Porque** a **gente** acostuma né? A **gente** acostuma, a **gente** **tem** aquela rotina **no**ssa e **fica** na rotina de **ir** e **voltar**. Mas, **é**... aqui também **é** **uma** situação que a **gente** **fica** **mais** acomodado **porque** a **gente** já tá em **aula**, já tá em **aula** né? **Vai** **vê** as **aulas** e **voltar** né? Mas a **gente** **perde** **muito** em questão de aprendizado. **Eu** **falo** que aqui, a **gente** **não** **tem** aquele cem por cento que **eu** **poderia** adquirir em **uma aula** presencial. Na **aldeia**, enquanto profissional da área de letras, **você** **tem** **um** local que possa atuar **como** **professor** ou **teria** que **vir** para a cidade? **Como** **é** **essa** questão da **sua** formação profissional, o que **isso** **vai** te **ajudar** **é**... na verdade **professora**, **eu** **não** **me** **vejo** **como** **professor**. **Pode** **ser** que **eu** **mude** de ideia futuramente. **Porque** **quando** **eu** **fiz** a **minha** inscrição para o vestibular, **eu** **queria** **fazer** história. **Eu** **queria** **fazer** história **porque** **eu** **gosto** **muito** de assistir filmes, ler livros de história. **Então**, **eu** **queria** **fazer** história. Mas na hora da inscrição **eu** **coloquei** letras. Inclusive **quando** a **gente** **começou** **eu** **me** **assustei** né? **Tinha** oito homens **dentro** da **sala**, a **gente** **era** em torno de 60 **acadêmicos** **quando** a **gente** **entrou**. A maioria **era** mulheres. Oito homens lá **dentro**. **Então**, **eu** já **fiquei** meio assim: “o que **estou** **fazendo** aqui?” Será que **eu** **vou** **ser** o que **eu** **quero** **ser**? **Então**, no decorrer do período, no decorrer do semestre, **chegou** **uma** hora que **eu** **gostei** muito, e gosto até hoje. Só que **eu** **não** **quero** **ser** **professor**. **Quero** **trabalhar** em **uma** área sem **ser** **dentro** de sala de **aula**. **Vou** **tentar** procurar se **eu** consigo fora de sala de **aula**.

### Quadro com incidências dos núcleos do discurso:

**Palavras:** Eu, gente, tinha, é, ir, uma, não, fazer, porque, isso, está, professora, fica, ela, você, aula, ônibus, muito, como, aldeia, mais, trabalho, acadêmico, estão, faculdade, falo, casa, aí, voltar, saia, quando, bem, vejo, dentro, filhos, nosso, deu (dá), chegada, estágios, estudar, ajuda, sala, Aquidauana, graças, Deus, passava, universidade, poder, alguma, só, pesado.

PALAVRAS	INCIDENCIAS
Eu me mim minha meu meus 113 +7 +10 +14 +17 +10	171
Gente	72
Ter, tinha, teria tenho tem teve +8 +21 +1 +9 +19 +1 tiveram tive +1 +1	61
É são Fui era sou eram éramos 28 +8 +1 +10 +4 +6 +1 sendo ser +2 +5	59
Ir iam ia vindo vou vai vim vir foi 11+2 +8 +1 +8 +8 +4 +1 +4 vem vinha +2 +2	51
Um uma uns numa +19 +22 +1 +1	43
Não nunca +37 +2	39
Fazer fez fiz fazia faz fazendo 18 +1 +2 +2 +7 +1	31
Por que porque +3 +27	30
Esse esses essa nesse nessa dessas +5 +2 +5 +2 +1 +1 nesses nessas isso desse desses dessa +2 +1 +7 +1 +2 +1	30
Está estava estavam tá estou +8 +4 +3 +3 +5 estão estamos estivesse estar +2 +1 +1 +2	29
Professora professor professores 21 +4 +2	27
Fica ficar ficavam ficava ficaram +6 +4 +2 +4 +1 ficou fiquei +2 +6	25

Ela eles ele deles dela +8 +3 +10 +2 +2	25
Você Seu sua seus suas 15 +3 +4 +1 +2	25
Aula Aulas +10 +12	22
Ônibus	19
Muito muitos muitas muita +14 +1 +1 +3	19
Como	17
Aldeia	17
Mais	16
Trabalho trabalhando trabalhei +4 +4 +2 trabalhar trabalha +4 +1	15
Acadêmico acadêmica acadêmicos +4 +3 +5 Acadêmicas +1	13
Então	13
Faculdade	13
Falo fala falei falava falasse fale +7 +2 +1 +1 +1 +1	13
Casa	13
Aí	12
Volta voltar voltava volto +3 +6 +2 +1	12
Sair saía saindo saí +2 +5 +1 +2	10
Quando	10
Bem +9	9
Via vejo vê vendo +3 +4 +1 +1	9
Dentro	9
Filhos	9
Nosso nossa nossos nossas +3 +2 +1 +2	8
Dava deu dá +2 +3 +3	8
Chega chegar chegava chegou +1 +1 +5 +1	8

Estágio _1	estágios +7			8
Estudam +2	estudos +1	estudar +3	estudo +1	8
Estudava +1				
Ajuda +4	Ajudar +2	Ajudando +1	ajudo +1	8
Sala				8
Aquidauana				7
Graças				7
Deus				7
Passava +5	passando +2			7
Universidade				7
Poder +3	pode +2	podia +1	poderia +1	7
Algumas +1	alguma +3	Algum +2	alguns +1	7
Só				7
Pesa +2	pesado +3	pesava +1	pesar +1	7

## Gráfico demonstrativo do processo de análise do discurso

